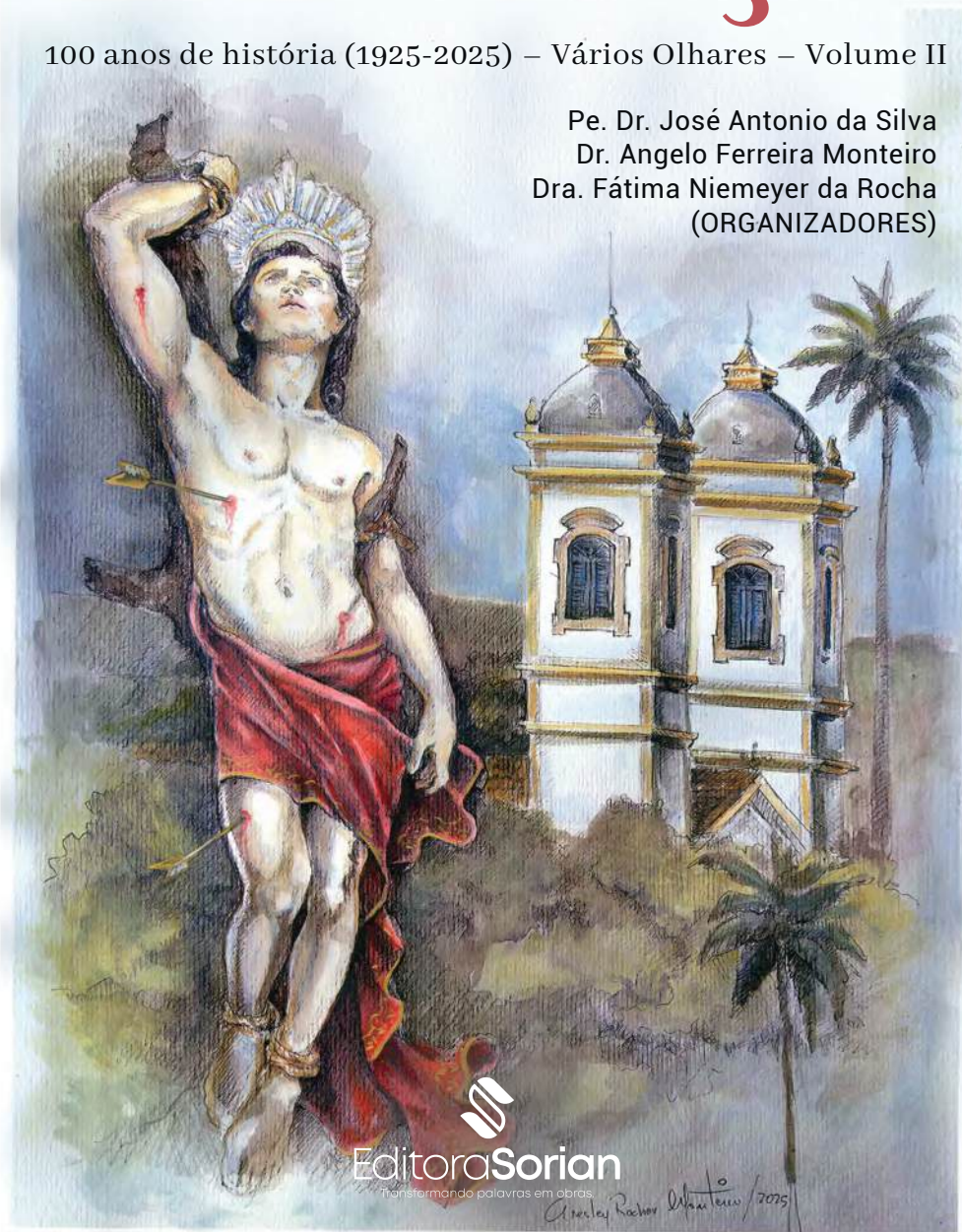


DIOCESE de VALENÇA

100 anos de história (1925-2025) – Vários Olhares – Volume II

Pe. Dr. José Antonio da Silva
Dr. Angelo Ferreira Monteiro
Dra. Fátima Niemeyer da Rocha
(ORGANIZADORES)

Ao longo dos séculos, a Igreja tem se dedicado à evangelização, fomentando a assistência social, a educação e a promoção dos direitos humanos, na inspiração de Políticas Públicas, estando inserida nos diversos setores da sociedade. E não tem sido diferente na Diocese de Valença, que sempre foi um lugar de acolhida, de vivência dos sacramentos, de proximidade e de suporte para as pessoas em suas diversas dimensões e necessidades. Como Igreja Diocesana tem se mostrado uma “escola” que promove a pessoa em sua individualidade, ressalta sua dignidade, respeita suas particularidades e procura capacitar os fiéis para sua ministerialidade. E nela vivenciamos uma igreja ministerial, com suas Pastorais, Movimentos e Serviços, todos contribuindo para a construção do Reino de Deus, formando uma Diocese viva e dinâmica.




Editora Soriana
transformando palavras em obras

Pe. Dr. José Antonio da Silva
Dr. Angelo Ferreira Monteiro
Dra. Fátima Niemeyer da Rocha
(Organizadores)

**DIOCESE DE VALENÇA:
100 anos de história (1925-2025)**

Vários Olhares – Volume II

Editora Sorian
Araucária – Paraná
2025

Copyright © da Editora Sorian
Editor-chefe: Vinícius Souza
Diagramação, Capa e Revisão por Editora Sorian

Conselho Editorial



Editora Sorian

André Giacomelli Leal (PUC-PR)
Aníbal Coutinho do Rêgo (UFC)
Antonio Charles Santiago Almeida (UNESPAR)
Clarissa de Franco (PUC/SP)
Jefferson Henrique Cidreira (UNIR)
José Maurício Diascânio (UNINORTE)
Manoel Valente Figueiredo Neto
(Registro Imobiliário de Caxias do Sul, RS/UCS)
Marcela Iochem Valente (UERJ)
Maria Gorete Firmino de Lima (UNIDA)
Miqueias Lima Duarte (UNIR)
Neemias Moretti Prudente (UNIMEP)
Reginaldo Simões Mendonça (UFAM)
Romualdo Dias (UNESP)
Sônia Maria Teixeira Machado (IFRO)
Vilma Maria Inocêncio Carli (UCDB)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

D588

Diocese de Valença : 100 anos de história (1925-2025) / José Antonio da Silva, Angelo Ferreira Monteiro, Fátima Niemeyer da Rocha (organizadores) – 1. ed – Araucária, PR : Editora Sorian, 2025. 386 p.; 16x23cm.

ISBN Físico: 978-65-5453-698-1
ISBN Digital: 978-65-5453-689-9
DOI 10.54466/sorianed.978-65-5453-689-9

1. Diocese de Valença (RJ) – História. 2. Igreja Católica – Rio de Janeiro (Estado) – História. 3. Valença (RJ) – Aspectos religiosos. I. Silva, José Antonio da. II. Monteiro, Angelo Ferreira. III. Rocha, Fátima Niemeyer da.

11-2025/122

CDD 262.3098153

Índice para catálogo sistemático:

1. Diocese de Valença : Rio de Janeiro : Estado : História 262.3098153
Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



editorasorian



editorasorian

<https://www.editorasorian.com.br/>

2025

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora Sorian

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Sorian

*A função do Historiador é lembrar a sociedade
daquilo que ela quer esquecer.*
Peter Burke

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
----------------------	-----------

SEÇÃO III IGREJA E SOCIEDADE

XIII. RELIGIOSIDADE E CONFLITOS NAS IRMANDADES DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE NO SÉCULO XX: ESTUDO DE CASO EM VASSOURAS E PATY DO ALFERES.....	17
--	-----------

Angelo Ferreira Monteiro

XIV. O COLÉGIO DOS SANTOS ANJOS EM VASSOURAS-RJ	35
--	-----------

Fátima Niemeyer da Rocha

Irenilda Reinalda Barreto de R. M. Cavalcanti

XV. O NOME DE DOM ANDRÉ ARCOVERDE NO NOME DA FUNDAÇÃO DOM ANDRÉ ARCOVERDE: CATOLICISMO, EDUCAÇÃO E POLÍTICA EM VALENÇA (1908-1968).....	63
--	-----------

Alfredo Bronzato da Costa Cruz

Rabib Floriano Antonio

XVI. PARÓQUIA SANTUÁRIO DE SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS DA DIOCESE DE VALENÇA.....	103
--	------------

Rodrigo Magalhães

XVII. SANTUÁRIO NOSSA SENHORA MONT' SERRAT	117
---	------------

Adelci Silva dos Santos

XVIII. A MISSÃO DOS FIÉIS NA DIOCESE DE VALENÇA-RJ.....	135
--	------------

Adelci Silva dos Santos

Pe. José Antonio da Silva

Vaniele Barreiros da Silva

XIX. ARTÍFICES DA EDUCAÇÃO: 100 ANOS DA DIOCESE DE VALENÇA.....	161
--	------------

Gustavo Abruzzini de Barros

XX. A HISTÓRIA DA PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO DE TRÊS RIOS	183
--	------------

Pe. Karel Kelalu

Pe. Jwakim Ekka

Pe. Pampahil Sambaya

Antonio Marcos Lasnor Nogueira

SEÇÃO IV
PADRES: TESTEMUNHOS E LEGADOS

XXI. PADRE MANOEL GOMES LEAL E O ALDEAMENTO INDÍGENA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DE VALENÇA191

Adriano Novaes

XXII. O OLHAR DE UM HISTORIADOR SOBRE MONSENHOR NATHANAEL: A ENCARNAÇÃO DO SACERDÓCIO 197

Adelci Silva dos Santos

XXIII. MONSENHOR NATANAEL DE VERAS ALCÂNTARA: AÇÃO SOCIAL NOS MOVIMENTOS DE OPERÁRIOS 223

Raimundo César de Oliveira Mattos

XXIV. PADRE JOAQUIM CHAVES DE FIGUEIREDO E SUA MISSÃO EM TRÊS RIOS E COMENDADOR LEVY GASPARIAN 237

Adelci Silva dos Santos

Vaniele Barreiros da Silva

XXV. PADRE RICARDO SCHAUF: 40 ANOS DE DEDICAÇÃO DE SERVIÇO AO REINO DE DEUS NA DIOCESE DE VALENÇA..... 251

Adelci Silva dos Santos

Vaniele Barreiros da Silva

XXVI. FREI JOSÉ KROPF: UM ARQUITETO DA DEVOÇÃO – UM HOMEM DE VISÃO 271

Adelci Silva dos Santos

Vaniele Barreiros da Silva

XXVII. PADRE ARGEMIRO BROXADO NEVES: UMA VIDA DEDICADA A DIOCESE, HOMEM DA UNIDADE, CARIDADE E PROMOTOR DA JUSTIÇA SOCIAL299

Adelci Silva dos Santos

XXVIII. PADRE JOÃO JOSÉ DA ROCHA: PASTOR, PROFETA E DEMASIADAMENTE HUMANO 325

Nadir de Paula Rocha

XXIX. MONSENHOR PEDRO HIGINO DIAS DINIZ: O GIGANTE DA MISSÃO 339

Mauri César Guimarães de Souza

Isaac Leal da Silva Freitas

XXX. A VOZ DE ELIAS JAMES MANNING: ENSAIO SOBRE A FENOMENOLOGIA DA VOZ	347
---	------------

Jonas Thobias Martini

XXXI. DOM ELIAS MANNING: UM BISPO FRANCISCANO AO MODELO DE FRANCISCO DE ASSIS.....	361
---	------------

Alzirinha Rocha de Souza

ÍNDICE REMISSIVO	377
-------------------------------	------------

SOBRE OS AUTORES	379
-------------------------------	------------

PREFÁCIO

O livro “Diocese de Valença: 100 Anos de História (1925-2025) – Vários Olhares”, Volume II, é um trabalho colaborativo que reúne textos de diferentes autores – sacerdotes, leigos e religiosos –, que abordam temas como organização eclesial, ação social, liturgia, formação do clero, imprensa católica e patrimônio. Em comemoração do Centenário da Diocese de Valença, o livro tem o objetivo ser um legado da rica trajetória da Igreja Particular de Valença ao retratar a história, os desafios e as conquistas da Diocese ao longo de um século e resgatar os feitos de pessoas e instituições que contribuíram para a sua edificação.

Conhecer a história da Diocese de Valença e de suas Paróquias é importante para entender o papel da Igreja na sociedade e como ela se posiciona diante dos acontecimentos, tendo em vista que a história da Diocese está ligada à história das nove cidades que compõem o território diocesano. Além disso, dado que a História da Igreja está ligada à história da humanidade, podemos afirmar que a Igreja tem desempenhado um papel vital na formação da civilização da humanidade, sustentando valores de fé, moralidade e justiça, assim vivenciando valores cristãos. Trata-se de uma igreja que tem se posicionado diante de eventos como guerras, revoluções, pandemias e nas mais diversas tragédias e acontecimentos que atingem o seu povo.

Ao longo dos séculos, a Igreja tem se dedicado a evangelização, fomentando a assistência social, a educação e a promoção dos direitos humanos, na inspiração de Políticas Públicas, estando inserida nos diversos setores da sociedade. E não tem sido diferente na Diocese de Valença, que sempre foi um lugar de acolhida, de vivência dos sacramentos, de proximidade e de suporte para as pessoas em suas diversas dimensões e necessidades. Como Igreja Diocesana tem se mostrado uma “escola” que promove a pessoa em sua individualidade, ressalta sua dignidade, respeita suas particularidades e procura capacitar os fiéis para sua ministerialidade. E nela vivenciamos uma igreja ministerial, com suas Pastorais, Movimentos e Serviços, todos contribuindo para a construção do Reino de Deus, formando uma Diocese viva e dinâmica.

De fato, como bem ilustra o Catecismo da Igreja, após sermos instruídos na fé, ou seja, depois de *conhecermos* as verdades fundamentais da fé cristã, devemos *celebrar* esta mesma fé através dos sacramentos, para depois *viver* os seus princípios e *rezar* em comunidade. Essas são as quatro partes

fundamentais do Catecismo que nos fazem ver que a fé é uma questão pessoal, mas não pode existir sem a sua dimensão comunitária. A vida cristã só é genuína quando vem continuamente alimentada pela nossa comunhão eclesial, que pode acontecer de muitas maneiras, mas se concretiza de modo mais significativo e intenso nas paróquias e em suas comunidades, fazendo o verdadeiro encontro com a Pessoa de Jesus Cristo.

O Concílio Vaticano II expressou de modo brilhante o sentido da Igreja como comunhão de irmãos e irmãs que se concretiza no conceito de Povo de Deus, de Templo do Espírito e de Corpo de Cristo. Desde o Concílio, a Igreja no Brasil vem refletindo sobre o sentido e a estruturação das paróquias. De modo especial, podemos recordar a 51.^a Assembleia da CNBB, em 2013, centrada na “revitalização da comunidade paroquial”, dando origem ao documento de estudo “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”. Na Assembleia seguinte, em 2014, foi então aprovado o documento 100:

“Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia”. Por estar profundamente enraizado nas reflexões da Conferência de Aparecida, esse documento está em perfeita harmonia com o que o Papa Francisco esperava da Igreja: a paróquia como “comunidade de comunidades”, cheia de desafios pastorais, convidada constantemente à conversão pastoral e missionária, pois a renovação paroquial depende de um renovado amor à pastoral.

A Diocese e a paróquia ideal não existem, pois estão sempre marcadas pelos limites humanos. E o Papa nos exorta a repensar o estilo de nossas comunidades paroquiais para que sejam rede de comunidades, de tal modo que seus membros vivam em comunhão como autênticos discípulos missionários de Cristo. O Papa Francisco nos lançou um grande desafio: não apenas rezar pelas Dioceses e paróquias, mas sobretudo refletir sobre nossa presença e participação na construção da “comunidade de comunidades”, que para o cristão se torna nova casa, cheia de obstáculos, mas também de belezas e alegrias. Assim, recuperar a imagem da *casa* significa garantir o referencial para o cristão peregrino encontrar-se no lar, ambiente de vida e de acolhimento.

A Igreja visível na paróquia é, portanto, casa da Palavra, casa do pão, casa da caridade e da Missão, casa do Pai. No centro está Cristo, como gerador da comunhão de tudo e entre todos. Cristo que se faz sempre mais visível e próximo através da Palavra e da Eucaristia. Nessa perspectiva, mais do que meramente retratar a história, este livro foi organizado com o intuito

de conectá-la a Cristo e Sua Palavra, de modo que o leitor possa receber a verdade e a bênção, por meio da graça, à sua alma.

Ressaltamos que da Diocese de Valença a Igreja escolheu quatro Bispos: Dom José Rodrigues de Souza, natural de Paraíba do Sul, religioso da Congregação do Santíssimo Redentor – Redentoristas, nomeado bispo em 1974 para a Diocese de Juazeiro/BA. Dom Valter Carrijo, natural de Uberlândia/MG, religioso da Congregação do Divino Salvador – Salvatorianos, que foi pároco em Vassouras, nomeado bispo em 1989 para a Diocese do Brejo/MA; e Dom Paulo Cezar Costa, natural da cidade de Valença, que foi auxiliar na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro/RJ, em 2011, Bispo de São Carlos/SP, em 2016, e em 2020 foi transferido como Arcebispo da Arquidiocese de Brasília/DF, sendo nomeado Cardeal pelo Santo Padre o Papa Francisco em 29 de maio de 2022, com cerimônia de acolhida no consistório de 27 de agosto de 2022 e Dom Luiz Fernando Lisboa, natural de Valença, religioso, da Congregação da Paixão – Missionários Passionistas. Nomeado Bispo em 2013 para a Diocese de Pemba, Moçambique, em 2021 foi nomeado Bispo para a Diocese de Cachoeira do Itapemirim/ ES com o título de Arcebispo.

Que as bênçãos do Senhor da vida possam acompanhar os volumes que agora são lançados. Como só conseguimos amar aquilo que conhecemos, esta obra é uma oportunidade para que o leitor conheça a história da Diocese de Valença e possa amá-la, avançando no sentimento de pertença e corresponsabilidade para com a missão da Igreja e com o compromisso assumido no santo Batismo.

Pe. José Antonio da Silva
Vigário Geral da Diocese de Valença

SEÇÃO III
IGREJA E SOCIEDADE

XIII. RELIGIOSIDADE E CONFLITOS NAS IRMANDADES DO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE NO SÉCULO XX: ESTUDO DE CASO EM VASSOURAS E PATY DO ALFERES¹

Angelo Ferreira Monteiro

Este trabalho pretende analisar a religiosidade e os conflitos nas primeiras décadas do século XX entre duas irmandades que tinham como invocação Nossa Senhora da Conceição e a autoridade episcopal da recém-criada Diocese de Valença. O contexto destes dois casos envolvia a “romanização”² do catolicismo brasileiro, iniciado ainda no Oitocentos. Como parte da História da Igreja no Brasil, nossa proposta abrange o que foi defendido por Peter Burke (1992, p. 13), em sua obra *A Escrita da História*: “uma história vista tanto de baixo, como de cima”.

A metodologia aplicada foi a revisão de literatura e a análise de fontes primárias administrativas e judiciais de ambas as irmandades. Estas duas instituições estavam sediadas nas paróquias de Vassouras e de Paty do Alferes. Este território esteve subordinado à Arquidiocese do Rio de Janeiro,

1 Comunicação apresentada na Sessão Ordinária de 9 de julho de 2009 do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ). Artigo originalmente publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ). Ano 17. Número 17, 2010. p. 172-187. Revisado e Ampliado em Outubro de 2024.

2 De acordo com Mauricio Aquino (2013) foi “Rui Barbosa (1843-1929) o primeiro a servir-se do termo romanização (Barbosa, 1877, p. CLXXXVII) para designar o movimento de controle do papado sobre a Igreja Católica no Brasil durante o século XIX. Para ele, esse movimento era a ação explícita do “romatismo”, vocábulo típico dos anticlericais e antiultramontanos da época, para contrapor-se e sobrepor-se ao poder dos Estados. Rui Barbosa, defensor de um Estado liberal, tratara desse tema, para ele o núcleo da chamada questão religiosa brasileira (1872-1875), no ensejo de prefaciar e introduzir, na condição de tradutor, o livro *O Papa e o Concílio*, escrito em 1869, por Janus, pseudônimo atribuído ao padre e historiador alemão Johann Joseph Ignatz von Döllinger (1799-1890), crítico severo do que considerava então como movimento de imposição doutrinária de um catolicismo papista sobre todas as igrejas por ocasião do reconhecimento do dogma da infalibilidade papal durante o inconcluso primeiro Concílio do Vaticano (1869-1870).”

posteriormente à Diocese de Niterói e, em curto espaço de tempo, à Diocese de Petrópolis. Os membros das mesas administrativas dessas irmandades acreditavam que o bispo havia tomado medidas arbitrárias em relação aos seus Compromissos (denominação utilizada para Estatuto). Buscando defender os interesses das duas instituições, abriram ações judiciais contra o primeiro e recém-empossado Bispo de Valença.

Introdução

Este trabalho analisa a religiosidade presente nas irmandades que tinham como invocação Nossa Senhora da Conceição, localizadas em Vassouras e em Paty do Alferes e que, nas primeiras décadas do século XX, entraram em conflito com D. André Arcoverde de Albuquerque, bispo da recém-criada Diocese de Valença, no momento em que o processo de romanização, iniciado no século anterior, provocava estas adversidades entre os membros leigos e a hierarquia eclesiástica.

Inicialmente, faremos um breve histórico do papel da Igreja e das irmandades no século XIX, a partir da Constituição de 1824, que no seu 5º artigo definia que

A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas, com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo (Brasil, 1824).

O monarca, através do Padroado, se tornava o responsável por nomear e pagar os sacerdotes, construir e manter os templos, aprovar os compromissos que regiam as confrarias e as ordens terceiras (Mattoso, 1992, p. 322) e em contrapartida a Igreja, se dispunha a prestar os serviços de organização das listas dos eleitores para eleições para a Câmara Municipal, o registro civil da população – o registro de batismo (considerado na época como o registro de nascimento), de casamento e de óbito; todos os assentos eram separados entre livres e cativos (Monteiro, 2007, p. 87). Em 1850, assumiu o registro de terras³ para uma possível colonização das terras por imigrantes (Motta, 1998,

3 Em nossa dissertação de Mestrado defendida em 2005 e, consequentemente, em nosso livro publicado em 2007, originário deste trabalho acadêmico, verificamos que no momento desse registro de terras em

p. 161-166) e em 1871, com a Lei do Ventre Livre, passou a registrar os ingênuos – filhos nascidos de mulher escrava após esta lei (Monteiro, 2007, p. 87).

Segundo Katia Mattoso, com as obrigações do Padroado, a Igreja Católica parecia dirigida por leigos. A hierarquia era pouco respeitada por padres e fiéis. Na maior parte dos casos, o dinheiro destes últimos mantinha o culto e a chama da fé que esta soube despertar nos corações dos fiéis, que a ação dos leigos se tornou possível. Na família, na paróquia ou na irmandade religiosa, esse encontro se fez em nome de uma fé cristã e católica. (Mattoso, 1992, p. 303)

No entanto, a Igreja no Brasil, tinha que conviver com a religião católica oficial e a religião do povo⁴. A primeira colaborava com o Estado a modelar e controlar as estruturas sociais e impunha obrigações aos fiéis, como assistir missas, confessar, fazer a comunhão anual, descansar nos domingos e nas grandes festas de obrigação, praticar abstinência e jejuns e submeter-se aos sacramentos do batismo e do casamento. Na segunda situação, o ditado era “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre” – dava-se muita importância aos santos, com o cortejo de orações, procissões e peregrinações (Mattoso, 1992, p. 391). Foram as irmandades as responsáveis pelo surgimento destas devoções populares que levaram o povo em geral a cultuar a morte, enquanto a Igreja, em sua doutrina, pregava a vida (Reis, 1998, p. 123). Pertencer a uma irmandade no século XIX estava nitidamente ligada à preocupação com a vida após a morte (Reis, 1998, p. 126).

Dom André Arcoverde – 1º Bispo de Valença e as Irmandades de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e de Paty do Alferes

E não foi diferente com a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras (doravante INSCV), criada em 1830⁵, na Igreja

Vassouras, a Câmara informou que não havia terras devolutas em Vassouras. No entanto, localizamos nos registros da Irmandade Nossa Senhora da Conceição uma área onde constava terras devolutas próximas às terras desta instituição.

4 Ver também DEL PRIORE, Mary. Festas e utopias no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 1994.

5 Livro 1 de Atas da Irmandade de N. Sra. da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”.

Paroquial da Freguesia de Sacra Família do Tinguá. O povoado de Vassouras⁶, ainda estava ligado a Vila de Paty do Alferes, criada em 1820. Treze anos mais tarde, Vassouras assumia a sede da Vila, passando Paty do Alferes a ser seu Termo. Em 1837 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (Tambasco, 2004, p. 31).

Esta Irmandade se tornou proprietária de 360 braças de terras, doadas pelos herdeiros de Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo, no local onde surgiu a Vila de Vassouras, através de uma permuta com Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras)⁷.

Dois anos antes do surgimento da irmandade fora construída no povoado de Vassouras uma capela, através de uma subscrição promovida por Custódio Leite Ribeiro (posteriormente, Barão de Ayuruoca). Em 1838, por determinação do governo da Província do Rio de Janeiro, foi determinada a sua ampliação, sendo que as obras se estenderam até 1853 (Machado, 2006, p. 60). Neste período, seus irmãos e devotos trabalharam arduamente para compor o templo de toda a estrutura necessária para o culto. Realizavam-se anualmente em 08 de dezembro, a festa da Padroeira, a eleição da Mesa e a entrada de novos irmãos.

Em nossa obra intitulada *Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX – O Caso Benatar*, publicada em 2007, verificamos que a escrituração da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras estava atrasada, segundo seu procurador geral, o Dr. Joaquim José Teixeira Leite, constatação feita vinte anos após a sua fundação⁸. Este procurou organizar toda a sua escrituração, registrar o compromisso, demarcar as terras foreiras, normatizar as regras para o prazo de construção, entre outras realizações, e solicitou que seu cargo não fosse vitalício, visando com esta atitude defender os interesses da irmandade (Monteiro, 2007, p. 40-67).

6 Para mais informações ver MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras. Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, v. 3, p. 29-46, 2012.

7 Para mais detalhes ver Monteiro (2012).

8 Em reconhecimento à dedicação deste Procurador Geral da INSCV, homenageamos o Centro de Memória com o nome d. Ver: SILVA, José Antonio; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras – ‘Dr. Joaquim José Teixeira Leite’. In: 4º Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019, São João del-Rei. Anais do Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN – Número 4. São João del-Rei: Coordenação de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019. p. 459-468; SILVA, José Antonio da; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Revista Relicário, v. 7, p. 222-231, 2021.

A diferença entre a Vila de Vassouras e de Paty do Alferes estava na opinião dos proprietários das terras de Paty, que não queriam ver o surgimento da Vila em suas terras. Isso ocasionou a construção de três igrejas em lugares diferentes, todas sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.⁹

Alan de Carvalho Souza tratou a questão das querelas políticas em Paty do Alferes, que muito influenciara os deslocamentos da Igreja e da sede da Vila¹⁰.

Em suas notas sobre a História de Paty, frei Aurélio Stulzer informa que a primeira Capela foi construída, ornada e paramentada às custas de Francisco Tavares (Stulzer, 1944, p. 9-11). E para conservação e se poder dizer missa e servir de freguesia lhe fez ainda uma doação em 13 de março de 1739 para o seu patrimônio no valor de cem mil réis em dinheiro, com juros de 6 1/4 % ao ano, através de uma escritura de hipoteca de meia légua de terras no sítio denominado do Alferes, dentro de sua fazenda, que esta obrigação deveria ser assumida pelos herdeiros ou futuros proprietários das terras, onde se encontrava o templo. Antes de 1784, iniciou-se a obra da 2ª matriz, ainda na Freguesia (atual Arcozelo), por doação de terras feita por José de Oliveira Ribeiro que, falecendo em 1793, foi sepultado dentro da igreja (Stulzer, 1944, p. 12).

As obras da terceira igreja tiveram no ano de 1840 o seu início; fora construída pelo Capitão Manoel Francisco Xavier e sua esposa Francisca Elisa Xavier. Em 1844, estando já viúva D. Francisca Elisa doa para a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes, criada também em 1840, ainda na segunda igreja. Vale ressaltar que o casal Xavier não fazia parte da instituição. De acordo com Frei Aurélio, poderia haver a possibilidade de questões políticas envolverem esta situação e tudo se confirma com o local em que se instalou a vila e a construção em três lugares diferentes.

9 Sobre a devoção à Nossa Senhora da Conceição e outras invocações marianas, ver: LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. São Paulo: Grupo Autêntica, 2008.

10 Sobre este assunto ver: SOUZA, Alan de Carvalho. *Querelas Políticas: Outra História no Caso Manoel Congo*, Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras/RJ., 2008; SOUZA, Alan de Carvalho; SANTOS, Claudia Regina A. dos (Orient.). *Desordem senhorial no Vale Paraíba Fluminense na primeira metade do século XIX. Paty do Alferes/Vassouras: terras e escravos*. Vassouras, RJ, 2011. 123 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2011. SOUZA, Alan de Carvalho. *Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011; SOUZA, Alan de Carvalho. *A insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política, econômica e senhorial [?]*. Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 65-79, set./dez., 2022; SOUZA, Alan de Carvalho. *Nossa Senhora da Conceição da Roça do Alferes: doação, construção e rivalidade*. Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 15, n. 3, Edição Especial, p. 25-37, set./dez., 2024.

Após a morte de Manoel Francisco Xavier, sua viúva solicitou ao seu procurador que fosse levantada uma hipoteca que onerava a fazenda da Freguesia e a permuta do terreno da segunda igreja, onde doava mais um trecho de terras para completar o rocio da vila. Exigia apenas o direito de passar por uma estrada que iria dar em suas terras. A hipoteca citada havia sido feita por Francisco Tavares que deixava uma quantia para o patrimônio da igreja a juros, ficando os herdeiros e proprietários posteriores da dita fazenda responsáveis pelo pagamento. A irmandade não só aceitou, como solicitou ao Imperador, através de um memorial, a concessão de foros de nobreza para D. Francisca, que recebeu e passou a ser conhecida como a Baronesa da Soledade (Stulzer, 1944, p. 9-44).

Estas instituições floresceram sem depender diretamente do poder diocesano exercido pelos bispos (Mattoso, 1992, p. 333), como podemos comprovar no caso destas duas que estamos analisando que prosperaram com um patrimônio formado por diversos legados. Com a introdução do sistema republicano em 1889, a 1ª Constituição Republicana definia o estado laico e a liberdade religiosa. E partir deste período, o Estado não poderia intervir nos assuntos eclesiásticos que deveriam ser submetidos à decisão episcopal. As irmandades assumiam a responsabilidade de manter seu patrimônio que era formado pela igreja, o cemitério, os terrenos foreiros, legados de testamentos, entre outras doações, sem os subsídios estatais. Mesmo com todo esse patrimônio, essa última situação levou muitas dessas instituições a se extinguirem devido à falta de recursos.

Ambas as instituições tinham, como responsabilidades instituídas em seus compromissos, o culto da padroeira, com a realização da sua festa e, neste mesmo período, a eleição da nova Mesa, que iria conduzir os trabalhos do ano vindouro.

No início do século XX, fez a irmandade de Vassouras a renovação de seu compromisso e durante a década de 1920 realizou normalmente as eleições para a Mesa Administrativa, que reelegeu o Dr. Antonio José Fernandes Junior como seu Juiz, como acontecia desde 1924 e também os demais membros da Mesa.

Visando defender os interesses da instituição, D. André Arcoverde, Bispo da recém-criada Diocese de Valença¹¹ fez a nomeação de uma comissão

11 MELO, Maurício. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – No alto da colina, vigilante atenta das demais construções. No século XIX, pertencia à atual Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, com o passar do tempo, a administração eclesiástica destas terras passou para a Diocese de Niterói,

para administrar os bens da irmandade, formada por Alberto de Souza Caravana, Octavio de Almeida, Dr. Seabra Moniz e João Lopes de Faria. A Provisão que instituiu a comissão foi enviada à Irmandade por intermédio do Dr. Horácio Gomes Leite de Carvalho, o motivo desta estava na remissão de terrenos pertencentes à instituição, praticada por aqueles que o Bispo proibia de serem reeleitos. Dr. Alvaro Soares propôs que deveria se “evitar uma resposta que pudesse ferir a susceptibilidade do Exmo. Bispo, que lhe parecia ser inevitável” e como a provisão não fora enviada para o Juiz da Mesa, que ela fosse considerada inválida. O Dr. Horácio de Carvalho, responsável pela entrega da Provisão, propôs que o Dr. Fernandes Junior fosse aclamado para continuar no cargo, devido ao brilho, devotamento e honestidade por longos 5 anos, sendo o Bispo informado de tal resolução.¹²

A atitude do Bispo, vista como arbitrária pelos membros da administração reeleita, os fez entrar na justiça para garantir seus direitos instituídos em Compromisso. A irmandade, na ação judicial contra o Bispo e os membros da comissão nomeada, foi representada pelo Dr. Antonio José Fernandes Junior, Manoel de Sampaio Torres Filho, Manoel de Souza Jordão e Julio Gomes de Souza Telles, respectivamente Juiz, Secretário, Tesoureiro e Procurador da Mesa Administrativa da INSCV, que em suas considerações justificaram que todos os trâmites instituídos no Compromisso foram respeitados e, apesar disso, “se achavam ameaçados na posse dos bens e de seus cargos, por atos emanados por D. André Arcoverde¹³, definidos como violentos, exorbitantes e abusivos do poder, inclusive por suprimir os artigos do Compromisso e em suas visões não tinha esse direito, reformando este ao

cuja sede foi transferida para Petrópolis durante alguns anos. Após o desmembramento da Diocese de Niterói, criou-se então a própria Diocese de Petrópolis, cuja jurisdição passou a incorporar o território da Paróquia de Vassouras. Após período de sede Vacante, criou-se através da Bula “Apostolico Officio”, do Papa Pio XI, de 27 de março de 1925, a Diocese de Valença, abrangendo nove municípios do Centro-Sul Fluminense, inclusive Vassouras (e Paty do Alferes). Para reger a recém-criada Diocese foi nomeado Dom André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, sobrinho do Cardeal Arcoverde, Primaz do Brasil. Enquanto o novo Bispo não era ordenado para assumir sua Cátedra, foi nomeado como Administrador Apostólico, em 21 de agosto, Monsenhor Alfredo Bastos. Criada em março, só em 18 de setembro a Diocese foi canonicamente ereta. In: O Semeador em Revista. Ano IX, n. 12. Publicação da Paróquia de N. Sra. da Conceição de Vassouras. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2009.

12 Livro 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

13 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (doravante TJERJ) e Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (doravante IPHAN). p. 2.

sabor das [suas] conveniências¹⁴. Uma das demonstrações de abuso do poder, estava na nomeação de pessoas que não eram membros da Irmandade. E que apesar de estarem contra os poderes eclesiásticos e não obstante o caráter religioso da Irmandade estavam no seu direito de se defenderem. Os autores solicitam a citação dos membros da comissão do Bispo Diocesano e também as esposas daqueles que fossem casados¹⁵. Sabendo que D. André estaria na cidade no dia seguinte requereram a sua citação. O Juiz Salles Pinheiro reconheceu, através da documentação anexada, a ameaça e a eminente turbação e esbulho na posse do patrimônio da INSCV pelo Bispo e mandou que fosse devolvida aos membros da irmandade a posse dos bens, provisoriamente.

Sendo feriado no dia da audiência, a sessão foi transferida para o dia útil seguinte; uma das testemunhas deixou de ser citada pois foi confundido o seu nome, de Doutor Ernesto Seabra Muniz (rasura no u/o como Moniz), recusou-se a assinar a citação, como também recusaria a nomeação que na provisão episcopal estava Dr. Alberto Seabra Muniz.

Em 14 de janeiro de 1929, os autores encaminharam um requerimento ao Juiz desistindo da ação por terem entrado em acordo com o Bispo Diocesano e neste Termo, que foi transcrito pelo escrivão e testemunhado pelos autores, declaravam que *“desistiam, como de fato, desistido tem, da presente ação, interposta contra D. Andre Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros, afim de que sobre a mesma seja feito, digo, seja imposto perpétuo silencio.”*¹⁶

Realizando pesquisas nos livros de Atas da INSCV, localizamos o método encontrado para se chegar ao acordo. O Bispo solicitava que cada parte iria nomear um Juiz Arbitral para que se harmonizem como todos assim desejam. O Coronel Júlio Corrêa e Castro propôs que fosse aceita e que a irmandade nomeava e constituía como seu árbitro o irmão e embaixador Dr. Raul Fernandes e representando a Cúria Diocesana fora nomeado o Cônego Dr. Alcídio Pereira.

Mesmo buscando entrar em acordo, os membros exigiam a posse da mesa reeleita, convocando inclusive pela imprensa local a presença do padre

14 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 3.

15 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 4v e 5.

16 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 23 e v.

para celebrar a missa votiva, até 13 de janeiro, que não a realizou por ordem do Bispo diocesano, que o proibiu de presidir tal ato.

No prazo dado para o padre realizar a missa foi apresentado o acordo feito entre o representante da irmandade e o do bispo, que determinava que, sendo uma instituição de fins religiosos, deveria viver sob as Leis da Igreja e nestes termos submeter-se reverente à autoridade do Bispo Diocesano. Sendo proposta pela irmandade e aceita pelo Bispo, como suficiente para sanar as divergências, deveria a mesa recém-eleita não tomar posse, desistir da ação possessória contra o bispo e se reunir para eleger a nova mesa. Estas exigências foram aceitas “paternalmente” pelo bispo; a irmandade por sua vez deveria demonstrar “seus sentimentos de filial submissão e de agradecimento pela benevolência com que facilitou o restabelecimento da harmonia nas relações com o bispado.”¹⁷

O que se conclui com estas exigências foi que a irmandade não só acatou as ordens superiores, como voltou a realizar suas atividades, respeitando o compromisso, inclusive com a realização da eleição da nova mesa e também da festa no dia da padroeira, e não em outros momentos por conveniência de seus membros.¹⁸

Agindo de forma diferente à experiência que passou a irmandade de Vassouras, a Irmandade de Paty do Alferes, desde a visita pastoral em 06 de outubro de 1895, realizada por Dom Francisco do Rego Maia, Bispo Diocesano de Niterói, que a encontrou em franca decadência, registrou no Livro de Tombo à folha 2

Recomendamos ao sr. Fabriqueiro que lance nos respectivos livros as contas da Fábrica que deverão ser-nos apresentadas até o fim do corrente ano, e à irmandade que se reúna em mesa até o dia oito de dezembro do corrente ano para nos propor a reforma do compromisso do contrário a consideraremos extinta (Stulzer, 1944, p. 49).

De acordo com os livros que pesquisamos na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes, verifica-se que a escrituração da

17 Livro 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

18 Livro 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

irmandade se encontrava bastante confusa, visto os três livros serem dos períodos 1844-1926, 1852-1880 e o último 1900-1944. E D. André da mesma forma impediu que os membros desta instituição continuassem a representá-la, o que resultou em outra ação judicial contra o bispo, o padre Leonardo Felipe Fortunato e Pedro Chaim.

Os membros da mesa administrativa, composta pelos irmãos Antão de Mello Bernardes, Mario Bernardes Pinheiro, Edmundo Peralta Bernardes, Ernesto da Motta Coimbra e Virgílio José da Cruz, respectivamente Juiz, Secretário, Tesoureiro, Procurador e Zelador, não concordando com a intervenção episcopal que, segundo sua defesa, já há alguns anos proibia que os membros da irmandade se reunissem na igreja, nomeara uma pessoa estranha à Irmandade para receber foros e taxas, além do Padre Fortunato ter se apossado dos bens patrimoniais.

Apesar da proibição de se reunirem na igreja, fizeram a reunião na casa do seu advogado de defesa Josué Werneck da Rocha e ali realizaram a eleição. Justificaram que poderiam se insurgir contra os poderes eclesiásticos, desde que estes houvessem exorbitado no poder que lhes era conferido e que a finalidade da existência da irmandade não se resumia ao culto à padroeira, mas também ao socorro dos irmãos que caíssem em pobreza, conforme definia o Compromisso.

Um dos irmãos presentes à reunião solicitou que a Mesa assumisse a administração dos negócios da irmandade e providenciasse “no sentido ser guardado no consistório da Igreja, com o devido carinho, depois dos reparos que necessita, a urna onde repousam os restos mortais do Capitão Mór, o maior benfeitor da Irmandade, cuja urna se acha em abandono em uma das dependências da igreja.¹⁹ Percebe-se, por esse ato, o descaso com os restos mortais daquele que construiu e doou o patrimônio, mesmo sem ter sido membro da irmandade. Ainda assim, solicitava ao Juiz a intimação de três testemunhas, que pudessem colaborar no sentido de terem novamente a posse dos bens do patrimônio. Apenas duas testemunhas foram convocadas; nos depoimentos disseram que por volta de 1926 e 1927, o bispo de Valença havia decidido extinguir a irmandade, que o membro responsável pelo recebimento de taxas e foros era o Coronel Manuel Francisco Bernardes e que, após a sua morte, esta atribuição passou a ser de seu filho Lino Francisco

19 Ação Possessória – 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 9v e 10.

Bernardes, que buscava organizar a administração. A terceira testemunha não foi convocada, acreditamos por ter o mesmo sobrenome Bernardes.”²⁰

Contestando os autores da ação, D. André disse que vários indivíduos se dizendo irmãos da irmandade se reuniram na casa do advogado e elegeram uma nova diretoria da Mesa Administrativa, sem a observação da tramitação legal que continha no compromisso da instituição. Que apesar da realização da eleição, em suas palavras “simulacro de eleição”, a mesa administrativa foi eleita com a presença de pessoas estranhas à irmandade e, desta, apenas três membros, sendo um aclamado Juiz.

Defendendo os interesses eclesiásticos, o bispo concluía, de acordo com a legislação, que a ação judicial era nula, pois os autores eram partes ilegítimas. Que seu ato em dissolver a irmandade em 1927 referia-se à sua desorganização administrativa, que não se reuniam há mais de dez anos, não lavravam as atas das sessões e faltavam com o cumprimento para que fora criada, o culto à Nossa Senhora da Conceição. E lembrava a seus membros, citando a legislação, que as instituições desta natureza estavam sujeitas à autoridade episcopal, principalmente na parte religiosa, que é a parte principal e até essencial de tais sodalícios.

Discordando dos argumentos do Bispo, o Juiz de Direito não aceita a solicitação, devido a privação que os membros da irmandade passaram para realizar a eleição e torná-la legal. Insatisfeito com a decisão judicial, D. André e os outros réus propõem que seja feita uma vistoria nos livros da instituição para provar que as pessoas que elegeram a nova diretoria não faziam parte da irmandade.

Em seu depoimento, o padre Fortunato disse que residia em Paty do Alferes desde 1895, na função de Vigário da Freguesia e que, apesar de existir a irmandade, esta por sua vez não se reunia; que tentando se reunir, procurou informar ao Bispo a intenção dos membros. O Bispo, ordenou que não consentisse em absoluto que a irmandade se reunisse no consistório da Igreja; que essa irmandade que desejava se reunir não era a irmandade antiga e sim a nova, visto que a antiga se achava extinta desde novembro de 1927, quando enviou a Paty do Alferes um representante, o padre Andre Moreira, que informou a extinção da instituição, a criação do Conselho das

20 Ação Possessória – 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 23 a 27v.

Fábricas e a nomeação de Pedro Chaim como tesoureiro do conselho.²¹ Citou diversas legislações, inclusive a constituição 115 de Clemente VIII de 09 de dezembro de 1604, onde os estatutos das irmandades deveriam estar sujeitos à aprovação dos Bispos e que seus atos estavam dentro dos limites de sua competência canônica. E que a partir da introdução do sistema republicano, o público e livre exercício do culto, sem a intervenção e interferência das autoridades civis no sentido de o culto dar, o ato episcopal, estava garantido conforme o art. 3º do Dec. 119A, de 07 de janeiro de 1890 e o art. 72, § 3º da Constituição Federal.²²

Justificava ainda com uma sentença do juiz de Direito em São Luiz do Maranhão, em situação idêntica a esta, “que extinta a irmandade, os bens não poderiam ser partilhados pelos seus membros, visto que estariam abusando da boa-fé dos fiéis que haviam contribuído piedosamente para um patrimônio que supunham sagrado, além de que tal procedimento seria a completa negação dos respeitáveis intuítos de uma agremiação fundada para o culto divino.”²³

Reconhece o poder dos Bispos em dissolver irmandades e exemplifica alguns, como o caso da Igreja da Glória do Rio de Janeiro: na questão da Irmandade dos Mártires S. Crispim e S. Crispiniano. O governador do Bispado de S. Paulo dissolveu a Irmandade de Santa Ephigenia e Santo Elesbão. O Bispo do Maranhão, D. Xisto Albano, dissolveu a Irmandade de N. Sra. da Conceição, na Capital do referido Estado.

E conclui que

Seria manifesta incoerência proclamar o regime da completa liberdade religiosa, e depois pretender impor preceitos de ordem interna à Igreja Católica, declarar quais os poderes dos bispos no Brasil, em relação às irmandades, e estatuir outras regras em assunto da economia da mesma Igreja, e nos quais os cânones desta não contrariam as leis civis da nação.²⁴

21 Ação Possessória – 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 88-89.

22 Ação Possessória – 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 107.

23 Ação Possessória – 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 108v-111v.

24 Ação Possessória – 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 108v-111v.

Contrários à opinião do bispo, os representantes da irmandade defendiam que a instituição era uma associação mista e que poderia receber o amparo da lei civil, quanto ao poder temporal. Que era sabido ser a Mitra, portanto a Igreja, pessoa jurídica de Direito Privado e que assim não consideravam as irmandades mistas como ramificações da Igreja, pois eram pessoas jurídicas de direito privado e assim com capacidade para adquirir; que a diferença entre as irmandades mistas e a Igreja está sujeita exclusivamente ao Direito Canônico, no que concerne a sua administração e vida íntima, e as outras, às leis civis e ao compromisso, na parte administrativa e patrimonial.²⁵

Concluía que

o Bispo poderia suspender de suas funções a Mesa Administrativa, ordenar a eliminação de membros inimigos da Igreja, lançar-lhes interdito, dissolver a Mesa, desde que esta ou algum de seus membros da associação, não cumprissem os preceitos compromissos afeitos ao poder espiritual e só faltando-lhe, pois competência para extinguir irmandades da natureza da apelante.

Apesar de tantas considerações o Juiz de Direito da Comarca de Vassouras, Dr. Barreto Dantas, em 12 de janeiro de 1934, julgou improcedente a ação e condenou os autores ao pagamento das custas do processo.

Sobre o resultado desta ação, Frei Aurélio comenta que a sentença do então Juiz de Direito da Comarca de Vassouras, Dr. Barreto Dantas, favorável à Mitra, é uma página de erudição. Um encanto enfim para o estudioso (Stulzer, 1944, p. 50).

Apesar dos membros da instituição ainda recorrerem da decisão, a irmandade de Paty do Alferes atualmente não existe mais.

Considerações Finais

Com a implantação do sistema republicano no Brasil e em seguida a introdução de sua primeira Constituição Federal, em seu artigo 72, parágrafo 3º, instituía o direito à liberdade religiosa; apesar da Constituição de 1824

25 Ação Possessória – 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 132v-133.

contemplar este direito, não permitia que as outras denominações religiosas, com exceção da Igreja Católica Apostólica Romana, que era a religião oficial do Império, tivessem seus locais de reunião na forma exterior de templo religioso.

E, com o término do sistema do Padroado, a Igreja passou a se responsabilizar pelas despesas na manutenção do culto e de seu patrimônio. Como também as instituições religiosas ligadas a ela passaram a ser fiscalizadas mais de perto pelos Bispos Diocesanos, pois até este momento, entre elas destacamos as duas que analisamos, sempre tiveram a liberdade da administração sem a interferência episcopal imediata a qualquer ato contra os interesses da Igreja.

Vale lembrar que tal interferência também não era tão possível, visto a distância entre estes locais e a sede da diocese. E acostumados ao sistema do padroado, sempre conduziram estas instituições com toda a autoridade sem se preocupar com a intervenção dos Bispos.

Com a criação da Diocese de Valença, quis seu primeiro Bispo, D. André Arcoverde, colocar a administração destas irmandades em ordem ou extingui-las, como foi o caso da irmandade de Paty do Alferes, que não buscou um acordo como o fez a irmandade de Vassouras. Continuou na queda-de-braço judicial com o Bispo, declarando que este não tinha autoridade para extingui-la e que tinham o direito de recorrer ao poder civil para se proteger do abuso de poder. Entretanto, provou o Bispo, que além de ter autoridade para extingui-la, não podiam recorrer ao poder civil, pois tal tentativa demonstraria total inconstitucionalidade da ação.

Apesar da extinção da irmandade de Paty do Alferes, a de Vassouras ficou em intervenção até 2018, quando por iniciativa do Pe. José Antonio da Silva (atual Pároco e Provedor, anteriormente Interventor da INSCV) no dia 08 de dezembro desse ano retornou com as suas atividades com a posse dos novos membros, inclusive com atualização do compromisso, atendendo a legislação brasileira atual. Neste dia da Padroeira em Vassouras, o saudoso Bispo Emérito de Valença, Dom Elias James Manning (ofm), presidiu a celebração. Vale lembrar que foi este mesmo bispo que solicitou a intervenção em Vassouras no início do seu bispado, nos anos iniciais da década de 90 do século XX, indicando o Monsenhor Pe. Pedro Higino Dias Diniz, como primeiro interventor.

Uma questão que já estamos em construção com uma pesquisadora é a influência desta ação possessória proibitória de 1928 contra os membros da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras no testamento

de 1930 de Eufrásia Teixeira Leite, uma vez que teve os irmãos Fernandes à frente como testamenteiros e inventariantes.

Referências

Fontes Primárias

Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes

- Livros de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes de referentes aos períodos 1844-1926, 1852-1880 e 1900- 1944.

Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

Fundo: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras

- Livro 1 de Atas (1830-1878)
- Livro 2 de Atas (1879-1932).

Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Fundo: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

- Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus).
- Ação Possessória de 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus).

Bibliografia

AQUINO, Mauricio de. O conceito de romanização do catolicismo brasileiro e a abordagem histórica da Teologia da Libertação. **HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1485-1505, 2013.

BRASIL. **Constituição (1824)**. Constituição Política do Império do Brasil, de 25 de março de 1824.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2008.

MACHADO, Lielza Lemos. **Vassouras, recanto histórico do Brasil**. 3. ed. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2006.

MATTOSO, Katia. **Bahia, século XIX – Uma província no Império**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

MELO, Mauricio. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – No alto da colina, vigilante atenta das demais construções. In: **O Semeador em Revista**, a. IX, n. 12. Publicação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2009.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX – O Caso Benatar**. Vassouras, Editor Autor, 2007.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras. Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. Mosaico – **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, v. 3, p. 29-46, 2012.

MONTEIRO, Angelo Ferreira; MOURA, Ana Maria da Silva (Orient.). **O caso Benatar e as redes de sociabilidade no município de Vassouras no século XIX**. Vassouras, RJ, 2005. 131 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, 2005.

MOTTA, Márcia. **Nas fronteiras do poder**. Conflito e direito à terra no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: APERJ, 1998.

REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). **História da Vida Privada no Brasil – Império**: a corte e a modernidade nacional. v. II. 3ª reimp. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SILVA, José Antonio; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras – ‘Dr. Joaquim José Teixeira Leite’. In: **4º Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019, São João del-Rei. Anais do Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN – Número 4**. São João del-Rei: Coordenação de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019. p. 459-468.

SILVA, José Antonio da; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. **Revista Relicário**, v. 7, p. 222-231, 2021.

SOUZA, Alan de Carvalho. A insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política, econômica e senhorial [?]. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 65-79, set./dez., 2022;

SOUZA, Alan de Carvalho. Nossa Senhora da Conceição da Roça do Alferes: doação, construção e rivalidade. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 3, Edição Especial, p. 25-37, set./dez., 2024.

SOUZA, Alan de Carvalho. **Querelas Políticas: Outra História no Caso Manoel Congo**, Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras/RJ., 2008

SOUZA, Alan de Carvalho. **Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SOUZA, Alan de Carvalho; SANTOS, Claudia Regina A. dos (Orient.). **Desordem senhorial no Vale Paraíba Fluminense na primeira metade do século XIX. Paty do Alferes/Vassouras: terras e escravos**. Vassouras, RJ, 2011. 123 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2011.

STULZER, Frei Aurélio. **Notas para a História de Paty do Alferes**. Paty do Alferes, [s/e], 1944.

TAMBASCO, José Carlos V. **A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá – Um Abordagem social e econômica dos tempos da colonização**. Vassouras, Editor Autor, 2004.

XIV. O COLÉGIO DOS SANTOS ANJOS EM VASSOURAS-RJ

Fátima Niemeyer da Rocha
Irenilda Reinalda Barreto de R. M. Cavalcanti

Introdução

O presente capítulo apresenta um panorama e pequenos fragmentos documentais da longa história do Colégio dos Santos Anjos na cidade de Vassouras, localizada na Região Centro-Sul do Estado do Rio de Janeiro, com o intuito de demonstrar a importância desse educandário para a população vassourense, inserindo-o nos contextos educacionais das diversas épocas, tendo em vista sua longa atuação, atualmente já centenário.

O Colégio, que funciona em Vassouras, é uma das instituições mantida pela Congregação dos Santos Anjos (atualmente Associação Franco Brasileira – AFB), situando-se as demais no Rio de Janeiro (RJ), Além Paraíba, Juiz de Fora e Varginha (MG), e Caçador (SC).

A história da Congregação está intimamente ligada ao contexto da Europa, no século XIX, marcado pelo pensamento liberal em ascensão, que permeava todas as áreas da sociedade, destacando-se sua influência na política, na educação, na ciência e na religião, principalmente na Igreja Católica.

As consequências da Revolução Francesa, com sua ideologia laica, haviam criado conflitos de ordem ideológica e proibido a atuação social de religiosos e religiosas. As congregações encontram, então, na vinda para o Brasil, uma solução para esse problema, mostrando-se motivadas pela ideia da “missão” em terra estrangeira e legitimando, oportuna e religiosamente, o êxodo da Europa (Rosado-Nunes, 2004, p. 492).

Assim, a necessidade da reestruturação da educação e da assistência aos doentes, aos órfãos e aos pobres foi princípio motivador para o aparecimento de várias ordens femininas as quais, anteriormente, se caracterizavam pela austera vida contemplativa, e agora passavam a assumir uma vida de interação social, “atuando nos campos da educação, dirigindo ou lecionando

em escolas, e da saúde, no cuidado com os enfermos; assim como em asilos e orfanatos” (Nicolau, 2021, p. 337).¹

No Brasil, desde 1850, já se estabelecera a Congregação Filhas da Caridade, ordem religiosa francesa, mantenedora do Colégio da Imaculada Conceição, que atuava na formação feminina, visando introduzir no cotidiano das jovens as doutrinas cristãs e as habilidades com os afazeres domésticos e maternos.

No final do século XIX e início do século XX, instalaram-se também as irmãs responsáveis pelos Colégios *Notre Dame de Sion*² e o *Sacré Coeur de Jésus*³, com as mesmas finalidades, no Rio de Janeiro e São Paulo.

Neste mesmo período, têm início as negociações para a vinda de algumas irmãs da Congregação dos Santos Anjos, a partir dos contatos entre o Padre Louis Blondet, capelão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, no Brasil, e a Superiora Mère Elizabeth Marie, o que se concretiza em 1893 com a criação da primeira escola no Rio de Janeiro, seguindo os mesmos princípios que a casa mãe da França.

Assim, o objetivo desde capítulo é acompanhar a implantação e expansão das atividades do Instituto Santos Anjos de Vassouras, percorrendo as suas mudanças, adequações e ampliações ao longo do século XX. Começando como um asilo para abrigar meninas órfãs, a Instituição foi se alargando para contemplar os cursos ginásial, normal, científico e preparatório para o vestibular, passando a fazer parte da vida de várias gerações e famílias vassourenses.

Em sua elaboração foi realizada uma pesquisa com a coleta dos dados, que envolveu os documentos disponíveis – fontes primárias e secundárias referentes ao período compreendido entre 1906 e 2016 – e gentilmente cedidos pela direção do próprio Colégio, além de jornais e documentos oficiais de outros órgãos.

Abordamos inicialmente, o contexto em que surgiu a Congregação dos Santos Anjos na França e sua vinda para o Brasil. Em seguida, apresenta o início do Asylo Furquim em seu majestoso prédio, o qual passará por

1 Para conhecer mais sobre o surgimento das ordens religiosas dedicadas à educação feminina e também à assistência a pobres e doentes, entre os séculos XVI e XVII, ver Nunes, 2018, p. 145-160.

2 A Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de Sion é uma organização religiosa cristã, de matriz católica, fundada na França, em 1843, pelos padres Teodoro Ratisbonne e Afonso Ratisbonne.

3 Colégio pertencente às Religieuses du Sacré Coeur de Jésus (Sociedade do Sagrado Coração), congregação religiosa criada na França, por Santa Madalena Sofia Barat, em 1800. No Brasil, o Colégio Sacré-Coeur de Jésus, na Tijuca, iniciou suas atividades em 1905.

manutenções, ampliações e adequações ao longo do século XX, sem deixar de destacar a doação definitiva do prédio e seu terreno à Congregação. Unindo a trajetória do prédio com a atuação da Congregação dos Santos Anjos em Vassouras, o texto continua contando a história da ação assistencialista do Asylo Furquim, juntamente com a expansão educacional para acolher alunas internas e externas pagantes, até chegar às ampliações de cursos e a inclusão do ensino misto, na segunda metade do século XX. A seção seguinte ressalta as atividades acadêmicas, esportivas e religiosas empreendidas pelo Instituto dos Santos Anjos.

A ordem dos Santos Anjos: da França para o Brasil

O Colégio dos Santos Anjos é mantido pela Congregação dos Santos Anjos (Associação Franco Brasileira) surgida no departamento de Jura, na França, em 15 de outubro de 1831. Naquele ano, o Padre Agathângelo, diante da necessidade de educar a juventude de sua Paróquia, criou uma escola e, para dirigi-la, o Bispo designou a jovem pedagoga Bárbara Elisa Poux, a qual adotou o nome religioso de Mère Marie Saint-Michel (1797-1855). Juntamente com um grupo de jovens que, como ela, se dedicavam ao magistério e, ao mesmo tempo, apresentavam forte vocação religiosa, Bárbara Elisa criou a Congregação dos Santos Anjos.

A Congregação surge no contexto em que “a Europa, e em especial a França, viviam um período de crescente laicização, originada nos processos revolucionários do final do século XVIII e início do século XIX” (Nicolau, 2021, p. 339), tornando a atuação religiosa um grande desafio, principalmente devido à imposição de medidas legais de laicização do ensino, com a extrema valorização do ensino público em liceus, em detrimento das escolas confessionais (Nicolau, 2021).

Para continuar as suas atividades, as Irmãs optam por deixar a França e o Brasil aparece como uma boa opção. Restava obter o apoio para o reinício, que lhes chegou através das conversas com o padre Louis Blondet, a partir de 1891.

Além de repassar informações esperançosas para as Irmãs, o Padre começa a fazer contato com várias personalidades do Rio de Janeiro, para conseguir apoio financeiro e um local para a instalação da escola. Depois de muitos contatos, finalmente o Padre consegue o palacete do Conselheiro

João Pedreira do Couto Ferraz, situado no Andaraí e o apoio de senhoras da sociedade carioca.

Finalmente, em maio de 1893, as irmãs da Congregação chegam ao Rio de Janeiro. O grupo pioneiro era composto por

Mère Saint Bernard André, encarregada de ocupar a função de superiora, Ir. Marie Ludovica Palais, diretora educacional, Ir. Louise de Gonzague Rath, Ir. Marie Célestine Christophe, Ir. Marie Alicia, a qual ficou encarregada de lecionar desenho, Ir. Leónie Gauthiere Ir. Marie Agathe Palais, responsável pela cozinha escolar. Vieram também leigas para atuarem no ofício de educadoras, como Mlle. Marguerite Lavenier e Mlle. Vanier, que assumiria a cadeira de desenho e pintura (Nicolau, 2021, p. 342-3).

Em 22 de maio do mesmo ano, Mère Marie Saint-Bernard André fundou o Colégio dos Santos Anjos, nessa cidade. O período inicial contou com uma nota interessante, publicada na seção de anúncios do Jornal do Commercio, no dia 11 de janeiro de 1893: as Irmãs gozam de tanta credibilidade que o Colégio iniciará suas atividades antes mesmo que elas cheguem ao Rio de Janeiro. Diz o anúncio⁴:

Como já se sabe, as Irmãs da Congregação dos SS. Anjos de França, resolveram fundar um colégio e um asilo na Tijuca. O palacete de Andaraí alugou-se para este fim. As irmãs chegarão no decurso de abril, passada a força do calor. Desejando, porém, as famílias que já matricularam as suas filhas, que estas possam ser recebidas no principio do ano escolar, decidiram as professoras adjuntas abrirem as aulas, segunda-feira, 30 do corrente. (Jornal do Commercio, 1893, p. 10) (Grafia atualizada).

As credenciais que precediam as Irmãs se confirmaram, tanto é que seu trabalho se tornou, ao longo do tempo, uma sólida obra educacional, em virtude da qual se estabeleceram educandários em outras localidades brasileiras.

4 Jornal do Commercio (RJ) – 1890 a 1899 – DocReader Web (bn.gov.br) https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_08&Pesq=%22santos%20anjos%22&pagfis=9774.

Doze anos após, em 1905, a Congregação foi convidada a assumir um asilo para meninas órfãs, em Vassouras, desafio que foi aceito após uma visita à cidade. Vamos ver como ocorreu essa expansão para o Vale do Paraíba.

Do Asilo para o Instituto: os caminhos de um edifício

A história Colégio dos Santos Anjos, no município de Vassouras, está intimamente ligada à do Palacete Furquim, o qual foi doado à municipalidade vassourense no ano de 1881.

O Palacete foi a antiga residência da família de Caetano José Furquim de Almeida (1816-1879), mineiro de nascimento, mas radicado em Vassouras, rico fazendeiro e negociante de café. Assim, a 09 de julho de 1881, a viúva de Caetano Furquim procedeu à doação, embora de modo informal, do grande prédio denominado Palacete Furquim à Câmara Municipal de Vassouras, para nele se instituir e manter um Asilo destinado a recolher, educar e instruir meninas pobres. Esse generoso ato de filantropia representou a efetivação de um desejo de seu finado marido, expresso através de carta remetida à família, de doar à municipalidade vassourense a sua antiga residência. (Rocha, 2005)

No entanto, somente em 1895, por escritura pública lavrada em 05 de abril, a viúva de Caetano Furquim e seus herdeiros efetivaram a doação do prédio e respectivo terreno à Câmara Municipal de Vassouras. No Palacete, situado à rua Caetano Furquim nº 6 (mais tarde denominada rua Dr. Fernandes Junior nº 41), no Centro da cidade, deveria ser fundado um Asilo para abrigo da “infância desvalida ou de velhice desamparada segundo foi resolvido por todos os interessados e consta dos autos do inventário do alludido finado, Dr. Caetano Furquim de Almeida a quem pertencia o dito prédio” (Vassouras, 1933). Os doadores transmitiram para a Câmara Municipal de Vassouras todo o domínio, posse, direito e seção do imóvel doado, para que o possuísse sem reserva alguma.

No mesmo ano de 1895, a Câmara Municipal de Vassouras inaugurou o Asilo Furquim em 28 de julho, quando cedeu o uso somente do Palacete para a Congregação de Nossa Senhora do Amparo, cuja direção estava a cargo do Revmo. Cônego Amador Bueno (Jornal O Vassourense, 1895). Para a direção do Asilo, a Congregação de Nossa Senhora do Amparo foi representada pelas Irmãs Carolina da Imaculada Conceição – sua primeira Diretora –, Rosa de Santo Agostinho, Leonor de São João Batista e Amélia do Coração de Jesus.

À feérica⁵ inauguração do ASILO não faltaram o BISPO DE PETRÓPOLIS; a Banda da Música “26 de Julho”; profuso lanche oferecido, em Barão de Vassouras, pelo COMENDADOR BERNARDINO DE MATTOS; a fidalguia do BARÃO DO AMPARO; solene “Te-Deum”; missa no Asilo; e sua benção. E o presidente do Estado, DR. JOAQUIM MAURÍCIO DE ABREU, aqui veio especialmente para assistir à inauguração do Asilo! (Correio de Vassouras, 1980)

Ao longo de quase nove anos, o Asylo Furquim funcionou sob a direção dessa Congregação, que provia às alunas instrução em leitura, escrita, gramática, aritmética, história pátria, história sagrada, doutrina cristã, geografia e geometria (Rocha, 2005). “O Asylo Furquim, desde então foi recebendo meninas e tem augmentado tanto o numero que já excedeu a lotação” (Bueno, 1896). Vale registrar que em setembro de 1896, as Irmãs da Congregação instalaram a devoção dos Santos Anjos no Asylo, com uma devota solenidade presidida pelo cônego Amador Bueno, a qual contou com a participação de várias alunas (Jornal do Commercio, 30 out 1896). No entanto, em janeiro de 1904, por falta de membros que pudessem se ocupar dessa obra, a Congregação de Nossa Senhora do Amparo fechou o Asylo e retirou-se do Palacete, devolvendo-o a Câmara Municipal de Vassouras (Vassouras, 1933; Correio de Vassouras, 1980).

Após a partida das Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Amparo, a assistência social da cidade ficou reduzida a praticamente nada e, no que tange ao ensino, apenas ao Grupo Tiago Costa e a poucas escolas particulares. Então, uma sobrinha de Caetano Furquim, Lúcia Lamarfer, empenhou-se para que o sonho de seu tio se tornasse realidade e, de posse de uma autorização do Presidente da Câmara, Henrique Borges Monteiro, dirigiu-se à Madre Superiora da Congregação das Religiosas dos Santos Anjos, do Rio de Janeiro, Mère Marie Saint-Bernard André, solicitando a instalação, em Vassouras, de um estabelecimento da Congregação dos Santos Anjos. O objetivo era dar seguimento católico à obra de ensino interrompida com o fechamento do Asylo Furquim. (Colégio dos Santos Anjos, 1992a; Correio de Vassouras, 1980)

Em 1905, após ter sido acolhida a solicitação, uma consulta foi formulada ao Governo Geral da Congregação das Religiosas dos Santos Anjos em Mâcon, na França. Então, entre os dias 18 a 21 de dezembro de 1905, as Irmãs Mère Marie Saint-Bernard André e Mère Stanislas Köhlmann estiveram na

5 Feérica é um adjetivo compreendido como deslumbrante, maravilhoso, fantástico.

cidade de Vassouras a convite da Câmara Municipal, para examinar o Palacete Furquim e se certificar quanto às condições da Congregação se encarregar da direção do Asylo Furquim. Entretanto, as madres não quiseram nada decidir antes de comunicarem sua apreciação à Madre Geral, ficando o assunto em estado de projeto até que os Superiores da Congregação se manifestassem. Finalmente, a Congregação aceitou a proposta da Câmara e resolveu realizar a fundação da instituição. (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992b; 1905)

Entre os dias 08 e 10 de março de 1906, Mère Marie Saint-Bernard André e Mère Stanislas Köhlmann visitaram o Bispo de Petrópolis-RJ, a cuja Diocese a Paróquia de Vassouras pertencia, com o objetivo de lhe pedir autorização para o estabelecimento de uma casa da Congregação na cidade de Vassouras. Este acolheu o projeto e prometeu enviar as licenças necessárias para o serviço religioso de uma capela a ser instalada, logo que a casa fosse aberta, e que recomendaria as Irmãs da Congregação dos Santos Anjos ao Vigário da Paróquia. (Colégio dos Santos Anjos, 1906)

Em 12 de março do mesmo ano, Mère Marie Saint-Bernard André acompanhada por outras Irmãs, viajou uma segunda vez para Vassouras, onde permaneceu durante quatro dias tratando das condições da reabertura definitiva do Asilo Furquim e dando início às reformas necessárias do local (Colégio dos Santos Anjos, 1906).

E não ficaram apenas nestas reformas emergenciais para instalação do Asilo. Ao longo dos anos, o prédio passou por manutenções profundas, ampliações e anexação de terrenos vizinhos, visando suprir o que faltava para as alunas. Por exemplo, em 1933, foram construídas cabines para as lições de piano, lavanderia com maquinário adequado, sala para uma Escola Doméstica, bem como dormitórios e refeitórios mais amplos para acolher o maior número de alunas possível. E foram também construídos um amplo educandário e uma igreja, anexos ao prédio original. Já em 1947, devido aos muitos pedidos para internação, a direção projetou “a construção de um salão dormitório e instalações sanitárias”, além de um refeitório, tendo em vista a “necessidade urgente pois que funciona em pavimento térreo e pouco confortável” (Asilo Furquim, 1947). Dez anos depois, em 1957, empreenderam-se novas obras de reforma do prédio antigo, que já estava bem avariado pelos estragos causados pela passagem do tempo e pela ação dos cupins (Asilo Furquim, 1958).

A criação do curso Normal, em 1964, trouxe novas necessidades e para atendê-las foram construídas mais três salas de aulas e um auditório, onde “as alunas têm ocasião de realizar suas festas, sua[s] reuniões de grêmio, suas

aulas de canto e de socialização e também nêles assistem filmes, instrutivos e recreativos” (Relatório, 1966).

A ampliação do terreno original ocorreu em 20 de abril 1968, quando a Sociedade Civil Pequenas Irmãs da Divina Providência vendeu para a Congregação das Religiosas dos Santos Anjos, uma área de terra situada na zona urbana da cidade, conforme escritura lavrada no Cartório do 2º Ofício da Comarca de Vassouras (Vassouras, 1975). O terreno, adjacente ao Instituto, recebeu obras destinadas ao recreio dos alunos e à prática de esportes. Entretanto, o serviço de terraplanagem no terreno adjacente ao do Instituto só teve início em 1976, para a construção da futura praça de esportes (Colégio dos Santos Anjos, 1978).

Para obter mais espaço, a parte do casarão em que funcionavam as aulas foi reformada, tendo sido feita também a pintura da parte externa prédio. Além disso, “a construção continuava a fim de poder atender a um maior número de pedido de matrícula” (Asilo Furquim, 1963). Poucos anos depois, em 1972, as salas de aula receberam melhorias, inclusive como a compra de carteiras de fórmica. Já o salão nobre de visitas passou por uma grande reforma e foi adquirido um piano de cauda. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

Longo depois, para adequar-se aos novos tempos, a pintura nas salas de aula foi renovada, promovendo-se também a reforma dos sanitários e compra de carteiras de fórmica para as salas de aula do Jardim de Infância e Curso de Alfabetização (Colégio dos Santos Anjos, 1978). Em 1996, em que se comemoravam os 90 anos de fundação do Colégio em Vassouras, o Palacete novamente passou por grandes reformas “devido a um intenso e silencioso trabalho dos cupins que, praticamente, quase o fizeram cair no chão”. (Colégio dos Santos Anjos, 1996a)

Acompanhando a evolução dos processos educacionais, o ano 2000 encontrou o Palacete inteiramente restaurado, dispondo de *amplas salas e modernas instalações, tais como: laboratório de informática, para uso desde o período infantil; laboratório de ciências físicas e biológicas; salas de vídeo; amplo parque infantil; quadra de esportes; bibliotecas para os diversos segmentos; acolhedora capela*. (Colégio dos Santos Anjos, 2000). Além desses espaços, o Colégio também contava com a Sala de Psicomotricidade que foi montada como uma sala de exercícios para a coordenação motora das crianças, equipada com brinquedos de espuma de alta densidade, espaço de audiovisual com almofadas e mobiliário próprios e espaço de coordenação. Também foi terminada a reforma de todos os banheiros e da sala do maternal, juntamente com as novas dependências da pré-escola, que passou a contar com um fraldário. (Jornal Tribuna do Interior, 2000a). No mesmo ano, o Colégio “inaugurou a primeira piscina térmica da cidade”,

juntamente com os banheiros feminino e masculino, oferecendo aos alunos do colégio a oportunidade de praticarem natação e às mães, de praticarem hidroginástica. (Jornal Tribuna do Interior, 2000d, p. 4)

Em 2003, o Colégio contava com: *auditório, biblioteca infantil, biblioteca central, capela, cantina, refeitório; laboratórios de: informática, com modernas bancadas de ciências, física, química e biologia; piscina aquecida com energia solar (que atende desde crianças do Infantil até pessoas de 3ª Idade); parques infantis, sala de aula com TV e vídeo, salão de jogos, sala de Psicomotricidade, salão de eventos, Ginásio Poliesportivo, sala de Brink Art, Oficina de Artes, salas multimídia.* (Colégio dos Santos Anjos, 2003a). O Colégio também estava oferecendo as atividades extraclasse: *capoeira, futsal, dança e fanfarra.*

Quanto ao uso legal do prédio, a situação foi validada por um contrato de cessão do Palacete para manutenção do Asilo de menores órfãos desamparadas. Este contrato foi firmado a 15 de abril de 1907, entre a Câmara Municipal de Vassouras e a Congregação das Religiosas dos Santos Anjos (Vassouras, 1933), quase um ano após o início das atividades do Asylo Furquim. Para além da cessão do prédio, a Câmara ficava responsável por fornecer uma subvenção mensal, e ainda autorizou que a Congregação criasse, mantivesse e explorasse comercialmente um instituto de educação, no mesmo Palacete, para meninas, nos regimes de internato e externato, com valores módicos (Vassouras, 1933).

A situação de cessão condicional do Palacete resolveu-se em 1966 quando, em 29 de junho, o Prefeito Municipal de Vassouras, José Carlos Vaz de Miranda, em cumprimento da Deliberação da Câmara Municipal de Vassouras nº 615, de 22 de março de 1966, promulgou a doação definitiva “à Congregação das Religiosas dos Santos Anjos o imóvel situado à rua Doutor Joaquim Teixeira Leite nº 41 (antiga Caetano Furquim nº 6), nesta cidade, onde funciona o Instituto dos Santos Anjos” (Vassouras, 1966).

Em profundo reconhecimento pela doação recebida, Madre Maria Blandina Baronto, ex-aluna e então Superiora Geral da Congregação, publica uma carta no Jornal Gazeta de Vassouras na edição de 03 de julho do mesmo ano (Colégio dos Santos Anjos, 1992b; Jornal Gazeta de Vassouras, 1966).

O gesto da nobre Câmara Municipal e o de V. Excia são motivo de nossa profunda gratidão, pois representam o apreço que as Autoridades locais sempre manifestaram para com a Congregação dos Santos Anjos que, há 60 anos, se dedica à infância e juventude dessa Cidade e Município a quem nós professamos apreço e admiração bem merecidos por quanto as nobres Autoridades locais têm desenvolvido pelos

melhoramentos e progresso nessa Cidade que, por tantos títulos, se destaca entre suas Irmãs no Estado do Rio de Janeiro. (Jornal Gazeta de Vassouras, 1966)

Anteriormente, em 03 de outubro de 1959, a Câmara Municipal de Vassouras, através de Projeto de Deliberação assinado pelo Vereador Renato Martins Coelho, reconheceu como de utilidade pública o Asilo Furquim, identificado no documento como um estabelecimento de ensino sediado à rua Dr. Joaquim Teixeira Leite, “considerando os inúmeros benefícios que tem prestado ao nosso município [...]” (Vassouras, 1959b).

Para se adequar juridicamente, o Asilo registrou seus Estatutos no dia 22 de abril de 1950, no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Vassouras. Além de informações sobre a manutenção ininterrupta das atividades desde 02 de julho de 1906, o documento confirma a permanência no mesmo endereço como também sua finalidade e resultados obtidos

é de assistência social e se destina à educação e instrução de crianças pobres do sexo feminino. As Religiosas dos Santos Anjos ministram à juventude feminina uma educação religiosa, intelectual e cívica. Para chegar a um resultado prático, as Religiosas procuram inculcar, em suas alunas, a observância de princípios de ordem, de economia e de gosto pelo trabalho (Estatutos do Asilo Furquim, 1950).

Esclarecia ainda que recebiam gratuitamente crianças de 06 a 12 anos, para fazerem o curso de instrução primária de acordo com o programa oficial do Estado, e que sem a ajuda governamental seria impossível a continuidade dos trabalhos, mesmo assim o déficit orçamentário e a assistência médica para as internas ficavam a cargo da Congregação dos Santos Anjos.

Mesmo sem encargo de aluguel, as religiosas não poderiam manter 40 crianças inteiramente gratuitas, dando-lhes casa, alimentação, vestuário, calçado, etc., si não tivesse a graça de merecer, todos os anos, a subvenção dos beneméritos Governos Federal e Estadual. (Estatutos do Asilo Furquim, 1950)

Em 1957, o Asilo passou a se chamar Instituto, registrando um novo Estatuto no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Vassouras, no dia 12 de

novembro, sendo também publicado no Diário Oficial do dia 20 do mesmo mês. (Estatutos do Instituto dos Santos Anjos, 1957)

A aprovação da mudança de denominação do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras para Colégio dos Santos Anjos de Vassouras ocorreu durante uma Assembleia Geral Extraordinária, das associadas da Sociedade Franco Brasileira e suas instituições, em 16 de abril de 1977. Este nome permanece até o presente.

Ao longo dos anos, curiosamente, a denominação Asylo/Asilo Furquim foi deixando de ser utilizada, sendo aos poucos, formalmente substituída pela denominação Instituto dos Santos Anjos e, posteriormente, Colégio dos Santos Anjos.

Na obra “Fastos Vassourenses” (Pinto, 1935, p. 59) encontramos o seguinte poema alusivo ao prédio:

“O Palacete Caetano Furquim”⁶

1. O turismo de Vassouras
Gira em torno de casarões
Que, outrora, pertenceram
A renomados barões.

2. Eles ficam em destaque
Na Praça do Campo Belo
Outro há, porém, discreto
Desligado desse elo.

3. No Patrimônio Nacional
Não consta relacionado
O Palacete Furquim
Que à Câmara foi doado.

4. Entretanto, seu destino
Pelo doador foi traçado:
Será de um Colégio
À educação dedicado.

5. À manutenção da Obra
Vicissitudes não faltaram:

6 Sem identificação de autoria.

Religiosas – Irmãs do Amparo
Tão pouco, aí, ficaram.

6. E, “caindo aos pedaços”⁷
O Palacete Furquim
Clamava por alguém
Que assumisse a Obra, enfim.

7. Assim, seria honrado
O nome do mineiro
Que, “vassourense de coração”,
Provou-o, em gesto verdadeiro.

8. Convidado, o “Santos Anjos”,
Por sobrinha de Furquim,
A educar, no Palacete,
A Deus disse o seu SIM.

Vassouras recebe os Santos Anjos: ações assistenciais e educativas ao longo do século XX

No dia 02 de julho 1906, dia da Festa da Visitação da Santíssima Virgem, chegaram a Vassouras, as religiosas fundadoras do novo estabelecimento: Mère Marie Saint-Bernard André e Mère Marie Laurence Prost, esta que seria a Superiora da nova casa, juntamente com as Irmãs: Maria Paulina de Salles, Maria Justina Kuchenma, que se ocuparia da cozinha, e Maria Agostinha de Azevedo. Vieram acompanhadas de duas moças auxiliares; uma delas, Herondina Barontto, matriculada entre as primeiras alunas do ano da Fundação que, posteriormente, tornou-se religiosa e foi a primeira Superiora Geral no Brasil, tendo recebido o nome de Madre Maria Blandina. A Ir. Maria Agostinha, anos depois, tornou-se Diretora do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras, tendo sido muito querida na cidade. (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992a; Colégio dos Santos Anjos, 1906)

A recebê-las, e recebê-las festivamente – assinalam os registros da história de nossa terra – encontravam-se o Presidente da Câmara

7 PINTO, J. Fastos vassourenses. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935. p. 59.

Municipal, o grande vulto da política vassourense DR. HENRIQUE BORGES MONTEIRO, os demais membros do Legislativo Municipal, uma comissão de senhoras de nossa melhor sociedade de então e o povo em geral. (Correio de Vassouras, 1980)

“Nos dias que se seguiram, dando corpo à ideia e materializando o propósito”, instalou-se a instituição, abrindo-se as inscrições. (Correio de Vassouras, 1980) Tendo, então, assumido a obra de educação e instrução das crianças e jovens em Vassouras, a Congregação nomeou a primeira superiora da casa, a própria Mère Maria Saint-Bernard, que permaneceu apenas um mês na cidade e foi substituída por Mère Marie Laurence⁸, (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992a)

A inauguração do estabelecimento, sob a nova direção, se deu a 16 de julho de 1906, dia de Nossa Senhora do Carmo, às 09 horas da manhã, sendo convidado o Monsenhor Agostinho Francisco Benassi, vigário de Engenho Velho, no Rio de Janeiro, para a celebração eucarística e para efetuar a bênção do prédio, juntamente com o vigário da Paróquia, Padre Ambrósio Coutinho (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992b; Correio de Vassouras, 1980).

Criado com o objetivo precípuo de atender meninas órfãs desvalidas cuja aceitação passava pela aprovação do Presidente da Câmara, o Asilo foi, pouco a pouco, assumindo novas funções, dentro do contrato assinado com a Câmara, que permitia a aceitação de meninas pagantes, desde que com preços reduzidos, em regime de internato e externato, conforme estava nos Estatutos do Instituto, nova denominação do Asilo.

[...] o Instituto dos Santos Anjos é de Assistência Social e foi criado para ministrar o ensino às órfãs do Asilo Furquim, e meninas da localidade, mediante pequeno auxílio, que se destina a assistir as órfãs do Asilo. [...] eram] gratuitamente recebidas as crianças do Asilo e as reconhecidamente pobres, de 6 anos de idade em diante (Estatutos do Instituto dos Santos Anjos, 1957).

Desta forma, as atividades mais contempladas pelas Irmãs eram de caráter assistencialista, como se pode ler em uma declaração de 1939, feita pelo Prefeito de Vassouras

8 A lista completa das diretoras encontra-se em anexo, ao final do artigo.

recolhendo crianças pobres, fornecendo-lhes alimentação, roupa, ensino, calçado, medicamentos, dentista e médico; que o Azilo acolhe presentemente trinta e duas crianças do sexo feminino, sete das quais entregues pela Prefeitura; que o Azilo vem recebendo no corrente Exercício de 1939, a contribuição mensal de 200\$000 (duzentos mil réis). (Prefeitura Municipal de Vassouras, 1939)

Excepcionalmente, na década 1920-1930, as Irmãs dos Santos Anjos tiveram que ampliar suas atividades, até então apenas educacionais, quando ocorreu um surto de tuberculose no Brasil. A cidade de Vassouras, por ter um clima favorável ao tratamento, foi procurada por inúmeras pessoas que estavam sofrendo com a enfermidade. Nesse momento, as Irmãs com características de missionárias, além de educadoras e evangelizadoras, passaram a fazer visitas domiciliares, levando esperança às famílias, conforme testemunho dado pelo médico Dr. Amaro Fabiano Guimarães. (Colégio dos Santos Anjos, 2006b)

De forma gradual, o número de meninas foi se ampliando, como se pode acompanhar abaixo:

Tabela com número de alunas entre 1940 e 1964 (números obtidos nas fontes)

Ano	Internas	Externas	Fontes
1940	32		Asilo Furquim, 1940
1947	34	53 (pagantes/gratuitas)	Asilo Furquim, 1947
1948	34	?	Relatório, 1949
1951	40		Asilo Furquim, 1952
1952	50		Asilo Furquim, 1953
1956	50	20	Asilo Furquim, 1956
1957	50	24	Asilo Furquim, 1958
1958	54	25	Asilo Furquim, 1959a
1959	54	25 (+37 pagantes)	Asilo Furquim, 1959b
1961	50	30 (+37 pagantes)	Asilo Furquim, 1962
1964	60	25 (outras pagantes)	Atestado, 1964

Novos cursos, novos desafios

Até 1961, as atividades de ensino do Instituto Santos Anjos se concentravam na educação primária, atendendo meninas da alfabetização até a 5ª série. Neste ano, passa a funcionar mais um grau educacional: o Ginásio dos Santos Anjos.

Com a criação do Ginásio dos Santos Anjos junto ao Asilo Furquim, as meninas ao concluírem a 4ª série primária, ingressam no curso de Admissão em vez de fazerem a 5ª série primária e quando reprovadas, renovam a matrícula e concluem o Curso primário (Asilo Furquim, 1962).

Vale destacar, que na mesma época, a Congregação estava pleiteando a abertura em várias outras unidades mantidas uma Escola Doméstica e Industrial. Já estavam funcionando em São Paulo, Juiz de Fora e Varginha. Estas atividades de ensino visavam o incremento e aperfeiçoamento do ensino industrial dos Santos Anjos e contava com o apoio financeiro do Ministério da Educação e Cultura, conforme consta nos relatórios do Tribunal de Contas da União (TCU, 1960). Assim, a novidade chega a Vassouras, em 1962, conforme se lê no Relatório Anual do Asilo Furquim:

Nêsse ano a presidente da Sociedade Franco Brasileira, achou por bem fundar anexa ao Asilo Furquim, uma ESCOLA DOMÉSTICA INDUSTRIAL, afim de dar às moças da cidade uma formação mais completa para dêsse modo tornarem seus lares mais felizes (Asilo Furquim, 1963).

No ano seguinte, outra novidade: o início do Curso Normal para formação de professoras para a cidade e região.

A Diretoria do Asilo Furquim, resolveu estender o nível cultural de suas alunas iniciando nêsse ano o Curso Normal, a fim de dar-lhes uma formação mais completa. Foi construído um Auditório e mais uma sala de aula, onde vai funcionar a 1ª série do Curso Normal (Asilo Furquim, 1964).

A década de 1970 trouxe muitas mudanças para a educação em instituições religiosas, entre elas a adoção de salas mistas. O Colégio dos Santos Anjos foi dando passos para essa mudança no ensino primário e em 1980, por solicitação de pais, começa a funcionar uma 5ª série mista, para acolher os alunos que concluíram a 4ª série no próprio Colégio. Essa abertura não foi estendida para novos alunos. (Colégio dos Santos Anjos, 1980)

E, em 1983, o Colégio passou a oferecer o curso Científico e, em 1986, o Pré-Vestibular. Agregada ao Colégio, a Escola Doméstica Betânia Angélica ministrava conteúdos de Corte e Costura, Bordados, Tricô e Crochê. (Colégio dos Santos Anjos, 1986a; Colégio dos Santos Anjos, 1986b)

O Curso Normal foi descontinuado em 1988 devido à baixa demanda. Neste ano, o Colégio formou sua última turma de normalistas, após contribuir por 26 anos com a formação de professoras para as séries iniciais da educação infantil.

Atividades religiosas, esportivas e culturais

Muito ligadas às atividades desenvolvidas pelas alunas e mestras, anualmente abria-se uma exposição de trabalhos manuais, tais como “desenho, bordados, modelagens, pinturas, flores, confecção de vestidos, etc., tendo o Asilo sido honrado com elogiosas referências por parte do grande número de visitantes” (Asilo Furquim, 1940).

Conforme a norma daquele tempo, o encerramento do período letivo era marcado por exames gerais dos conhecimentos adquiridos durante o ano, perante uma banca formada por professores da Instituição, de colégios públicos da cidade, sempre com a assistência do diretor de Instrução Municipal. A aprovação era festejada por todos.

Já o ano de 1956 ficou na memória, pois marcou o cinquentenário do agora Instituto Santos Anjos de Vassouras. As festividades ocorreram no dia 15 de julho e contou com a presença de ex-alunos e diversas congregações religiosas do Estado do Rio, sendo assim noticiadas na Gazeta de Notícias:

Às 7 horas, missa em ação de graças pelas pessoas que contribuíram para a construção da nova Capela; às 9 horas, Benção Solene pelo Bispo Diocesano de Vassouras, D. Rodolfo de Oliveira Pena; às 10 horas, missa solene presidida pelo Bispo Diocesano e cantada pelos Irmãos Maristas de Mendes; às 15 horas, no salão de festas, sessão solene; às 17 horas, Solene Te Deum em ação de graças pelo Capelão do Colégio Santos

Anjos de Além Paraíba e Benção do SS. Sacramento; às 20 horas, em frente ao estabelecimento, queima de fogos de artifício. De vários pontos do país irão a Vassouras ex-alunos do tradicional colégio de ensino religioso. (Jornal Gazeta de Notícias, 1956, p. 2)

O que mais se destacou durante as festividades, foi a inauguração da Capela (Asilo Furquim, 1956):

Em 15/07/1956, nas comemorações do Jubileu de Ouro dos S. Anjos em Vassouras, inaugurou-se uma espaçosa Capela substituindo a anterior, construção testemunha do dinamismo de Madre M.^a Cândida Rangel Campos em colaboração com a comunidade religiosa e local. No altar venera-se a Padroeira – Nossa Senhora dos Anjos – cuja imagem é procedente da França. (Jornal Panorama Regional, 1999)

Com o passar do tempo, o Instituto foi inserindo outras atividades culturais e esportivas na rotina das alunas. Como foi o caso da Festa das Nações, em 1965, o qual contou com a presença de um Secretário da ONU (Organização das Nações Unidas).

No mês de outubro de 1965, foi realizado em Vassouras um evento festivo que ficou popularmente conhecido como “Festa das Nações”, que, inclusive, contou com a presença de um Secretário da ONU. As alunas do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras participaram da festividade, juntamente com alunas do Instituto dos Santos Anjos de Varginha, que vieram visitar a cidade e participaram de um desfile que integrou o evento. Ao final do festejo, o Instituto recebeu, das mãos do representante da ONU, a taça que fora prometida ao Instituto que melhor se apresentasse (Colégio dos Santos Anjos, 1981).

Logo no ano seguinte, comemorou-se o 60º aniversário dos Santos Anjos, para o qual foram programadas festividades tanto religiosas quanto cívicas.

O programa de aniversário constou de diversas atividades, como: Te Deum, celebração Eucarística, Sessão Solene e Hora de Arte, com a presença de autoridades, entre as quais o Prefeito, José Carlos Vaz de Miranda, que na ocasião assinou a escritura de doação do prédio e do terreno onde está instalado o Instituto, as famílias dos alunos e um

grande número de visitantes. (Jornal Gazeta de Vassouras, 1966; Jornal Correio de Vassouras, 1966)

No final do mesmo ano, no dia 03 de dezembro, realizou-se a Colação de Grau da primeira turma de 19 alunas do Curso Normal do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras. A ata da formatura já havia sido lavrada quando, no dia 05 de fevereiro de 1967, o Correio entregou no Instituto uma correspondência do Vaticano, na qual constava uma bênção de Sua Santidade o Papa Paulo VI, com votos paternais formulados na noite de Natal, para as normalistas do ano de 1966. (Colégio dos Santos Anjos, 1966)

As atividades esportivas não ficaram de fora do Instituto, principalmente, em 1972, ano do Sesquicentenário da Independência do Brasil, em que os alunos participaram de concursos literários e do desfile estudantil de carros alegóricos, no qual apresentaram uma representação da Família Real no Brasil em 1808. Estiveram presentes também na VII OJUEVA – Olimpíada da Juventude Estudantil Vassourense e nas edições posteriores desse encontro esportivo. Neste evento, os alunos alcançaram o maior número total de pontos nos jogos e receberam medalhas e troféus comemorativos, assim como o próprio Instituto como um todo. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

As equipes vitoriosas se sucediam como foi em 1974, em que 04 alunas foram classificadas em 1º lugar e 02 em 2º lugar na competição de natação realizada na piscina do Country Club de Vassouras. Além de várias excursões de caráter cultural, neste mesmo ano, ocorreu a 1ª Feira de Ciências. Já em 1974, a aluna Tânia Ferreira foi condecorada, pelo Rotary Clube, como a melhor atleta da cidade. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

Dentro de seu caráter religioso, o Colégio frequentemente, patrocinou encontros de religiosas, como também recebeu visitas episcopais e promoveu atividades vocacionais para suas alunas. Assim, 1977 foi um ano marcado por várias destas atividades

Ainda em abril o colégio recebeu a visita do Bispo Diocesano, Dom José Costa Campos. Como em anos anteriores, os alguns encontros das religiosas da diocese foram realizados no Colégio dos Santos Anjos de Vassouras. Em agosto foi realizada a Semana Vocacional, com a presença do Pe. Abad na formação da comunidade de Irmãs, assim como o Pe. Cesar Augusto dos Santos, para a formação do conjunto das alunas. E mais uma vez, contou-se com a presença do visitador apostólico, Dom Inácio Accioly. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

O ano de 1981 ficou marcado pelas comemorações dos 150 anos da Congregação dos Santos Anjos e pelos 75 anos do Colégio dos Santos Anjos de Vassouras, sempre a serviço da educação. Demonstrando estar em franco crescimento, o Colégio já contava com 730 alunos matriculados. As comemorações do Jubileu se iniciaram no dia 02 de julho com o hasteamento do Pavilhão Nacional, seguido por cerimônias religiosas de ações de graças e encontros sociais de ex-alunos. (Colégio dos Santos Anjos, 1981)

A Missa de encerramento desse ano foi celebrada pelo Bispo Diocesano, D. Amaury Castanho, quando também se celebraram as Bodas de Prata da diretora, Ir. Maria de Nazareth. O ano jubilar ficou igualmente marcado pelas obras de restauração do antigo Palacete Caetano Furquim e pela reforma e pintura externa dos prédios anexos (Colégio dos Santos Anjos, 1981).

O dia do ex-aluno de 1990, comemorado em 07 de outubro, começou com uma celebração eucarística, a qual contou com a presença de cerca de 90 participantes, principalmente ex-alunas de várias gerações que passaram pelo Colégio, inclusive de outras cidades, como Rio de Janeiro, Volta Redonda e Barra do Piraí, geralmente internas. Estiveram presentes também as Irmãs Dorothea Falchetto e Maria Andréa de Oliveira (Colégio de Juiz de Fora); Irmã Maria Aparecida de Souza (Colégio de Varginha); Irmã Júlia de Souza e irmã Maria Aparecida Abrantes Barros (Colégio do Rio de Janeiro) (Colégio dos Santos Anjos, 1990a).

Em 1993, comemoraram-se os 100 anos da vinda das Irmãs dos Santos Anjos para o Brasil, procedentes da França, e o Colégio dos Santos Anjos de Vassouras participou de todas as atividades programadas. A equipe de vôlei masculino ganhou o troféu que traz o nome da fundadora da casa de Vassouras, Mère Saint-Bernard André. E a Gincana da Solidariedade mobilizou toda a cidade, tendo as doações excedido às expectativas, sendo destinadas ao Asilo de Velhos Barão do Amparo, à Creche do Grecco, à Casa Pestalozzi, à ASEPAVA – Ação Social e Paroquial de Vassouras, ao Orfanato, aos pobres em geral, bem como ao Hospital Santa Maria, da cidade de Mendes (Colégio dos Santos Anjos, 1993).

As festividades no ano comemorativo do Centenário de fundação do Colégio dos Santos Anjos, em Vassouras, tiveram início no dia 9 de julho de 2006, com a missa “celebrada solenemente pelo nosso pároco, Padre José Antônio da Silva, no Ginásio Poliesportivo do Colégio, reunindo a grande Família dos Santos Anjos: Congregação, Escola, Paróquia e outros segmentos da Comunidade”. (Colégio dos Santos Anjos, 2006a)

No decorrer do ano, outros eventos se desenrolaram como: Passeio Ciclístico do Centenário, no Dia dos Pais, percorrendo as ruas centrais da cidade. Em 25 de agosto, no Plenário da Câmara Municipal, ocorreu uma Sessão Solene Comemorativa ao Centenário de Fundação do Colégio dos Santos Anjos em Vassouras, promovida pelos vereadores de Vassouras. E ainda, por ocasião do aniversário de Vassouras, no dia 29 de setembro, teve como destaque o desfile dos 100 anos dos Santos Anjos.

O Colégio Santos Anjos prosseguiu em sua jornada para o futuro adotando novas práticas educacionais, novos espaços de formação integrada, uma administração moderna que une a experiência das Irmãs com as capacidades administrativas de diretoras leigas, ocupando um lugar preponderante e exemplar para a educação das crianças e jovens, em Vassouras.

Considerações Finais

O Colégio dos Santos Anjos de Vassouras é uma instituição mais que vitoriosa, não somente pelos frutos obtidos em seus alunos e ex-alunos ou pela respeitabilidade conquistada ao longo dos seus 118 anos, mas principalmente por ter conseguido sobreviver aos seus congêneres como os *Sion* ou *Sacre Coeur* espalhados pelo Brasil, que não lograram ultrapassar os anos 60/70 do século XX, devido a crises financeiras e exigências curriculares. Esses Colégios pertencentes a ordens religiosas tiveram suas atividades iniciadas na segunda metade do século XIX, inicialmente, com bastante sucesso em seus objetivos educacionais e alta demanda das famílias dos alunos.

Com o início da atuação centralizadora do Ministério da Educação no governo Vargas, os Colégios confessionais tiveram que adaptar seus currículos aos programas preconizados pelo governo central. O aumento da oferta de escolas públicas junto com o final dos internatos e recorrentes crises financeiras levaram os colégios de Irmãs a reverem suas práticas, por um lado, ou encerrarem as atividades, por outro.

Sabendo se adequar aos novos tempos e às novas práticas didático-pedagógicas, o Colégio se mantém educando as novas gerações de vassourenses, unindo conhecimentos acadêmicos, habilidades esportivas e atividades devocionais.

Neste artigo, não se buscou esgotar todos os aspectos das atividades do Colégio dos Santos Anjos, mas apenas trazer informações sobre o desenvolvimento da instituição na cidade de Vassouras. Assim, ainda existem vários

temas e perspectivas a serem explorados, tais como: o trabalho com menores órfãs, a educação feminina em Vassouras, os currículos e conteúdos desenvolvidos. Desta forma, a história do Colégio e como ele sobreviveu aos desafios da sociedade pós-moderna é tarefa a ser abraçada por muitos pesquisadores.

Sobre o Colégio, pode-se ler no Jornal Vida Diocesana, de 2013

Há 106 anos, o Colégio dos Santos Anjos em Vassouras, realiza um belíssimo trabalho na educação de crianças e jovens, e também na Paróquia com grande envolvimento nos eventos da igreja. Além do pedagógico, o Colégio Santos Anjos vive a missão de Servir e Amar, despertando em toda a comunidade educativa a importância dos valores cristãos, através da Catequese, da Pastoral Escolar, da Liga Jovem e de Projetos Sociais. Através dos projetos “Fogueira Solidária” e “Oficina dos Anjos”, muitas famílias são beneficiadas. (Jornal Vida Diocesana, 2013)

Aliando a manutenção do casarão centenário, aonde desenvolve suas atividades, com a busca de modernização pedagógica e da intensa participação na vida comunitária católica e leiga, o Colégio tem sido um exemplo de resiliência e adaptabilidade para continuar levando adiante os ideais de seus fundadores na longínqua França do século XIX.

O Colégio dos Santos Anjos é a única Instituição de Ensino na cidade que está em pleno funcionamento há quase doze décadas à serviço da evangelização e de uma educação integral com valores e princípios de modo a vivenciar o ideal da Madre Fundadora Mère Marie Saint-Michel (nome religioso de Bárbara Elisa Poux).

A missão do colégio é contribuir para um desenvolvimento integral do ser humano a fim de melhor servir à sociedade, baseado em propósitos cristãos no serviço à vida por amor ao Reino de Deus.

Os valores norteadores da proposta pedagógica da instituição são: manter amor ao próximo, responsabilidade socioambiental, ética e preservação da memória na perspectiva do carisma da Congregação das Irmãs dos Santos Anjos que é a Vocação dos Anjos, ser Presença de Deus no serviço à vida por amor.

Este capítulo não esgota a história do Colégio Santos Anjos, mas é uma porta que fica aberta para novas pesquisas e em breve estaremos lançando um livro sobre Memória da presença das irmãs na cidade e sua missão.

Referências

Fontes Primárias

Asilo Furquim. **Asilo Furquim anexo ao Instituto dos Santos Anjos**. Vassouras – Estado do Rio. Relatório relativo ao ano de 1961. Vassouras: 1962.

Asilo Furquim. **Asilo Furquim. Relatório relativo ao ano de 1958**. Vassouras: 11 de abril de 1959a.

Asilo Furquim. **Asilo Furquim. Vassouras – Estado do Rio. Relatório relativo ao ano de 1957**. Vassouras: 11 de fevereiro de 1958.

Asilo Furquim. **Asilo Furquim. Vassouras – Estado do Rio. Relatório relativo ao ano de 1963**. Vassouras: 18 de abril de 1964.

Asilo Furquim. Cidade de Vassouras – Estado do Rio. **Balanço de receita e despesa relativo ao exercício de 1948**. Vassouras: 1948.

Asilo Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras – Estado do Rio de Janeiro**. Vassouras: 1940.

Asilo Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras do Estado do Rio de Janeiro**. Vassouras: 01 de dezembro de 1947.

Asilo Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras – Estado do Rio de Janeiro**. 1951. Vassouras: 1952.

Asilo Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras – Estado do Rio de Janeiro**. 1952. Vassouras: 1953.

Asilo Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras – Estado do Rio de Janeiro**. 1955. Vassouras: 1956.

Asilo Furquim. **Relatório do Asilo Furquim. Cidade de Vassouras – Estado do Rio**. Vassouras: 1959b.

Asilo Furquim. **Relatório do Asilo Furquim. Cidade de Vassouras – Estado do Rio**. **1960**. Vassouras: 16 de fevereiro de 1961.

Asilo Furquim. **Relatório relativo ao ano de 1962**. Vassouras: 26 de março de 1963.

Atestado. Vassouras: 18 de maio de 1964.

BUENO, Conego Amador. **Estatutos do Asylo Porciúncula na cidade de Vassouras**. Introdução. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 25 de março de 1896.

CÂMARA MUNICIPAL DE VASSOURAS (RJ). **Projeto de deliberação**. 03 out. 1959. Vassouras: 1959.

Colégio dos Santos Anjos – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: maio de 2008.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **85 anos dos Santos Anjos em Vassouras**. Vassouras: 1991.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Apresentação da Fanfarra do Colégio dos Santos Anjos na Cidade de Paty do Alferes/RJ**. Vassouras: 27 de agosto de 2003b.

Colégio dos Santos Anjos. **Breve histórico do Colégio dos Santos Anjos de Vassouras**. Vassouras: 2006b.

Colégio dos Santos Anjos. **Centenário do Colégio dos Santos Anjos**. Vassouras / RJ. Vassouras: 2006a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Colação de Grau da primeira turma de alunas do Colégio dos Santos Anjos**. Vassouras: 1966.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Colégio de Vassouras**. Vassouras: 08 de março de 1992a.

Colégio dos Santos Anjos. **Colégio dos Santos Anjos** – Vassouras, RJ – 1993. Escrito feito pela Ir. Maria Agathangela Caliman. Vassouras: 13 de maio de 1993.

Colégio dos Santos Anjos. **Colégio dos Santos Anjos / Vassouras-RJ**. Uma festa de várias gerações partilhando recordações. Vassouras: 1990a.

Colégio dos Santos Anjos. **Crônicas do Colégio dos Santos Anjos do Rio/RJ. 1905**. Trechos referentes à fundação dos Santos Anjos em Vassouras. Rio de Janeiro: 1905.

Colégio dos Santos Anjos. **Crônicas do Colégio dos Santos Anjos do Rio/RJ. 1906**. Trechos referentes à fundação dos Santos Anjos em Vassouras. Rio de Janeiro: 1906.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Desfile Cívico. 7 de Setembro**. Vassouras: 02 de setembro de 2014a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. Diretoras e Superiores **dos Santos Anjos de Vassouras**. Vassouras: 2014b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Domingo na Broadway**. Vassouras: 10 de agosto de 2003a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Encontro de Ex-Alunos**. Santos Anjos – Vassouras/RJ. Vassouras: 07 de outubro de 1990b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Histórico da Casa de Vassouras**. Dados históricos da casa de Vassouras segundo informações orais, escritas de relatórios e artigos encontrados no arquivo. Vassouras: 23 de outubro de 1978.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Histórico do Colégio de Vassouras 1906-1981**. Vassouras: 1981.

Colégio dos Santos Anjos. **O Colégio dos Santos Anjos de Vassouras/RJ nos seus 80 anos**. Vassouras: 1986b.

Colégio dos Santos Anjos. **O Colégio dos Santos Anjos de Vassouras – 90 anos**. Vassouras: 09 de maio de 1996a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Release – Desfile Cívico Comemorativo. 7 de Setembro**. Vassouras: 2016.

Colégio dos Santos Anjos. **Santos Anjos – 93 anos em Vassouras/RJ. II – Ampliações e reformas a serviço da educação**. Compiladi por Ir. Maria Agathangela Caliman. Vassouras: 07 de junho de 1999.

Colégio dos Santos Anjos. **Santos Anjos completa 90 anos**. Fundado em 16 de julho de 1906. Vassouras: 1996b.

Colégio dos Santos Anjos. **Síntese histórica do Colégio dos Santos Anjos de Vassouras**. Vassouras: 06 de fevereiro de 1986a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Síntese histórica**. Vassouras: 29 de setembro de 2005.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Texto enviado para a EDUTEC para a home page do Colégio**. Vassouras: 25 de janeiro de 2000.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Turma mista na 5ª série**. Vassouras: 1980.

Colégio dos Santos Anjos. **Um pouco da história dos Santos Anjos – maratona intelectual**. Vassouras: 08 de março de 1992b.

Comissão de Propaganda e Turismo. **Ofício nº 5/54**. Vassouras: 12 de fevereiro de 1954.

Estatutos do Asilo Furquim. Vassouras: 22 de abril de 1950.

Estatutos do Instituto dos Santos Anjos. Vassouras: 12 de novembro de 1957.

Jornal Correio da Barra. **Esportes**. Barra do Piraí: 13 de agosto de 1994. p. 06.

Jornal Correio de Vassouras. **Mais um ginásio em Vassouras**. Nº 1136. Vassouras: 21 de fevereiro de 1960. p. 1; 4.

Jornal Correio de Vassouras. **Santos Anjos, segundo Iberê Gilson**. Vassouras: novembro de 1980.

Jornal Correio de Vassouras. **Santos Anjos**. Nº 1307. Vassouras: 20 de julho de 1966. p. 1.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, 11 jan. 1893.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, 30 out 1896.

Jornal Gazeta de Notícias. **Cinquentenário dos Santos Anjos de Vassouras**. Nº 100. Rio de Janeiro: 14 de julho de 1956. p. 2.

Jornal Gazeta de Vassouras. **Carta da Congregação dos Santos Anjos ao Prefeito da Cidade de Vassouras**. Nº23. Vassouras: 03 de julho de 1966.

JORNAL O Globo. Vale do Paraíba. **O primeiro é sempre o primeiro**. Colégio dos Santos Anjos – 95 anos de tradição. Rio de Janeiro: Domingo, 29 de abril de 2001. p. 39.

Jornal O Vassourense. **Editorial**. Vassouras: 28 de julho de 1895.

Jornal Panorama Regional. **Colégio Santos Anjos faz desfile de Carnaval lembrando 500 anos com banda e fantasias, enriquecendo as Festas de Vassouras**. Nº 265. Região da Serra Azul: 10 de março de 2000.

Jornal Panorama Regional. **Colégio Santos Anjos restaura Patrimônio Histórico de Vassouras**. Após obra extraordinária o Palacete Furquim retorna ao projeto original. Nº 181. Vassouras. Região da Serra Azul: 30 de julho de 1998. p. 14.

Jornal Panorama Regional. **Santos Anjos** – 93 anos em Vassouras. Nº 233. Região da Serra Azul: 29 de julho de 1999.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos homenageia seus novos universitários**. Vassouras: 23 de março de 1991.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura mais moderna quadra poliesportiva da região**. Vassouras: 30 de junho de 2001. p. 4

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura novas dependências da pré-escola**. Vassouras: 12 de fevereiro de 2000a.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura novo portão**. Vassouras: 19 de fevereiro de 2000b. p. 4.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura piscina térmica**. Vassouras: 9 de setembro de 2000d. p. 4.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos promove “Brasil 500 anos”**. Vassouras: 24 de abril de 2000c. p. 3.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos promove gincana da solidariedade**. Vassouras: 20 de março de 1993. p. 11.

JORNAL Tribuna do Interior. Tribuna Esportiva. **Colégio dos Santos Anjos é atração em torneio de futsal**. Nº 25. Vassouras: 26 de outubro de 1996.

JORNAL Tribuna do Interior. Tribuna Esportiva. **Colégio dos Santos Anjos reinaugura prédio reformado**. Vassouras: 31 de julho de 1998. p. 6.

JORNAL Tribuna do Interior. **Vassouras comemorou com muita festa o seu 133º aniversário**. Desfile marcou comemorações dos 133 anos de Vassouras. Vassouras: 13 de outubro de 1990. p. 03.

JORNAL Vida Diocesana. **Colégio dos Santos Anjos celebra 106 anos de missão em Vassouras.** Agosto a Outubro de 2012. p. 12.

JORNAL Vida Diocesana. **Colégio dos Santos Anjos em Vassouras.** Uma escola solidária e com responsabilidade. Nº 90. Outubro de 2013.

JORNAL Vida Diocesana. **Congregação dos Santos Anjos – França – 180 anos.** Colégio dos Santos Anjos – Vassouras (RJ) – 105 anos. Junho/Julho/Agosto/Setembro, 2011.

Prefeitura Municipal de Vassouras. **Atestado.** Vassouras: 29 de maio de 1939.

Relatório [de 1948] do Asilo Furquim da cidade de Vassouras – Estado do Rio. Vassouras, 1949.

Relatório relativo ao ano de 1965. [Asilo Furquim] Vassouras: 18 de abril de 1966.

Revista Nossa Terra. **Colégio Santos Anjos, 93 Anos.** Ano 1, Nº 1. Setembro de 1999.

Vassouras (RJ). Cartório do 2º Ofício. **Certidão da escritura de doação, pela Prefeitura Municipal de Vassouras, de prédio à Congregação das Religiosas dos Santos Anjos.** 29 de junho de 1966. Registro em: 01 jul. 1966.

Vassouras (RJ). Comarca de Vassouras. **Mandado de Citação.** 02 de junho de 1933.

Vassouras. Conselho Municipal de Educação. **Prêmio Educador do Ano.** Vassouras: 31 de agosto de 2011b.

Vassouras. Prefeitura Municipal de Vassouras. Secretaria Municipal de Educação. **Desfile Cívico-Comemorativo. 7 de setembro. Release.** Vassouras: 16 de agosto de 2010.

Vassouras. Prefeitura Municipal de Vassouras. Secretaria Municipal de Educação. **Desfile Cívico-Comemorativo de 7 de setembro. Release.** Vassouras: 31 de agosto de 2011a.

Vassouras. Prefeitura Municipal de Vassouras. Secretaria Municipal de Educação. **Desfile Cívico-Comemorativo. 7 de setembro. Release.** Vassouras: 21 de agosto de 2013.

Bibliografia

ALAMINO, M. **Na casa de Marta e Maria:** um estudo sobre o Colégio Notre Dame de Sion em Petrópolis. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2008.

Gilson, Iberê. **Santos Anjos de Vassouras.** Vassouras: 1980.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional. **Laudo de Vistoria.** Ofício nº 025. Vassouras: 17 de outubro 1995.

JAPIASSU, Ricardo. Concretizando sonhos. **Faculdade Damas – Caderno de Relações Internacionais**, v. 2, n. 3, 2011. Disponível em <http://www.faculdedamas.edu.br/revista/index.php/relacoesinternacionais>.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Dos conventos e recolhimentos para os colégios de freiras: as diferenças da educação feminina católica nos séculos XVIII e XIX. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 03, p. 47-69, jul-set., 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/WkN5LLFDzJKrQ8vKQVrHnj/?format=pdf&lang=pt>.

MANOEL, Ivan A. O início da educação católica feminina no Brasil (1859-1919): os colégios das “freiras francesas”. **Páginas de Educación**, Montevideo, v. 5, n. 1, p. 115-134, 2012. Disponível em <http://scielo.edu.uy/pdf/pe/v5n1/v5n1a07.pdf>.

MARTINS, Marco Aurélio Corrêa. A caridade na ausência da cidadania: escolarização católica gratuita de crianças pobres no Rio de Janeiro na transição Império-República. **Inter-Ação**, Goiania, v. 44, n. 2, p. 341-57, maio/ago. 2019. Disponível em <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/56705>.

Nascimento, Selma. **Perfil do Educador dos Santos Anjos**. Vassouras: Colégio dos Santos Anjos, 1999.

NICOLAU, Giselle Pereira. Educação feminina e fé. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 68, p. 335-349, jul./dez.2021.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. As congregações docentes femininas. In **História da educação no século XVII**. Campinas: Kíron, 2018. p. 145-160.

PINTO, J. **Fastos vassourenses**. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935.

Rocha, Fátima Niemeyer da. Do Asylo Furquim ao Colégio Santos Anjos – 1ª parte. **Jornal Cadin**. Ago. 2005.

ROSADO-NUNES, Maria José F. Freiras no Brasil. IN: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Ata nº 137 – Sessão Ordinária, em 8 de novembro de 1960. Disponível em <https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/documento/ata-sessao/%2522ESCOLA%2520DOM%25C3%2589STICA%2520INDUSTRIAL%2522/%2520/DTRELEVANCIA%2520desc/1>.

Anexo

LISTA DAS DIRETORAS DO ASILO/INSTITUTO/ COLÉGIO DOS SANTOS ANJOS, EM VASSOURAS

Período	Nome da Diretora	Fonte
1906	Mère Marie Laurence Prost	
1917	Mère Marie Emilie Ramet	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1931	Madre Maria Santa Rita Bastos	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1933	Mère Marie Gertrudes	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1934	Mère Marie Benigna Souza Mello	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1940	Irmãs Maria Eustella	Asilo Furquim, 1940
1946	Mère Marie Candida Rangel Campos	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1954-59	Mère Marie Thérèse Bourgin	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1960	Irmã Maria Adelaide Rezende	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1962-64	Mère Maria Gabriella Brügger	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1965-1973	Irmã Maria de Lourdes Negreiros Gondin	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1974	Irmã Maria Candida de Paula Borges	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1974	Irmã Maria Ligia (interinamente)	Colégio dos Santos Anjos, 1978
1975	Irmã Maria Emília Ribeiro da Silva	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1976-77	Irmã Maria Odete Morandini	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1978-85	Ir. Maria de Nazareth Magalhães Guedes	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1986-87	Irmã Lourdes Falqueto	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1988	Irmã Maria Aloysia da Cruz	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1988	Irmã Maria da Conceição Pinto Ferreira	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1992	Irmã Lucy Maria Sperandio	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1993	Irmã Maria do Céu Delpupo	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1996-2002	Irmã Maria de Nazareth Magalhães Guedes	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2003-04	Prof. ^a Rosana Freire Gomes Penedo	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2006-10	Irmã Maria do Céu Delpupo	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2010-13	Prof. ^a Rita de Cássia de Freitas Carneiro Dias	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2013	Prof. ^a Daniele de Souza Pereira Oliveira.	Vassouras, 2013
2016	Prof. ^a Daniele de Souza Pereira Oliveira.	Colégio dos Santos Anjos, 2016
2024	Prof. ^a Rosane de Barros Alves Gilson	Até os dias atuais

XV. O NOME DE DOM ANDRÉ ARCOVERDE NO NOME DA FUNDAÇÃO DOM ANDRÉ ARCOVERDE: CATOLICISMO, EDUCAÇÃO E POLÍTICA EM VALENÇA (1908-1968)

Alfredo Bronzato da Costa Cruz
Rabib Floriano Antonio

Introdução

O fato do Centro Universitário de Valença, a UNIFAA, instituição de ensino superior mantida pela Fundação Educacional Dom André Arcoverde, a FAA, trazer o nome de um bispo dentro de seu nome causou e ainda causa com frequência certas interpretações equivocadas, que atribuem um grande protagonismo deste personagem, mesmo da Igreja Católica em geral, em seu estabelecimento e funcionamento. Uma sondagem mais cuidadosa pela memória e pela história desta instituição, de Valença e da Igreja Católica em Valença, contudo, apresenta um cenário um pouco mais complexo, de relações bem mais sutis e fraternas, de parceria e respeito mútuo que não significa cooptação, que atravessa e reúne as temporalidades de contextos bastante distintos entre si e evidencia menos a atuação do clero em Valença, enquanto protagonistas de um processo do que, de um lado, a extraordinária generosidade e abertura de espírito de alguns de seus representantes e, do outro, o papel que tiveram na formação de importantes personagens da vida política e intelectual valenciana no século XX. Neste sentido, pensamos que a pesquisa realizada não só esclarece fatos algo confusos na opinião hegemônica no senso comum, mas também nos ajuda a dar passos no sentido de abandonar aquela “pretensão de dar conta de uma totalidade ou de construí-la, para acompanhar linhas de formação de um fenômeno ou de

uma dada configuração”, avançando um pouco mais no sentido de ver no desenho aparentemente ordenado das conjunturas históricas “o rendilhado das diversas trajetórias culturais que o produzem [...] muitas vidas (entre) laçadas, até algumas por um fio, até linhas que se romperam” (Albuquerque Jr., 1993, p. 93; cf. também Ginzburg, 2007).

A pesquisa que fundamenta o capítulo que se segue foi realizada através da leitura dos textos pertinentes que nele são mencionados e do registro sintético de entrevistas informais, realizadas nas instalações do Campus Sede da UNIFAA, com Gustavo Abruzzini de Barros, coordenador do Núcleo de Memória e Pesquisa Cultural desta instituição, e Miguel Augusto Pellegrini, Presidente da União Valenciana para a Preservação Ferroviária e um dos participantes da história que aqui se relata, respectivamente nos dias 11 e 23 de agosto de 2023. Sem a contribuição generosa de ambos, o que aqui se apresenta não se teria podido conhecer de forma minimamente conveniente.

Do mundo ao Vale do Paraíba

Todas as sociedades humanas conhecidas desenvolveram, através dos tempos, seus processos de educação. Tanto as civilizações orientais, quanto as ocidentais, desde as eras mais antigas, criaram métodos formais e informais de realizar processos educacionais. Isso ocorreu na Grécia, que foi um dos berços das civilizações ocidentais; e, se por um lado a cidade-estado de Esparta mergulhou em um processo de educação totalitária, em Atenas a educação era mais aberta ao desenvolvimento do indivíduo enquanto ser autônomo (Ferreira, 2010). Grandes pensadores gregos, como Sócrates e Platão, desenvolveram linhas pedagógicas que viam na educação o seu caráter universal (Rodrigo, 2017; Woodruff, 1998; LoShan, 1998; Cambi, 1999, p. 75-102; Manacorda, 2022, cap. 2).¹ Mesmo receptora do universo cultural grego, a civilização romana buscou institucionalizar o seu processo educacional para o culto ao Estado. Roma inovou com a experiência de organizar o ensino de forma sistemática. Herdando a tradição educativa grega e transformando-a, os romanos também se preocuparam com a formação humanista, equivalente à *paideia* grega, criando programas específicos para sustentar o conhecimento das próximas gerações e dar sentido social ao que

1 O mais completo estudo sobre a questão da educação e da formação de valores no mundo grego continua sendo Jaeger, 1994.

é aprendido (Marrou, 1990, pt. 3, cap. 2; Cambi, 1999, p. 103-120; Manacorda, 2022, cap. 3). Para Marco Túlio Cícero o cidadão devia antes servir à Pátria como norma da virtude. Para ele, o Estado só pode ser saudável quando a população é educada para os espaços públicos. Neste sentido,

O Estado sadio depende do fortalecimento do espírito público, e este, por sua vez, depende de cidadãos bem formados por um processo educativo fundamentado no fortalecimento do caráter moral do homem puro de espírito e forte de corpo, repleto de sentimentos de justiça e de virtude pública. É preciso formar o cidadão para que seja capacitado a governar devidamente. Isso se faz através do duplo processo de instrução literária e do desenvolvimento pessoal acrescido, de fato, da experiência prática (Giles, 1987, p. 38).

Um dos fundamentos mais importantes para a educação romana foram os estudos da gramática e retórica, dando ao estudante romano as habilidades de interpretação dos textos e livros clássicos de sua época e, de modo eminente, o desenvolvimento da habilidade de falar em público para a atuação política dentro da *urbs*. O advento do cristianismo, entretanto, não só redimensionou a experiência dos limites da cidadania, projetando o modelo antigo do ser cidadão sobre o novo desenho da *res publica christiana*, mas também mudou radicalmente os destinos da Europa; com isso os homens começaram a pensar em uma nova realidade educacional. Dentro do universo inicial do cristianismo, a educação era mais livre e geralmente oferecida em espaços não escolares, porém, com o advento da Patrística e, quase um milênio mais tarde, da Escolástica, este cenário mudou profundamente. De modo geral, a educação cristã tardo-antiga e medieval seguiu duas grandes correntes: uma delas é a educação pautada na formação humanística do indivíduo, e a outra é determinada pelo ideal do ascetismo. Pode-se dizer que essa educação humanística, filosófica e teológica, era fundamental para educar o próprio clero que gradativamente se formou no seio do cristianismo como uma categoria social distinta, dotada de uma cultura própria; o conteúdo desta formação compreendia um currículo baseado em dois campos importantes para a formação do aprendente: o *Trivium*, que se preocupava com o ensino da gramática e da dialética, e o *Quadrivium*, que se ocupava de fazer aprender aritmética, geometria, astronomia e música. Das escolas monásticas e catedrais, com a complexificação das formas de vida do fim do período medieval e início do período moderno, consolidou-se e

expandiu-se o ensino secundário e superior (Marrou, 1990, pt. 3, cap. 9-10; Cambi, 1999, p. 121-194; Manacorda, 2022, cap. 4-5; Nunes, 1978; Quinn, 1998; Santos, 2018; Nunes, 1979; Verger, 2006).

Além da educação que visava a elevação intelectual do homem, a Igreja medieval e moderna também se preocupava com a preservação do conhecimento e os espaços privilegiados de divulgação da cultura erudita e formal. De acordo com Pilleti (1986, p. 83),

o estudo nos mosteiros ocupava papel preponderante. São Bento, fundador da Ordem dos Beneditinos, determinou que cada religioso deveria ter sete horas por dia de trabalho, que poderia ser manual ou literário. Determinou também que cada religioso deveria dedicar de duas a cinco horas por dia à leitura.

Pouco tempo depois, no governo de Carlos Magno, houve um avanço no desenvolvimento das ideias educacionais, com a divisão dos espaços de estudo em diversas áreas. O ensino superior ficou sob a responsabilidade dos funcionários do próprio Império Franco, professores que eram, em sua totalidade, também padres, monges ou ambas as coisas. Apesar de ser analfabeto, o próprio Carlos Magno muito se preocupou com o processo de educação em seus territórios, especificamente naquilo que viria a ser a França. Nos séculos X e XI, da dupla herança da patrística latina e da recepção dos textos helenísticos e muçulmanos, surgiu a Escolástica, orientada pela necessidade de se explicar as realidades, tanto quanto possível, de forma racional ou pelo menos sistemática. Recuperando e relendo o pensamento de Aristóteles em chave cristã, Tomás de Aquino procurou juntar à educação de matriz eclesial a tradição racionalista greco-romana, criando uma forma de educação integral que procurava fazer com que o indivíduo se educasse tanto do ponto de vista mundano quanto espiritual (Jaeger, 1994; Alessio, 2006; Martínez, 2003; Calderón, 2016; ver também Josaphat, 2016).

Com a crise do feudalismo, iniciada por volta do século XIV, e suas transformações ao longo dos séculos XV e XVI, começou a aflorar um novo paradigma cultural na Europa, que viria a se encontrar com a expansão territorial que inicialmente experimentariam Portugal e Espanha e, poucos depois, outros países europeus. Surgiu então o período do dito *Renascimento*, que abriu caminho para um pensamento mais laico e mais preocupado com

o processo educacional dos indivíduos.² Nesse momento da história da educação, destacou-se uma maior preocupação com a educação das crianças, como se depreende nos próprios quadros e pinturas dos Renascentistas; contudo, as massas ainda continuam majoritariamente analfabetas, sem acesso à educação formal (Cambrai, 1999, p. 221-276; Manacorda, 2022, cap. 6; Nunes, 1980; Hilsdorf, 2005, p. 11-32; Boto, 2009; Theobaldo, 2010; Daneilon; Oliveira; Richter, 2012). Com o rompimento da Cristandade através da Reforma Protestante e da reação a esta, a Reforma Católica ou Contra-Reforma, novas correntes educacionais começaram a ser pensadas na Europa e novos programas pedagógicos começaram a ser implementados. Neste bojo, desenvolve-se a ideia de escola pública, acalentada inicialmente pelos protestantes, mas ainda muito diferente da forma com que a entendemos hoje, pois tinha como orientação a educação sobre o esteio religioso (Cambrai, 1999, p. 243-276; Manacorda, 2022, cap. 7; Boto, 2019, cap. 2; Jardimino, 2009; Valentin, 2010; Silva, 2018; Ayres, 2014). Neste contexto, destaca-se a reflexão e o trabalho de Jan Amos Komenský (ou Comenius), bispo protestante, da Igreja da Morávia, que é considerado o fundador da didática moderna (Cambrai, 1999, p. 277-293; Boto, 2019, p. 4; Narodowski, 2001).

No século XVIII, com o movimento da chamada *Ilustração* ou *Iluminismo*, houve uma reorientação na pedagogia, tornando-a mais realista e influenciada pelas questões práticas e pelo empirismo, característico da Revolução Científica então em curso (Cambrai, 1999, p. 323-376; Manacorda, 2022, cap. 9; Boto, 1996; Hilsdorf, 2005, p. 65-84; Santos, 2016). Dentre os pensadores da educação e da filosofia mais influentes desta época, John Locke e, posteriormente, Jean-Jacques Rousseau apresentaram novas ideias didáticas e pedagógicas para a educação das pessoas de seu próprio tempo. De acordo com sua reflexão, a educação deveria criar um ser humano integrado à natureza e defensor dos princípios de ordem social e moral, da tolerância e do respeito, valores apresentados e defendidos nos textos clássicos do Iluminismo (Yolton, 1998; Gay, 1998; Garcia, 2012; Batista, 2016; Rorty, 1998; Streck, 2008; Leal, 2007).

Mesmo com o Iluminismo e suas propostas de derrubada do absolutismo monárquico, presente na Europa ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, a educação promovida pelos governos continuou ainda excludente em relação às massas empobrecidas, não só por falta de recursos, mas principalmente

2 Sobre a noção de Renascimento, ver a discussão em Goody, 2011.

devido ao papel a ela concedido nas políticas governamentais. Por exemplo, para o Cardeal de Richelieu, primeiro-ministro e chefe do Conselho Real de Luís XIII, uma das mais relevantes personalidades políticas da Europa da primeira metade do século XVII, a instrução de todos os plebeus acarretaria a ruína do comércio, da agricultura e das forças armadas e acabaria com o sossego público, pois não haveria professores para todos e nada seria possível além do ensino superficial de letras e, neste processo, da transmissão de ideias contestatórias do *status quo*. Por isso as escolas das cidades menos importantes deveriam ser reduzidas a duas ou três classes de alfabetização, apenas para instruir futuros soldados e comerciantes e, por outra parte, também para selecionar os alunos mais talentosos, que poderiam vir a estudar nas grandes cidades, sob a direção de mestres capacitados (Richelieu, 2012, pt. 1, cap. 2, §10, p. 83-88).

Desenvolvendo-se na estreita faixa deixada pelo choque entre estas duas tendências de pensamento, a absolutista e a iluminista, a educação no século XVIII é marcada por paradoxos. Os colégios e universidades sofreram então uma decadência qualitativa e quantitativa, ao mesmo tempo em que se desenvolveram as academias, as sociedades científicas e as escolas técnicas, que difundiram novos tipos de saberes e se organizaram fora dos modelos escolásticos-medievais e do controle da parte das ordens religiosas. Desde o *Ensaio de educação nacional* (1763) de Louis-René de La Chalotais, adensou-se o clamor por uma instrução mais ampla e de finalidade civil, nutrida por saber moderno e, acima de tudo, útil para a sociedade; uma instrução oferecida a partir de uma escola que difundisse conhecimentos técnicos e valores cidadãos, ajudando a delinear novos perfis profissionais para um mundo em transformação. Diferente do que aconteceu na Prússia de Frederico II e na Áustria de Maria Teresa e José II, contudo, na França, na Inglaterra, na Itália, na Rússia, na Espanha e em Portugal e em seus domínios coloniais, este modelo de educação não chegou a tomar corpo e o quadro educativo permaneceu muito fragmentado e desarticulado, diferenciado e desorganizado, dependendo em larga medida da parceria entre os Estados e as instituições religiosas subsistentes no interior de seu território (Cambrai, 1999, pp. 330-332).

Em outro plano, em um contexto mais global, é preciso considerar que, no século XIX, a educação foi se adequando ao novo paradigma de trabalho colocado em pauta pela Revolução Industrial, que se difundiu sob o pioneirismo e a liderança inglesa. Essa mudança nutriu e era nutrida por ideias como razão, ciência, progresso e liberalismo. A metáfora básica deste novo

mundo, de forte afinidade eletiva com o evolucionismo darwinista, era a de que somente *os mais capazes* sobreviveriam, sendo, portanto, necessário tornar as pessoas capazes para algo, principalmente *algo* que atendessem às ambições de progresso e fortuna de uma minoria privilegiada. Por isso a educação surgia como possibilidade de *capacitar*, mas para os interesses de uma classe social específica (Hobsbawn, 1979, p. 22, 49-52 e 135). Neste enquadramento, gradativamente começou a se constituir a educação das massas, através, por exemplo, da pedagogia desenvolvida pelo inglês Joseph Lancaster, bem recebida e propagada pelo governo imperial brasileiro. Nesta metodologia de ensino não se esperava que os alunos fossem originais ou reflexivos, mas capazes de resolver da forma esperada os problemas que lhe eram apresentados e, antes de qualquer coisa, capazes de pensamento e ação *disciplinada*. Sua didática era voltada para o trato com grandes grupos de alunos, chegando-se, em alguns, a englobar até mil alunos em um mesmo processo educacional, e esteve diretamente relacionada à rápida multiplicação de escolas no Oitocentos em todos os países nos quais veio a se difundir (Lancaster, 1823; Cambrai, 1999, p. 407-508; Bastos; Faria Filho, 1999; Neves, 2003).

De meados do século XIX em diante, cresceu entre as camadas dominantes da sociedade cafeeira a preocupação com a educação, pois houve a percepção crescente, expressa, por exemplo, nos papéis do Congresso Agrícola de 1878, de que era necessário qualificar a mão de obra disponível, com isso agregando valor aos produtos produzidos. Apostou-se na fundação de escolas-fazenda, voltadas principalmente aos ingênuos e aos órfãos, relacionadas também às tentativas de prevenir-se contra as perturbações que, acreditava-se, a iminente abolição causaria no sistema produtivo, assim como aquelas causadas pelos problemas de assimilação das populações imigrantes. Efetivamente, a educação agrícola funcionava como um meio dos proprietários aprenderem a lidar com a mão-de-obra livre e como uma forma de dirigir essa liberdade rumo a quadros de controle e estabilidade sociopolítica e econômica. Por outro lado, diante das mudanças sociais em curso, muitos dos barões do café, assim como a ainda mais decadente aristocracia canavieira, decidiram investir na educação de seus próprios filhos como uma forma de converter seus recursos financeiros em capital simbólico, o que se realizou conforme seus herdeiros deixavam a lida nas fazendas e tornavam-se bacharéis em direito, médicos, farmacêuticos, engenheiros civis e militares, oficiais de marinha ou padres e bispos. Daí as classes oferecidas nas salas e nas varandas das fazendas aos filhos dos proprietários e

dos camponeses, primeiro pelas sinhás ou por suas filhas; daí as aulas não só de catequese oferecidas pelos religiosos e religiosas, em suas casas ou em pequenos espaços destinados apenas a isso; daí a multiplicação das escolas primárias, subvencionadas por fazendeiros e pelas Câmaras Municipais, geridas por mestres-escolas contratados para isso na capital – em melhor hipótese, no exterior – ou por eclesiásticos (Moura, 2000; Ferraz, 2014, p. 83-84).

Do Ateneu Valenciano às iniciativas de Dom André Arcoverde

No início do século XX, depois da abolição da escravidão e da crise que se lhe seguiu na região do Vale do Médio Paraíba, com a migração dos negócios mais lucrativos relacionados à cafeicultura brasileira para o Oeste Paulista, a cidade de Valença permaneceu majoritariamente rural, situada em uma espécie de economia de transição – como escreveu Tjader (2003, p. 43), “sobrevivia num estado de semi-adormecimento, mas lutava, com suas poucas forças, contra a ruína total”. Por outro lado, mesmo em se considerando o fim do Império e a proclamação e consolidação da República, permaneceu pouco alterado o quadro sociopolítico da área, com a manutenção de importante *ethos* aristocrático entre as elites locais, ainda que se tenha observado que menos forte em Valença do que no restante da região.³ A busca por

3 Cf. p. ex. o fragmento do texto “Dois aspectos do Brasil: Vassouras e Valença”, de Afrânio Peixoto, publicado no *O Jornal* em 15 de outubro de 1927 e transcrito por Lório (1953, p. 200-201): “O contraste irônico do destino das duas cidades rivais é que Vassouras, de nome rasteiro e humilde, é aristocrata, como um feudo [...] domina e tem vassalagem. Valença, cujo nome é uma invocação fidalga, essa é democrática, popular, rebelde e não prepondera, porque desconhece a dominação. No que eram parecidas é que, no momento de sua grandeza, cegas como o resto do Brasil, faziam do café a sua prosperidade, à custa do trabalho escravo. Também as democracias antigas exploraram a servidão: o parasitismo é a lei cruel da natureza. Os liberais e conservadores do Brasil não foram homens de governo e não souberam prever e prover [...] uns não podiam sequer pensar em dispensar o negro servil, outros não souberam preparar o advento do trabalho renumerado. [...] O café passou. Muitas cidades morreram; Vassouras adormeceu; São Paulo, com o imigrante, deixou o norte e foi para o noroeste; Minas trocou a mata pelo sul; Valença retrocedeu à criação e aos laticínios, e fez-se industrial, acompanhando a nova orientação econômica do país, outrora essencialmente rural e agrícola, agora cidadão e fabril, graças ao protecionismo das tarifas; ainda um avatar daquele parasitismo natural, tão de nossa índole. Outrora, o trabalho servil do negro dava a abastança civil do branco; agora os consumidores de todo o país enriquecem as fábricas de alguns núcleos povoados [...]. Vendo hoje em Valença traços do seu gosto antigo – seu belo e confortável hospital, com retratos a óleo, alguns pintados em Paris, de seus patrícios benfeitores que, à expensa própria, mantinham uma beneficência sem patrimônio, mas, nem por isso, sem continuidade –, sua nobre e respeitável edilidade, onde logo ao nos aproximarmos vimos, na biblioteca, uma coleção rica da Revista dos Dois Mundos, denunciando um Brasil amoroso da nobre cultura –, seus solares discretos, seus bonitos parques, seus cemitérios, onde, melancolicamente, florescem obras de arte e descansam memórias veneráveis – sente-se, imediatamente, que o passado morto enterrou os seus mortos, e as

novas alternativas econômicas, entretanto, ocasionou também mudanças na estrutura sociocultural tradicional, com evidente dificuldade de, apesar de toda a criatividade de seus agentes mais bem situados, manter-se sem a continuidade de sua base material. Neste momento, novos personagens reivindicaram para si lugares de destaque na vida local, trazendo consigo novas ideias e formas de viver.

Como apontaram tanto Pellegrini (2023) quanto Barros (2023), trazendo um pouco de clareza sobre um ponto a respeito do qual a historiografia ainda não se deteve de forma conveniente, nas décadas de 1900, 1910 e 1920, houve um crescimento da influência protestante em Valença. Esta informação contrasta com as estatísticas contemporâneas e a percepção hegemônica no senso comum de que se trata de uma área majoritariamente católica e ligada às religiões afro-brasileiras porque assim sempre teria sido.⁴ O dado, contudo, encontra apoio na evidência fornecida pelo relato dos historiadores locais. Os presbiterianos e os batistas haviam se instalado em Valença ainda antes do fim da década de 1910 e aparentemente ampliaram e consolidaram sua presença na cidade até os primeiros anos da década de 1920; não muito mais tarde, chegaram também os metodistas e os assembleianos, respectivamente em 1929 e 1938 (Íório, 1953, p. 353-354; Murat, 1998, p. 20-21; Tjader, 2003, p. 55). O crescimento da influência protestante na região ligava-se à atuação relevante do projetista e construtor italiano Antônio Jannuzzi, cuja empreiteira realizou grande número de obras no Rio de Janeiro, em Petrópolis e em Valença, cidade na qual se estabeleceu a partir de 1911 e logrou grande influência social e econômica. Ele era presbiteriano – tendo se convertido no Rio de Janeiro – e maçom, mas mesmo assim conseguiu ocupar o prestigioso cargo de Provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Valença, antes reservado apenas a católicos, membros da mesma Irmandade. Isso foi feito revendo e anulando os estatutos proibidores,

novas fábricas, e os trens afanosos, favores de Frontin e de Januzzi, a labuta da vida nova, leva-a a outros destinos. Vassouras espera quem a desperte, um Siegfried, homem de ação ou de indústria, de política ou de inteligência, que faça o milagre. Valença sofreu, resistiu e, mudando de rumo, recuperou..." Para uma relativização ou redimensionamento da ideia de uma estagnação aristocrática em Valença em período anterior, ver Mattos, 2012.

4 De acordo com os últimos dados oficiais disponíveis sobre a filiação religiosa dos brasileiros, extraídos do Censo de 2010, em Valença há 69,92% de católicos, 3,44% de evangélicos vinculados a Igrejas tradicionais, 8,15% de evangélicos vinculados a Igrejas pentecostais, 4,67% de evangélicos de confissão não-determinada, 6,41% de espíritas, 1,3% de membros de religiões de afro-brasileiras, 1,5% de membros de outras religiões e 4,89% de pessoas sem religião (cf. <https://tinyurl.com/4fm2j5th>, consultado em jun. 2023). Sobre as religiões afro-brasileiras em Valença, até o momento, ver por primeiro Lucinda, 2016.

transformando a associação em sociedade civil leiga, sob a denominação Associação da Casa de Caridade de Valença – uma situação mais tarde revista (Iório, 1953, p. 301-302; Ferreira, 1978, p. 65 e 67-68; Ferraz, 2014, p. 94-95).⁵

Antônio Jannuzzi possuía importantes relações com o engenheiro e político André Gustavo Paulo de Frontin, que também havia se tornado protestante, mas mais tarde retornou ao catolicismo e foi beneficiado com título nobiliárquico pela Santa Sé. Ambos trabalharam juntos, ao lado do engenheiro Francisco Pereira Passos, nas obras de reforma urbana do Rio de Janeiro, principalmente na Avenida de Central, futura Avenida Rio Branco, e arredores no período de 1904-1906. Paulo de Frontin foi diversas vezes deputado federal, senador e, em 1919, prefeito do então Distrito Federal, e não cessou em qualquer momento de sua vida pública de beneficiar Antônio Jannuzzi, disponibilizando importantes recursos orçamentários para Valença em função deste vínculo, tanto diretamente quanto através de sua intercessão junto a outras instâncias de governo. O empreendedor italiano também construiu um grande hotel, fundou uma importante fábrica de tecidos, rendas e bordados em Valença, e foi designado pela diretoria da Central do Brasil para construir um novo edifício para a estação ferroviária na cidade, efetivamente contribuindo para mudar o cenário local. Como destacou Ferraz (2014, p. 96), então, com a recuperação e incorporação da antiga estrada de ferro *União Valenciana* à rede ferroviária federal e a criação de novos trechos ferroviários entre Valença e Taboas, e de Rio Preto a Santa Rita do Jacutinga, “a cidade passou a se comunicar com toda a região, o que trouxe o aumento da população e enriquecimento do comércio com novas atividades, ressurgimento econômico que lhe dava ares tão modernos de prosperidade.” Particularmente pela interferência de Frontin e de Jannuzzi neste processo foram erguidos monumentos em suas homenagens, respectivamente em 1914 e 1915, com autorização da Câmara Municipal e recursos provenientes tanto

5 Em 1922, com a chegada à provedoria de Nicolau Leoni, o Pe. Antônio Corrêa Lima, pároco da Igreja de Nossa Senhora da Glória de Valença, manifestou insatisfação em relação a diferentes medidas tomadas pela Associação da Casa de Caridade de Valença em relação a seu patrimônio, assim como pela mudança em seu estatuto que afastava de si o caráter confessional. Em função disso, obteve a manifestação de Dom Agostinho Benassi, bispo de Niterói, que tinha então jurisdição sobre a cidade de Valença, e que não só exortou a Associação a retornar ao seu antigo caráter, como declarou nulos os atos realizados desde a sua transformação em sociedade laica e ameaçou, se preciso fosse, tomar providências judiciais para obter a administração de seus bens. Indispostos a um conflito com a Igreja nos tribunais, a maior parte dos membros da associação votou por seu retorno ao caráter de irmandade católica, anulando a mudança estatutária que a tornava aberta a praticantes de outras religiões (Ferreira, 1978, p. 71-72). Alguns dos envolvidos nesta modificação estariam, pouco depois, engajados também na criação da Diocese de Valença.

do erário público quanto da arrecadação junto aos populares (Iório, 1953, p. 139-141 e 209-210; Ferreira, 1978, ps 30-31 e 32; Ferraz, 2014, p. 92-97).

O presbiterianismo do Comendador Januzzi é um dado de relevo, que talvez ajude a entender melhor alguns aspectos de sua atuação em Valença. Como registrou Silva (2020, p. 108) em seu estudo sobre certo ângulo do impacto da missão protestante no Império do Brasil,

A missão presbiteriana visava algo mais que a evangelização de nacionais [...] havia um claro objetivo de implantação de mudanças na estrutura e sociedade nacionais a partir de uma reforma religiosa, produzindo uma completa transformação do indivíduo, incluindo não apenas seu aspecto religioso. Os missionários traziam uma visão anti-católica [...], que de certa forma dificultava a aproximação com o clero católico e que fazia com que os missionários estrangeiros se movimentassem apenas para a implantação da estrutura denominacional presbiteriana, ao invés de buscar uma reforma na religião ambiente. Quando surgiram pastores presbiterianos nacionais, oriundos do catolicismo, outra visão se implantou, criando uma forte literatura visando a essa reforma.⁶

De uma forma ou de outra, alterações desta monta evidentemente ocasionaram movimentos de reação de diferentes tipos, como via de regra tende a ocorrer.⁷ O vínculo entre empreendedorismo, industrialização, desenvolvimento econômico e protestantismo, verificado na atuação de personagens como Antônio Jannuzzi, não era apenas uma espécie de apresentação concreta da pertinência da tese weberiana a respeito da afinidade eletiva existente entre a ética protestante e o espírito do capitalismo (Weber, 2004), mas uma circunstância que foi manejada nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX não só pela própria propaganda missionária protestante, mas também por políticos liberais que se dispunham a livrar o Brasil de suas antigas estruturas sociopolíticas, culturais e religiosas para, desta forma, abrir caminho para um movimento de *regeneração nacional* (Nobrega,

6 Sobre a presença protestante no Brasil no século XIX e nos anos iniciais do século XX, ver Leonard, 2002; Mendonça, 2008; e Silva, 2020. Para um enquadramento mais amplo de seus esforços missionários na América Latina, ver Piedra, 2006-2008. Agradecemos ao Dr. Pr. Edjaelson Pedro da Silva, do Seminário Congregacional do Recife, por ter feito a maior parte das indicações bibliográficas desta nota A. Cruz em ago. 2023.

7 Para um enquadramento histórico-conceitual do conceito de reação, ver Le Goff, 2013.

2004). Esse nó significativo, contudo, foi bem percebido e atacado pela ação de outros agentes sociais, de alguma forma comprometidos com a ordem tradicional. No plano geral, o período da República Velha é um momento-chave não só para a compreensão da história do catolicismo no Brasil, mas também para a percepção das marcas que ele imprimiu na sociedade brasileira, articulando-se institucionalmente de formas originais dentro do esforço de reação e enfatizando os vínculos existentes entre suas crenças e práticas e aquilo que estava em vias de ser (re)elaborado como identidade nacional. Após a perplexidade que tomou de assalto o clero brasileiro devido à sua nova situação jurídica frente ao Estado brasileiro, quando perdeu seus privilégios decorrentes da união Estado-Igreja, mantidos por quase quatro séculos, iniciou-se o processo de organizar a rede do atendimento pastoral, assumir o controle da prática religiosa em sentido mais estrito, definir as relações com as elites sociopolíticas e as camadas populares, firmar suas bases de influência dentro do regime republicano de participação política e cuidar de conservar sua existência através da atuação no campo caritativo e educacional. Como assinalou Gomes (2008, p. 103),

a reestruturação interna do catolicismo na República Velha, que objetivava reconduzi-lo ao papel de protagonista da reorganização da sociedade, legitimador do poder com um novo projeto de hegemonia da Igreja Católica na sociedade civil, diferente daquele que naufragou juntamente com o Império, foi sendo articulada com paciência e determinação.⁸

De outro lado, indo ao encontro desta reestruturação, havia o interesse dos personagens de atuação local que perceberam neste processo uma frente auxiliar para se manterem como protagonistas políticos, econômicos e culturais de suas tradicionais zonas de influência; dessa convergência, que passou pelo reconhecimento de alguns adversários comuns, não pela simples devoção ou entusiasmo, foi que os membros da elite valenciana dispuseram-se prontamente a colaborar com a reação institucional católica contra a crescente influência protestante na cidade.

De acordo com informação fornecida por Pellegrini (2023), o Cel. Cardoso, o grande responsável material pela instalação da Diocese de

8 Ver também Serbin, 2008, p. 94-95.

Valença, não era um homem particularmente letrado, mas tinha um bom tino empresarial e era católico devoto, representante típico da religiosidade pouco esclarecida, mas autêntica, de matriz conservadora, dos produtores rurais valencianos da época. Na década de 1910, o Coronel Manuel Joaquim Cardoso, de origem portuguesa, havia adquirido diversas propriedades em Valença e redondezas, tornando-se um dos maiores produtores de café da região. Descrito como um *visionário*, empreendeu diferentes reformas nas suas fazendas e fez investimentos na infraestrutura de seu entorno; procurou diversificar a produção destas áreas, investindo na criação de gado leiteiro e criando uma fábrica de alumínio; e também atuou no ramo imobiliário (cf. p. ex. INEPAC, 2009, p. 98-99; Ferreira, 1978, p. 16 e 40). Adquiriu prestígio notável, naturalizando-se brasileiro e tornando-se prefeito de Valença em 1922-1923, 1924 e 1926 (Iório, 1953, p. 278). Em 1924, esteve envolvido no episódio do fim – ou melhor, da transformação – do Ateneu Valenciano, estreitamente ligado à criação da Diocese de Valença, da qual foi um dos maiores benfeitores em seus primeiros dias, “concorrendo, além de apólices, com a doação do prédio onde está instalado o palácio episcopal e o prédio e chácara onde funciona o Colégio Valenciano São José” (Iório, 1953, p. 351; também cf. Murat, 1998, p. 38-39).

De acordo com Iório (1953, p. 351), quando da criação da Diocese de Barra do Piraí, determinada por desmembramento de territórios da Diocese de Niterói estabelecida pelo Papa Pio XI em 4 de dezembro de 1922, isso demorou pouco mais de um semestre para realizar-se em virtude de falta de patrimônio organizado para tanto; de fato, esta circunscrição eclesial foi instalada apenas em 23 de julho de 1923, pela elevação da Igreja de Sant’Anna ao título de catedral diocesana (também cf. Baumgratz, 1991). Diante desta tardança, seu então administrador apostólico, Mons. José Maria Parreira Lara, começou a aventar junto da Santa Sé a possibilidade de transferi-la para uma cidade próxima, sob sua jurisdição, caso não fosse possível, dentro de um prazo determinado, juntar-lhe os recursos necessários para seu funcionamento. Ao mesmo tempo em que os barrenses realizavam esforços no sentido de conseguir aquilo que lhes havia sido determinado, em Valença, em pouco mais de um dia, por meio da doação de proprietários rurais – dentre os quais, destacou-se o mesmo Cel. Cardoso – e de subscrições populares, reuniu-se o dinheiro e o patrimônio devidos para que uma sede diocesana se construísse nesta cidade. Com a instalação da Diocese de Barra do Piraí, a ideia de sediar uma diocese tão próxima, em Valença, foi brevemente interrompida, mas não por muito tempo. Em 27 de março de 1925, o mesmo Papa

Pio XI determinou a criação da Diocese de Valença por desmembramento de territórios das Dioceses de Barra do Piraí e de Niterói; em 21 de agosto, o Mons. Alfredo Bastos foi designado como seu administrador apostólico e em 18 de setembro ele tomou posse na Igreja de Nossa Senhora da Glória, elevada então ao título de catedral diocesana. Iório (1953, p. 351) chamou a atenção para os diferentes “espíritos nobres e emancipados da avareza terrena” que “mostraram sua larga generosidade, quer no campo espiritual, quer no campo material” para, junto da “colaboração anônima do povo de Marquês de Valença” e da decisiva contribuição do Cel. Cardoso, obter a instalação do bispado na cidade: o comendador Nicolau Leoni, o Pe. Antônio Corrêa Lima, o Comendador José da Siqueira Silva da Fonseca, Dona Urbana de Castro Pentagna, Nicolau Pentagna, Humberto de Castro Pentagna e Savério Vito Pentagna (também cf. Ferreira, 1978, p. 40-41; Murat, 1998, p. 38-39).

Em 1º de maio de 1925, o Mons. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti foi indicado como primeiro bispo da Diocese de Valença. Em 13 de outubro, foi lida na Catedral de Nossa Senhora da Glória a carta pontifícia que dava conta de sua nomeação; em 28 de outubro ele foi ordenado bispo na Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro, em cerimônia que teve como principal oficiante Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, arcebispo-coadjutor com direito de sucessão, então auxiliar do arcebispo metropolitano do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, primeiro cardeal da América latina e tio do mesmo André Arcoverde; em 8 de dezembro, chegou a Valença e tomou posse como seu primeiro bispo diocesano (Iório, 1953, p. 352; Alcântara, 1983, p. 220; Murat, 1998, p. 38-39).⁹ Dom André Arcoverde teve importante papel na história da educação em Valença, conforme se destacará em seguida; neste ponto, contudo, é necessário retornar à questão do fim ou da transformação do Ateneu Valenciano.

Até a primeira década do século XX, não havia outra opção aos valencianos que quisessem prosseguir os estudos além do primário que a transferência para os realizar em outra cidade (Ferreira, 1978, p. 22). Em 1908, por iniciativa de Vito Pentagna e Nicolau Pentagna, instalou-se em Valença, à Rua Nilo Peçanha, em edifício comprado aos herdeiros da Baronesa de

9 Sobre o Cardeal Arcoverde, além da breve notícia em Alcântara, 1983, pp. 38-39, ver Almeida, 2004. Para o período que segue na história de Valença, pensamos que teria sido importante verificar o trabalho de Paulene Castro, a qual infelizmente não conseguimos ter acesso no tempo previsto para a preparação do presente texto, mas que referenciamos para pesquisas posteriores: Castro, P. O crescimento social e econômico de Valença a partir da criação da Diocese de Valença em 1925. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História. Valença: ISE/FAA, 2006. 14 p.

Vista Alegre, um colégio secundário, o primeiro de seu tipo na cidade. Ele foi entregue aos cuidados dos padres italianos Carlos Maria Rossini, Alexandre Garozzi e Leopoldo Gerosa, da Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, chamados de barnabitas pelo fato de sua casa-mãe localizar-se, em seu primeiro século de existência, junto à Igreja de São Barnabé em Milão. Este curso compunha-se de internato e externato e era institucionalmente ligado àquele oferecido pelos confrades dos mesmos padres-professores no Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, fundado no ano seguinte na Zona Sul do Rio de Janeiro – inicialmente no Flamengo, depois de 1911 no Catete – e ainda existente. Tal primeira tentativa, contudo, não logrou êxito, tendo curta duração principalmente “em virtude da falta de regular número de alunos com que se pudesse manter” (Íório, 1953, p. 322; Tjader, 2003, p. 50).

Apesar deste fracasso, ou talvez justamente *por causa* dele, em agosto de 1912, o Comendador Antônio Jannuzzi adquiriu uma chácara próxima do centro da cidade e realizou amplas obras na estrutura já construída que aí se encontrava, doando-a em seguida à Igreja Presbiteriana de Valença, para que ali pudesse instalar um orfanato e um colégio secundário. Nomeado como Ateneu Valenciano, este começou a funcionar no primeiro semestre de 1913 e teve como seu diretor e principal mestre-sala o Pr. Constâncio Homero Omegna (1877-1927). Como Jannuzzi, Omegna era italiano, mas de outra parte da Península; depois de ter iniciado e abandonado a preparação para o sacerdócio católico, casou-se e, em 1895, migrou para o Brasil, estabelecendo-se primeiro no Recife e, quatro anos depois, em Niterói, onde tornou-se presbiteriano. Estudou teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, e foi ordenado pelo presbitério do Oeste de São Paulo em julho de 1902. Atuou como músico, maestro, advogado, político, jornalista e escritor; em 1909 e 1910, foi pastor efetivo da Igreja Presbiteriana de Botafogo, estabelecida em 1906. Estava em Valença no ano seguinte, onde permaneceu por pouco mais de uma década; aí foi parceiro de Antônio Jannuzzi não só no Ateneu Valenciano, mas também na construção do templo da Igreja Presbiteriana (1921-1923) e na restauração da Loja Maçônica Perfeita União de Valença (Íório, 1953, p. 354; Ferreira, 1978, p. 30, 37 e 92; Igreja Presbiteriana de Botafogo [...], [S.d.]).

Diante das alegações dos pais de alunos em regime de externato de que o Ateneu Valenciano ainda era demasiado distante para que seus filhos ali estivessem em certo período do dia, o Comendador Jannuzzi doou à Igreja Presbiteriana um palacete no centro da cidade, antigo solar do Visconde do Rio Preto, que adquiriu à viúva de José Joaquim Faceira, e reformou com

celeridade para que pudesse abrigar o dito colégio. Iório (1953, p. 322) escreveu que esta instituição teve uma existência curta, mas se deve observar que permaneceu funcionando por um período pelo menos três vezes maior do que aquela que esteve sob o cuidado dos padres barnabitas. No segundo semestre de 1923, ainda tinha alunos matriculados; no início do ano seguinte, o Pr. Omegna dirigiu-se para Campinas, para assumir a função de deão do Seminário Presbiteriano do Sul. Pouco mais tarde, foi comprado à Igreja Presbiteriana de Valença por um valor bastante elevado pelo Cel. Cardoso, então prefeito da cidade; a mesma operação de compra também incluiu a chácara onde anteriormente havia funcionado o Ateneu. Ainda no mesmo ano, ambas as propriedades foram doadas à Igreja Católica como patrimônio para a criação da Diocese de Valença. Isso foi através de escritura pública e com a condição de que, em até dois anos, o bispado a ser instaurado aí fundasse e mantivesse um estabelecimento de ensino secundário, sob pena de reverter o imóvel à propriedade do doador ou de seus descendentes (Iório, 1953, p. 322; Ferreira, 1978, p. 30-31).

Precisamente neste momento, entrou em cena a figura de Dom André Arcoverde, homem culto, de inclinações literárias e artísticas, produto bem-educado da elite pernambucana, que havia estudado em Roma, no Colégio Pio Latino-Americano, onde foi ordenado presbítero em 1904, e percorrido diversos países europeus estudando as obras sociais católicas. Regressando ao Brasil em 1906, foi para São Paulo, onde tornou-se vigário coadjutor da Paróquia de Santa Cecília; no ano seguinte, a convite de seu tio e patrono, deslocou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se primeiro vigário coadjutor e depois pároco da Igreja de São João Batista da Lagoa, em Botafogo. Em 1911, foi nomeado síndico do patrimônio do Seminário de São José e das Fábricas das Paróquias do Rio de Janeiro; também exerceu os cargos de tesoureiro da Comissão do Monumento ao Cristo Redentor e de diretor das comissões arquidiocesanas para as vocações sacerdotais, para a santificação das famílias e para a promoção da fé e da moral católica, funções nos quais atuou junto às direções e professores da maior parte dos colégios católicos cariocas (Iório, 1953, p. 351-252). Confrontado com o desafio que lhe colocava a cláusula na doação feita à recém-criada Diocese de Valença pelo Cel. Cardoso, e certamente levando em consideração as histórias sucessivas do colégio dos padres barnabitas e do Ateneu Valenciano, este eclesiástico

não vacilou: assumiu o encargo sozinho, depois de baldados seus esforços na procura de quem quisesse tomar a responsabilidade de

fundar o curso ginasial. Um ano e meio de diligências infrutíferas. Nada o desanimava. Ao contrário, lutou, com entusiasmo, vencendo, por fim (Iório, 1953, p. 322).

Dom André Arcoverde tornou-se assim o fundador e o primeiro diretor do Ginásio Diocesano São José, que iniciou suas atividades em 7 de julho de 1927, com um pequeno grupo de alunos internos, todos gratuitos, aos quais não se cobrava também a pensão, uma circunstância determinada pelo fato imperativo de que “era preciso iniciar o curso de qualquer maneira, para evitar prejuízo à Diocese, qual seja o de perder aquele patrimônio” (Iório, 1953, p. 322). Exclusivamente para meninos, com internato e externato, o colégio tornou-se rapidamente polo regional de interesse e atração, apesar das proverbiais dificuldades financeiras que enfrentou já neste momento inicial de sua existência (Pellegrini, 2023); é bem conhecida, por exemplo, a história de que Dom André Arcoverde precisou vender um relógio caro, seu anel episcopal e sua própria cruz peitoral para custear os primeiros gastos com a infraestrutura do colégio e os pagamentos de seus professores e demais funcionários. Em junho de 52, o Mons. Nathanael de Veras Alcântara (1983, p. 78), fez o registro destes difíceis primeiros passos e o louvor de seu fundador:

Inicialmente instalado num pardieiro, à míngua de recursos, começou a funcionar o antigo ginásio, enfrentando dificuldades sem conta, pois não dispúnhamos, então, de elementos para equilibrar a vida do estabelecimento. Havia, tão somente, a vontade decidida e apostólica de seu grande fundador, Dom André, que foi, no tempo, a alma da instituição. Que conhece os primeiros dias do ginásio, bem sabe quanto de renúncia e de sacrifício custou ao seu fundador a manutenção do secundário. Só mesmo uma alma heroica, inflamada de puríssimo ideal, poderia levar à frente arrojada iniciativa, vencendo penosamente os embaraços materiais. Servindo de diretor, de enfermeiro, de disciplinário, Dom André sustentava o estabelecimento nascente, em que vislumbra, sem dúvida, no desconforto das horas incertas, a esplêndida realidade que é hoje a majestosa casa de educação que tanto honra a vida cultural de nossa terra! Contar a história do ginásio equivale a reproduzir o silencioso e fecundo apostolado de nosso primeiro bispo, a quem a cidade deve imorredoura gratidão.

Fosse como fosse, em 1928, realizaram-se os primeiros exames de admissão ao ginásio, ocorridos sob fiscalização federal; no mesmo ano, firmou-se a parceria entre a Igreja Católica e o Município de Valença para gerir a instituição, que teve seu nome modificada para Ginásio Municipal Valenciano São José. Em 13 de setembro do mesmo ano, José Leoni Iório foi nomeado diretor federal de ensino junto ao colégio, o que esteve longe de significar um afastamento do bispo de sua direção; ao contrário, como registra em seu livro sobre a história da cidade, ele havia discursado na inauguração do Ginásio Diocesano e não cessou em qualquer momento de prestar “homenagem ao grande benfeitor Dom André Arcoverde, por sua contribuição patriótica à terra valenciana” (1978, p. 322). A maior parte de seus professores era de padres e de 1931 a 1949 esteve sob a direção técnica dos sacerdotes da Ordem dos Agostinianos Recoletos ligados ao Mosteiro Real de São Lourenço do Escorial, próximo de Madri, Espanha (Iório, 1953, p. 323). Mesmo depois do afastamento dos religiosos desta congregação, cujas circunstâncias não puderam ser esclarecidas nesta pesquisa, um padre, o Mons. Tomás Tejerina de Prado, permaneceu como seu diretor; mais do que isso, fez com que se ampliasse a abrangência de seus cursos e permanecesse firme sua identidade católica, lembrada por seus egressos. Para Pellegrini (2023), que aí estudou, o Colégio São José foi um dos meios pelos quais Dom André Arcoverde reuniu a tarefa da instrução ao propósito da evangelização, sendo transmitidos os valores religiosos católicos aos alunos não só diretamente, pelas aulas de catequese, mas no próprio contato cotidiano dos clérigos com os alunos de diversas partes, que o frequentavam em regime de internato e de externato. De acordo com o Mons. Alcântara (1983, p. 79), de fato, o

colégio ostenta a honra de haver formado, no decorrer de suas atividades, vários classes sociais. Padres, médicos, engenheiros, advogados, dentistas, contadores, comerciantes, agricultores, que hoje, na vida prática, militam em seus postos, passaram pelos bancos do Colégio Diocesano São José <sic>, representando o mais eloquente testemunho de uma bela causa.

Talvez seja importante aqui registrar algo sobre o contexto da movimentação político-eclesiástica através da qual se estabeleceu e consolidou o Ginásio São José, apesar de serem evidentes as limitações explicativas disto, posto que todo vínculo entre texto e contexto, a não ser que documentadamente relacionado, é pouco mais do que alusivo. Na década de 1920, a

Igreja Católica realizou intenso esforço para reafirmar sua presença na área da educação da juventude, em uma atitude extremamente polêmica contra aqueles que eram então considerados seus principais inimigos: as escolas confessionais protestantes e o ensino leigo. De acordo com Azzi (2008, p. 153), a principal razão para esta disputa tão acirrada quanto acrimoniosa era a convicção difusa, mas bastante sólida de que, mediante a formação das elites culturais nos princípios católicos, seria possível a catolicização da sociedade e do Estado brasileiros. Por outro lado, a educação das camadas sociais menos favorecidas era associada a um minucioso trabalho de profilaxia contra a difusão do protestantismo, do anticlericalismo e do comunismo. Se no período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as forças voltam-se prioritariamente contra a *infiltração comunista* – como se encontra bem vocalizado nos textos do Mons. Alcântara n’*O Circulista* (1983) –, o inimigo prioritário na área educacional nos anos ao redor da Primeira Guerra Mundial (1914-1919) era o protestantismo, cuja afirmação se fazia sentir em diversas regiões do Brasil desde o século XIX.¹⁰ Por exemplo, numa série de artigos publicados no jornal *O Lutador* e mais tarde reunidos em livro, o aguerrido apologista Pe. Júlio Maria de Lombaerde não mediu palavras ao tratar da educação protestante: “[...] há entre nós colégios protestantes, chamados *evangélicos*, tendo só do Evangelho o nome, mas que na realidade são escolas de ódio contra o catolicismo.” Segundo ele, tais colégios constituíam um “meio de *penetrar* no Brasil e de ganhar a confiança do povo”, destinando-se a “fazer *propaganda* das doutrinas e revoltas protestantes”, e, afinal, sendo “um meio de infiltrar em nossas terras o *domínio* <norte->americano.” Pouco adiante, arremata a argumentação advertindo: “Confiar filhos a mestres protestantes é pô-los no caminho direto da condenação eterna”, “é prepará-los, de longe, para que um dia reneguem a fé dos próprios pais” (Lombaerde, 1929, ps. 12-13 e 17, destaques no original). Ainda que de forma muito menos incisiva, os documentos oficiais promulgados pelos bispos na mesma época de alguma forma exprimiam estes mesmos princípios, não apenas recomendando que os pais enviassem seus filhos às escolas católicas, mas também repreendendo e condenando aqueles que os mandassem a escolas protestantes. Em outro plano, muito mais prático, estes eclesiásticos se articulavam com diferentes agentes religiosos (ordens religiosas masculinas e femininas, irmandades e associações de leigos) e não religiosos (agentes dos governos municipais,

10 Conforme n. 8 supra. A respeito do que se trata neste parágrafo, ver também Cury, 1984.

estaduais e federal, professores leigos de formação católica) para fazer multiplicar as escolas católicas, movimento que “está intrinsecamente relacionado com a necessidade de conquistar o espaço educativo, detendo assim o avanço dos protestantes e das entidades leigas” (Azzi, 2008, p. 155), e que supõe certa articulação com as autoridades estatais ligadas à autorização e regulamentação do ensino no Brasil.

Ora, no fim da década de 1920 e início da década de 1930, em algumas regiões do país, apesar da separação entre a Igreja e o Estado, o clima dominante não era apenas de respeito mútuo, mas, em vista da manutenção da ordem sociocultural tradicional, de declarada colaboração entre o poder civil e o poder eclesiástico. Por exemplo, ao tomar posse do governo do Estado de Minas Gerais, em 7 de setembro de 1925, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada deu ao evento pronunciado caráter político-eclesiástico, mandando celebrar antes do juramento de sua função uma missa solene em praça pública. A tomada de posse contou com a presença de quase todos os bispos dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, reunidos em Belo Horizonte sob expresse convite do governador. Na ocasião, Dom Helvécio Gomes Oliveira, arcebispo de Mariana desde 1922, fez um brinde em nome do episcopado, afirmando que o governo mineiro podia, sem vacilação, “com eles contar” no papel de “sentinelas vigilantes da meia dúzia de milhões de católicos, seus governados”, a fim de manter a tranquilidade e a ordem do Estado. Dois anos depois, a Igreja Católica conseguiu em Minas Gerais uma de suas vitórias mais significativas durante a República Velha dentro da linha de cooperação eclesiástica-governamental. O mesmo governador Antônio Carlos autorizou a ministração do ensino religioso católico dentro do horário de aula das escolas públicas, em atenção aos votos neste sentido feitos pelo Congresso Catequístico reunido em Belo Horizonte. No discurso que acompanhou a promulgação do decreto a isso referente, em 12 de outubro de 1929, o governador afirmou que a legislação que promovia simplesmente reconhecia o “direito a nós, católicos, de proporcionar aos nossos filhos o ensinamento religioso em que fomos educados” (cf. Azzi, 2008, p. 217-218; também Azzi, 1978; e Serbin, 2008, p. 98 e 100).

Em episódio anterior, do qual participou diretamente o então Mons. André Arcoverde, seu tio, o Cardeal Joaquim Arcoverde, recebeu no palácio arqui-diocesano do Rio de Janeiro o então presidente Arthur da Silva Bernardes para celebrar as bodas de ouro de sua ordenação presbiteral. Ele dirigiu-se ao evento acompanhado por todo o ministério, por políticos de prestígio ao momento e por grande número de jornalistas e fotógrafos para documentar a

ocasião; depois de participar da missa solene presidida pelo cardeal, proferiu discurso saudando-o. Nesta fala, enfatizou “a importância da colaboração constante das nossas autoridades eclesiais com o governo do país, auxiliando a manutenção da ordem e promovendo o progresso nacional.” No dia seguinte, em banquete oferecido a Dom Joaquim Arcoverde no Palácio do Itamaraty, o então Ministro das Relações Exteriores, José Félix Alves Pacheco, afirmou em seu discurso que a coesão social e política do Brasil devia-se “em grande parte” à “prodigiosa força moral do catolicismo” e do “alto papel da disciplina e da educação que a religião <católica> tem sempre desempenhado entre nós.” Segundo ele – que não se notabilizou em nenhum outro momento de sua vida como um católico particularmente devoto, apesar de sua grande amizade com Jackson de Figueiredo Martins, um dos mais expressivos líderes da restauração católica brasileira da década de 1920 –, “a força e o prestígio da religião de nossos pais” era “digna de todas as atenções e de todo o apreço do Estado.” Concluía Pacheco, portanto, ser indispensável a colaboração da Igreja “na reconstrução geral do país”, para refazê-lo “na disciplina, no respeito à autoridade”, bem como “na obediência à lei” e “na lealdade aos deveres políticos” (Álbum das Festas..., 1924, p. 104-105; cf. Azzi, 2008, p. 221; Lima, 2001, p. 158-159).

A articulação público-privada e governamental-eclesial envolvida na consolidação do Ginásio São José, portanto, estava longe de ser uma exceção, sequer uma novidade, no fim da década de 1920. Conforme bem sintetizado por Serbin (2008, p. 100-101), com boa atenção ao aspecto propriamente material da questão,

a concordata moral entre a Igreja Católica e as diversas instâncias do Estado brasileiro durou até os primeiros anos do regime civil-militar estabelecido em 1º de abril de 1964. Inseriu-se em um conjunto maior de objetivos políticos mútuos, entre os quais, principalmente, a luta contra o esquerdismo no movimento sindical. Aspectos da concordata moral duram até hoje. Durante toda essa era, subsídios governamentais afluíram para uma panóplia de atividades religiosas e programas sociais. Esses recursos ajudaram a Igreja a expandir seu papel na construção da infraestrutura do Brasil. [...] E conforme o Brasil se industrializou e sua força de trabalho se especializou, a fórmula da concordata moral tornou-se mais complexa.

Voltando ao plano propriamente valenciano e seguindo um pouco adiante na cronologia, em janeiro de 1943, em anexo ao Colégio São José e

com a participação de seus docentes e discentes, foi fundada a Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes, cujas primeiras aulas do curso de admissão haviam tido lugar, no ano anterior, na residência de um de seus elaboradores, o Prof. Mário Nogueira Filho, realizando-se as provas no dito ginásio, perante o Inspetor Geral do Ensino Comercial no Brasil. Dos vinte e seis alunos aprovados neste exame, cinco efetivamente inscreveram-se no curso Comercial Básico, prosseguindo no curso de Técnico de Contabilidade, ambos fundados neste mesmo ano, graças ao apoio da Associação Comercial de Valença, em cujo edifício, não muito depois, passou a funcionar a referida escola. Em seus primeiros dias, seus custos foram cobertos principalmente pelas doações de Floriano Pellegrini, então presidente da Associação Comercial de Valença (Iório, 1953, p. 323-324; Tjader, 2003, p. 51). Apesar do número inicialmente modesto dos envolvidos, trata-se de exemplo interessante de ampliação das atividades do Ginásio, das parcerias e iniciativas que podiam ser estabelecidas a partir de seu espaço e das novas demandas educacionais que surgiam na cidade naquele momento.

O primeiro bispo de Valença também empenhou esforços no sentido de dotar a cidade de uma escola normal. Em 1929, o governo fluminense equiparou o ensino no São José ao das escolas normais do Estado, mas havia a circunstância limitante dele dedicar-se somente à instrução de homens, enquanto o magistério, principalmente o primário, havia se associado cada vez mais, desde a primeira metade do século XIX, ao universo feminino, constituindo, como observou Demartini (1991, p. 32), “uma das poucas oportunidades, se não a única, das mulheres prosseguirem seus estudos além da educação básica”. Por isso, em 1928, Dom André Arcoverde promoveu a criação em Valença de uma escola normal, da qual foi o primeiro diretor e a qual, em seus dias iniciais, usou as instalações do próprio palácio episcopal para realizar suas aulas. Com a continuidade e expansão de suas atividades – pois parece que esse curso inicialmente teve demanda *maior* do que do São José –, e não havendo mais espaço para tanto, o bispo conseguiu a transferência de suas aulas para um palacete que havia pertencido ao Visconde do Rio Preto, pagando, para tanto, um aluguel mensal bastante alto. Depois de certo período, o Comendador José Fonseca, tomando conhecimento das dificuldades financeiras e privações pessoais enfrentadas pelo bispo para o pagamento desse aluguel, doou um seu prédio, situado na Rua Silveira Vargas, como contribuição ao ensino de Valença. Mais tarde, como o auxílio de membros da elite local cujas filhas eram alunas do curso normal, dentre os quais se destacaram Manoel Ferreira Guimarães e os membros da Família

Pentagna, foi adquirido de Francisco Ielpo um novo prédio diante da Praça Dom Pedro II, atual Praça XV de Novembro, para que nele fosse instalado este colégio. Neste momento, o curso normal foi batizado em homenagem ao então governador do Rio de Janeiro (1927-1930), Manuel de Matos Duarte Silva, que possibilitou, em 1929, a equiparação deste e daquele oferecido no São José com os que eram oferecidos nas Escolas Normais públicas. Seu primeiro fiscal estadual foi Osvaldo Augusto Terra, que se decidiu a nele trabalhar de modo gratuito, transferindo mensalmente ao colégio o dinheiro que recebia do governo por seus serviços (Iório, 1952, p. 323).

No início de 1936, a direção da Escola Normal, por intermediação ainda de Dom André Arcoverde, passou às mãos das religiosas francesas da Congregação do *Sacré-Cœur de Jésus*, que realizaram significativas mudanças na estrutura do edifício e do ensino em si. Em setembro de 1940, começaram aí a funcionar as primeira e segunda séries ginasiais e mais o quarto ano normal. A escola adquiriu terrenos e edifícios adjacentes para a construção de novas estruturas e o atendimento de uma demanda crescente de alunas externas e, principalmente, internas. No mesmo ano, a instituição foi rebatizada como Colégio Sagrado Coração de Jesus; em 1947, sua direção foi transferida para a congregação italiana das Pequenas Irmãs da Divina Providência, que já haviam assumido, desde 1924, os cuidados auxiliares e a formação das enfermeiras da Santa Casa de Misericórdia de Valença, além de sua maternidade e orfanato (Iório, 1953, p. 323; Ferrera, 2005, p. 63).¹¹ Estes desdobramentos, contudo, já não foram acompanhados de perto por Dom André Arcoverde, que em 8 de agosto de 1936 havia sido transferido para a Diocese de Taubaté, no Estado de São Paulo (Iório, 1953, p. 352).

A respeito dos docentes empregados nestas diversas instituições de ensino de Valença, escreveu no jornal católico *O Circulista*, em novembro de 1949, o então pároco da Catedral de Nossa Senhora da Glória, Mons. Alcântara (1983, p. 46-47):

Marquês de Valença tem a seu favor, força construtiva de primeiro plano: o seu professorado, que é, inegavelmente, composto de uma elite intelectual e moral. Essa força vem impulsionando o esplendor de nossa terra, pela formação da juventude, em harmonia com os

11 Sobre o Colégio Sagrado Coração de Jesus e seu papel no processo civilizador da juventude valenciana, assim como na construção mais geral do ethos tradicionalista e católico da cidade em meados do século XX, parece fundamental a leitura de Silva, 2012.

infalíveis princípios da Igreja Católica Apostólica Roma. [...] Podemos chamá-los de Apóstolos, pois o que fazem é reconduzir a juventude, preparando a sociedade para a volta do Cristo, Senhor nosso. Fazendo o elogio da elite dos educadores, é um prazer atestar que a querida Marquês de Valença tem sido privilegiada pelo professorado que tem. O espírito de tenacidade, de dedicação e de cooperação do professorado valenciano é patrimônio que muito honra a cultura de nossa terra.

Em setembro de 1952, o então prefeito de Valença, Luiz de Almeida Pinto, com o apoio do também valenciano Osvaldo da Cunha Fonseca, então deputado federal, criou um ginásio exclusivamente destinado aos meninos pobres do município, ao qual foi dado, pelo mesmo decreto, o nome de Ginásio Municipal Teodorico Fonseca. O terreno para sua instalação foi doado pelo engenheiro e empreiteiro Luiz Gioseffi Jannuzzi¹², tendo a prefeitura levantado junto ao Banco do Brasil um empréstimo de considerável vulto para a construção do edifício que deveria abrigá-lo (Iório, 1953, p. 323; Tjader, 2003, p. 50). O prefeito Luiz Pinto era um dos muitos descendentes de Francisco Paulo de Almeida, primeiro e único Barão de Guaraciaba, banqueiro e grande proprietário rural, dono de um patrimônio que incluía fazendas em Barra do Piraí, Vassouras e Valença. Nascido em Petrópolis, fez sua trajetória como médico e como político em Valença, antes de transferir-se ao Rio de Janeiro para aí ocupar diversos cargos no governo estadual. Barros (2023) chamou a atenção para o quanto esse reinício da educação pública em Valença foi objeto de críticas dos professores ligados aos colégios São José e Sagrado Coração de Jesus, assim como do clero católico de uma forma em geral. Neste momento, estava em jogo não só a continuidade do debate entre a educação confessional privada e público-privada e a educação laica pública, mas também (igualmente cf. Azzi, 2008, p. 155) a dispersão dos recursos pelo aumento da oferta de vagas e as dificuldades de manutenção financeira dos colégios fundados por Dom André Arcoverde, que haviam se tornado referências educacionais na região no seu então quase um quarto de século de existência.

12 Pellegrini (2023) fez a gentileza de esclarecer que o ramo da família Jannuzzi da qual era membro o engenheiro e empreiteiro Luiz Gioseffi parece ter sido diverso do ramo da família Jannuzzi da qual proveio o também engenheiro e empreiteiro Comendador Antônio; em comum, além do nome em si, havia o fato de que ambos pareciam ter suas raízes mais remotas em Sorrento, cidade costeira no sudoeste da Itália, voltada para a Baía de Nápoles; foram diversas, contudo, suas zonas de dispersão pela Península já antes da passagem ao Brasil.

O mesmo Barros (2023), contudo, destacou a assimetria das críticas: enquanto era abertamente criticado pelos padres de Valença em diferentes meios, o prefeito Luiz Pinto, por admiração genuína, respeito ou prudência estratégica, não cessou de reafirmar como procurava, com sua iniciativa, apenas continuar e ampliar a obra iniciada pelo primeiro bispo de Valença. Daí que tenha, no mesmo ano de 1952, sugerido a nomeação de uma rua com o nome deste prelado, assim como a construção de uma sua estátua, a ser erguida diante do palácio episcopal, um monumento que, destacando principalmente seu papel como educador, foi financiada através de uma subscrição iniciada com doação generosa do próprio prefeito e inaugurada em cerimônia na qual ele proferiu discurso enfatizando o papel de Dom André Arcoverde e do clero católico de um modo geral como protagonistas da estruturação do ensino na cidade. De modo talvez significativo, Mons. Alcântara, que *não* menciona a participação do prefeito na idealização e realização deste monumento, escreveu de forma algo lacônica a respeito:

A homenagem dos valencianos não foi uma surpresa, pois estamos acostumados às atitudes fidalgas desse laborioso e honrado povo que tanto sabe preservar a riqueza de seu patrimônio moral e tanto sabe amar – com admirável fervor – a Igreja Católica Apostólica Romana. Não esqueceram os valencianos a magnanimidade e o devotamento de seu primeiro bispo. O sentimento de gratidão do povo está simbolicamente representado no monumento, em bronze, de Dom André, que honra uma de nossas praças principais. Salientamos, porém, que aquele monumento vem secundar um outro, que já existe no coração do povo de Valença (Alcântara, 1983, p. 116-117).

O nome da Fundação Educacional Dom André Arcoverde e as fases iniciais da história da instituição

Como bem pontuou Pellegrini (2023) em conversa sobre a questão da escolha do nome da Fundação Educacional Dom André Arcoverde, não houve uma relação direta da Diocese de Valença na formação desta instituição, mas antes uma conexão que bem se poderia designar de *processual*: antes da FAA, houve o Colégio São José; antes do Colégio, houve o zelo esclarecido e o bom ânimo de Dom André Arcoverde como educador – e daí a escolha de homenageá-lo de forma tão clara. Esse ponto também foi destacado por

Barros (2023) em diálogo sobre o mesmo assunto: para pensar a fundação das faculdades em Valença, é preciso remontar à fundação das escolas católicas, mas se trata de dois processos distintos, ainda que o primeiro esteja umbilicalmente conectado ao segundo.

Para entender melhor esta vinculação, contudo, é necessário pensar o momento específico da Fundação Educacional Dom André Arcoverde. De um lado, com a concorrência do Ginásio Municipal Teodorico Fonseca, completamente gratuito, o Ginásio Municipal Valenciano São José, que possuía alunos que pagavam mensalidades, principalmente os do internato, viu se tornarem ainda mais agudos seus nunca pequenos problemas financeiros. Depois da morte do Mons. Tomás Tejerina, que havia sido seu diretor durante tempo considerável e impresso à sua administração um tom bastante pessoal, a crise aprofundou-se e houve dificuldade para realizar os pagamentos dos fornecedores, dos diversos funcionários e dos professores. Iniciaram-se, então, as tratativas para municipalizar por inteiro a instituição. Estas esbarraram, contudo, na cláusula determinada pela doação do Cel. Cardoso à Diocese de Valença; sabendo do movimento no sentido de municipalizar o São José, de fato, estabeleceu-se uma disputa judicial entre alguns dos herdeiros deste benemérito e a Mitra Diocesana de Valença, na medida em que aqueles, tendo conhecimento das circunstâncias do colégio e da documentação referente à doação, procuravam reaver o patrimônio anos antes doado à Igreja Católica (Pellegrini, 2023). Do outro lado, havia a circunstância de que o Ginásio Municipal Teodorico Fonseca havia se tornado demasiado custoso à Prefeitura de Valença, o que ensejou tratativas para que o governo estadual o assumisse. De acordo com Barros (2023), o prefeito Luiz Pinto havia feito vir para este estabelecimento, oferecendo-lhes bons salários, os melhores professores que pode encontrar disponíveis no Rio de Janeiro, incluindo alguns que então lecionavam no Colégio Federal Pedro II. Tais profissionais, entretanto, eram um peso considerável ao erário municipal; daí a ideia acalentada por este político de formar professores valencianos a nível superior. Em um primeiro momento, parece ter havido a iniciativa de financiar bolsas de permanência para alguns dos filhos da cidade nas universidades da então capital federal; mas também ganhou espaço a ideia de criar em Valença mesmo uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que pudesse suprir esta demanda atuando na formação de professores *da e para* a região.

Para o momento que segue, faz-se fundamental o testemunho de Pellegrini, que foi um dos agentes sociais diretamente envolvidos nos fatos.

De acordo com o Prof. Miguel, o início da década de 1960 foi um período de importante ebulição política em Valença. Preocupados com a difusão de ideias e comportamentos nocivos na cidade, um grupo de jovens valencianos, egressos do Ginásio São José e que haviam tido a oportunidade em sua maior parte de realizar estudos superiores no Rio de Janeiro, organizou um movimento que pretendia a renovação da política valenciana. Corriam os dias da campanha presencial, da eleição e da renúncia de Jânio da Silva Quadros – uma figura de posicionamentos ambíguos, que, eleito em 1960 por reunir discurso conservador com práticas populistas, por exemplo, em 19 de agosto de 1961, condecorou com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul o argentino Ernesto Che Guevara (1928-1967), um dos líderes da Revolução Cubana, “talvez tentando repetir a política internacional ambígua de Getúlio Vargas, responsável por acordos vantajosos com os Estados Unidos” (Del Priore; Venâncio, 2010, p. 270). No mesmo ano de 1960, como Pellegrini (2023) destacou, “contra todas as expectativas”, o movimento pela renovação da política valenciana conseguiu eleger como prefeito Luiz Gioseffi Jannuzzi. Mais tarde, conforme a situação nacional se tornava ainda mais complicada, tanto em nível local – com a radicalização crescente de setores do movimento operário (cf. p. ex. Alcântara, 1983, p. 194-195) e o desgosto dos antigos protagonistas do poder político com o aparecimento de novos personagens neste campo –, quanto nacional – com a subida à presidência de João Goulart, a reação às suas medidas na política externa e interna e o estabelecimento do regime civil-militar de 1964 –, o movimento político mencionado pelo Prof. Miguel ganhou mais espaço na vida valenciana, inclusive elegendo alguns vereadores, entre os quais ele mesmo.

O Prof. Miguel recorda-se que, em seus primeiros dias de vereador a receita municipal era realmente muito baixa; foi apenas com as primeiras mudanças administrativas do regime instalado em 1º de abril de 1964 que as contas públicas de Valença tiveram condições de ser regularizadas. Para tanto, foi importante a criação, em 1965, do Fundo de Participação dos Municípios, regularizado pelo Código Tributário Nacional promulgado em 1966 e efetivamente posto para funcionar no início de 1967. Como assinalou Costa (2020, p. 11-15), com o poder concentrado novamente nas mãos da União, foi possível superar os obstáculos políticos, institucionais e jurídicos para realizar a reforma tributária do Estado brasileiro; e a criação de um sistema de transferência que minimizasse os efeitos da concentração da atividade econômica e tributária era um caminho necessário para o estabelecimento de iniciativas de desenvolvimento inter-regional. Além disso, o então prefeito

de Valença havia realizado cursos na Escola Superior de Guerra e aí feito diversos amigos, que alcançaram posições estratégicas no governo federal, de modo que contou com a extraordinária boa vontade destes operadores estatais para a liberação de recursos para Valença (Pellegrini, 2023). No início de 1965, a situação, contudo, era calamitosa, havendo o risco iminente de fechamento dos ginásios mantidos pelo Município. Daí que o Prof. Miguel, tendo em vista esta circunstância e a precariedade geral da educação em uma cidade, de território majoritariamente rural, onde a maior parte da população ou ainda não era alcançada pela instrução formal ou era apenas de forma bastante precária, propôs à Câmara Municipal de Valença, em 29 de março de 1965, a criação da Fundação Educacional Dom André Arcoverde (FAA), projeto que foi aprovado e quase imediatamente sancionado pelo prefeito, que também autorizou os repasses dos, então parcos, recursos da Secretaria Municipal de Educação a esta nova instituição. A FAA entrou em funcionamento com a realização de uma assembleia geral dos seus membros em 3 de julho de 1966, como pessoa jurídica de direito privado, constituindo-se como entidade educativa filantrópica; inicialmente governada por um conselho diretor, passou a ser presidida diretamente pelo mesmo Luiz Januzzi após o fim de seu mandato como prefeito, posição na qual permaneceu desde então até 1980 (no geral, cf. Tjader, 2003, p. 52). Murat (1998, p. 42) pontuou corretamente que o nome da fundação foi “uma homenagem a um dos maiores educadores de Valença”; Pellegrini (2023), que concordou com isso, recordou o fato de que os principais idealizadores, promotores e realizadores desta instituição, incluindo ele mesmo, eram egressos do Ginásio São José e, portanto, resultados bem-sucedidos do esforço educacional e evangelizador de Dom André Arcoverde.¹³

13 Em conversa com Barros (2023), surgiu a ideia ainda de um outro motivo, talvez inconsciente: associar a recém-criada fundação ao nome de um bispo era um sinal às demais instâncias da sociedade e do governo que ela não se alinhava com os princípios de esquerda. Os problemas entre o regime instalado em 1964 e a Igreja Católica, de fato, adensaram-se no fim da década de 1960 e correr da década de 1970, contrastando-se com o ostensivo apoio que foi dado pelos eclesiásticos ao governo de 1964 a 1967, pelos militares “livrarem o país da ameaça comunista”. Mesmo nos períodos de maior enfrentamento, houve tentativas consistentes de mútuo acerto (p. ex. cf. Serbin, 2001). Até a segunda metade de 1967, havia compasso entre as autoridades eclesiásticas e governamentais; nas palavras de Gaspari (2002, p. 248), “houve escaramuças, mas o regime conseguia conviver com a militância católica e a hierarquia tolerou pequenas provocações de militares, quase sempre contra D. Hélder <Câmara>. Por pouco não se espetou no manto de Nossa Senhora da Aparecida, a padroeira do Brasil, o título de generalíssima das Forças Armadas. Sobrevivia um acordo feito no governo Castello, revelado pelo Cardeal Vicente Scherer, de Porto Alegre, pelo qual o governo não prenderia padres sem que tramitassem pela hierarquia os pecados de que eram acusados. O próprio Costa e Silva dizia: ‘Não há atritos entre a Igreja e o governo,

Uma das prerrogativas da FAA era a reforma da educação em Valença; de fato, ela não só recebia os recursos da SME, mas virtualmente geria todos os seus negócios, designando os diretores de seus então vinte colégios e de sua biblioteca municipal, situação que permaneceu até meados da década de 1970. Ela nasceu para atender a um problema público e em uma franja em que até certo ponto se sobrepunham os interesses e atuações privadas e governamentais (Barros, 2023). Neste sentido, retomou por outro ângulo as antigas aspirações do prefeito Luiz Pinto de realizar em Valença mesmo a formação de um professorado competente para atuar na cidade, acalentando desde cedo o desejo de criar instituições de ensino superior e técnico que atendessem a esta e a outras demandas da sociedade local. Isso foi de diversas formas favorecido pelas ligações pessoais de Luiz Januzzi, tanto enquanto prefeito quanto enquanto presidente da FAA; por seus vínculos de coleguismo com os governadores Paulo Francisco Torres e Floriano Peixoto Faria Lima, mandatários do Estado do Rio de Janeiro respectivamente nos intervalos de 1964 a 1966 e 1975 a 1979, assim como com políticos em outras posições de relevo – por exemplo, o mesmo Paulo Torres, que foi senador de 1967 a 1975 e deputado federal de 1979 a 1983 –, e pelo seu entrosamento nos conselhos estadual e federal de educação (Pellegrini, 2023). Daí que, no primeiro semestre de 1967, começou a funcionar por iniciativa da FAA a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Valença, voltada principalmente à formação de professores para atuar no ensino primário e secundário (Murat, 1998, p. 42-43). Tratava-se da primeira instituição de ensino superior estabelecida na região sul fluminense, colocando em operação um modelo de organização que pouco depois foi replicado na circunvizinhança. Por ideia de seu primeiro presidente, a FAA incorporou o Ginásio São José para dar suporte ao seu curso de formação de professores e o constituiu como colégio de aplicação, instaurando o vínculo institucional que ainda hoje permanece entre estas duas instituições surgidas em momentos e contextos diversos entre si, mas umbilicalmente vinculadas. Daí a incorporação dos docentes do ginásio nos quadros da faculdade, que se tornou polo de atração tanto para professores quanto para alunos. Mais tarde, juntaram-se aos professores do Colégio São José também professores autodidatas de reconhecido saber local, docentes que também atuavam no Colégio Estadual Teodorico

o que existe são divergências entre alguns membros do clero e alguns oficiais das forças armadas, mas não divergências entre as duas instituições.”

Fonseca e outros professores diretamente recrutados por Luiz Jannuzzi no Rio de Janeiro e em outras partes (Pellegrini, 2023).

Pellegrini (2023) recorda-se das diversas objeções levantadas nos anos iniciais da FAA a respeito de sua própria natureza jurídica, pois era então imprevisível que uma pessoa jurídica de direito privado recebesse de forma regular recursos do erário público, assim como das pressões feitas contra seu funcionamento por grupos que eram politicamente contrários à sua presidência e principais operadores. Entretanto, nova circunstância prevista, também ligada ao tenso momento político, fez com que a instituição se desenvolvesse em uma direção inesperada. Sob o governo do presidente Gal. Artur da Costa e Silva, instalou-se a dita *crise dos excedentes*. Como definiu Braghini (2014, p. 125), *excedentes* eram os candidatos que haviam obtido a média nos vestibulares, mas não conseguiam se matricular nas instituições disponíveis de ensino superior, pois o número de aprovados extrapolava o número de vagas disponíveis, uma circunstância particularmente grave no que se referia aos cursos de Medicina. Desde o início da década de 1960, as manifestações juvenis tocavam nesta problemática, que havia ainda sido agravada por causa das demissões, exonerações e cortes orçamentários que o regime estabelecido em 1964 havia realizado nas universidades (cf., p. ex. Salmeron, 2007, p. 173ss); de fato, muitas das reivindicações estudantis desse período estavam diretamente relacionada a esse *ponto de estrangulamento* na trajetória formativa dos estudantes brasileiros.

Ora, não se tratava de um problema novo: em 11 de julho de 1951, o então presidente Getúlio Vargas promulgou lei federal que estabelecia normas para o aproveitamento dos alunos aprovados e não classificados nas instituições públicas de ensino superior pelos cursos das instituições privadas, levando em conta a capacidade das instalações e a possibilidade de atendimento do seu corpo docente. Em 1960, cerca de vinte e nove mil estudantes prestaram os vestibulares, obtiveram nota suficiente e não conseguiram vagas para as instituições nas quais haviam sido aprovados; no número de 12 de dezembro de 1963, o *Jornal do Commercio* registrou que havia mais excedentes dos vestibulares daquele ano do que em todos os anteriores (Braghini, 2014, p. 127). A continuidade e agravamento do problema fez com que as vozes que expressavam a insatisfação estudantil em relação a ele se vinculassem à questão do cerceamento das liberdades civis; a chamada de atenção para uma demanda social que aguardava uma atuação do governo acabaram relacionadas não só a pedidos por uma melhoria da educação em geral, mas também a contestações da ordem política estabelecida (Braghini,

2014, p. 125-126). O movimento estudantil articulado ao redor desta problemática, ao agir de forma cada vez mais ruidosa, foi usado como ensejo para a realização de modificações no formato dos cursos superiores existentes e para a abertura de novas instituições, pois havia abertamente o interesse de transferir o potencial revolucionário dos jovens, associado ostensivamente por diferentes agentes culturais à infiltração comunista, para atividades socialmente mais aceitas, como era o caso do trabalho e do estudo (Braghini, 2010). Mais uma vez, como bem observou Braghini (2014, p. 140):

A escassez de recursos financeiros deu margem para discursos em defesa da escola pública, contrários ao escoamento do dinheiro estatal no sentido de abertura, manutenção ou federalização de escolas isoladas. Mas essa mesma escassez, agregada à revolta de estudantes, possibilitou a criação de um discurso que pedia por uma associação entre a rede privada e a rede pública, no sentido de complementaridade, visando à ampliação do sistema. A Constituição de 1967, que cedeu recursos financeiros e expandiu a colaboração técnica para o ensino particular, foi o documento que marcou, historicamente, acordos políticos de outra natureza entre o governo e o setor privado da educação, sob o pretexto de acréscimo de vagas.

Na brecha assim aberta, surgiu a ideia de trazer os excedentes também para Valença, ampliando as frentes de atuação da FAA (Barros, 2023; Pellegrini, 2023). De acordo com Murat (1998, p. 41), no princípio, “havia um sonho do Dr. Lourenço Capobianco, que nos parecia quase delirante, sem nexos, acolhido pelo idealismo dinâmico do Dr. Luiz Gioseffi Januzzi”, que era o de criar uma Faculdade de Medicina em Valença, que desenvolvesse a cidade, ampliasse o campo de atuação da FAA e ajudasse na solução da *crise dos excedentes*. Acontecia, contudo, que a cidade parecia ter “tudo para não satisfazer a essas exigências”: tinha uma Santa Casa modesta, abrigada em um prédio centenário, duramente gerida por uma irmandade cada vez mais dependente dos poucos recursos públicos que conseguia obter; um Hospital Geral recém-inaugurado, que contava com apenas um pequeno grupo de médicos e enfermeiras; um modesto hospital, fundado em 1937 por Luiz Pinto, sob o patrocínio do Instituto Valenciano de Assistência Social e entregue aos cuidados das Pequenas Irmãs da Divina Providência, recentemente desativado; enfim, “nenhuma estrutura que se adequasse ao funcionamento de um curso médico” (Murat, 1998, p. 42; também cf. Pellegrini, 2023). Contudo, a sociedade valenciana rapidamente mobilizou-se no sentido de tornar

isso viável (Barros, 2023), e entraram em cena dois personagens que modificaram decisivamente este cenário, ambos acionados pela intermediação de Luiz Jannuzzi.

Em primeiro lugar, a primeira-dama Yolanda Barboza da Costa e Silva, que forneceu apoio e intercessão junto a seu marido e um substancial auxílio financeiro para o início das obras de construção ou reforma necessárias ao estabelecimento da Faculdade de Medicina em Valença, assim como para contratação e pagamento dos primeiros salários de seus professores, a maior parte dos quais teriam de ser contratados fora da cidade, no Rio de Janeiro ou em partes ainda mais distantes. Em segundo lugar, Dom José Costa Campos, quarto bispo da Diocese de Valença, nomeado para ocupar tal função em 9 de dezembro de 1960 e aí permanecendo por dezoito anos. Participou das quatro sessões do Concílio Vaticano II (1962-1965), fazendo executar prontamente as suas recomendações no tocante ao ecumenismo e às normas litúrgicas, ao mesmo tempo em que intensificou o ensino catequético; procurou formar colaboradores eficientes e cultos através da promoção de cursos especializados para clérigos, religiosos, religiosas e leigos (Alcântara, 1983, p. 201, 219 e 227). Durante o episcopado em Valença, foi, por uma década, Secretário Nacional de Ensino Religioso e Secretário Nacional de Catequese da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), posição na qual ajudou a criar o Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC), além de representar a entidade em vários congressos e encontros a nível nacional e internacional (Alcântara, 1983, p. 182 e 218-219; Dom José Costa Campos [...], [S.d.]). Sendo comunicado do projeto da expansão das atividades da FAA no ensino superior, prontamente se dispôs não só a ceder as instalações do há não muito desativado Hospital Alzira Vargas, de propriedade da Mitra Diocesana, para a instalação ali do curso de formação médica, mas também dos colégios católicos, dos espaços de formação pastoral e mesmo das dependências do palácio episcopal para a viabilização de tal coisa (Murat, 1988, p. 42; também cf. Barros, 2023; Pellegrini, 2023).

A pronta generosidade da primeira-dama e do bispo diocesano, indo ao encontro da articulação dos membros da FAA entre si e com outras instâncias sociopolíticas, e do empenho de seus dirigentes e da sociedade valenciana de uma forma geral, possibilitou não só que quatrocentos dos estudantes excedentes se matriculassem em seus futuros cursos e se transferissem quase que de pronto para Valença, mas também que se fosse bem além da sonhada Faculdade de Medicina. Especialmente graças ao apoio e ao patrimônio construído aportados por Dom José da Costa Campos, foi possível uma rápida

expansão das atividades da FAA no ensino superior na segunda metade da década de 1960 em diante, circunstância que lhe conferiu força econômica e dinamismo profissional. No primeiro semestre de 1968, tiveram início em Valença os cursos superiores de Medicina, Direito, Odontologia e Ciências Econômicas. Quando, mais de uma década depois, opositores políticos dos então dirigentes da FAA conseguiram fazer com que o Ministério da Educação determinasse temporariamente a suspensão de matrículas na Faculdade de Medicina de Valença e considerasse abertamente seu fechamento, interveio no assunto o Alm. Maximiano Eduardo da Silva, valenciano, egresso do Colégio São José, ministro da Marinha de março de 1979 a março de 1984, sob a presidência do Gal. João Baptista de Oliveira Figueiredo, que se apresentou como fiador da qualidade do ensino oferecido nessa instituição. Em 1988, foi criada junto das demais a Faculdade de Informática, que já no mesmo ano começou a oferecer o curso de Processamento de Dados. Em 1995, foi autorizada a criação também da Faculdade de Veterinária, instalada no primeiro semestre do ano seguinte, depois de superadas algumas dificuldades políticas e burocráticas, também pela intervenção de Roberto Jefferson Monteiro Francisco, deputado federal pelo Rio de Janeiro de 1983 a 2005 (Murat, 1998, p. 44). E, como pontuou Pellegrini (2023), apesar das dificuldades sempre presentes, a obra educacional realizada sob a direção da FAA, nomeada em homenagem ao educador que foi o primeiro bispo de Valença, não cessou de se expandir, modernizando-se, incorporando novas filosofias pedagógicas e organizacionais que a tornam mais adequada a responder às demandas contemporâneas, e, a seu modo, honrando a memória daquele que homenageia em seu próprio nome.

Referências

Álbum das Festas Jubilares Sacerdotais do Emo. Revmo. Sr. Cardeal Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1874-1924). Rio de Janeiro: [S.n.], 1924.

Albuquerque Jr., D. M. Vidas por um fio, vidas entrelaçadas: rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais. **História & Perspectivas**, Uberlândia, DH/UFU, n. 8, p. 87-95, 1993.

Alcântara, N. V. **O Circulista**: 38 anos na evolução religiosa de um povo. Valença: [S.n.], 1983.

Alessio, F. Escolástica. In: Le Goff, J. & Schmitt, J.-C. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. V. 1: Além-Islã. Coordenação da tradução de H. Franco Júnior. Bauru: USC, 2006. p. 367-382.

Almeida, A. P. **O Cardeal Arcoverde e a reorganização eclesiástica**. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PPGH-FFLCH/USP, 2004.

Ayres, F. S. S. A Companhia de Jesus e o Concílio de Trento: aspectos pedagógicos da Contra-Reforma. **Tempos e Espaços em Educação**. Aracaju, PPGE/UFS, v. 7, n. 12, p. 207-218, 2014.

Azzi, R. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. V. 3: Terceira época (1930-1964). Texto sobre o protestantismo a cuidado de K. Grijp. Petrópolis: Vozes, 2008.

Azzi, R. O início da restauração católica em Minas Gerais: 1920-1930. **Síntese**. Belo Horizonte, FAJE, n. 12, p. 65-92, 1978.

Barros, G. A. **Conversa com A. Cruz no Campus Sede da UNIFAA**. Valença, 11 ago. 2023.

Bastos, M. H. C. & Faria Filho, L. M. (Orgs.). **A escola elementar no século XIX**: o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: UPF, 1999. p. 95-118.

Batista, G. A. John Locke: educação para a tolerância religiosa. **Horizontes**. Itatiba, PPGE/USF, v. 34, n. 1, p. 9-20, 2016.

Baumgratz, G. **Barra do Piraí**: cronologia histórica. Niterói: Imprensa Oficial, 1991.

Boto, C. **A escola do homem novo**: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: UNESP, 1996.

Boto, C. **A liturgia escolar na Idade Moderna**. Campinas: Papirus, 2019.

Boto, C. Civilizar a infância na Renascença: estratégia de distinção de classe. **Tempos e Espaços em Educação**. Aracaju, PPGE/UFS, v. 2, n. 2, p. 119-140, 2009.

Braghini, K. M. Z. A história dos estudantes *excedentes* nos anos 1960: a superlotação das universidades e um “torvelinho de situações improvisadas”. **Educar em Revista**. Curitiba, Editora da UFPR, n. 51, p. 123-144, 2014.

Braghini, K. M. Z. **A vanguarda brasileira**: a juventude no discurso da Revista da Editora Brasil S/A (1961-1980). Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade – PPGE/PUC-SP. São Paulo, 2010.

Calderón, J. R. R. Educación integral en Santo Tomás de Aquino. **Albertus Magnus**. Bogotá, USTA v. 7, n. 1, p. 53-67, 2016.

Cambi, F. **História da pedagogia**. Tradução de A. Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

Costa, N. L. S. F. **Distribuição dos recursos fiscais**: uma análise do Fundo de Participação dos Municípios. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Finanças e Economia Empresarial – EBEF/FGV. Rio de Janeiro, 2020.

Cury, C. R. J. **Ideologia e educação brasileira**: católicos e liberais. São Paulo: Cortez, 1984.

Danelon, M.; Oliveira, M. A. G.; Richter, S. R. Infância e educação em *De Pueris* de Erasmo de Roterdã. **Olhar de professor**. Ponta Grossa, UEPG, v. 15, n. 1, p. 157-165, 2012.

Del Priore, M.; Venâncio, R. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2010.

Demartini, Z. B. F. **O magistério primário no contexto da 1ª República**: relatório de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/CERU, 1991.

Dom José Costa Campos. **Diocese de Divinópolis**. Divinópolis: [S.d.]. Disponível em: <https://tinyurl.com/59czjdac>. Acesso em: jul. 2023.

Ferraz, J. R. **Tramas & Poder**: a industrialização em Valença/RJ (1890-1920). Rio de Janeiro: Publit, 2014.

Ferreira, J. R. Educação em Esparta e Atenas: dois métodos e dois paradigmas. In: Leão, D. F.; Ferreira, J. R.; Céu Filho, M. **Cidadania e Paideia na Grécia Antiga**. 2. ed. Coimbra: CECH-FL/UC, 2010. p. 11-46.

Ferreira, L. D. **História de Valença (Estado do Rio de Janeiro)**: 1803-1924. 2. ed. Valença: Valença, 1978.

Ferrera, R. A. **Teresa Michel**: perenidade do Evangelho num mundo em mudança. Estrasburgo: Du Signe, 2005.

Garcia, R. A. G. John Locke: por uma educação liberal. **Revista HISTEDBR**. Campinas, HISTEDBR/UNICAMP, v. 12, n. 44, p. 363-377, 2012.

Gaspari, E. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Gay, P. Locke on the education on paupers. In: Rorty, A. O. (Org.). **Philosophers on education**: historical perspectives. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

Giles, T. R. **História da educação**. São Paulo: EPU, 1987.

Ginzburg, C. No rastro de Israel Bertuccio. In: **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso e fictício. Tradução de R. F. d'Aguiar e E. Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 154-169.

Gomes, E.S. A reaproximação Estado-Igreja no Brasil durante a República Velha (1889-1930). **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, PUC-SP, v. 16, n. 62, p. 95-110, 2008.

Goody, J. **Renascimentos**: um ou muitos? Tradução de M. Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

Hilsdorf, M. L. S. **Pensando a educação nos Tempos Modernos**. 2. ed. São Paulo: USP, 2005.

Hobsbawn, E. J. E. **A era do capital: 1848-1875**. Tradução de L. Costa Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.

Pastores da Igreja. **Igreja Presbiteriana de Botafogo**. Rio de Janeiro: [S.n.; S.d.]. Disponível em: <https://tinyurl.com/26ahx5kk>. Acesso em: ago. 2023.

Igreja Presbiteriana. **Portal Valença-RJ**. Valença: [S.n.; S.d.]. Disponível em: <https://tinyurl.com/986dzkn2>. Acesso em: ago. 2023.

INEPAC. Fazenda São Fernando (AIII-F09-Val.). In: **Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense**. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/445bdmtr>. Acesso em: jul. 2023.

Iório, L. **Valença de ontem e de hoje**: subsídios para a história do município de Marquês de Valença (1789-1952). Juiz de Fora: Companhia Dias Cardoso, 1953.

Jaeger, C. S. **The envy of angels**: cathedral schools and social ideals in Medieval Europe (950-1200). Filadélfia: University of Pennsylvania, 1994.

Jaeger, W. W. **Paideia**: a formação do homem grego. Adaptação do texto de M. Stahel; tradução de A. M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Jardilino, J. R. **Lutero e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Josephat, C. **Tomás de Aquino e Paulo Freire**: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história. São Paulo: Paulinas, 2016.

Lancaster, J. **Sistema britânico de educação**: completo tratado de melhoramentos e invenções praticadas por José Lancaster. Tradução de G. Skinner. Porto: Tipografia da Viúva Alvarez Ribeiro e Filhos, 1823.

Le Goff, J. Progresso/Reação. In: **História e memória**. Tradução de B. Leitão *et al.* 7. ed. Campinas: UNICAMP, 2013. p. 217-259.

Leal, D. P. A educação na França iluminista: Voltaire e o *Ensaio sobre a moral e os costumes dos povos*. **Revista HISTEDBR**, Campinas, HISTEDBR/UNICAMP, v. 7, n. 25, p. 44-53, 2007.

Leonard, E. G. **O protestantismo brasileiro**: estudo de eclesiologia e de história social. 3. ed. Tradução de L. C. Schutzer. São Paulo: ASTE, 2002.

Lima, M. C. **Breve história da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

Lombaerde, J. M. **O perigo dos colégios protestantes**. Manhumirim: [S.n.], 1929.

LoShan, Z. Plato's counsel on education. In: Rorty, A. O. (org.). **Philosophers on education**: historical perspectives. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

Lucinda, M. C. **Territórios religiosos: conexões entre passado e presente**. Curitiba: Appris, 2016.

Manacorda, M. A. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. Tradução de G. Lo Monaco. São Paulo: Cortez, 2022.

Marrou, H.-I. **História da educação na Antiguidade**. Tradução de M. L. Casanova. São Paulo: EPU, 1990.

Martínez, E. **Persona y educación en Santo Tomás de Aquino**. Madri: Fundación Universitaria Española, 2003.

Mattos, R. C. O. **Manoel Antônio Esteves: um capitalista esquecido no Vale (1850-1879)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/UERJ. Rio de Janeiro, 2012.

Mendonça, A. G. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: USP, 2008.

Moura, D. A. S. Café e educação no século XIX. **Cadernos CEDES**. Campinas, CEDES/UNICAMP, v. 20, n. 51, p. 29-49, 2000.

Murat, P. **Valença e fazendas**. Valença: Gráfica Duboc, 1998.

Narodowski, M. **Comenius e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Neves, F. M. **O método lancasteriano e a formação disciplina do povo: São Paulo, 1808-1889**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UNESP. Assis, 2003.

Nobrega, R. Mito da regeneração nacional: missionários protestantes, políticos liberais e a salvação do Brasil (século XIX). **Intellèctus**, Rio de Janeiro, UERJ, v. 3, n. 2, 24 p, 2004.

Nunes, R. A. C. **História da educação na Antiguidade Cristã: o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo**. São Paulo: EPU, 1978.

Nunes, R. A. C. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: EPU/USP, 1979.

Nunes, R. A. C. **História da educação no Renascimento**. São Paulo: EPU/USP, 1980.

Nunes, R. A. C. **História da educação no século XVII**. 2. ed. Campinas: Kírion, 2018.

Pellegrini, M. A. **Conversa com A. Cruz no Campus Sede da UNIFAA**. Valença, 23 ago. 2023.

Piedra, A. **Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960)**. Tradução de R. S. Gieder. São Leopoldo/Quito: Sinodal/CLAI, 2006-2008. 2 v.

Piletti, N. **Psicologia educacional**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.

Quinn, P. L. Augustinian learning. In: Rorty, A. O. (org.). **Philosophers on education: historical perspectives**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

Richelieu, A. J. P., Cardeal de. **Testamento político**. Tradução e apêndice de D. Carneiro. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2012.

Rodrigo, L. M. **Platão e o debate educativo na Grécia clássica**. Campinas: Armazém do Ipê, 2017.

Rorty, A. O. Rousseau's educational experiments. In: Rorty, A. O. (org.). **Philosophers on education: historical perspectives**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

Salmeron, R. A. **A universidade interrompida**: Brasília, 1964-1965. 2. ed. Brasília: UnB, 2007.

Santos, A. P. Educação *pelas coisas*, princípio pedagógico no Iluminismo de Rousseau. **Educação**, Porto Alegre, PPGEDU/PUC-RS, v. 39, n. esp. (supl.), p. 96-105, 2016.

Santos, E. B. a noção de educação para a maestria filosófica na Patrística e Escolástica. **Educação & Filosofia**, Uberlândia, IF/UFU, v. 32, n. 65, p. 695-724, 2018.

Serbin, K. P. **Diálogos nas sombras**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. Tradução de C. E. L. Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Silva, C. G. P. **O Colégio Sagrado Coração de Jesus**: missão pedagógica, social e religiosa em Valença/RJ (década de 1950). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

Silva, E. P. **Súditos e protestantes**: o impacto da propaganda protestante no sistema jurídico do Brasil Império (1835-1889). Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – PPGCR/UNICAP. Recife, 2020.

Silva, M. S. S. **Religião e educação**: a afinidade entre a Reforma Protestante, educação e secularização na escola da Modernidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia – ICE-FE/UFPA. Belém, 2018.

Streck, D. R. **Rousseau e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Theobaldo, M. C. Montaigne e a educação em *nova maneira*. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, DF/PUC-Rio, v. 19, n. 27, p. 237-255, 2010.

Tjader, R. S. **Uma pequena história de Valença**. Valença: Valença, 2003.

Valentin, I. F. A Reforma Protestante e a educação. **Revista de Educação do COGEIME**, Belo Horizonte, COGEIME, v. 19, n. 37, p. 59-70, 2010.

Verger, J. Universidade. In: Le Goff, J.; Schmitt, J.-C. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. V. 2: Jerusalém e as Cruzadas-Violência. Coordenação da tradução de H. Franco Júnior. Bauru: USC, 2006. p. 573-588

Weber, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de J. M. M. Macedo. Revisão técnica, edição de texto, apresentação, notas, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo de A. F. Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Woodruff, P. Socratic education. *In*: Rorty, A. O. (Org.). **Philosophers on education: historical perspectives**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

Yolton, J. W. Locke: education for virtue. *In*: Rorty, A. O. (org.). **Philosophers on education: historical perspectives**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

XVI. PARÓQUIA SANTUÁRIO DE SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS DA DIOCESE DE VALENÇA

Rodrigo Magalhães

Introdução

O Decreto da Câmara Eclesiástica de Valença que criou o “Curato de Santa Terêsa do Menino Jesus, na Diocese de Valença, com sede em Rio Preto, 7º Districto de Valença, logar de construção do Santuário”¹, data de 28 de outubro de 1929. Redigido pelo Secretário da Diocese, padre Francisco de Luna, o documento foi assinado pelo Bispo de Valença, Dom André Arco-verde. Neste dia também aconteceu o Termo de Abertura do “Livro 1º Tombo do Curato de Santa Terêsa do Menino Jesus”, assinado pelo mesmo Bispo, fundador do curato e do santuário.

E no dia 17 de novembro daquele ano chegou a Parapeúna o seu primeiro padre. Vindo da Espanha, o frei Manoel Formigo Giraldez, da Ordem de Santo Agostinho, tomou posse como “Cura Encomendado do Curato de Santa Terêsa do Menino Jesus”; e o também espanhol e membro da mesma Ordem, frei Antônio Fernandez e Fernandez, tomou posse como “Coadjutor do Reverendo Cura”. Neste mesmo dia aconteceu a primeira missa realizada em solo parapeunense, em uma casa alugada para esse fim, a qual serviu também de moradia para o vigário Manoel Formigo e seu auxiliar frei Antônio Fernandez. Esta casa, que na época pertencia ao senhor João da Silva Guimarães, ainda hoje existe e se encontra em bom estado de conservação, inclusive.

Sem construir ainda a Matriz-Santuário, era necessário improvisar uma capella provisória – embora fosse numa residência particular – para que dessa maneira pudesse funcionar desde logo o culto, como de facto se improvisou nesta casa do Sr. João Guimarães, sita no Largo

1 1º Livro de Tombo do Curato de Santa Terêsa do Menino Jesus, do distrito de Parapeúna, p. 37.

da Rua São Sebastião, nº 365, a qual serviu, ao mesmo tempo, de residência aos padres².

Realizou-se neste dia a cerimônia de benção solene e lançamento da pedra fundamental no lugar onde foi edificada a igreja-santuário. Mas as obras começaram efetivamente aos 17 de maio de 1930, dia escolhido “por ser o quinto aniversário da canonização da gloriosa Pombinha do Carmelo”³. O ato foi precedido de uma concorrida missa campal junto ao cemitério desativado. E a inauguração solene da Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus aconteceu cinco anos depois de lançada a pedra fundamental, no dia 30 de outubro de 1935.

Desenvolvimento

De acordo com um precioso texto escrito pelo frei Antônio Fernandez intitulado “Breve relação histórica sobre a fundação e construção do Santuário de Santa Terêza do Menino Jesus de Rio Preto, Estado do Rio, Diocese de Valença”, há quase cem anos, não foi nada fácil erigir uma igreja no distrito de Parapeúna. A primeira tentativa de edificação de uma capela aconteceu ainda no século XIX. Mas a pioneira igreja local somente foi inaugurada em 1935.

O território onde atualmente se assenta a povoação sede do distrito de Parapeúna fazia parte da sesmaria concedida a um padre português chamado Antônio Vicente de Almada, no início do século XIX. Com a morte deste, em 1815, a imensidão de terras que compunham a sesmaria foi dividida em fazendas e sítios no decorrer dos anos, tal como acontecera com a maioria das sesmarias nesta região do Vale do Rio Preto.

De acordo com a tradição oral local, registrada no primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Santa Teresinha, a principal fazenda desmembrada da outrora sesmaria do padre Almada foi fundada por João Ignacio dos Santos, que a denominou de São Pedro. Por esta razão, a primeira tentativa de se edificar uma (pioneira) capela em território parapeunense, ainda no século XIX, não foi adiante, mas o santo padroeiro seria São Pedro.

2 Idem, p. 37 v.

3 Idem.

A piedade de seus donos, e a viva devoção do povo, quis erigir, nella, uma bem regular capella, ao glorioso Príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, que não se construiu por causas inteiramente desconhecidas. A piedade e devoção não diminuiu por isso; por várias retras vezes intentou-se levantar uma retra, sem que fosse possível levar avante tão magnífica ideia⁴.

No despertar do século XX, a intenção era construir em Parapeúna uma capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida. Muito embora esse desejo também não tenha se concretizado, aparece na História de Parapeúna uma personagem relevante: Maria Lucinda de Assis e Silva. Foi ela que doou os terrenos para se construir uma igreja e um cemitério na povoação, em 1902, sendo que somente este último foi fundado, um ano depois.

Em 1902, uma piedosa senhora, D. Maria Lucinda de Assis e Silva, doou terras para a construção d'uma, à Nossa Senhora da Aparecida, e um cemitério para os pobres, mandando fazer as demarcações dos respectivos terrenos. O cemitério construiu-se efetivamente, em 1903, tendo-se preservado até hoje, em que foi demolido; mas a capella jamais pensou-se seriamente em construir, chegando a ponto de desaparecer, com a ideia dela, os respectivos terrenos⁵.

A seguir, como não se conseguira erigir uma capela, fincou-se no terreno um grande cruzeiro de madeira, por iniciativa de Francisco Monteiro de Carvalho, outro vulto da história local. “Para esse fim, o abastado fazendeiro Francisco Monteiro de Carvalho, ofereceu madeira necessária, e feito d'ella, fincou-se um tamanho cruzeiro, nos terrenos pertencentes hoje ao Sr. Geraldo Bruno”⁶.

De acordo com os registros paroquiais locais, foi nesses tempos – nos primeiros anos do século XX – que chegou a Parapeúna uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, mas que infelizmente não se encontra mais na Paróquia. Era vigário de Valença na época o padre Ladislau, que permaneceu na paróquia de Nossa Senhora da Glória de 1888 a 1910.

4 Idem, p. 34.

5 Idem.

6 Idem, p. 34v.

Era então vigário de Valença, o Rev. Padre Ladislau Adolpho de Salles e Silva que, para o fim acima, mandou distribuir histas, as quais tem chegado ao nosso conhecimento uma só, com a importância de 120\$000 reis, que ainda não foram entregues, mas reservado para a aquisição de d'uma imagem de Nossa Senhora da Aparecida, destinada ao culto, na Igreja, conforme testemunho daquele a quem foi confiada⁷.

Mas, em 1924 – um ano antes da criação da Diocese de Valença, quando o distrito foi criado pelo desmembramento do território do distrito de São Sebastião do Rio Bonito, recebendo assim a denominação de São Sebastião do Rio Preto, a intenção dos moradores passou a ser a edificação de uma capela dedicada a este santo. Desta forma, São Sebastião foi o terceiro padroeiro de Parapeúna, pelo menos na intenção de seus moradores.

Assim conservam as coisas, até que, em 1924, conseguida a autonomia do 7º Distrito de Valença, e sendo vigário da mesma o Rev. Padre Antônio Corrêa Lima, teve-se a ideia de construir uma terceira, ao glorioso Mártir S. Sebastião, sob cuja proteção tinha-se colocado o referido districto, formando para isto uma comissão⁸.

Desta feita, entretanto, o projeto foi mais adiante e até mesmo uma comissão foi constituída, “que constava dos membros seguintes: Exmos. Srs. Antônio Monteiro de Carvalho, José Alves Grelart e João da Silva Guimarães. Esta comissão não foi bem-organizada [...] Houve, no entanto, algum entusiasmo”⁹.

Mas de acordo com as anotações do frei Antônio Fernandez, não foi ainda desta vez que a Parapeúna ganhou uma igreja.

Veio o Exmo. Sr. Bispo, espalharam-se algumas histas, arrecadou-se algum dinheiro, mas entusiasmo, histas e dinheiro, tudo veio a dar em nada. Afinal, que S. Sebastião do Rio Preto ficou, mais uma vez, sem a sua tão ardentemente desejada capella¹⁰.

7 Idem.

8 Idem.

9 Idem.

10 Idem.

Finalmente, em 1929, por iniciativa do Bispo de Valença, Dom André Arcoverde, após numerosas tentativas frustradas, cogitou-se a construção não apenas de uma capela, mas a criação de uma paróquia e de um santuário. E, logicamente, esta boa nova foi recebida com muita alegria e entusiasmo pela população do distrito, especialmente pelo frei Antônio Fernandez, que assim registrou a respeito:

Que fazer então? Ficar para sempre assim? Não. O homem propõe, e Deus dispõe. O logarzinho estava reservado para um fim maior: para a construção de um esbelto Santuário à Sta. Terêsinha do M. Jesus, a gloriosa Padroeira das Missões¹¹.

O desejo de se construir uma igreja na povoação era tão antigo que uma casa de morada foi alugada para esse fim, tão logo chegou o primeiro padre à Parapeúna, no dia 17 de novembro daquele mesmo ano. Mas as obras iniciaram efetivamente somente seis meses depois e ainda demorou cinco anos para ser inaugurada, conforme já informado. Foi assim, somente na quarta escolha, que a padroeira definitiva de Parapeúna, enfim, surgiu: Santa Terezinha do Menino Jesus!

Interessante é observar que Santa Terezinha do Menino Jesus e da Sagrada Face foi beatificada em 29 de abril de 1923 e canonizada em 17 de maio de 1925 pelo Papa Pio XI. Ou seja, não havia ainda quatro anos de sua canonização quando Dom André Arcoverde externou a ideia de construir um santuário em Parapeúna, tendo Santa Terezinha como padroeira local.

Outro detalhe significativo é que se buscou justamente “missionários” na Europa para a direção do santuário da Diocese de Valença; e Santa Terezinha, que durante toda a sua vida teve um grande desejo de evangelizar e ofereceu sua vida à causa missionária, foi aclamada como padroeira especial de todos os missionários, homens e mulheres, e das missões existentes em todo o universo.

Por fim, destaca-se que a devoção a Santa Terezinha era tanta que as obras para a construção do templo religioso tiveram início oficial aos 17 de maio de 1930, ou seja, exatamente no dia em que se completavam cinco anos da canonização de Santa Terezinha do Menino Jesus.

11 Idem.



Casa onde foi celebrada a 1ª missa em Parapeúna, em 1929.

Foto de Carlos Sacchi.

De acordo com Leoni Iório, o principal memorialista valenciano, a ideia da criação da “Paróquia de Santa Terezinha do Rio Preto”, deve-se ao primeiro Bispo de Valença, D. André Arcoverde. E adiante, justifica:

Dada a grande extensão territorial da paróquia de Valença, a paróquia da povoação de Rio Preto, tendo como padroeira Santa Terezinha do Menino Jesus, compreenderia também a capela de São Sebastião do Rio Bonito (Pentagna), que seria desmembrada da paróquia de Santo Antônio do Rio Bonito (Conservatória)¹².

Mas revisitando o 1º Livro de Tombo do Curato, não resta dúvida de que a paróquia foi criada porque Dom André Arcoverde queria fundar nela um santuário – o primeiro e único da Diocese de Valença! Ou seja, a ideia de um santuário no município de Valença dedicado a Santa Terezinha do Menino Jesus é anterior à elevação de Parapeúna à categoria de curato. E como a criação do curato era, naquela época, na “hierarquia religiosa-administrativa”, o primeiro reconhecimento daquela povoação enquanto zona geográfica eclesiástica da Igreja Católica, podemos afirmar que a ideia do

12. IÓRIO, Leoni. Valença de ontem e de hoje: subsídios para a história de Valença. Valença: Dipix, 2013, p. 219.

santuário foi o fator decisivo para o reconhecimento oficial de Parapeúna pela Diocese de Valença.

Interessante observar, ainda, que com a criação do curato, a povoação passava a ser provida de um cura (padre) residente para cuidar das atividades religiosas. Isto é, o curato, via de regra, só era criado na povoação que já fosse dotada de uma igreja menor, ou pelo menos de uma capela com um batistério. E Parapeúna recebeu não um, mas dois padres, sem ter ao menos uma capela, e foi elevada a curato e, logo a seguir, ao status de paróquia, sem que as obras da pioneira igreja ao menos estivessem iniciadas.

Todos esses fatos nos permite concluir que, realmente, foi a ideia do santuário que motivou a criação do curato, depois paróquia e, consequentemente, a construção da suntuosa igreja-santuário em Parapeúna, razão pela qual esta edificação tem uma importância histórica muito grande para a Diocese de Valença e merece ser preservada e valorizada.

Nesse sentido, o padre frei Antônio Fernandez, um dos personagens desta época narrada, registrou que “Rio Preto, E. do Rio, não constitui Paróquia, pertence a Valença; mas havia que erigi-la, para coloca-la sob a proteção da excelsa santinha de Lisieux, e entrega-la à direção dos referidos padres”¹³. Por essa razão, no mesmo dia em que se inaugurou a paróquia – 19 de novembro de 1929 – o Bispo Diocesano foi a Parapeúna benzer a primeira pedra do “Santuário de Santa Terezinha” – criado por Decreto da Câmara Eclesiástica de Valença, aos 28 de outubro de 1929, como já registrado. Este ato foi a consecução de um projeto que iniciara, de fato, no dia 25 de março daquele ano, quando o Bispo Dom André Arcoverde se dirigiu a Rio Preto, onde compartilhou com o padre local a ideia de criação de um santuário na vizinha Parapeúna.

Portanto, Dom André Arcoverde foi o idealizador e também o executor do projeto de se criar um santuário na Diocese de Valença; e o local por ele escolhido foi o aprazível distrito de Parapeúna, que desta forma finalmente foi elevado à categoria de paróquia e ganhou uma igreja! Assim se refere à criação da paróquia e à construção da igreja-santuário o memorialista Leoni Iório:

A construção desse lindo templo deve-se ao vigário padre Antônio Fernandez, que teve o apoio direto da Comissão, assim constituída: presidente de honra, Dr. Humberto Pentagna; presidente, Dr. Humberto Brandi, Juiz de Direito de Rio Preto; Miguel Pinto Barboza, tesoureiro; Antônio Monteiro de Carvalho, secretário; e conselheiros: Luiz

13 1º Livro de Tombo do Curato de Santa Terêsa do Menino Jesus, do distrito de Parapeúna, p. 37.

Esteves da Costa, Benvindo Antônio de Paiva, José Rodrigues Chaves, Dirceu Vilela, Felipe Jorge, José de Oliveira e Cassiano Lopes Lisboa. Da direção das obras, foi encarregado o cidadão Vasco Monteiro¹⁴.

Não obstante as valorosas informações contidas na obra “Valença de Ontem e de Hoje” do historiador valenciano Leoni Iório, foi no 1º Livro de Tombo da Paróquia de Santa Terezinha, porém, que encontramos interessantes detalhes sobre o processo de criação do santuário da Diocese, em que novos personagens de relevo aparecem. Além, é claro, de Dom André Arcoverde.

Mas com que elementos se contava para tal realização? Faltava o terreno para a construção do templo, não existia verba para comprá-lo, era difícil encontrar padres que assumissem a direção. Mas nada disto arredou o espírito do incansável Bispo de Valença¹⁵.

Mas o projeto de construção de um santuário na Diocese era audacioso e por isso contou também com a participação da Câmara de Vereadores e da Prefeitura de Valença, especialmente para a doação de um terreno pela municipalidade para o fim de se construir o santuário.

Com apoio da Câmara Municipal de Valença, o prefeito ofereceu o terreno doado por D. Maria Lucinda de Assis e Silva para a construção do cemitério, já interdicto, publicando, para o conhecimento de todos, uma resolução¹⁶.

Em especial, houve a participação fundamental do vigário de Rio Preto-MG, padre José Gomes Rodrigues.

A ideia do Santuário de Santa Têresa do Menino Jesus, de Rio Preto, deve-se ao digníssimo, zeloso e empreendedor Bispo de Valença, Dom André de Arcoverde Cavalcanti, sendo acolhida com verdadeiro entusiasmo pelo então Vigário de Rio Preto (E. de Minas), Padre José Gomes Rodrigues, para o qual não temos palavras de elogio¹⁷.

14 IÓRIO, Leoni. Valença de ontem e de hoje: subsídios para a história de Valença. Valença: Dipix, 2013, p. 219.

15 1º Livro de Tombo do Curato de Santa Terêsa do Menino Jesus, do distrito de Parapeúna, p. 36.

16 Idem.

17 Idem.

Foi desta forma que, ainda em março de 1929, foi criada a primeira comissão com o objetivo de se edificar uma igreja-santuário em Parapeúna.

Assim é que, aos 25 de março de 1929, dirigiu-se a Rio Preto, conseguindo formar, auxiliado pelo acima referido padre, uma comissão, que no mesmo dia tomou posse e que constava dos membros seguintes: Presidente de Honra, Exmo. Sr. Dr. Humberto de Castro Pentagna, douto prefeito do Município de Valença; Presidente, Exmo. Sr. Dr. Humberto Brandi, e sua exma. Sra.; Vice-Presidente, Sr. Antônio Monteiro de Carvalho; Tesoureiro, Sr. Miguel Pinto Barbosa; Secretário, Sr. Antônio Monteiro de Carvalho; e Conselheiros, Srs. Luiz Esteves da Costa, Benvindo Antônio de Paiva, José Rodrigues Chaves, Dirceu Villela, Felipe Jorge, José de Oliveira e Cassiano Lopes Lisboa¹⁸.

Entre outras colaborações, é inegável a participação destacada do padre José Gomes, que dois meses depois se dirigiu a Espanha em busca de um pároco para o santuário da Diocese de Valença e logrou êxito em sua difícil missão no exterior. Nota-se que nesta data a então Beata Terezinha nem havia sido canonizada, isto é, ainda não era Santa¹⁹.

Vencidas as primeiras dificuldades, havia que vencer mais outra: a de buscar Padres que assumissem a direção do Santuário. Mas onde encontrá-los? No Brasil, tornava-se difícil, devido a sua falta, tanto no clero secular, como regular. Sendo estes últimos os preferidos, pensou-se então na catholica Hespanha, pátria gloriosa de tantos e tão illustres missionários. Mesmo no Brasil, elles tiveram papel preponderante. Lembremo-nos do venerável Anchieta e seus companheiros. Pois bem, com esse fim, embarcou para lá, em maio de 1929, o Rev. Padre José Gomes Rodrigues, dirigindo-se imediatamente ao famoso Mosteiro do Escorial – a oitava maravilha do mundo, entre cujos muros habitavam, e habitam, os devotados filhos de Santo Agostinho, pertencentes à Província Matritense que, ali, e em outros lugares, vinham realizando intenso labor²⁰.

Além deste personagem de relevo, no registro paroquial apontam-se os nomes daqueles membros da comissão constituída que mais se destacaram

18 Idem.

19 MAGALHÃES, Rodrigo. Parapeúna: 100 anos do Distrito Valenciano que faz divisa com Minas Gerais. Valença: Interagir Editora, 2024, p. 103.

20 Idem, p. 36v.

para o fim de se criar o santuário da Diocese de Valença, todos moradores de Parapeúna:

os mais activos eram os Srs. Antônio Monteiro de Carvalho, Miguel Pinto Barbosa, Luiz Esteves da Costa e Benvindo Antônio de Paiva, aos quaes se uniu, a pedido do Exmo. Sr. Bispo, o Sr. Vasco Maia Monteiro, que desempenhou, como architecto, importantíssimo papel na obra²¹.



Igreja-Santuário de Santa Teresinha do Menino Jesus da Diocese de Valença.
Grafite sobre papel, de Wesley Rocher Monteiro.

Muito embora a igreja-santuário tenha sido inaugurada solenemente, com sagração pelo Bispo Dom André Arcoverde, aos 30 de setembro de 1935, é fato que o projeto acabou não recebendo a visitação pelos devotos de Santa

21 Idem.

Terezinha do Menino Jesus como se projetou. Mas o santuário devidamente criado por Decreto assinado pelo Bispo da Diocese de Valença, há quase cem anos atrás (28/10/1929), ainda hoje existe. Segue sob a administração do clero diocesano, com empenho do atual vigário da paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus – padre Levi da Cruz, que ali contribui na evangelização.

Todavia, mesmo sendo o primeiro santuário da Diocese de Valença, e um dos poucos na região Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, seja por falta de devoção do povo, seja pela diminuição no número de fiéis nesta paróquia, vê-se que o Santuário de Santa Terezinha do Menino Jesus de Parapeúna tem uma procura muito aquém do que previa o entusiasmado empreendedor Dom André Arcoverde, desde a sua criação. Na Diocese de Valença, já existe um segundo Santuário que está localizado na Rua José Cláudio, 19, Centro, Mont Serrat, Cdor. Levy Gasparian-RJ CEP: 25870-000, fundado aos 08/12/1957.

Por fim, é fundamental registrar que, como já citado, o primeiro vigário da igreja-santuário da Diocese de Valença, o frei espanhol Manoel Formigo (não obstante tenha sido logo substituído pelo frei Antônio Fernandez), é considerado um mártir da fé na Espanha, que foi beatificado em 2007 e pode se tornar santo nos próximos anos!

Patrono do Secretariado de Animação Vocacional da Província Agostiniana Nossa Senhora da Consolação do Brasil, o Beato Manuel Formigo Giraldez nasceu em Pazos Herms (Orense), na Espanha, em 13 de novembro de 1894. Entrou para a Ordem de Santo Agostinho em 1908, no Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial e, em 1925 foi ordenado sacerdote. De acordo com os registros da entidade “ele tinha um espírito missionário, e era entusiasmado, jovial e espontâneo”²².

Manoel Formigo veio para o Brasil em setembro de 1929, sendo nomeado “Cura Encomendado do Curato de Santa Têresa do Menino Jesus [...] no lugar de construção do Santuário”, no dia 28 de outubro, mas chegou a Parapeúna e tomou posse como “Vigário do Curato” somente aos 17 de novembro (teria permanecido na cidade de Valença por um lapso de tempo de mais de um mês), ocasião em que realizou dois batizados no distrito.

Mas ele apenas teve tempo de celebrar ao todo quatro atos religiosos na recém-criada paróquia de Santa Terezinha. São esses os pioneiros registros do 1º Livro de Batismos da Igreja local. Foram batizados por ele, aos 17

22 Disponível em Província Agostiniana. Disponível em: <https://agostinianos.org.br/artigo/a-nova-provincia-tributo-aos-pioneiros>. Acesso em: 15 mar. 2025.

de novembro de 1929: “Nº 1: José Pereira, filho legítimo de Cândido Pereira Barros e Maria da Conceição Alves. Foram padrinhos: Manoel Esteves Alves e Eveminia Gilda Alves”; e “Nº 2: Gabriel Pereira, filho legítimo de Sebastião Pereira Braz e Joaquina da Conceição Braz”. E no dia 24 daquele mesmo mês, batizou: “Nº 3: Maria Terezinha, filha legítima de Pedro Jorge da Silva e Maria Soares de Jesus”; e “Nº 4: João Ruamias de Carvalho, filho legítimo de Sebastião Ruamias de Carvalho e Victoria Roça da Silva”.

Mas, três dias depois o vigário de Parapeúna já embarcava de volta à Espanha, devido a problemas de saúde. Assim registrou o frei Antônio Fernandez no Livro de Tombo, com o título de “Declaração”, no dia 27 de novembro de 1929:

Vendo-se obrigado o primeiro vigário do Curato de Santa Teresa do Menino Jesus, Padre Manuel Formigo O.S.A., a voltar, por inesperada enfermidade, à Hespanha, ficou encarregado do mesmo Curato o seu Coadjutor, como assim o declara e subscreve²³.

Esta informação sobre o Beato Manoel Formigo é confirmada no site oficial da Província Agostiniana do Brasil: “Em 1929 veio trabalhar no Brasil como missionário, na Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesús, em Parapeúna – Diocese de Valença (RJ). Devido à sua saúde frágil, permaneceu no Brasil por um curto período”²⁴.

De volta à Espanha, foi transferido para Málaga, onde se dedicou às aulas do ensino básico, a ajudar nas paróquias e a pregar em várias cidades da região. Mas em 15 de agosto de 1936, durante a Guerra Civil Espanhola, após celebrar a missa no sanatório de Gálvez, saiu para distribuir a comunhão quando foi abordado e morto a poucos metros do convento Agostiniano onde morava. Estava com 42 anos de idade²⁵.

E para engrandecer ainda mais a história da Diocese de Valença, este que foi o primeiro padre da paróquia sede do santuário de Santa Teresinha do Menino Jesus de Parapeúna, no dia 28 de outubro de 2007 foi beatificado. A cerimônia de beatificação foi presidida pelo Cardeal José Saraiva Martins,

23 1º Livro de Tombo do Curato de Santa Terêsa do Menino Jesus, do distrito de Parapeúna, p. 34.

24 Disponível em: Província Agostiniana. <https://agustinos.co/beato-manuel-formigo-giraldez/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

25 MAGALHÃES, Rodrigo. Parapeúna: 100 anos do Distrito Valenciano que faz divisa com Minas Gerais. Valença: Interagir, 2024. p. 100.

Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, com a bênção do Papa Bento XVI.

“Beato Fr. Manuel Formigo Giráldez, pioneiro dos Agostinianos do Escorial no Brasil e Mártir na Guerra Civil Espanhola” – a partir da beatificação é assim que aparece na Seção destinada aos “Santos e Beatos Agostinianos”, no site oficial da entidade espanhola, e desde então se encontra em tramitação o processo para que o primeiro vigário do santuário da Diocese de Valença se torne um Santo da Igreja Católica.

Segue abaixo a oração dedicada ao Beato Frei Manoel Formigo:

Ó Deus, que enviastes vosso Filho para que morrendo e ressuscitando-nos desse seu Espírito de amor. Nosso irmão Beato Frei Manoel Formigo manteve sua adesão a Jesus Cristo de maneira tão radical e plena que lhe permitistes derramar seu sangue por Ele. Dai-nos a graça e a alegria da conversão para assumir as exigências da fé; ajudai-nos, por sua intercessão e por Maria, Rainha dos Mártires, a sermos sempre artífices de reconciliação na sociedade e a promover uma vida de comunhão entre os membros da vossa Igreja; ensinai-nos a nos comprometermos com a nova evangelização, sobretudo das juventudes, fazendo de nossas vidas testemunhos eficazes do amor a Vós e aos irmãos. Nós vos pedimos por Jesus Cristo, a Testemunha fiel e verdadeira, que vive e reina para sempre, na unidade do Espírito Santo. Amém²⁶.



Beato Manuel Formigo Giráldez.

Acervo Particular de Rodrigo Magalhães.

26 Idem.

Considerações finais

Este é um breve histórico sobre a criação e fundação do Santuário da Diocese de Valença, ocorrida em 1929. Vimos que o primeiro ato oficial para este fim aconteceu no dia 25 de março de 1929, quando foi constituída uma comissão para viabilizar a consecução deste projeto, que culminou com a viagem à Espanha do padre José Gomes, vigário da paróquia de Nosso Senhor dos Passos de Rio Preto-MG, em maio seguinte, com o objetivo de trazer religiosos hábeis para administrar a Igreja-Santuário que se pretendia criar.

Com a chegada de dois religiosos espanhóis à Valença em setembro, a Câmara Eclesiástica da Diocese, por meio de um Decreto assinado pelo seu primeiro Bispo e idealizador do projeto, Dom André Arcoverde, criou-se o curato de Santa Teresinha, no distrito de Parapeúna – lugar onde deveria ser construído o santuário, conforme expressamente determinava o referido documento, que por isso pode ser considerado o ato oficial de criação do Santuário da Diocese de Valença.

A seguir, no dia 19 de novembro daquele mesmo ano a pedra fundamental para a edificação da igreja-santuário recebeu benção solene do Bispo Diocesano e a sua inauguração aconteceu cinco anos depois, aos 30 de maio de 1935.

Sendo assim, no centenário de criação da Diocese de Valença torna-se importante destacar todas as personagens que fizeram (e fazem) parte da história do Santuário de Santa Teresinha. Pois, certamente entre os vultos ligados a esta instituição centenária, não se pode deixar de lembrar o nome daqueles que dedicaram muitos esforços para a criação de um santuário na Diocese, sendo que, em relação a alguns deles, podemos dizer que são personagens praticamente esquecidos da historiografia regional, como o frei Manoel Formigo – primeiro vigário da Igreja-Santuário, que se tornou Beato em 2007 e agora pode ser considerado Santo nos próximos tempos.

Referências

IÓRIO, Leoni. **Valença de ontem e de hoje**: subsídios para a história de Valença. Valença: Dipix, 2013.

MAGALHÃES, Rodrigo. **Parapeúna**: 100 anos do Distrito Valenciano que faz divisa com Minas Gerais. Valença: Interagir, 2024.

XVII. SANTUÁRIO NOSSA SENHORA MONT' SERRAT

Adelci Silva dos Santos

Apresentação

Durante toda a sua caminhada histórica, o Brasil viu pontilhar em cada canto habitado de seu território uma série de capelas, igrejas santuários e catedrais. O marco civilizatório de qualquer região do país era o estabelecimento de um templo católico, seguido pela Câmara Municipal e o pelourinho. A fé e o poder sempre andaram de mãos dadas como uma fórmula efetiva para atender às necessidades da alma e da ordem pública.

É justamente dentro deste cenário que este capítulo apresenta o surgimento da capela e santuário de Mont' Serrat, inserindo-o não apenas no contexto local ou nacional, mas até mesmo dentro dos resultados do processo de colonização portuguesa no Brasil.

O Modelo de Interiorização Colonial

No contexto do movimento expansionista e colonizador encabeçado por Portugal desde o século XVI, uma característica sempre foi dominante sobre as demais: sua gana de enriquecer. Esse era seu objetivo principal. Assim sendo, buscava recolher o máximo possível de informações que pudessem apenas, e tão somente, atender a este objetivo. Diferente da expansão árabe na África, por exemplo, onde o primeiro objetivo era adquirir um conhecimento mais geral das regiões por onde avançavam, produzindo tratados descritivos, vasta cartografia, relatos sobre a geografia, hidrografia, populações nativas e outras características. Os portugueses se limitavam ao mínimo necessário.

Não é, então, sem motivos que dentre os 13 principais cronistas que estiveram no país entre 1550 e 1860, apenas dois sejam de origem lusitana. Isso explica porque tantas regiões do interior do país, mesmo tendo um lugar de destaque no cenário histórico nacional, como o município de Comendador Levy Gasparian, são praticamente desconhecidas da historiografia nacional.

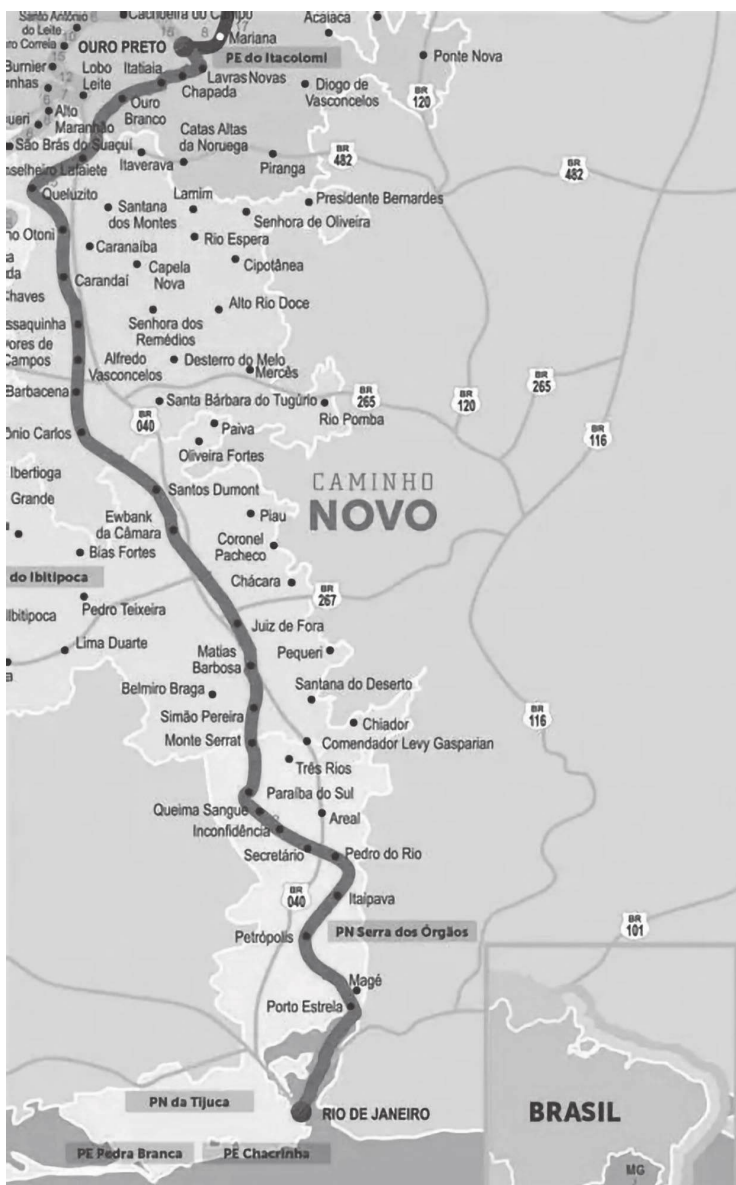
Viajantes e Cronistas do Brasil – Linha do Tempo

Autor / Nome original	Nacionalidade	Obra principal (título original)	Ano de publicação	Observações
Hans Staden	Alemão	Warhaftige Historia	1557	Relato do cativo entre os Tupinambás; primeira grande descrição etnográfica.
Jean de Léry	Francês	Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil	1578	Obra clássica sobre os Tupinambás, importante para estudos etnológicos.
Gabriel Soares de Souza	Português	Tratado Descritivo do Brasil	1587 (pub. 1851)	Inventário da fauna, flora e populações indígenas do Brasil colonial.
Fernão Car-dim (SJ)	Português	Tratados da Terra e Gente do Brasil	1625 (escrito no séc. XVI)	Relato jesuítico sobre natureza e costumes indígenas.
Claude d'Abbeville	Francês	Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan	1614	Relato da França Equinocial (Maranhão).
Yves d'Évreux	Francês	Suites de l'Histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan	1615 (pub. séc. XIX)	Complemento da obra de d'Abbeville.
André João Ant-nil (Giovanni Antonio Andreoni)	Italiano	Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas	1711	Análise econômica da colônia, recolhida pela Coroa portuguesa.
John Luccock	Inglês	Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil	1820	Observações sobre o Brasil no período da chegada da corte portuguesa.
Spix e Martius	Alemães	Reise in Brasilien	1823–1831	Resultado da missão científica bávara; 3 volumes.
Maria Graham	Britânica (escocesa)	Journal of a Voyage to Brazil...	1824	Impressões sobre o Brasil no processo de independência.
Jean-Baptiste Debret	Francês	Voyage Pittoresque et Historique au Brésil	1834–1839	Obra visual monumental; 3 volumes.
Johann Moritz Rugendas	Alemão	Voyage Pittoresque dans le Brésil	1835	Iconografia do Brasil imperial; cenas da escravidão e do cotidiano.
Charles Ribeyrolles	Francês	Le Brésil Pittoresque	1859	Visão crítica do Brasil do Segundo Reinado.

As Origens de Mont' Serrat

De acordo com Reinado de Oliveira Ferreira, em seu livro “Um Novo Amanhecer – A História do Município de Comendador Levy Gasparian”, de 1995, “O interesse pela posse da região do rio Paraibuna só se concretiza a partir do início do século XVIII, quando já estava concluído o “Caminho Novo” do bandeirante Garcia Rodrigues Paes, que se tornara oficial como via de ligação entre o Rio de Janeiro e a rica região dos metais preciosos, as “Minas Novas” ou “Minas Gerais”. Anteriormente, o Caminho entre o litoral e a região mineradora saía de Paraty, subia a Serra do Cunha em direção a Lorena e Guaratinguetá, na capitania de São Paulo, e de lá atravessava a Serra da Mantiqueira, até chegar a Ouro Preto, São João d’El Rey e Mariana. Este trajeto descrevia um grande arco, passando, portanto, bem longe da Região Fluminense na qual Paraibuna e Levy Gasparian se localizavam.

A abertura do “Caminho Novo” é um fato histórico memorável que jamais poderá ser esquecido, ou ter uma importância menor no surgimento do município de Comendador Levy Gasparian. Se outras comunidades se formaram como consequência dessa “aventura”, para a região antes denominada “Paraíba Nova” foi fundamental. O Município de comendador Levy Gasparian tem como primeiro núcleo populacional o povoado de Monte Serrat, uma consequência do “Caminho Novo”, portanto. (Ferreira, 1995, p. 11)



Mapa do Caminho Novo de Garcia Rodrigues Paes.

Fonte: Guia Estrada Real

O Caminho Novo de Garcia Paes era uma “picada” aberta em meio à Mata Atlântica e que, por ser uma trajetória praticamente em linha reta, encurtando a distância entre as águas da Baía de Guanabara e a região

aurífera, atraiu um fluxo muito mais robusto e constante de desbravadores, comerciantes e aventureiros que agora tinham mais segurança em fazer a jornada, salpicado de núcleos de povoamento ao longo de todo o caminho que aos poucos foi perdendo sua característica de picada no meio do mato. É neste novo contexto que pousos de tropeiros vão se transformando em novos assentamentos e povoados e que rapidamente evoluíram para Vilas, como Paty do Alferes, São Pedro e São Paulo da Paraíba (Paraíba do Sul), Vassouras, Valença e o território que viria a ser Mont Serrat, hoje Comendador Levy Gasparian.

Observe-se no mapa acima que Três Rios, Mont' Serrat e Comendador Levi Gasparian formam os três últimos municípios na fronteira entre as Capitânicas do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Observe-se ainda que a moderna rodovia federal BR 040, praticamente segue a mesma trajetória do Caminho Novo, mostrando o quanto essa rota, aberta no século XVIII foi, e continua a ser, relevante na estrutura de locomoção entre o interior do território e os portos do litoral. Datam daquele período, portanto, as primeiras referências concretas e oficiais sobre o território que, hoje, compõe este município.

Antes, porém, quando toda a região era envolvida por mistérios e somente o elemento indígena conhecia suas potencialidades e dominava todo o seu território, a Coroa portuguesa, sedenta de riquezas que pudessem alimentar os seus cofres e ampliar os seus domínios imperiais, enviava expedições de reconhecimento e exploração pelo interior do Brasil. Entre essas expedições, a primeira a transitar por estas terras era chefiada por Martim Corrêa de Sá.

Por volta de 1597, descendo o curso do rio Paraíba do Sul, após encontrar a foz do rio Paraíba, embrenhou-se pelas paragens que futuramente seriam conhecidas como as “Minas Gerais” após o ouro ser descoberto em 1690, portanto, quase cem anos depois da aventura de Martim Corrêa de Sá.

Não se pode duvidar, porém, que muitos aventureiros, ávidos pelas riquezas preciosas encravadas nas “Minas Novas”, fizeram destas terras o roteiro de suas aventuras. Como não objetivavam o conhecimento da região, não documentaram suas viagens; e a região percorrida continuou mergulhada em uma grande sombra, sendo tratada, ao menos até 1776, e a alguns anos depois, genericamente como “sertão dos índios brabos”. Estes fatores apenas a reforçam como motivo de indagação e pesquisa de um passado que precisa ser levantado.

Um dos cronistas citados anteriormente, Antonil (2013), afirmava que um dos sonhos acalentados por aqueles que vinham e viviam no Brasil era

tornar-se senhor de terras. A propriedade privada de terras foi, e continua sendo, um dos mais importantes distintivos sociais. Assim, uma das estratégias da Coroa Portuguesa para atrair e fixar o homem ao território era a doação de generosas glebas de terra; essa também era uma forma usual de pagamento por grandes serviços prestados ao governo Colonial. Isso não foi diferente com Garcia Rodrigues Paes, que como retribuição pelos seus esforços na abertura e manutenção do Caminho Novo, logo chamado de Estrada Real, requisitou para si, como quadra de sesmaria, toda a área compreendida entre os rios Paraíba do Sul e Paraíbauna, a qual lhe é concedida por D. João V e onde veio a se estabelecer definitivamente.

Na verdade, pela importância de seus serviços prestados e pelo prestígio que Garcia Paes alcançou junto à Corte, este desbravador recebeu não uma, mas um conjunto de sesmarias que se estendiam desde a Borda do Campo (inclusive donde veio a se formar o município mineiro de Barbacena), passando por Matias Barbosa (que dará origem ao município de Juiz de Fora), Paraíba do Sul (fazenda da Parayba/Paraybuna) e Macacos (hoje município de Paracambi) já na baixada fluminense.

A sesmaria que ligava diretamente ao território de Mont' Serrat é a Fazenda da Parayba/Paraybuna, onde será erigida a capela de Nossa Senhora de Mont' Serrat e, em torno dela, o povoamento que dará origem à vila.

Para agradecer tanta prosperidade, veicular o catolicismo e servir de depositário da fé dos habitantes, Garcia mandou erigir conforme a fé e o costume uma capela, a qual foi dedicada ao culto de N. Sr^a de Monte Serrat. Sua construção data, possivelmente, do período compreendido **entre 1702 e 1723**, situada a meio caminho entre a margem do rio Paraíbauna e “Barra Longa”. Segundo os informes dos cronistas da época, foi em torno dessa Capela que se formou o primeiro núcleo populacional que originaria o município de Comendador Levy Gasparian (Ferreira, 1995, p. 17)

Inicialmente, o lado mais próximo ao rio Paraíbauna é utilizado para o cultivo da mamona, cuja utilidade não era outra, senão a produção de óleo para a iluminação por meio de lamparinas e lâmpões e, apesar de sua importância utilitária, não se pode afirmar que tenha sido uma atividade econômica robusta ou de grande importância para a região. Mas o cultivo da mamona era um indicativo da fertilidade do solo, que não tardou a atrair para ali outros interessados e, em pouco tempo, a região achava-se de certo modo povoada.

No decorrer de todo o século XVIII, a localidade teve sua economia apoiada nas atividades de subsistência, que envolviam uma agricultura diversificada, incluindo o cultivo de itens de primeira necessidade como milho, feijão, mandioca e arroz, além das plantações de mamona, marmelo, anil, cana de açúcar e uma série de frutíferas; além disso havia a pecuária leiteira, seja para consumo próprio, seja para a produção de queijo em pequenas quantidades, e a criação de pequenos animais para consumo, como porcos, perus e galinhas (Santos, 2012).

O excedente da produção agrícola era destinado, a preços exorbitantes, ao consumo da população das Gerais, cuja economia baseava-se quase que exclusivamente na mineração. O mercado mineiro manteve-se por quase um século, até quando a exploração aurífera deixa de ser economicamente viável e o fluxo do excedente muda sua rota para abastecer a cidade do Rio de Janeiro (Ribeirolles 1941). A sesmaria de Garcia Rodrigues Paes foi uma das mais prósperas dentro da Capitania do Rio de Janeiro.

Para a fixação do povoado, três fatores foram de vital importância: o primeiro, quando ali foi instalado o destacamento efetivo do “Registro”, uma espécie de alfândega, cujos objetivos eram evitar o contrabando de ouro e pedras preciosas e arrecadar os impostos reais pelo direito de passagem, como se fosse um pedágio; o segundo, deu-se com a exploração de mão-de-obra escravizada, proporcionando o desenvolvimento econômico das fazendas com custos baixíssimos; o terceiro, quando é concluída, em 1861, a Estrada União e Indústria, primeira estrada pavimentada do país – no local instalava-se a 8ª estação de muda de cavalos, parada obrigatória para todos os usuários da estrada.

O Registro arrecadador de Paraibuna foi instalado em 1711, com a construção de um quartel para abrigar a Polícia Montada, condição necessária para garantir a segurança não apenas ao trânsito pelo “Caminho Novo”, mas também aos “Registros” e à população que aos poucos foi se estabelecendo em torno de toda a estrutura que ia se formando. Posteriormente, casas foram construídas para os funcionários, os quais acabavam por fixar-se nas terras de Garcia Rodrigues e contribuíam, assim, para a evolução da localidade.

Afirma-se que em 1782 administrava a importante alfândega o Coronel Luís Alves de Freitas Bello que, ao nascer-lhe a filha, Mariana Cândida de Oliveira Bello, a fez ser batizada na Capela de Nossa Senhora do Mont’ Serrat. A filha do Coronel Freitas Bello vem a ser a mãe de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias e Patrono do Exército brasileiro, que foi importante

fazendeiro nas paragens de Desengano, hoje Barão de Juparanã, onde possuiu a Fazenda Santa Mônica, às margens do Rio Paraíba do Sul.

O “Caminho Novo” e a região de Paraibuna também estão ligados a outro vulto famoso da História brasileira, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, personagem elevado à categoria de Patrono da Independência do Brasil, que por aqui passava quando se dirigia ao Rio de Janeiro. Embora estivesse empenhado apenas em promover a independência de Minas Gerais e por isso foi condenado à morte, passou a ser considerado um mártir de todos os movimentos libertários do país. Parte de seu corpo, desmembrado como punição capital, ainda está depositada na região.

A História do Brasil passou pelas terras do município de Comendador Levy Gasparian, deixando suas marcas de desbravamento e de lutas libertárias. No âmbito regional, historicamente incorporada à formação do município, figura a pessoa do Capitão José Antônio Barbosa Teixeira. Em 1817, dirigindo o Registro de Paraibuna, mudou o traçado do “Caminho Novo” eliminando-lhe as dificuldades de trânsito.

Homem capaz e dinâmico, o Capitão Barbosa Teixeira foi responsável por outra obra de expressivo valor: a Ponte de Paraibuna. Construída entre 1818 e 1822, a ponte recebeu o nome de “Imperial Ponte de Madureira”, cuja inauguração contou com a presença do Imperador D. Pedro I. A referida ponte foi denominada “Imperial” em homenagem ao recém-independente Império do Brasil, e “Madureira”, porque esse foi o primeiro topônimo de Paraibuna, e que hoje conhecemos oficialmente como Monte Serrat.

Obra colossal para os conhecimentos técnicos da época, a ponte sobre o rio Paraibuna tinha piso carroçável, cujos pranchões foram talhados em madeira-de-lei e apoiados em cinco pilares de pedra. A ponte possuía, ainda, uma cobertura em tábua lisa e um túnel em alvenaria à meio canal. Passados vinte anos de sua construção, mais precisamente em 1842, houve uma revolta em Minas Gerais¹ e os revoltosos alcançaram Paraibuna rapidamente. Temerosos dos possíveis combates entre as tropas imperiais e os revoltosos das Gerais, praticamente toda a população abandonou as cercanias do “Caminho Novo”.

1 Trata-se da Revolução Liberal, um levante de caráter político contra a centralização do poder imperial. Teve como principais líderes Teófilo Ottoni, Joaquim Floriano de Godoy e outros políticos mineiros, que organizaram tropas contra o governo imperial. Apesar de os rebeldes terem conquistado algumas localidades, inclusive fora da província, foram derrotados pelas forças legalistas comandadas por Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, enviado pelo governo central para sufocar a revolta.

Com o avanço progressivo da tropa legal que partira do Rio de Janeiro, lideradas pelo militar e fazendeiro Luís Alves de Lima e Silva, os amotinados mineiros não hesitaram em atear fogo a ponte, destruindo completamente as suas partes de madeira.

Da antiga ponte, construída sob a orientação do Capitão José Antônio Barbosa Teixeira, restam apenas os pilares de sustentação que, ainda hoje, servem de apoio para atual ponte de concreto armado. Com a finalização das obras de construção da Estrada União e Indústria, em 1861, a ponte foi recuperada e integrada esse grande empreendimento de progresso para a região.

Devido aos desenvolvimentos verificados na localidade, o governo provincial resolveu reconhecer-lhe a importância como núcleo populacional, erigindo, em 24 de setembro de 1884, pela Lei nº 2.698, a paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat. A referida lei estava assim redigida: “*Fica creada a Parochia de Nossa Senhora do Montserratt.*” Na divisa com o município de Parahyba do Sul, com os seguintes limites: todas as águas vertentes dos rios Preto e Paraibuna e mais as fazendas do “Socego”, pertencentes aos herdeiros do barão de Santo Antônio, e da “Cachoeira de Santa Theresa”, pertencente a João Jacinto do Couto, e os sítios de propriedades de Clemente José Nunes, José Alves da Silva, e outros compreendidos entre esta última fazenda e o alto da Serra das Abóboras”. Um ano depois, por deliberação datada de 07 de outubro de 1885, foi criado o distrito de paz, com a denominação de Montserratt, com os mesmos limites antes fixados para a paróquia.

Ora, em fins do século XIX, quando cria-se a paróquia de Mont’ Serrat, a comunidade já possuía um novo templo que substituiu a antiga capela. Este havia sido construído algumas décadas antes:

O atual templo de Nossa Senhora de Mont Serrat é uma construção dos primeiros anos da segunda metade do século XIX, com linhas arquitetônicas de inspiração neogótica. Sua inauguração foi em meados de **1857** e contou com a presença do Imperador D. Pedro II, que na ocasião esteve acompanhado pelo seu genro, o Duque de Saxe. (mapadecultura.com.br)²

O atual templo de Nossa Senhora de Mont Serrat é uma construção dos primeiros anos da segunda metade do século XIX, com linhas arquitetônicas de inspiração neogótica. Sua inauguração foi em meados de **1869** e contou com a presença do Imperador D. Pedro II, que na

2 Disponível em: <http://mapadecultura.com.br/manchete/igreja-de-nossa-senhora-de-mont-serrat>. Acesso em: 26 out. 2022.

ocasião esteve acompanhado pelo seu genro, o Duque de Saxe. (Fonte Históricas do Brasil, p. 12-13)³

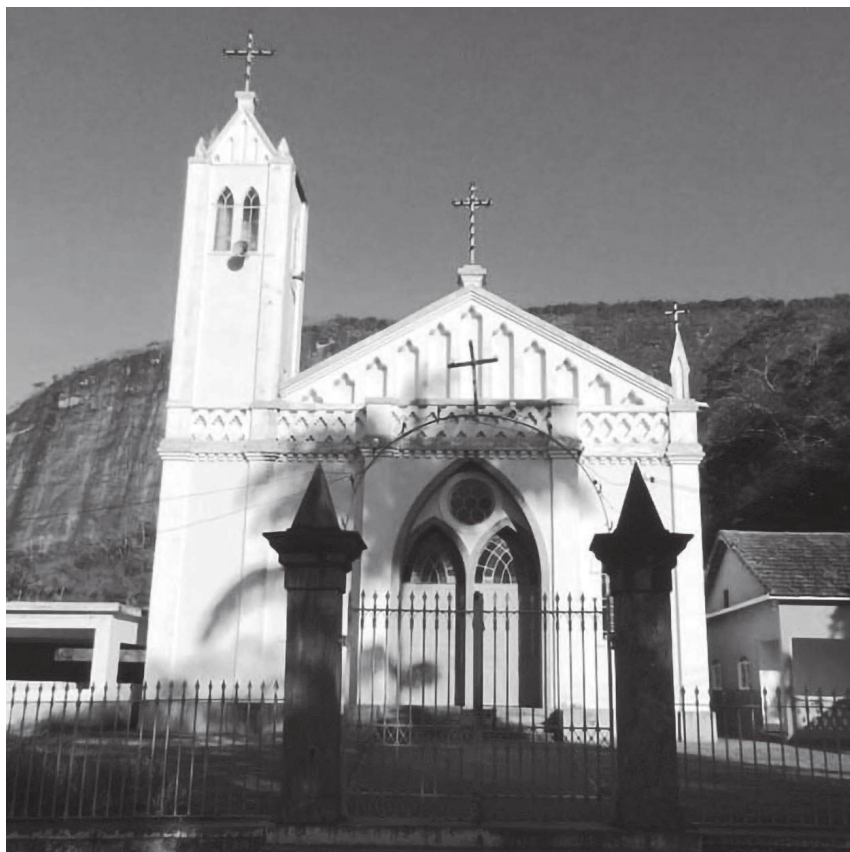
Se o elemento indígena foi o primeiro habitante, coube ao negro africano, escravizado por princípios sociais, comerciais e religiosos injustos, sacrificar-se com o seu suor e sangue para o notável desenvolvimento da região e enriquecimento dos latifundiários de então. Entretanto, com a exploração massiva e exaustiva das terras, sem o mínimo cuidado como os recursos naturais, com a preservação das margens agrícolas, com um sistema de plantio vertical, as terras, antes tão férteis, rapidamente se exauriram e a região, assim como todo o Vale do Paraíba, entrou em irreversível declínio agrícola. A abolição da escravidão apenas complementou uma derrocada que já estava em curso, pois os fazendeiros tinham a esperança de vender seus cativos para o oeste paulista em expansão ou de uma abolição indenizada e, por isso, inflacionaram o preço de sua escravaria. Mas este modelo de abolição não veio.

Em 1938, Monte Serrat perde parte de seu território para a criação do distrito de Afonso Arinos e, em 1943, foi extinta sua categoria de distrito e todo o seu território tornou-se parte integrante daquele distrito. Muitos consideram ser este um destino inglório para uma localidade que foi cenário de uma parte importante da História do Brasil; no entanto, é necessário levar em conta quais os fatores que promoveram tão significativa mudança, mas este é um assunto que não cabe nestas poucas linhas.

A Paróquia Nossa Senhora do Mont' Serrat

A Paróquia de Nossa Senhora do Mont' Serrat, que tem a razão social MITRA DIOCESANA DE VALENCA, está localizada no bairro de Monte Serrat, na Rua José Claudio, nº 19, no Município de Comendador Levy Gasparian-RJ. Aos 08 de dezembro de 1955 foi instalada canonicamente como Paróquia e posse do primeiro pároco. Pe. Gastão Melsen. São partes integrantes, como comunidades desta paróquia, a sua Matriz, Nossa Senhora de Mont' Serrat, e Afonso Arinos, no bairro de Santo Antônio.

3 Fontes Históricas do Brasil, Célio C. Aguiar Lima e José Roberto Vasconcelos Nunes, 2011.



Santuário de Nossa Senhoraa de Mont' Serrat.

Fonte: Nossas Paróquias – Cúria de Valença



No ano de 2015, enquanto a Diocese de Valença comemorava já seus noventa anos, a paróquia de Mont' Serrat, mais jovem, também aniversariava e comemorava: “Nos 90 anos da querida Diocese de Valença, com a Senhora do Mont' Serrat, Mãe da Igreja peregrina e servidora do Evangelho da Alegria, celebramos a história dos 60 anos de criação de nossa paróquia.”⁴

Santuário Diocesano de Nossa Senhora do Mont' Serrat

O livro de Tombo desta paróquia, aberto em 1955, estabelece a data de 1857 como o ano de elevação da antiga capela à condição de e dignidade de Santuário, cuja Festa do Centenário realizou-se em 08 de setembro de 1957.⁵ Pode-se, então, considerar, a partir dessa Festa do Centenário (1957), que o Santuário completou, no ano de 2022, 165 anos de existência.

Como demonstração de fervor contínuo e devoção perene, atravessa as décadas; em setembro de 2007, realizou-se a COROAÇÃO COMUNITÁRIA dos 150 ANOS de existência do Santuário. Simbolicamente, Maria foi coroada com 150 estrelas, pelas mãos de 150 devotos e devotas de Nossa Senhora do Mont' Serrat. Embora simbólico e repleto de humildade, porquanto não se tratava de artesãos renomados a confeccionar as estrelas que coroaram Maria, este ato estava repleto de simbolismo e reafirmações. Foram 150 anos de orientação e proteção de Nossa Senhora e os modestos devotos esperam que por 150 e muitos outros pudessem contar com suas bençãos. Era, numa só cerimônia, um ato de agradecimento e de renovação de votos.

Sem nunca fechar suas portas ao trabalho de orientação espiritual dos devotos, o Santuário realiza as missas regulares nas manhãs de domingo e, também, às quintas-feiras ocorre as cerimônias de adoração a Maria e as Missas, estas às 18:20h.

Sendo devotada a Maria, mãe do Cristo, natural que a igreja de Nossa Senhora de Mont' Serrat ostente uma imagem da padroeira. A que nela se encontra pertenceu à conhecida família paulista de origem flamenga dos Leme. Belíssima obra de estatuária, quase em tamanho natural e em estilo barroco, a imagem é dotada de rica pintura, inclusive ouro.⁶ Esta família Leme, doadora da imagem que adorna a Igreja de Nossa Senhora de Mont'

4 Programa da Festa do ano de 2015.

5 Registro no primeiro e único livro Tombo desta Paróquia, aberto em 1955.

6 Fontes Históricas do Brasil, Célio C. Aguiar Lima e José Roberto Vasconcelos Nunes, 2011.

Serrat, remete ao século XIII, estando presente nas negociações do Tratado de Tordesilhas, mas tem como principal expoente no Brasil o Bandeirante Fernão Dias Paes Leme (1608-1681), o “Governador das Esmeraldas” e descobridor das rotas para as Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás; foi ele o fundador da cidade de Cuiabá.



Imagem de Nossa Senhora de Mont' Serrat. Fonte: (20+) Facebook.

Isso apenas demonstra o quanto aqueles municípios e vilas, supostamente inexpressivos no cenário político ou mesmo econômico de nosso país, podem ter raízes tão profundas em nossa história. Resgatar estas histórias regionais é um trabalho de fundamental importância para o conhecimento do todo e, nessa tarefa, a Igreja, enquanto primeira e onipresente instituição neste país, tem um papel fundamental do qual não pode se esquivar. Mesmo

pequenas paróquias podem ser ponta de lança nesse processo de resgate histórico e construção historiográfica.

Atualmente, sob o pastoreio de Pe. Jefferson Francisco dos Santos, além das interações tradicionais com a comunidade, por meio das cerimônias religiosas e as missas regulares, a paróquia de Nossa senhora de Mont' Serrat também se faz presente por uma série de festividades religiosas já tradicionais, sendo as principais a festa de Nossa Senhora de Mont' Serrat, que inclui as novenas, as missas solenes, a alvorada festiva, com banda de música; a missa na Pedra de Paraibuna, barraquinhas e shows. A festa divide-se em dois momentos, em dias consecutivos. O primeiro acontece no dia 07 de setembro, com procissão em honra a Nossa Senhora Aparecida; e o segundo, no dia seguinte, com procissão em honra a Nossa Senhora de Mont' Serrat, padroeira da comunidade. Em ambos os dias ocorrem shows pirotécnicos, shows de prêmios, leilões de prendas, de bezerros e de outros animais, além de diversificadas barracas de comidas típicas das festas de interior.

Pela importância religiosa, social e histórica do Santuário e da devoção a Nossa Senhora de Mont' Serrat, o poder Legislativo do Município de comendador Levy Gasparian sancionou, em 13 de maio de 2015, a lei nº 878, transformando a data de **8 de setembro (Dia da Festa da Padroeira)** em Feriado Municipal.⁷ Foi uma confirmação direta do quanto a comunidade havia se firmado à padroeira de sua fé a ponto de a tornar também senhora do dia mais importante, não apenas do distrito de Mont' Serrat, mas de todo o município de Levy Gasparian. Mas as mudanças não param por aí.

7 Disponível em: <https://levygasparian.rj.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/LEI-878-2015.pdf>.



Pe. Jefferson Francisco dos Santos. Fonte: (20+) Facebook.

Já no final da segunda década do século XXI, em 2017 mais precisamente, a paróquia de Nossa Senhora Aparecida celebra um convênio com o Instituto Missionário Coração Imaculado de Maria, organização missionária estabelecida na Diocese de São José do Rio Preto, em São Paulo, e fundado por Ângelo Angioni. O objetivo desta aliança é fortalecer a evangelização por meio de ações colaborativas entre as comunidades religiosas.

Padre Silvano Firmino Chaves foi o primeiro sacerdote enviado para dar início a essa nova etapa da paróquia e da vida religiosa do município. Dentre as atuações dos padres do Instituto em colaboração com os paroquianos está o acompanhamento espiritual, o fortalecimento da fé e a ação missionária; assumindo a condução da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, são também os responsáveis pela Paróquia de Nossa Senhora de Mont' Serrat, que hoje está sob a liderança dedicada e abnegada de Padre Jefferson, cuja atuação rega e fortalece ainda mais a trajetória histórica de ambas as paróquias.

Conclusão

A história do acesso, ocupação, povoamento e desenvolvimento da região de Mont' Serrat, longe de estar dentro do modelo de administração colonial nas terras portuguesa, embora com ele apresente semelhanças e características preponderantes, é a evidência mais explícita de como trajetórias subalternizadas ou silenciadas por correntes interpretações historiográficas mais globalizantes podem ser grandes referenciais de informações importantes.

O estudo sobre o santuário de Nossa Senhora de Mont' Serrat é prova do quanto a Igreja católica foi e continua sendo um grande esteio da sociedade, sobretudo em épocas em que o distanciamento geográfico dificultava a convivência entre os habitantes. Foi, então, a igreja a instituição que, por meio das cerimônias formais ou festivas, congregava os fiéis favorecendo não apenas o fortalecimento dos laços sociais de solidariedade e fraternidade, mas também fortalecia a fé e a devoção por meio dos sacerdotes e dos testemunhos formais ou informais.

Se neste passado próximo era a geografia e a dimensão territorial que dificultava a confraternização plena e constante, hoje a vida digital e as amizades virtuais também têm causado um distanciamento das relações e interações pessoais. É preciso que, assim como antes a Igreja criou estratégias de aproximação entre seus devotos, hoje também ela se aproprie das ferramentas digitais para promover a união dos santos.

Vimos que Mont' Serrat possui vínculos históricos com a partilha do mundo desde o século XIII; é preciso agora que se compartilhe essa sua trajetória histórica e se faça conhecer, pois a história, por mais global que seja, é feita pela união das regionalidades, tal qual uma colcha de retalhos que, pela união das partes, cobre e aquece. E neste cenário, sobretudo brasileiro, a presença da Igreja é a linha que consegue cerzir essas peculiaridades e transformar as menores partes em um todo.

Referências

ABREU, Antônio Isaias da Costa. **Municípios e topônimos fluminenses: história e memória**. Niterói: Imprensa Oficial do Rio de Janeiro, 1994.

ABREU, Capistrano de. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguier, 1960.

ANTONIL, João André. **Cultura e opulência do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

CASAL, Aires de. **Corografia Brasilica**: Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil. Tomo 1. São Paulo: Cultura, 1943.

FERREIRA, Reinaldo de Oliveira. **Um Novo Amanhecer**. A História do Município de Comendador Levy Gasparian. Comendador Levy Gasparian: Produzir Artes Gráficas, 1995.

LIMA, Célio C. Aguiar; NUNES, José Roberto Vasconcelos. **Fontes Históricas do Brasil – Mont Serrat-RJ e Paraibuna-MG**. Comendador Levy Gasparian, 2011.

RIBEIROLLES, Charles. **Brasil pitoresco**. São Paulo: Martins Fontes, 1941.

SANTOS, Adelci Silva dos Santos. **À Sombra da Fazenda**: a pequena propriedade agrícola no século XIX. Curitiba: Juruá, 2012.

Obra de Referência

Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Mont' Serrat. Ano de abertura 1955.

Sites

ARQUIVO NACIONAL. **Relação de algumas cartas das sesmarias concedidas em território da Capitania do Rio de Janeiro, 1714-1800**. Disponível em: Relação de algumas cartas das sesmarias concedidas em território da Capitania do Rio de Janeiro, 1714-1800. Acesso em: 20 set. 2025.

Cúria Diocesana de Valença. Nossas Paróquias – Cúria de Valença.

Santuário Mont'Serrat (20+) Facebook.

XVIII. A MISSÃO DOS FIÉIS NA DIOCESE DE VALENÇA-RJ

Adelci Silva dos Santos
Pe. José Antonio da Silva
Vaniele Barreiros da Silva

Ao completar seu centenário, a Diocese de Valença viu surgir e contribuir para sua caminhada inúmeros padres, cuja obra de dedicação e abnegação foram fundamentais para a solidificação da presença católica em todas as comunidades localizadas em sua abrangência. Assim também se destaca a liderança de Bispos de relevo, cuja orientação e direção inspiradas nos evangelhos permitiu a construção de uma comunidade católica sólida e munida de um forte comprometimento com os dogmas do cristianismo católico.

No entanto, é sempre bom lembrar que o cristianismo não se resume a uma relação individual entre os fiéis e o Divino ou a exclusividade de exercício daqueles que foram chamados ao ministério. O cristianismo existe como uma relação de comunidade, onde a atuação de todos, e de cada um, é de fundamental importância para as redes de solidariedade que caracterizam a irmandade cristã e a relação desta irmandade com Deus. Não se trata, portanto, da atuação ou do trabalho unicamente daqueles que exercem o sacerdócio, mas de todos aqueles que foram chamados a contribuir com A Obra de acordo com a graça que receberam ao abraçarem o evangelho de Cristo sob a divina orientação do Espírito Santo¹.

Assim sendo, por justiça, convém destacar também o trabalho de uma infinidade de pessoas que, mesmo sem terem optado por seguir o caminho sacerdotal, decidiram dedicar à Igreja um nível de entrega e participação dignos de nota; e que contribuíram, e contribuem ainda, para a pavimentação de um caminho mais ameno a fim de facilitar a jornada de seus irmãos. A atuação do leigo no seio da Igreja não se refere apenas às lides e aos afazeres relacionados ao cerimonial, mas em cada uma das necessidades apresentadas pela Igreja, seja no administrativo, nas relações públicas, na economia,

1 Disponível em: Microsoft Disponível em: Word – 0710446-2009_completa _4_.doc (puc-rio.br).

na cultura, nas artes², enfim, em todo o universo que envolve não apenas o funcionamento da Igreja, mas, principalmente, a construção de uma identidade cristã coletiva.

Pode-se afirmar que a Igreja Primitiva nasceu e se fortaleceu pelo laicato³ e, embora a palavra “leigo” não conste dos evangelhos, são eles os membros das comunidades cristãs que, com ou sem recursos, colocam-se à disposição do evangelho, ao longo de toda a trajetória da Igreja, para contribuir com as necessidades e demandas da comunidade cristã. O termo somente começou a ser comumente utilizado na Idade Média e, desde então, vem se evidenciando notoriamente até os dias atuais. Em um resumo extremo, pode-se afirmar que o leigo é o membro de uma comunidade cristã, que contribui para a construção de uma identidade coletiva e que se dispõe a contribuir, com sua atuação, para o fortalecimento e crescimento desta comunidade nos seus vínculos com Deus e na obra de evangelização⁴, na qual o testemunho de vida torna-se a mais eficiente ferramenta.

Este capítulo não tem a pretensão de se apresentar como um tratado historiográfico sobre o assunto, porquanto seria necessário fôlego e tempo por demais dilatados. Tampouco pretende aprofundar-se teológica ou filosoficamente no debate do tema ou de suas origens e definições, mas focar na importância da atuação dos fiéis junto à Igreja, em suas atuações diretas e indiretas nas paróquias que compõem a Diocese de Valença, cidade do interior fluminense, cujo histórico de comprometimento com as causas sociais, camponesas e operárias revelaram uma atuação vigorosa de homens e mulheres que não abraçaram o sacerdócio, mas colaboraram para a pavimentação de um sólido caminho para o atendimento das necessidades dos fiéis, tanto espirituais quanto sociais.

Embora o termo passe a ser aplicado mais efetivamente a partir do medievo, não se pode dizer que o trabalho dos fiéis tenha sido instituído formalmente, ou mesmo reconhecido como tal neste período. Azevedo (2007) afirma que a questão dos fiéis se torna questão oficial apenas em 1950, sendo, portanto, uma questão da contemporaneidade, inaugurada oficialmente,

2 Diocese de São José dos Campos. Cristãos fiéis e leigos na igreja e na sociedade. Disponível em: Dom Pedro, recados 06 (diocese-sjc.org.br). Acesso em: 25 jul. 2024.

3 PEREIRA, Helio Rafael Frazão; REIS, Ari Antônio dos. O papel dos cristãos fiéis e leigos na igreja e na sociedade como sujeitos eclesiais. Revista Filoteológica, Faculdade Católica de Feira de Santana. v. 02, n. 1, p. 31-54, jan.-jun. 2022.

4 Disponível em: Microsoft Word – 0710446-2009_completa_4_.doc (puc-rio.br).

sobretudo, com o reinado do Sumo Pontífice Pio XI e no contexto da Ação Católica. O laicato voltou a ser tema de debate da Igreja em 1961, por ocasião do Concílio Vaticano II⁵ e, novamente, marca forte presença nos debates de 1987, publicados no pontificado de João Paulo II, no ano seguinte⁶.

Estes são documentos que retiram os fiéis de um lugar de pouca visibilidade e os coloca em um protagonismo de atividade efetiva dentro da Igreja. Fiéis que passam a desempenhar o papel de se constituir numa ponte entre as hierarquias da Igreja e os fiéis mais humildes. No Brasil, a Igreja deu importante passo no reconhecimento da importância do papel dos fiéis, entre 2017 e 2018 por ocasião do Ano do Laicato, celebrado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Cada vez mais, tem-se por primordial reconhecer a importância dos laicos como sujeitos eclesiais.

Historicamente, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, o mundo experimenta um vigoroso crescimento demográfico, sobretudo no mundo cristão. Ademais, as revoluções, principalmente a Revolução Industrial, colocaram sobre o palco uma parcela da população originária das classes mais humildes, como operários das indústrias e prestadores de serviços; também o fortalecimento da presença da Igreja Católica no mundo colonial americano, africano e asiático acabam por exigir o estabelecimento de um sem número de paróquias, nos mais diversos povoados, criando uma demanda considerável por pessoas que possam dedicar-se ao trabalho nos templos e nas mais diversas atividades que pudessem exercer fora do ministério sacerdotal.

Durante a vigência do que se concordou chamar de Igreja Primitiva, a vida dos cristãos era conduzida por três esferas principais de atuação, quais sejam: a *martyria*, ou testemunho de vida; a *querigma*, ou a anunciação da fé em Jesus Cristo; e a *didaskalia*, que é o ensinamento da Palavras de Deus⁷. Embora a Igreja tenha se modificado ao longo do tempo para se adaptar às constantes necessidades da sociedade e na contemporaneidade as tarefas desempenhadas pelos fiéis tenham se multiplicado sobremaneira, todas

5 O Concílio Vaticano II, foi o 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, convocado no Natal de 1961, pelo Papa João XXIII, por meio da Constituição Apostólica "Humanae Salutis", e encerrou-se em dezembro de 1965, já sob o reinado de Paulo VI.

6 AZEVEDO, Josimar. Leigo como sujeito eclesial. Da teologia do laicato à teologia do Povo de Deus. Horizonte, v. 5, n. 10, p. 151-196. jun. 2007.

7 BRIGHENTI, Agenor. A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé: manual básico de teologia pastoral. São Paulo: Paulinas; Valência-ESP: Siquem, 2006. p. 22.

as atividades que envolvem o laicato orbitam em torno destas três esferas de atuação.

De acordo com estudos de José Antônio da Silva (2011), os primeiros movimentos que tinham por objetivo permitir uma maior participação dos fiéis na vida da Igreja datam de 1940. Isso não implica dizer que a atuação dos fiéis tenha surgido nesta data; ao contrário, se os movimentos surgem no sentido de ampliar esta participação, é sinal evidente de que crescia o desejo, a vocação e a necessidade de que o laicato tivesse um espaço maior e mais abrangente. Prova dessa precedência é a forte atuação que os laicos tiveram nas ações da Igreja Católica do Recife, em 1918, quando da epidemia de Gripe Espanhola naquele Estado⁸. Médicos, enfermeiros e outros voluntários, mesmo sem formação específica, fizeram de suas ações o testemunho de sua fé, do cuidado maternal da Igreja e do amor ao Evangelho ao entregarem seus dons no cuidado do irmão em sofrimento.

Fora do Brasil a movimentação para maior participação dos fiéis na Igreja e uma maior abertura da Igreja a estas participações tiveram como grande incentivador o Papa Pio XI, sobretudo por meio da Ação Católica, que se constituiu em movimento que buscava a promoção e a aceitação de um maior protagonismo do laicato no seio da Igreja, iniciativa que produziu uma série de documentos nesta direção⁹.

O serviço laico acontece diariamente, cotidianamente e, por vezes, justamente por ser algo que se naturaliza na rotina da Igreja, não seja percebido ou não lhe seja atribuído o devido protagonismo; no entanto, nos momentos de crises coletivas ou eventos de grandes proporções é notável o envolvimento direto dos fiéis como agentes ativos que, em nome da Igreja e como extensão de seus braços, abraçam, acolhem e atuam de maneira efetiva e diferenciada.

Durante a epidemia de coronavírus, por exemplo, o laicato católico no Brasil se mobilizou de maneira significativa, promovendo ações que refletiam solidariedade e apoio comunitário. Muitas paróquias e grupos de fiéis organizaram campanhas de arrecadação de alimentos, produtos de higiene e equipamentos de proteção, direcionando esses recursos para as populações mais vulneráveis. Além disso, o laicato utilizou plataformas digitais para manter a conexão espiritual, promovendo missas *online* e grupos de oração,

8 MARROQUIM, Dirceu. Igreja católica, “influenza hespanhola” e áreas de pobreza no Recife-PE (1918).

9 SILVA, José Antônio da. O Vaticano II e o laicato na igreja. Revista Cultura Teológica, v. 19, n. 76, out./dez., p. 47-62, 2011.

ajudando a mitigar o sentimento de isolamento. Essa mobilização comunitária não apenas atendeu necessidades imediatas, mas também fortaleceu os laços sociais e a resiliência nas comunidades, mostrando que a fé e a ação concreta podem caminhar juntas em tempos desafiadores.

Prova pontual disso é a Campanha Puxirum Manauara, realizada pelos fiéis da Caritas Diocesana de Manaus, que tinha por objetivo atender aos migrantes, moradores de rua e pessoas em situação de vulnerabilidade social em Manaus, em pleno auge da pandemia de covid 19. A presidente do Conselho de Fiéis e Leigos da Diocese de Manaus afirmava que o cuidado com a vida dos irmãos é um papel fundamental do laicato¹⁰, sobretudo em momentos de crise coletiva, como foi a epidemia do novo Coronavírus.

Este pequeno texto, que agora se apresenta, traz à tona alguns daqueles que colaboraram efetivamente para o fortalecimento do evangelho católico no interior fluminense. Impossível apontar aqui todos os que se destacaram no laicato, dado à exiguidade do tempo e o espaço de que estas linhas dispõem. A tentativa será de apontar alguns desses nomes com a intenção de representar a todos aqueles fiéis que não serão citados e demonstrar o quão importante é o laicato na sustentação da obra mais abrangente de evangelização que vem se desenvolvendo no território abrangido pela Diocese de Nossa Senhora da Glória de Valença.

A Diocese de Valença

Embora o povoamento e as primeiras capelas da região datem de fins do século XVIII e a construção da igreja tenha se iniciado em 1803, a Diocese de Valença somente foi fundada em 27 de março de 1925¹¹, ou seja, 122 anos após o início das obras de sua edificação, o que não é demasiado tempo se levarmos em conta o estágio de ocupação e povoamento da região e o próprio tempo de construção, que durou mais de 80 anos até que pudesse ficar concluída. Hoje a Diocese conta com 26 paróquias distribuídas pelos municípios de Comendador Levy Gasparian, Miguel Pereira, Paty do Alferes,

10 MOURA, Rafaela. Campanha da Fraternidade inspira fiéis a realizar ações durante a Pandemia. Disponível em: <https://arquidiocesedemanaus.org.br/2020/04/30/campanha-da-fraternidade-inspira-fieis-a-realizar-acoes-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

11 Informação disponível no endereço eletrônico da própria Diocese: Home – Diocese de Valença (diocesedevalenca.org).

Rio das Flores, Paraíba do Sul, Sapucaia, Três Rios, Valença, Vassouras, e os respectivos distritos de cada uma destas cidades.

Mesmo que a população somada desses municípios em pouco ultrapasse os 314 mil habitantes¹², seu território é bastante dilatado e essencialmente rural ou coberto por uma formação florestal extensa; e essa parca população se esparrama de forma irregular por toda essa área, com estradas estreitas e sinuosas e, muitas vezes, com uma rede e linhas de transporte coletivos bastante irregular e de frequência muito espaçada; daí a necessidade ainda maior de um grupo de pessoas comprometidas com a causa do evangelho e que possam auxiliar os sacerdotes que, por vezes, atendem a mais de uma paróquia, distantes umas das outras, como era o caso de padre Pedron na década de 1980, que estando domiciliado no histórico distrito de Conservatória, de cuja paróquia tornou-se titular, atendia ainda à paróquia de Santa Isabel¹³.

Sobretudo nestes casos, faz-se necessário que o sacerdote possa contar com um corpo de elementos fiéis que possa dar suporte a seu trabalho, a fim de que as demandas possam ser as menores ou de mais fácil solução possível, porquanto a divisão de atenção por parte do padre responsável já lhe toma um precioso tempo e pode fragilizar a comunidade sob seus cuidados, uma vez que não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Durante o processo de construção deste capítulo, houve o empenho de entrevistar algumas dezenas de nomes, indicados como colaboradores de relevo nos trabalhos das diversas paróquias da Diocese de Valença. Dada à distância entre os municípios e seus distritos, a tecnologia da comunicação virtual apresentou-se como importante aliado e os questionários de entrevista puderam ser enviados em diferentes plataformas de comunicação ou mesmo entrevistas por videoconferência com um ou outro membro do laicato. No entanto, o retorno ficou muito aquém do esperado; na grande maioria dos casos, os indicados à entrevista sequer se deram ao trabalho de dar ciência ao recebimento do material ou de retornar o contato, ainda que apresentando escusas. Parte considerável dessa falta de mobilização recai

12 De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, segundo pesquisa do censo de 2022, a população de cada uma dessas cidades era de: Comendador Levy Gasparian, 8.741; Miguel Pereira, 26.852; Paty do Alferes, 26.619; Rio das Flores, 8.954; Paraíba do Sul, 42.063; Sapucaia, 17.729; Três Rios, 78.346; Valença, 68.088; Vassouras, 33.976; totalizando 314.098 habitantes. Disponível em: IBGE | Cidades@ | Brasil | Panorama. Acesso em: 07 ago. 2024.

13 Sobre padre Pedron ver artigo “João Pedron: o sacerdote no exercício da vida pública.” Texto enviado à Diocese de Valença em julho de 2024.

sobre os sacerdotes paroquiais, uma vez que foram diretamente orientados pelo Vigário Geral da Diocese de Valença, por meio de correspondência oficial, a incentivar a participação de seus paroquianos.

Outros, por outro lado, prontamente se dispuseram a colaborar, enviando imagens de ações e eventos em suas paróquias; outros, ainda, revestidos de grande modéstia diziam não ser um membro assim tão ativo de sua paróquia, quando suas atitudes apontavam direção oposta a suas palavras. Este é o caso, por exemplo, de Sebastião Deister, professor e historiador, que afirmou não se considerar um leigo ativo junto às demandas de sua paróquia no município de Miguel Pereira, mas que prontamente colocou seus conhecimentos à serviço daquela comunidade e produziu um interessantíssimo estudo sobre as origens da Igreja de Santo Antônio, padroeiro daquela cidade¹⁴.

Por vezes somos levados a pensar que o serviço exercido pelo laicato se resume às tarefas ligadas à ritualística cerimonial, à catequese ou a direção de uma pastoral. As dimensões da obra evangelizadora transbordam essas margens e exigem colaboradores que, dentro das suas capacitações natas ou inatas – contadores, administradores, advogados, educadores, arquitetos, pedreiros, artesãos – somam ao avanço do evangelho. Deister, mesmo sem considerar a importância de sua colaboração, produziu uma das mais fortes ferramentas para o fortalecimento da Igreja como um todo e daquela diocese em particular. Ele produziu uma ferramenta de memória, de informação e de conhecimento. Ora, como construir pontes e caminhos em direção ao horizonte, sem reconhecer o ponto de partida? É neste contexto que a participação de Sebastião Deister junto à paróquia de Miguel Pereira se reveste de uma importância fundamental.

Adriano Novais é outra daquelas personagens que, apesar de não se considerar um homem dedicado ao laicato, desempenha um papel de extrema importância junto à memória da Diocese de Valença. Historiador, especialista em patrimônio cultural e genealogista, sempre envolvido direta e indiretamente com as questões de cultura patrimonial e manifestações artísticas, vem colaborando verticalmente com a manutenção da memória histórica da Diocese, atuando junto ao Museu de Arte Sacra de Valença, fundado e mantido, durante muito tempo, pelo Padre Sebastião¹⁵. O Museu

14 DEISTER, Sebastião. A corrente católica em Miguel Pereira & Os trabalhos de Frei José Kropf.

15 SANTOS, Adelci Silva dos. Padre Sebastião da Silva Pereira: o evangelista da educação. Texto enviado à Diocese de Valença. Valença: 2024.

tem múltiplas funções; ser formativo, uma vez que colabora para a formação dos inúmeros alunos de escolas locais e regionais que o visitam; informativo, pois apresenta dados e fatos àqueles que não estão em busca do conhecimento escolar, mas de informações gerais a respeito da cultura e arte local; inspirador, já que, por tratar de arte sacra, torna-se um suporte visual para as questões que habitam o imaginário e fazem parte da cosmogonia cristã.

O trabalho de Adriano Novais reveste-se, então, de uma importância que talvez ele mesmo, por sua imersão na vocação, não consiga dimensionar. Ele representa a continuidade de um objetivo estabelecido por Padre Sebastião que, ao fundar o museu, o imaginava como uma ferramenta de excelência para colocar os jovens e adolescentes em contato mais direto com a cultura, a arte e o conhecimento, sobretudo da sacralidade destas dimensões, e assim apresentar-se como um caminho possível à evangelização.

Ainda que pessoas como Sebastião Deister e Adriano Novais não se considerem, eles próprios, membros efetivos do laicato, suas colaborações, dentro de suas formações específicas, são de grande importância para o fortalecimento da carreira histórica do evangelho na região abrangida pela Diocese de Valença e, certamente, devem ser levados em conta como acréscimos valiosos ao processo de conhecimento e reconhecimento da atuação diocesana de Valença.

Quando o padre José Antônio afirma que os fiéis “estão engajados em todos os diversos deveres e obras do mundo, nas condições ordinárias da vida familiar e social de que fazem parte”¹⁶; isso parece servir perfeitamente às experiências de Deister e Novaes, que imersos em suas atribuições profissionais, dentro de suas especialidades, colocam-se à disposição de necessidades especificadas da Igreja e que apenas aparentemente não estão relacionadas com a espiritualidade que se supõe obrigatória no trabalho laico. Afinal, quem colhe os frutos de imersões como a de Adriano Novais e Sebastião Deister é a própria história e o fortalecimento da Igreja.

Mas, o que chama homens e mulheres ao trabalho voluntário junto à Igreja? O que o motiva a abraçar deveres e responsabilidades sem as vestes do sacerdócio? Certamente o meio em que se vive e convive é um elemento de poderosa influência. Nesse sentido, Aristóteles já afirmava que o homem somente pode encontrar a felicidade por meio do convívio com outras pessoas, já que possui uma natureza essencialmente humana; Jean-Jacques

16 SILVA, José Antônio da. O Vaticano II e o laicato na igreja. Revista Cultura Teológica, v. 19, n. 76, out/dez., p. 47-62, 2011.

Rousseau, por sua vez, afirmava, no século XVIII, que o homem é fruto do meio social em que vive, fazendo-nos compreender que as relações que estabelecemos, desde a infância, com aqueles que nos rodeiam, influenciam nossas ações e decisões ao longo do curso da vida. No século XIX, Karl Marx vai reafirmar essa hipótese ao dizer que somos a média daquelas pessoas com as quais convivemos a maior parte de nossa existência; e Vygotsky, finalmente, vai dizer que o convívio social acaba por influenciar o homem, mas como as interações sociais são sempre uma via de mão dupla, o homem também vai imprimir sua influência no meio em que vive.

Ora, partindo desse princípio, não nos causa assombro, então, perceber que em muitos casos, senão na esmagadora maioria, a família e a escola cristã são as duas maiores forças incentivadoras a apontar, voluntária ou involuntariamente, o caminho do laicato como parte de um processo natural de convívio social mais extenso e abrangente. É o caso, por exemplo, do paroquiano de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, Gabriel Resende, de trinta anos de idade, que, quando perguntado sobre o que o motivou a dedicar-se à sua paróquia como leigo, não teve dúvidas em identificar a família e a escola como propulsoras desta vocação.

Sou fruto de uma família católica e tive a graça de iniciar meus estudos no tradicional Colégio dos Santos Anjos, em Vassouras, desde o maternal. Esse ambiente me proporcionou não apenas uma sólida formação acadêmica, mas também uma profunda vivência espiritual. Durante minha trajetória no colégio, participei de aulas de ensino religioso e catequese, o que fortaleceu minha fé e formação cristã.

Desde jovem, manifestei o desejo de unir duas vocações: a de padre e a de professor. Essa aspiração foi fortemente influenciada pelo exemplo e carinho das irmãs dos Santos Anjos. Embora tenha reconhecido que minha verdadeira vocação não era o sacerdócio, mas sim o matrimônio, continuei comprometido com a educação, abraçando a carreira acadêmica com dedicação¹⁷

Gabriel é uma daquelas pessoas que, pelas carências típicas de uma cidade do interior, teve que transferir-se para a capital do estado dada a necessidade de completar sua formação acadêmica, mas que, apesar disso,

17 REZENDE, Gabriel. Entrevista concedida em agosto de 2024.

em momento algum desvinculou-se de sua cidade natal e de sua paróquia para onde retornou após a obtenção de seu doutorado.

Neste ponto específico de sua trajetória é possível notar a importância do sacerdote em perceber e oportunizar aqueles que são chamados. No ano de 2017, o padre José Antônio o convida a colaborar de maneira mais direta com a obra do evangelho:

Foi com entusiasmo que aceitei o convite para servir na Pastoral Fé e Cidadania (antiga Pastoral Fé e Política). Juntos, trabalhamos para revitalizar a pastoral, elaborando duas cartilhas de orientação política para os fiéis da paróquia. Desde então, continuo servindo à minha comunidade com espírito missionário, disposto a colaborar com a Igreja em diversas funções paroquiais.¹⁸

Sem dúvidas, a consciência sacerdotal quanto à importância do laicato dentro das paróquias é fundamental para criar as condições necessárias ao protagonismo leigo e constituir-se num incentivo para que novos elementos possam se sentir acolhidos no exercício das mais diversas atividades que possam compor a área de abrangência da atuação dos fiéis.

Neste ponto, a experiência vivida pela leiga Myrian Galvão é concorde com Gabriel; ela também aponta para a importância da abertura e do acolhimento proporcionado pelo padre de sua paróquia para que ela pudesse desempenhar atividades que a faziam se sentir útil e prestativa ao contribuir com a Igreja. Em seu caso tratava-se do padre Argemiro Broxado, que atuou na catedral de Nossa Senhora da Glória de Valença, nas décadas de 1960 a 1980¹⁹.

Podemos então perceber, de imediato, dois fatores que influenciam e incentivam as pessoas a servir de maneira mais direta às obras da Igreja: os ambientes sociais (familiar e educacional) imersos na essência do cristianismo e na prática do evangelho; e a abertura proporcionada pelos sacerdotes em cada uma das paróquias. Para o fortalecimento da atuação do laicato no fortalecimento da Igreja é necessário, portanto, que os sacerdotes não enxerguem os fiéis como adversários ou concorrentes, mas como alguém

18 Idem.

19 Foi ordenado em 1957 e faleceu em 1988.

genuinamente disposto a colaborar com o serviço daqueles que foram chamados ao sacerdócio.

Em sua fala, Myrian chama a atenção para alguns aspectos do trabalho laico: o primeiro deles é a questão da comunhão. Ninguém é um ente isolado e age sozinho; todos devem ter a consciência de que é parte de um todo com o objetivo comum de servir a uma causa infinitamente maior que seus interesses ou preceitos particulares. O segundo ponto levantado por Myrian é a necessidade de que a atuação laica ocorra sempre sob a orientação do pároco, porquanto é ele o que congrega as qualidades para ser o líder espiritual responsável pela condução dos fiéis dentro dos preceitos do evangelho, “pois se unem vários dons e carismas fiéis para em comunhão e sob a condução do pároco, formar o corpo eclesial, fortalecendo a evangelização e melhorando o funcionamento da Paróquia.”²⁰ Do alto de seus 83 anos, Myrian tem a perfeita visão de que o resultado ou objetivo do laicato não é para o desenvolvimento de um ou outro setor, de uma ou outra pastoral, mas daquela paróquia como um todo e, por extensão, da própria Igreja Católica.

Uma palavra aparece com frequência nos discursos de Myrian, Gabriel e de padre José Antônio: testemunho. Ora, sendo o testemunho vivo o reflexo do evangelho de Cristo nas ações cotidianas, das mais insignificantes às decisões de maior peso, é ele, talvez, o meio mais eficiente de evangelização. A preocupação contante em dar bom testemunho leva o cristão, e sobretudo o leigo e a leiga, a pensar, diante de uma situação, seja qual for, o que o próprio Cristo faria se estivesse em seu lugar.

A esse respeito, padre Sebastião pensa da seguinte maneira: “o testemunho dado na convivência cotidiana com as causas populares é ainda mais eficiente do que as palavras proferidas dentro do templo.”²¹ Ora, assim sendo, é possível considerar que não existe mais eficiente instrumento de evangelização do que a vida daqueles que se dedicam ao laicato, porquanto estão igualmente mergulhados nas obras desenvolvidas na Igreja quanto nas atividades sociais que a vivência cotidiana exige.

É nesse ponto que padre José Antônio concorda que o testemunho de vida é o meio dos laicos exercerem o profetismo cristão²². E Dom Antônio Carlos Rossi Keller, Bispo de Frederico Westphalen²³, afirma que esse

20 Entrevista concedida em 21 de agosto de 2024.

21 SANTOS, Adelci Silva dos. Padre Sebastião da Silva Pereira. Op. cit.

22 SILVA, José Antônio da. Op. Cit.

23 Pequena cidade do Rio Grande do Sul.

profetismo nasce no coração amoroso de Deus²⁴ e dele se derrama sobre aqueles que são chamados, sem que sejam, no entanto, funcionários da fé; portanto, não fazem deste profetismo uma profissão, um ofício, mas um modo de vida que reflete e transpira este amor divino. Aliás, é justamente o voluntariado o ponto que une todos os que participaram das entrevistas que compuseram este texto. “Servir” – este foi o verbo mais conjugado por todos aqueles que se prontificaram a trabalhar no laicato.

Um dos entrevistados, quando perguntado sobre que fator, ou quais fatores, o motivaram a dedicar-se ao trabalho leigo em sua paróquia, respondeu que “não existe exatamente um fator ou fatores; aliás não existe lógica e nem entendimento possível [...]. Vocação explica, nada mais!”²⁵. Ora, quando Tiago Machado afirma não existir lógica nem entendimento possível para explicar sua atuação junto ao laicato, é porque num mundo marcado pelo consumismo desenfreado, pela necessidade de ostentação, que nos leva a trabalhar ininterruptamente em uma sociedade que exige a competitividade no mais extremo nível, é incompreensível que alguém busque criar tempo e dedicar-se simplesmente a servir ao outro, sem esperar por isso uma remuneração financeira, uma visibilidade nas redes sociais ou um reconhecimento público. Foge às raias dos padrões do comportamento de rebanho, que alguém se esforce em ser útil, em amenizar a dor, em tornar a caminhada mais amena sem que isso se reverta em algum benefício material visível e explícito.

Sendo uma Diocese de interior, com muitas paróquias distribuídas pelas áreas rurais ou por municípios de diminuta população, é compreensível que algumas dessas paróquias demandem maiores ou mais distintas necessidades que outras. Logo, não estranha o fato de que em algumas o trabalho dos laicos abranja uma maior gama de atividades ou em uma frequência maior ou mais intensa que em outras.

Na Paróquia de São Sebastião, no município de Três Rios, por exemplo, normalmente atendida por missionários estrangeiros, parece haver uma maior necessidade de um grupo de fiéis que possam dar suporte ao sacerdote. A esse respeito, Tiago Machado entende que: “Em minha paróquia,

24 KELLER, Antônio Carlos Rossi. A missão profética. CNBB Regional Sul 3. Disponível em: <https://cnbbsul3.org.br/a-missao-profetica/#:~:text=O%20profetismo%20crist%C3%A3o%20nasce%20no,profiss%C3%A3o%E2%80%9D%20a%20servi%C3%A7o%20de%20algu%C3%A9m>. Acesso em: 22 ago. 2024.

25 Tiago dos Anjos Machado, 44 anos, Paróquia de São Sebastião, Três Rios. Entrevista concedida em 20/09/2024.

por exemplo, que é atendida por missionários, a maioria estrangeiros, sem o testemunho dos fiéis, sem o “caminhar juntos” dos fiéis com os ministros ordenados e de vida consagrada, dificilmente a Boa Nova anunciada pelo Cristo estaria tão enraizada em nossa terra.”²⁶.

Perceba-se que Tiago não reclama ou menospreza o fato de que sua paróquia seja atendida por missionários vindos de outro país; ao contrário, ao afirmar que a obra evangelizadora havia lançado profundas raízes em sua localidade ele está reconhecendo o sucesso desta empreitada pelo valor, competência e dedicação de tais missionários. Mas, há outro fator que se soma a esses predicados dos missionários e se constitui, assim, na combinação perfeita para esse sucesso: trata-se do serviço dos fiéis. O próprio Tiago mesmo já havia atuado em diversas frentes, como na Pastoral da Juventude, Pastoral Familiar, serviço de altar e catequese.

Quando Tiago Machado se apropria da expressão “caminhar juntos” para definir a atuação dos missionários e dos fiéis na paróquia de São Sebastião, ele está evocando a existência de uma harmonia entre a atuação destas duas personagens – fator fundamental para o bom andamento da obra evangelizadora e testemunho da importância daquela paróquia no município de Três Rios.

Na certeza de que dificuldades e problemas existem, em certo ponto da entrevista é perguntado aos fiéis sobre quais os principais desafios poderiam ser apontados como obstáculos ao perfeito trabalho exercido pelos fiéis em geral e por cada um deles em particular. As respostas variaram consideravelmente, revelando a variedade de realidades experimentadas por cada uma das paróquias da Diocese de Valença. A maioria dos Fiéis, no entanto, apontaram o clericalismo como principal desavio a ser superado. Ora, se entendermos o clericalismo como uma extrapolação da autoridade do sacerdote, que busca controlar a autoridade e o poder em suas mãos, então teremos um elemento centralizador que limita, inibe e impõe amarras à atuação dos fiéis, prejudicando sobremaneira não apenas a obra evangelizadora da Igreja, mas também o desenvolvimento dos dons espirituais distribuídos pelo Divino Espírito Santo a cada um daqueles que se dispõem a servir, tal como é comum na crença cristã, segundo I Coríntios 12:8-10;28; Romanos 12:6-8 e Efésios 4:11.

26 Tiago dos Anjos Machado, 44 anos, Paróquia de São Sebastião, Três Rios. Entrevista concedida em 20/09/2024.



Paróquia de São Sebastião, no município de Três Rios.

Fonte: Diocese de Valença.

Entendendo, então, o clericalismo como uma visão mantida pelo sacerdote de que seu poder pode ser ameaçado por fatores externos, como o Estado Laico, ou fatores internos, como a atuação de outras personagens nas atividades mantidas pela Igreja, é natural que muitos fiéis se sintam tolhidos, sentindo sempre que poderiam fazer mais e melhor do que aquilo que estejam fazendo.

Durante o Ano do Sínodo de 2018, o Papa Francisco já havia percebido que esta fascinação pelo prestígio vinha contaminando inúmeros sacerdotes, minimizando assim o potencial de atuação da Igreja como um todo na missão de viver verdadeiramente o evangelho e de dar testemunho de vida diante da sociedade. Em seu discurso ele assim se manifesta quanto ao clericalismo:

O clericalismo surge de uma visão elitista e exclusivista da vocação, que interpreta o ministério recebido como um poder a ser exercido e não como um serviço gratuito e generoso a ser prestado. Isto leva-nos a acreditar

que pertencemos a um grupo que tem todas as respostas e que já não precisa de ouvir ou aprender nada. O clericalismo é uma perversão e é a raiz de muitos males na Igreja: devemos humildemente pedir perdão por isto e acima de tudo criar as condições para que não se repita.²⁷

Vindo do próprio Vaticano, fulcro da Igreja Católica Apostólica Romana, o reconhecimento não apenas da existência do clericalismo como das mazelas que ele pode causar, não causa espanto que, mesmo nas paróquias mais interiores, o mesmo problema seja identificado e apontado como um desafio a ser superado. A este respeito, um dos paroquianos afirma que o clericalismo tem também a sua versão entre os próprios laicos: “Em geral, aponto o clericalismo, inclusive arraigado dentre os próprios fiéis, muitos ávidos por cargos de destaque; a perda de consciência da fé como resposta racional à Revelação, sendo substituída por práticas emotivas e efêmeras [...]”.²⁸

Note-se que este leigo percebe que o fenômeno do clericalismo extrapola as raízes do sacerdócio e se derrama também sobre alguns colaboradores do laicato que parecem ser a representação do modo de vida típico do século XXI, onde a necessidade de visibilidade, a busca por ser notado, faz com que as pessoas, nos mais diversos setores da sociedade, lutem por estar em evidência e assim acumular status.

Vivemos uma era em que somos levados a pensar que a prova de nossa existência está amarrada à visibilidade que obtemos. A máxima filosófica do “penso, logo existo”, do filósofo francês René Descartes, parece ter sido substituída por outra nesta contemporaneidade digital: “sou visto, logo existo”. Talvez seja neste sentido que nosso paroquiano aponte a existência de um certo comportamento semelhante ao clericalismo, sendo adotado por muitos fiéis. A necessidade de serem notados os faz centralizarem ou controlarem uma série de atividades que poderiam ser distribuídas entre outros também dispostos a servir com maior e mais genuíno desprendimento.

Da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Vassouras, Gabriel Resende tem o mesmo ponto de vista sobre esta questão delicada:

Um dos grandes desafios é promover um verdadeiro engajamento e espírito de serviço, enfatizando que nossa atuação na Igreja não deve ser vista

27 NULL (3 de Outubro de 2018). «Pope Francis' Address to the Synod Fathers at Opening of Synod2018 on Young People, the Faith and Vocational Discernment». Acesso em: 20 set. 2024.

28 Leigo da Paróquia de São Sebastião, em Três Rios. Entrevista concedida em setembro de 2024.

como um status social, mas como uma missão enraizada na vocação e na fé. É fundamental servir com humildade, simplicidade e devoção, vivendo o amor ao próximo, que é o princípio central dos ensinamentos de Jesus. O que talvez falte, de maneira geral, é um sentido mais profundo de união e amizade social, como nos propõe a Campanha da Fraternidade deste ano, 2024. A prática desse princípio é uma oportunidade de fortalecer nossa comunidade e viver plenamente o chamado para servir.²⁹

No entanto, é bem verdade que aqueles que verdadeiramente se dedicam ao serviço, por vocação e por chamado, permanecem perenes na Obra, enquanto outros, que buscam os holofotes, mais cedo ou mais tarde tem suas cortinas fechadas para que outros possam fazer brilhar a luz do evangelho.

O Papa Francisco afirma que os templos não podem ser entendidos como a casa de Deus, mas sim de todo o povo de Deus, porquanto não há uma diferença entre o clérigo e o não clérigo, pois todos são batizados como Povo Santo de Deus³⁰. Assim entendemos que a obra clerical é tão importante quanto a atuação do laicato; e que da união destas forças brota a Igreja Sinodal pretendida pelo Vaticano e posta em evidência no Ano do Laicato (2017-2018). São palavras do próprio Papa Francisco, afirmando que: “Chegou a hora de pastores e fiéis caminharem juntos em cada âmbito da vida da Igreja, em todas as partes do mundo”³¹. Entende-se, então, que a atuação de um não ofusca e nem diminui a atuação do outro, mas irmanados no mesmo propósito de evangelização constroem a Igreja que vai, que sai de seu lugar de conforto e bate às portas do Inferno, que sob tal investida, caem por terra; pois este é o propósito quando da constituição da Igreja Primitiva: “Pedro, tu és pedra, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”³². Ora, as portas somente caem se lhe lançam forças sobre ela – a força da união entre fiéis e clérigos. Uma só Igreja, um só povo, um só propósito. Ide!

O representante dos fiéis da Paróquia de Nossa senhora da Conceição, em Vassouras, tem uma visão bastante clara a este respeito e do que orienta o Papa Francisco:

29 REZENDE, Gabriel. Entrevista concedida em agosto de 2024.

30 Disponível em: Papa: os fiéis não são “hóspedes” em sua própria casa. O clericalismo é uma praga – Vatican News. Acesso em: 28 set. 2024.

31 Idem.

32 Bíblia Sagrada: Evangelho de Mateus 16:18.

Devemos recordar que somos uma Igreja missionária, como destacou o Papa Francisco ao nos convidar a sermos “uma Igreja em saída.” Isso implica colaborar com os presbíteros em serviços essenciais, como a assistência aos necessitados, campanhas de conscientização e o serviço ao próximo. Somos chamados a ser verdadeiramente o sal da Terra e a luz do mundo, vivendo nossa vocação com dedicação e comprometimento.

Em outras palavras, o laicato assumiu um papel de protagonismo muito importante, seja na condução do funcionamento da paróquia seja no fortalecimento do evangelho. Atuando como compartícipes da atuação e administração da Igreja.³³

A Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Vassouras, tem como pároco o Padre José Antônio; homem dado às letras e de um profundo comprometimento com as causas sociais e com uma visão aguda quanto à importância dos fiéis na obra evangelizadora, essência maior da Igreja Católica. A Respeito de sua interação com o laicato pesam a seu favor testemunhos como o de Gabriel:

Antes de mais nada, o sucesso da atuação do laicato depende da comunicação, do engajamento e da autonomia que o pároco oferece. No caso de Vassouras, o Padre José Antônio nos concede o protagonismo e a orientação necessários para que possamos exercer nosso serviço na Igreja de maneira eficaz e comprometida. [...] o Padre José Antônio me convidou a me envolver mais diretamente com as atividades paroquiais.³⁴

Algumas situações e palavras chamam nossa atenção no depoimento de Gabriel Resende. A primeira delas é que não houve um oferecimento voluntário de seus préstimos junto às atividades da paróquia, mas, ao contrário, ele foi convidado. Isso demonstra a capacidade de percepção do pároco para notar em Gabriel o potencial que este possuía, muito maior do que o que vinha demonstrando até então. Em segundo lugar, sendo Gabriel um homem de notório saber, possuidor do título acadêmico de doutor, isso talvez pudesse representar uma certa ameaça a um sacerdote mais inexperiente ou inseguro, mas, ao contrário, isso foi percebido por José Antônio como um trunfo a ser utilizado na obra de evangelização.

33 REZENDE, Gabriel. Entrevista concedida em agosto de 2024.

34 Idem.

Talvez pudesse haver ainda, pelo mesmo motivo, alguma soberba e resistência por parte de Gabriel em empenhar seu tempo no serviço leigo, afinal, em nosso país um verdadeiro doutor é algo raro e muitos se revestem de soberba ao conquistar este grau. Mas, ao contrário, Gabriel aceitou “com entusiasmo o convite para servir”. Esse é o espírito que envolve e, ao mesmo tempo, emana do laicato – o desejo de servir. Servir a Deus, servir à Igreja, servir aos irmãos, servir ao outro.

O Papa Francisco é enfático em dizer: “Chegou a hora de pastores e fiéis caminharem juntos em cada âmbito da vida da Igreja, em todas as partes do mundo. Os fiéis não são ‘hóspedes’ na Igreja, estão em sua casa, por isso são chamados a cuidar da própria casa.”³⁵



Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Vassouras.

Fonte: Cúria Diocesana de Valença.

35 Disponível em: Papa: os fiéis não são “hóspedes” em sua própria casa. O clericalismo é uma praga – Vatican News. Acesso em: 28 set. 2024.

Apesar das exceções citadas, a trajetória histórica da Diocese de Valença se caracterizou, via de regra, por uma plena autonomia do laicato. O Bispo Dom Amauri Castanho, certa vez, havia declarado que: “Um Conselho de Fiéis dever ser criado por fiéis, não é o bispo quem vai fazer isso.”³⁶ Isso demonstra que desde o início da organização oficial do serviço laico, partia do próprio Bispo a autonomia para a atuação destes fiéis. Foram colocados na situação de agentes atuantes e não de expectadores passivos no seio da Igreja.

Foi diante da proposição de Dom Amauri que um grupo de homens e mulheres comprometidos com a causa do evangelho e dispostos a entregarem ainda mais de si se reuniram para realizar uma primeira assembleia de fiéis nos dias 25 e 26 de novembro de 1995³⁷. O objetivo desta assembleia era a de compor uma comissão³⁸, ainda que provisória, para dar andamento à Assembleia que tinha por objetivo organizar um Conselho de Laicos da Diocese de Valença. Contava ainda desta programação uma série de estudos de formação ou aperfeiçoamento sobre o “ser laical”³⁹.

No início do ano seguinte, em fevereiro de 1996, novas reuniões aconteceram com o objetivo de dar continuidade ao movimento de organização do laicato na Diocese. A matéria publicada em 2023 não consegue esconder uma certa frustração quanto aos resultados obtidos diante do objetivo proposto:

criar um Colegiado Diocesano de Fiéis em cada Paróquia, o que até hoje não se concretizou. Somente três grupos foram criados no decorrer desses anos. O de Valença com membros de várias Paróquias, o de Três Rios nos mesmos moldes e o de Paty, na Comunidade Santo Antônio de Palmares, coordenado pelo senhor Paulo Roberto Ferreira.⁴⁰

36 Conselho Nacional do Laicato do Brasil – Diocese de Valença. Valença: 2023.

37 Se fizeram presentes, nesta Assembleia, a senhora Conceição Cabral da Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda e membros do Regional Leste I nas pessoas de Maria Angélica Lauriano e Antônio Motta.

38 Essa comissão foi composta por membros do Conselho Diocesano de Pastoral (CDPA). Foram eles: Sônia Maria Silva, Joaquim Manuel de Oliveira Monteiro, Maria Aparecida de Oliveira Barros, Maria Regina Magalhães, Maria Regina Cotrin Vieira, Célia Regina Antoine, Paulo Roberto Ferreira, Iracy Ferreira, Nadyr de Paula Rocha, Aroldo Mancebo, Elena de Oliveira Barros, Claudio de Oliveira Carlos, Damião da Cruz, Geraldo Francisco da Cruz.

39 No dia 26, Conceição Cabral, iniciou o aprofundamento do ser laical utilizando os textos bíblicos “trabalhadores da vinha” (Mt 20,1-16) e “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-16).

40 Conselho Nacional do Laicato do Brasil – Diocese de Valença. Valença: 2023.

Ora, isso não deve causar estranheza, porquanto ninguém falou que o evangelho era uma obra fácil de ser tomada nos ombros; muito pelo contrário, os discursos do Cristo, bem como sua vida e morte, assim como a dos apóstolos e dos primeiros mártires nos dão testemunho das dificuldades que todos aqueles que são chamados à seara enfrentam cotidianamente. Dos desafios e dificuldades apontadas pelo próprio conselho para a formação de um corpo laico atuante e dinâmico na Diocese de Valença, um deles já apontamos aqui: a dificuldade de locomoção em uma diocese composta por tantas paróquias em municípios distantes e suas zonas rurais, sem uma rede de transportes coletivos que possa atender à necessidade de locomoção entre elas.

Outros dois pontos se destacam: o primeiro é a dificuldade em somar braços ao serviço do laicato:

O primeiro e mais difícil é fazer com que os batizados e batizadas, que não são ordenados nem consagrados, se entendam como FIÉIS/LAICOS – Povo de Deus responsáveis pela “construção” do Reino. Cada um se entende como sendo dessa ou daquela pastoral ou movimento, mas não se entendem como fiéis e leigos. Por isso quando falamos da importância da participação no organismo a resposta é “eu já estou na Pastoral tal ou no movimento tal.”⁴¹

Parece, portanto, que existe uma confusão, ou no mínimo uma percepção equivocada, do que é ser um leigo ou uma leiga na obra do Evangelho. Confunde-se “fazer parte” com “pertencer”. Fazer parte é estar inserido, seja como ouvinte ou participante. É ocasionalmente realizar uma ou outra tarefa que lhe é solicitada em uma situação emergencial. Pertencer é ter um sentimento de pertença, é sentir-se membro responsável pelo crescimento daquela obra, importando-se com seu fortalecimento, sua abrangência, seu resultado e, sobretudo, com a missão de servir. É desenvolver uma identidade com o serviço e com a messe.

Outro ponto apontado como obstáculo a ser vencido esbarra na relação entre o sacerdote e os fiéis, mostrando que a obra de servir à Igreja é um trabalho que deve ocorrer em conjunto e sem sobreposições:

41 Idem.

Um terceiro ponto é um maior comprometimento dos clérigos em ajudar os fiéis a se descobrirem como protagonistas nas suas atitudes dentro e fora da Igreja, como um só corpo de batizados e batizadas, sem que um se sobreponha ao outro, mas se completem⁴².

Novamente, já na segunda década do século XXI, os fiéis se ressentem da falta de colaboração de parte do clero, que permanece, de certa forma, cristalizado em certos posicionamentos isolacionistas e que muito mais comprometem do que favorecem o testemunho de vida, estandarte mais eficiente no anúncio do Evangelho.

Mas as dificuldades não param por aí; o documento ainda se refere a mais uma pedra no caminho:

Outro desafio é fazer dos CCPs, CPPs e CDPA funcionem como “oficinas” onde se gesta um “protótipo” de como se deve participar nos outros conselhos *extra Eclésia* onde se tem que ter, além de falas, atitudes que reverberem no bem-estar da comunidade. Com o intuito de que isso se extrapole para a sociedade civil e política. Nessa instancias tudo é feito às pressas tanto pelo padre como pelo leigo que está sempre “correndo”, visto que tem outros compromissos.⁴³

Mas, a despeito de todas as dificuldades, os testemunhos de tenacidade demonstram o comprometimento do laicato com a Obra que abraçaram antes, abraçam agora e, pelo visto, continuarão abraçando sempre, porquanto tem a consciência da relevância daqueles que são chamados para servir, desde a Igreja Primitiva até os dias atuais, na certeza de que as gerações futuras continuarão dependendo daqueles que com dedicação e afincio fazem do serviço uma bandeira de evangelização por meio do testemunho de vida.

No entanto, mesmo com tantos desafios, nós como batizados/as, dentro de nossas fragilidades, independentes de estarmos ou não inseridos no, hoje, CNLB-diocesano. Sempre nos empenhamos para estarmos a serviço da Igreja e da sociedade, buscando colocar em prática a

42 Idem.

43 Idem. CCPs – Conselhos Comunitários de Pastoral. CPPs – Conselhos Paroquiais de Pastoral e CDPA – Conselho Diocesano de Pastoral.

máxima de Puebla que nos diz: *“os fiéis são homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração Igreja.”*⁴⁴

Já se expôs aqui que cada paróquia, pelas suas especificidades geográficas, densidade populacional e matriz econômica na qual está envolvida possui características muito peculiares, de tal forma que é impossível que apresentem, em todos os aspectos, um padrão pelo qual as possa generalizar. Um dos aspectos distintos, dentro da discussão que ora se apresenta, é justamente o futuro do laicato por meio dos jovens, uma vez serem eles os obrigatórios substitutos daqueles que hoje estão envolvidos no serviço.

Sobre esse tema, a paróquia de São Sebastião, em Três Rios, parece ter uma visão um pouco vazia de esperança. Quando perguntados se “enxergavam na juventude atual das igrejas uma contínua disposição para se dedicarem ao trabalho leigo?”, sobre “o que os motivavam?”, e, em caso negativo, “quais os motivos percebidos como desmotivantes?”, a resposta foi cheia de desalento e revestida de certo protesto.

Infelizmente não. Portas fechadas e estruturas envelhecidas, ausência de um verdadeiro protagonismo oferecido aos jovens, falta de escuta dos jovens, falta de clareza de propósito (o jovem gosta de ser desafiado, mas precisa ter clareza da missão, ainda que seja maior que suas forças) e uma linguagem equivocada, são motivos que muito desmotivavam os jovens a servirem atualmente em nossos ambientes eclesiais.⁴⁵

Esta resposta merece atenção e ação para que as tais portas possam se abrir, as estruturas envelhecidas possam ser renovadas e os jovens possam ser efetivamente esclarecidos de sua missão para, então, serem desafiados. Compete ao próprio laicato, com a autonomia que o Bispo Dom Amauri Castanho já lhes havia atribuído, com a ajuda do clero, abalar e renovar tais estruturas, para que o futuro do laicato possa repousar em braços vigorosos.

Mas essa parece ser uma questão pontual, posto que outros depoimentos pintaram um quadro muito mais promissor e com tintas muito mais vívidas. Uma prova de que as novas gerações continuaram a levantar pessoas dispostas ao serviço laical é o testemunho tanto de Gabriel Rezende, da

44 Idem.

45 Tiago dos Anjos Machado. Paróquia de São Sebastião, em Três Rios. Entrevista concedida em agosto de 2024.

paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Vassouras, quanto o de Myrian Machado, da paróquia da Catedral de Nossa Senhora da Glória, em Valença. Gabriel afirma que:

tenho testemunhado um significativo fortalecimento dos movimentos de juventude em nossa comunidade de Vassouras nos últimos dois anos. Esse crescimento tem sido muito positivo, pois promove um sentimento de pertencimento e engajamento entre todas as faixas etárias. Estamos incentivando os jovens a se envolverem ativamente e a assumirem futuras responsabilidades no laicato. A integração da experiência dos membros mais idosos com a energia e a visão dos jovens é extremamente enriquecedora. A troca de experiências entre essas gerações fortalece o espírito de serviço e nos motiva na fé, criando um ambiente mais coeso e dinâmico na Igreja⁴⁶.

O testemunho de Myrian apenas reforça as palavras de Gabriel, pois apresenta as mesmas observações com relação à juventude, bem como ao acolhimento dado pelas paróquias às novas iniciativas.

O engajamento da juventude na vida eclesial foi por muito tempo um desafio em nossa paróquia. As lideranças eram envelhecidas e abriam pouco espaço para os jovens. Seu serviço era pouco valorizado. Hoje a situação é bem melhor. Creio que concorreu para isso: a eleição de um Conselho Paroquial de Pastoral mais jovem, a formação do Grupo de Jovens Missão Facies e seu grupo de canto (participam na liturgia), formação do grupo São Tarcísio de jovens coroinhas, acólitos e cerimoniários (dele já surgiram vocações para o sacerdócio), mais participação do movimento de Emaus, estímulo da catequese. Os jovens têm muitas motivações fora da igreja, é importante que sintam seu serviço e participação valorizados dentro dela por todos. Que sejam convidados e motivados por outros jovens que já participam.⁴⁷

Apesar das adversidades, da maior ou menor autonomia que os fiéis possam ter nas paróquias frente ao clericalismo que possa existir em algumas

46 Gabriel Machado. Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Vassouras. Entrevista concedida em agosto de 2024.

47 Miryan Machado Galvão Pereira. Paróquia Catedral de Nossa Senhora da Glória, em Valença. Entrevista concedida em agosto de 2024.

delas, fato é que nos últimos 25 anos o laicato tem desempenhado um papel crucial nas paróquias brasileiras, atuando como agente de transformação social e espiritual. Sua importância se manifesta na promoção de iniciativas sociais, no fortalecimento da evangelização e na inclusão de vozes diversas dentro da comunidade. Os fiéis têm contribuído para o desenvolvimento de projetos educativos, de assistência e de ação comunitária, além de revitalizar a liturgia e a catequese. Essa atuação enriquece a vida paroquial, tornando-a mais dinâmica e conectada às realidades locais, enquanto fortalece a responsabilidade na missão da Igreja.

As expectativas para o desenvolvimento do serviço laical nas paróquias brasileiras no próximo século são promissoras. Com o crescente reconhecimento da importância do laicato, espera-se uma maior valorização e incentivo à participação leiga em todas as esferas da vida paroquial. A formação contínua e a capacitação dos fiéis devem se expandir, permitindo que assumam papéis de liderança e responsabilidade.

Além disso, a adaptação às novas tecnologias e formas de comunicação facilitará a conexão entre os fiéis e a Igreja, possibilitando uma evangelização mais eficaz e inclusiva. A crescente conscientização sobre questões sociais e ambientais também poderá motivar o laicato a se engajar em causas relevantes, fortalecendo o papel da Igreja como agente de transformação na sociedade.

Com um enfoque mais colaborativo e menos clerical, o serviço laical tem o potencial de enriquecer a vida comunitária, promovendo uma Igreja mais sinodal, onde todos se sentem parte ativa da missão. Essa tendência deverá fomentar uma espiritualidade mais comunitária e engajada, refletindo a diversidade e as necessidades da sociedade brasileira.

Ciente dessa nova realidade a CNBB se prepara para uma maior participação dos fiéis no serviço da Igreja por meio de diversas iniciativas. Ela promove a formação contínua, oferecendo cursos e encontros que capacitam os fiéis em áreas como pastoral, liderança e evangelização. Além disso, a CNBB incentiva a criação de espaços de diálogo e escuta nas paróquias, onde as vozes leigas podem ser ouvidas e valorizadas.

Outro aspecto importante é a elaboração de documentos e diretrizes que ressaltam o papel fundamental do laicato na missão da Igreja, promovendo uma mentalidade mais sinodal. Ao incentivar a colaboração entre clérigos e fiéis, a CNBB busca fortalecer a corresponsabilidade na evangelização, criando um ambiente mais inclusivo e participativo para todos os fiéis.

Do ponto de vista dos próprios fiéis, o futuro do laicato no Brasil tende a ser mais ativo e engajado. Muitos fiéis expressam a expectativa de maior valorização de suas contribuições, desejando participar mais efetivamente nas decisões e na liderança das comunidades. Há um desejo crescente por formação e capacitação, permitindo que desenvolvam habilidades para atuar em diversas frentes, como ação social, pastoral e evangelização.

Além disso, os fiéis aspiram a um ambiente mais colaborativo e sinodal, onde suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. Essa vontade de se envolver também se reflete em um compromisso com causas sociais, ambientais e de justiça, integrando a fé à vida cotidiana. Assim, o laicato pode se consolidar como uma força vital, promovendo transformação e renovação dentro da Igreja e na sociedade.

Projetando um futuro imediato do laicato em nossas paróquias, o horizonte nos parece promissor quanto ao serviço laical a ser abraçado pelas novas gerações, com um crescente interesse dos jovens em se envolverem ativamente. Essas gerações tendem a buscar uma Igreja mais inclusiva e participativa, valorizando a diversidade e a justiça social.

Com o uso de tecnologias e redes sociais, os jovens estão mais conectados e engajados em causas que refletem sua fé. Espera-se que a formação e o acompanhamento pastoral se adaptem a essas novas realidades, incentivando a participação ativa dos fiéis em iniciativas comunitárias e missionárias.

Assim, o serviço laical pode se tornar uma plataforma dinâmica para que os jovens contribuam com ideias inovadoras e energias renovadas, moldando uma Igreja mais vibrante e relevante para o futuro.

Referências

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e ministérios dos cristãos fiéis e leigos**. Documentos da CNBB n. 62. São Paulo: Paulinas, 1999.

DUSSEL, E. **Teologia do “laicato”**. Realidade ou mistificação. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 47, n. 186, p. 378-85, 1987.

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* de Sua Santidade o Papa João Paulo II sobre a vocação e missão dos fiéis na igreja e no mundo**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

LORSHEIDER, D. Aloísio Cardeal. **Uma possível conferência nacional de cristãos fiéis dentro do protagonismo fortemente sublinhado pela IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**. Mimeo [S.l.: s.n., 1992?] (data provável).

MARROQUIM, Dirceu. Igreja católica, “influenza hespanhola” e áreas de pobreza no Recife-PE (1918). **SÆCULUM – Revista de História**, João Pessoa, v. 28, n. 48, p. 25-44, jan./jun. 2023.

SANTOS, Adelci Silva dos. **Padre Sebastião da Silva Pereira**: o evangelista da educação. Texto enviado à Diocese de Valença. Valença: 2024.

SILVA, José Antônio da. O Vaticano II e o Laicato na Igreja. **Revista Cultura Teológica**, v. 19, n. 76, p. 47-62, out./dez., 2011.

Sites

Home – Diocese de Valença (diocesedevalenca.org).

IBGE | Cidades@ | Brasil | Panorama.

Papa: os fiéis não são “hóspedes” em sua própria casa. O clericalismo é uma praga – Vatican News.

A SITUAÇÃO DOS FIÉIS ANTES DO VATICANO II. Disponível em: Microsoft Word – 0710446-2009_completa_4_.doc (puc-rio.br). Acesso em: 20 jul. 2024.

MOURA, Rafaela. Campanha da Fraternidade Inspira Fiéis a Realizar Ações Durante a Pandemia. Disponível em: <https://arquiocesedemanaus.org.br/2020/04/30/campanha-da-fraternidade-inspira-fieis-a-realizar-aco-es-durante-a-pandemia/>.

KELLER, Antônio Carlos Rossi. A Missão Profética. CNBB Regional Sul 3. Disponível em: <https://cnbbsul3.org.br/a-missao-profetica/#:~:text=O%20profetismo%20cris%3%A3o%20nasce%20no,profiss%C3%A3o%E2%80%9D%20a%20servi%C3%A7o%20de%20algu%C3%A9m>.

NULL (3 de Outubro de 2018). «Pope Francis’ Address to the Synod Fathers at Opening of Synod2018 on Young People, the Faith and Vocational Discernment».

Obra de Referência

Bíblia de Jerusalém.

XIX. ARTÍFICES DA EDUCAÇÃO: 100 ANOS DA DIOCESE DE VALENÇA¹

Gustavo Abruzzini de Barros

Quando, em 2024, me foi dada a missão de pesquisar e escrever a história dos sessenta anos da Fundação Educacional Dom André Arcoverde, logo fui despertado para a oportunidade de trazer à tona informações adormecidas. Detalhes deixados de lado por uma historiografia local de certa forma acomodada às verdades cristalizadas dos consagrados memorialistas Damasceno e Iório. Logo, desconfiei que os jornais, no seu ato contínuo de registrar fatos, e os arquivos poderiam revelar algo mais. Informações desprivilegiadas, descartadas ante a obra maior e prevalente. Dito e feito, descortinaram-se muitos fatos curiosos e relevantes. Muito além de ter sido apenas o primeiro bispo da Diocese de Valença, pernambucano, sobrinho do primeiro cardeal do Brasil e fundador de tradicionais colégios que impulsionaram sobremaneira a educação valenciana, dom André Arcoverde fora um intelectual de formação superior e um membro da alta sociedade da Capital Federal, quando lhe é dada a missão – não à toa ele –, de ser o desbravador de um bispado focado na nada fácil instalação do ensino secundário, numa região em que outra religião chegara a tentar e quase conseguir.

Como nada, ou nem tudo – fica a critério do leitor – é por acaso, ao se conhecer melhor a carreira de nosso primeiro bispo, compreende-se melhor o privilégio de seus diocesanos pela escolha de tão competente e experiente protagonista de iniciativas filantrópicas de peso em sua trajetória. Partícipe da sociedade carioca da então Capital Federal, transitava com desenvoltura junto a políticos, empresários, ministros e, sobretudo, junto às senhoras destes, que envolvia em suas campanhas e na angariação de recursos para as obras sociais que liderava.

A semente da boa educação, fora tão bem plantada que a constante evolução, nos vai trazer ao momento em que se implanta, em Valença, o pioneiro

1 Este artigo é uma compilação de informações extraídas do livro do mesmo autor “60 Anos de Excelência – A História da Fundação Educacional Dom André Arcoverde”. Lançado em 2025 pela Editora Unifaa/Processo.

ensino superior interiorizado por meio das fundações. E, neste momento, destaca-se o apoio da visão de dom José Costa Campos, que dispõe de todo o patrimônio diocesano que pudesse servir, para instalar as unidades vindouras. Direito no antigo Colégio São José, Odontologia no antigo Hospital Alzira Vargas e Medicina no antigo hospital da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia. E mais detalhes vão se revelando.

A ascendência

No Rio de Janeiro, em Copacabana, há uma praça chamada Cardeal Arcoverde. Assim como uma cidade em Pernambuco, onde nasceu dom André Arcoverde, primeiro bispo de Valença. E em outros logradouros pelo país, homenageando, na verdade, seu tio, dom Joaquim Arcoverde, primeiro cardeal da Igreja, nomeado na América Latina, em 11 de dezembro de 1905.

A ascendência do cardeal e do sobrinho bispo remete a tradicional tronco familiar pernambucano. E tem origem histórica, nas Capitânias Hereditárias implantadas pelo governo português do rei dom João III. A primeira doação foi a Capitania de Pernambuco, assinada em 10 de março de 1534, beneficiando Duarte Coelho que era esposo de dona Brites de Albuquerque. Esta, ao ficar longe do marido, resolve se juntar a ele, sendo acompanhada por seu irmão, Jerônimo de Albuquerque. Este, por ter prática de serviços de guerra, foi logo mandado pelo cunhado donatário a dar combate aos índios caetés, ditos selvagens, ferozes e antropófagos. Depois de muitos embates, lutando nos Montes Guararapes, Jerônimo foi ferido, perdendo um olho flechado e caiu prisioneiro. Como estava muito debilitado e magro, foi poupado, sendo cuidado pela filha do cacique, com quem trocou carícias e afagos.

Jerônimo e Muira-Ubi (Arco-Verde) casaram-se segundo os ritos da tribo. Seguindo com o marido para Olinda, ela é batizada com o nome de Maria do Espírito Santo Arcoverde. Da união, são gerados oito filhos, legitimados em 1561. Embora quisesse se casar na Igreja, Jerônimo foi impedido pela rainha Catarina da Áustria, viúva de dom João III, que reinava Portugal, durante a menoridade de seu filho dom Sebastião, que o obrigou a casar-se com Filipa de Melo, aos 55 anos, tendo com esta, mais onze filhos, além de outros dezesseis bastardos. Dos oito filhos Arcoverde, é de dona Catarina de Albuquerque que descendem o cardeal e o nosso primeiro bispo. É do casamento dela com o fidalgo florentino, dom Felipe de Cavalcanti, natural de Florença, que descendem todos os Cavalcanti de Albuquerque do Brasil.

Jorge Caldeira, em *A Nação Mercantilista – Ensaio sobre o Brasil*, destaca que o nome Arcoverde, mais tarde passou a ser empregado por alguns dos descendentes visando ressaltar a origem indígena da família. É André Cavalcanti de Albuquerque (1753-1829) quem começa a usar e resgata o nome Arcoverde. Possivelmente, acreditam memorialistas da homônima cidade pernambucana, tenha sido uma homenagem ao sangue indígena de sua esposa, Úrsula Jerônima Cavalcanti Albuquerque, nona geração da união do fidalgo Jerônimo com Muirá-Ubi. Este André, é o avô de Antônio Francisco de Albuquerque Cavalcanti (1822-1870), conhecido por capitão Budá, proprietário da Fazenda Fundão, que ao se casar com Marcolina Dorothea Pacheco Couto são os pais de Joaquim, que viria a ser o cardeal Arcoverde, e do fazendeiro Jerônimo, pai do primeiro bispo de Valença, dom André.

Por outro tronco, descende, dos Albuquerque, o general Severino Sombra de Albuquerque, nascido na cidade de Maranguape, no solar dos Sombras, em 8 de junho de 1907. E que no final da década de sessenta levará o ensino superior para a cidade de Vassouras.

A vocação

Dom Joaquim, em companhia dos irmãos, parte para a Europa em 1866, indo matricular-se no Colégio Pio Latino-Americano de Roma, onde concluiu o curso de ciências e letras. O seu curso superior, o fez na Universidade Gregoriana de Roma. Outro curso superior foi em Paris, onde fez ciências naturais na Sourbonne (Universidade de Paris). Regressa ao Brasil, em 1876, fixando-se no seu Estado natal. Foi reitor do Seminário de Olinda e professor de física e de francês no ginásio do governo. Foi bispo de São Paulo e segundo arcebispo do Rio de Janeiro (24 de março de 1898). Torna-se cardeal em 11 de dezembro de 1905, recebendo do papa Pio X a imposição do principado, o chapéu e o anel cardinalício, com o título dos São Bonifácio e Santo Aleixo, no consistório público de 14 do mesmo mês e ano.

André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti nasce em 15 de dezembro de 1878, na fazenda do Fundão, em Rio Branco, neste tempo pertencente à freguesia de Pesqueira, em Pernambuco. Os pais são o coronel Jeronymo e Teresa Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Influência do tio ou tradição familiar de algum dos filhos pender para a vida eclesiástica, ao sentir-se chamado para o sacerdócio o jovem André segue para o Seminário de São Paulo, onde já era bispo o tio Joaquim Arcoverde. Neste seminário, sua estada

foi curta, pois logo foi enviado para o Colégio Pio Latino, em Roma, em 1896, com apenas dezoito anos de idade.

A primeira aparição, registrada na imprensa, do então padre André Arcoverde, se dá na Revista da Semana de 12 de julho de 1903. Uma fotorreportagem destaca “Brasileiros em Monte Cassino” e descreve viagem capitaneada pelo ministro Bruno Chaves ao Vaticano, com a família Candido Mendes, dentre outros.

No dia 28 de outubro de 1904, André Arcoverde recebe as ordens de presbítero, demorando-se ainda na Europa, por onde percorre vários países, até 1906. Foi para ele tempo de aprendizado, conhecendo diversas obras sociais católicas, das quais passou a propugnador quando de volta ao Brasil. O retorno se dá por São Paulo onde se torna coadjutor da Paróquia de Santa Cecília. Segue então para o Rio de Janeiro, nomeado coadjutor do monsenhor Monte, na Paróquia de São João Baptista da Lagoa, no bairro de Botafogo.

E novamente é a Revista Semana, em sua edição 307, em 1906, que revela os passos do padre André, ao abrir foto de página inteira sob o título: “O Cardeal Brasileiro e sua Corte”. Reverenciando o cardeal Arcoverde, retrata, no entorno dele, os principais colaboradores e um jovem padre André Arcoverde, seu sobrinho, já como seu secretário.

Com o falecimento do monsenhor Monte, o padre André se torna vigário, em sua substituição, por provisão de 18 de junho de 1909, na Paróquia de São João Baptista da Lagoa, no bairro de Botafogo. Logo toma a iniciativa de fundar a Associação do Apostolado da Oração. Tinha a cultura do associativismo e logo cogita a fundação de outras associações: das Damas de Caridade; dos Vicentinos; da Pia União das Filhas de Maria; e da Farmácia Dr. Francisco de Castro do Sodalício de São Vicente de Paulo.

No dia 7 de agosto de 1911, o padre André recebeu de Roma sua nomeação para membro efetivo do Cabido Metropolitano da Arquidiocese do Rio de Janeiro, no que toma posse da cadeira em 25 de outubro do mesmo ano. Com isso passa a ser designado cônego.

Fazendo parte da corte ou da equipe do cardeal Arcoverde, dom André logo vai se tornando personagem próximo das altas esferas da sociedade carioca daquele tempo. O jornal O Paiz de 17 de fevereiro de 1912, cobre com efusivo interesse as exéquias do barão do Rio Branco. A missa de sétimo dia, na Catedral Metropolitana, a este tempo na rua Primeiro de Março, e por iniciativa do clero comandado pelo cardeal Arcoverde, transforma-se em grande evento, com a presença do presidente Hermes da Fonseca e de toda

a elite política e empresarial do Rio de Janeiro. E coube ao já cônego André Arcoverde a celebração da missa solene.

Dom André logo se destaca pelo conhecimento e sensibilidade musical. Na Festa de Entronização do Sagrado Coração de Jesus, acontecido na Catedral Metropolitana, em junho de 1913, a bem cuidada solenidade contou, como maestro regente do coro, o cônego André Arcoverde, informara o jornal O Paiz de 7 de junho.

Neste ano, o cônego André Arcoverde embarca no navio a vapor holandês Zeelândia que zarpa para a Europa, no dia 20 de agosto. No que o jornal A Época, de 20 de setembro de 1913, tituló de “Peregrinação brasileira a Lourdes e Roma”. O jornal publica impressões da viagem de travessia do oceano e em um dos relatos, revela que numa das noites, em alto mar, “houve música”, por iniciativa do padre Heliodoro Pires, quando os cônegos André Arcoverde e Pio dos Santos “*fizeram-se ouvir, interpretando com alma alguns trechos de Tosti, Tirindelli e Gounod*”. Culto, sabe cantar trechos de óperas e o faz com “alma”. No dia seguinte, novo relato da viagem é publicado. Dom André, em mais uma apresentação cantou “*a inspirada música de Tosti, Ideale*”. Este autor é o italiano Francesco Paolo Tosti, célebre compositor de canções para solista e piano. Caruso, Pavarotti e Carreras gravaram muitas de suas canções.

De volta a seus afazeres paroquianos, o cônego André Arcoverde, vigário da freguesia de São João Baptista da Lagoa, “*acaba de fundar o Patronato para as Crianças Pobres*”, informava O Imparcial de 15 de abril de 1915. A notícia dava conta de que o cônego já obtivera o prédio para instalação, mas ainda dependia de recursos para colocá-lo para funcionar. O esforço é correspondido pelos paroquianos do distinto bairro de Botafogo. Na edição de 18 de março de 1917, o jornal A União informava que no dia seguinte haveria a festa de inauguração da Escola Paroquial da freguesia de São João Baptista da Lagoa. Na diretoria, o vigário, cônego André, era o presidente que contava com o apoio de famílias tradicionais do bairro: Carlos Peixoto, Manso, Celso de Souza e MacDowell. A sede da escola paroquial ficava na rua Real Grandeza, 174. “*A escola é a obra predileta do revmo. vigário, cônego André Arcoverde*”, destacava nota do jornal A União de 22 de novembro de 1917, que divulgava a realização de “*grande festival organizado pelas senhoras da nossa sociedade*”, no Theatro Municipal, em benefício da Escola Paroquial de São João Baptista da Lagoa.

A pandemia

Quando o mundo, em meio a Primeira Guerra Mundial, nos campos europeus, se depara com a pandemia da gripe espanhola, o Brasil que, a princípio, pouco crê no seu contágio, se vê vítima da segunda onda da doença que acomete os primeiros doentes em setembro de 1918. A partir daí todo o país foi atingido. Como não havia medicamentos que a combatessem, os médicos buscavam amenizar os sintomas e as autoridades recomendavam que se evitasse aglomerações. Faltavam leitos e médicos para atender tal quantidade de doentes. O governo chega a determinar o fechamento de bares, fábricas, escolas e teatros. O Congresso e o Senado suspendem seus trabalhos.

Em meio ao caos e ao medo crescente, dom André não esmorece e produz circular, publicada no jornal O Paiz de 24 de outubro de 1918, dirigida a seus paroquianos, abrindo campanha de doações, indicando forte atuação. A gripe espanhola foi tão grave naquela época que na capital, Rio de Janeiro, foram registradas em torno de 12,7 mil mortes, um terço do total do país. Afetou até mesmo o eleito presidente Rodrigues Alves que, doente, ficou impedido de tomar posse, em novembro de 1918, e acabaria por falecer em janeiro de 1919.

Outra iniciativa do padre André Arcoverde é a que foi veiculada na Revista da Semana em meados de 1918, dando conta da organização de um *“corpo de escoteiros, entre os meninos católicos da freguesia de São João Baptista da Lagoa”*.

Em de 2 de março do mesmo ano, a imprensa enaltece nova iniciativa do cônego André. Informa ter havido a cerimônia de benção das máquinas da tipografia da freguesia de São João Baptista da Lagoa, que ficava próxima na mesma rua Voluntários da Pátria, no número 253.

Outro testemunho, no futuro pouco à frente, Joaquim Sales escreve na revista Excelsior, em 15 de junho de 1944, recordando que o bairro de Botafogo vivia naqueles idos um certo empobrecimento, muito por conta da transferência das famílias ricas para as novidades Copacabana e Ipanema. Botafogo com suas várias chácaras e com muitos descendentes dos criados de outros tempos de opulência, estava cheia de casas de habitação coletiva com péssimas condições sanitárias.

Quando foi da epidemia da gripe, em 1918-1919, era vigário da paróquia de São João Baptista monsenhor André Arcoverde [...]. Esse zeloso prelado para logo mobilizou os escoteiros da paróquia. Transformou

o Patronato da rua Real Grandeza, num vasto armazém e quase todos os comerciantes de Botafogo, concorreram com enormes quantidades de víveres e remédios destinados aos pobres da freguesia.

A formação musical de alta qualidade do cônego André Arcoverde fica patente quando a Arquidiocese de Diamantina faz publicar o seu regulamento sobre música sacra, que vem à tona no jornal A União de 3 de agosto de 1919. Em dezoito recomendações regulamentares, define várias regras a serem seguidas, sendo que a décima-oitava traz a nomeação de uma comissão de cinco nomes, que atentarà pela execução do regulamento. André Arcoverde é membro, juntamente com monsenhor Luiz Gonzaga do Carmo, pároco de Nossa Senhora da Glória, além dos maestros Henrique Oswaldo, Alberto Nepomuceno e Francisco Braga.

O jornalismo

Em setembro de 1919, o cônego Arcoverde funda o jornal A Cruz, órgão da paróquia que governa. Quinzenal, destina-se, a princípio, a divulgação das obras paroquiais. A primeira edição circula no dia 21 de setembro e no artigo de fundo, na capa, escreve sobre a iniciativa. “[...] *Alguém me disse que as obras paroquiais não melhoram de sorte porque eu não as propago. Pode ser. Porém não seja esta a dúvida. D’agora por diante, serei um propagandista de força. [...]*”.

Além de propagandas de seus “produtos” (farmácia e tipografia), o primeiro número de seu jornal tinha a adesão de apenas duas empresas: o Banco do Distrito Federal (Rua Primeiro de Março, 43) e o Colégio Rampi Williams (Rua Voluntários da Pátria, 66), onde o cônego era o professor de latim e de religião. Noutra das primeiras edições (2/11/1919), revela estreita relação de dom André com a pianista e artista de renome internacional Guiomar Novaes, que vivenciava estrondoso sucesso no exterior e que, estando no Brasil para curta temporada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, doava parte do produto de seu quarto concerto ao Patronato das Crianças Pobres da freguesia de Botafogo.

Na mesma ocasião funda o Centro Operário do Apostolado da Oração, destinado a congregar as trabalhadoras das fábricas. Buscava com a iniciativa apoiar as mulheres vulneráveis pelo ambiente do trabalho fabril, machista e politizado.

Em janeiro de 1920, nosso personagem está às voltas com nova iniciativa. Funda a primeira Caixa Operária, sob o sistema Raiffeisen, precursora das cooperativas de crédito. Fora sensibilizado por um grupo de vinte operários de sua paróquia que propuseram a criação da caixa, “*que viria livrar o operário das garras dos agiotas, sanguessugas humanas que se enriquecem extorquindo os mais pobres*”, dizia a petição. Em 30 de junho do mesmo ano, já se publicava um balanço com a caixa apresentando um ativo-passivo de pouco mais de 22 contos de réis, dos quais mais de dezessete contos empregados em empréstimos.

Maio de 1920, as boas relações do cônego André Arcoverde rendem-lhe um presente do ex-presidente da República e ex-senador, Nilo Peçanha. Um amplo terreno na região de Itaipava, para se instalar o Retiro do Patronato de Crianças Pobres da Paróquia de São João Baptista da Lagoa.

Na posse de dom Silvério Gomes Pimenta, na Academia Brasileira de Letras, então presidida por Carlos de Laet, faz parte dos diversos convidados de certa celebridade, citados na matéria do jornal Gazeta de Notícias de 29 de maio de 1920.

No mesmo ano, só que em novembro, é o celebrante da missa fúnebre de um mês do falecimento do acadêmico maestro, Alberto Nepomuceno, na Matriz da Candelária, “*com grande orquestra*”, dizia o anúncio do Jornal do Brasil.

O gestor

Entretanto, e talvez por causa de tanta operosidade e empreendedorismo, no dia 20 de março de 1921, o cônego André Arcoverde, deixa a direção da Paróquia de São João Baptista da Lagoa, onde servira por doze anos, para passar a servir ao arcebispado. O jornal católico A União, ao dar a notícia ressaltava os serviços prestados de relevo. E acrescentava a constatação de sua boa penetração na sociedade da época:

Vastamente relacionado com as mais ilustres famílias cariocas, ele mesmo de nobre estirpe; padre piedoso e cheio de zelo, ativo e de largas iniciativas; cavalheiro de trato fidalgo e finíssima educação – foi sobretudo como sacerdote exemplar que se impôs à estima do aristocrático bairro, e como vigário atencioso, caridoso e abnegado, que granjeou gerais simpatias e devotamentos no meio das classes pobres, que a esta hora devem estar lamentando a retirada do seu excelente vigário.

Torna-se administrador dos patrimônios eclesiásticos do arcebispado. Logo, está envolvido na Obra das Vocações Sacerdotais da arquidiocese, como primeiro assistente da comissão diretora presidida pelo cônego Benedito Marinho. É distinguido com a nomeação para presidente da comissão de obras da Catedral. Com a aproximação das comemorações do centenário da Independência, o Rio de Janeiro está sendo reformado para sediar exposição internacional. Não demora e lhe é confirmada e conferida pelo Papa a dignidade de monsenhor, prelado doméstico, fato noticiado.

À frente das obras da Catedral, preparava-se a capela do Senhor dos Passos para receber os restos mortais dos ex imperadores. Na missa de trigésimo dia, em homenagem à princesa Isabel, celebrada na Igreja da Candelária e rezada pelo arcebispo dom Sebastião Leme, o cônego Arcoverde participa, servindo de diácono ao ato solene, em dezembro de 1921.

Em 1922, monsenhor André Arcoverde é o procurador do Coro da Venerável Irmandade do Príncipe dos Apóstolos São Pedro. Neste mesmo ano, em 6 de junho, é inaugurada a Fundação Casa Santa Ignez, instituição idealizada pela primeira-dama do país Mary Pessoa. Ele está presente, celebra a missa inaugural e é o capelão do sanatório que se destinava a servir a moças carentes.

Ao mesmo tempo, uma seção de fotos em revista do momento, revelava o cônego em visita e em companhia do ex-presidente Nilo Peçanha e de sua família. Tratada como “Granja”, era a propriedade que fora adquirida pelo barão Smith de Vasconcelos, mas que, antes, uma bela fração estava sendo doada ao Patronato de Menores, dirigido por dom André na sua paróquia, em Botafogo, para lá ministrar aos internos técnicas agrícolas.

Está presente na sessão de instalação do Congresso Eucarístico Nacional do Centenário, na Igreja de São Francisco de Paula, na noite de 26 de setembro de 1922, que mobilizou a sociedade católica do Rio de Janeiro. Até porque tem participação direta na efetivação do evento, pois é o tesoureiro do congresso, que tinha como presidente efetivo o arcebispo coadjutor, dom Sebastião Leme. Em 21 de novembro, é o responsável pela benção ao inaugurado pavilhão Joaquim Murtinho do Hospital Hahnemanniano, na presença do vice-presidente, Estácio Coimbra, de ministros, autoridades e gestores da saúde.

No dia 5 de novembro de 1922, monsenhor Arcoverde participa da missa em louvor a Santa Joanna D’Arc, na matriz do Sagrado Coração de Jesus. Dom André fora escalado para reger o coro da Adoração Contínua que entoou cânticos religiosos.

Transita com desenvoltura e em companhia dos deputados Ferreira Braga e Costa Rego e do diretor geral de Instrução Pública Municipal, Carneiro Leão; visitam Félix Pacheco, ministro de Estado das Relações Exteriores – informava nota no Jornal do Commercio de 23 de março de 1923.

A edição de 11 de novembro de 1923 de A Cruz, por sua vez, informava que em festividade em honra de São Carlos Borromeu, na matriz de São João Baptista da Lagoa, houve missa cantada.

No coro a orquestra, sob a competente direção do reverendíssimo monsenhor André Arcoverde, esteve magnífica. Tão afinado era o grupo escolhido de vozes femininas que, na harmonia de seus sons se confundiam com a tonalidade possante do grande órgão e outros instrumentos tangidos com verdadeira maestria e arte musical.

O bispado

Na noite de 13 de maio de 1925, a Catedral Metropolitana inaugurava “*com o máximo esplendor*” seu novo órgão. E dom André Arcoverde é o organizador da festa que contou com a presença do cardeal Arcoverde e de vários bispos e arcebispos. O talento artístico está presente novamente em agosto, quando já eleito bispo, dom André se encarrega de dirigir os coros e cânticos de eventos em prol das associações marianas da Federação das Filhas de Maria, no dia 6 de agosto, pela manhã, na Candelária, missa de comunhão geral e, à tarde, na Catedral, em sessão solene.

Não demora a repercutir na imprensa carioca a sagração do novo bispo. Na revista Brasil Social de julho de 1925, uma foto posada de dom André tem, como texto legenda, a informação de que a “*alvissareira notícia da nomeação de monsenhor André Arcoverde, para bispo de Valença*”, chegou quando já se “*estava no prelo*”.

Ainda antes de sua sagração e posse na nova diocese valenciana, dom André Arcoverde é eleito tesoureiro da Comissão do Monumento a Cristo Redentor no Corcovado. Seria o responsável pela viabilização financeira da construção do monumento que viria a ser o cartão postal do Rio de Janeiro e do país. A comissão era presidida pelo arcebispo coadjutor, dom Sebastião Leme.

A 18 de outubro de 1925, o bispo eleito é o celebrante da imponente cerimônia na Catedral Metropolitana, da tradicional Festa de São Lucas, patrono da classe médica. Servindo como sacristães, os médicos Cardoso Fontes e Ferreira Pontes.

A sagração de dom André Arcoverde, bispo de Valença, aconteceu na manhã do dia 28 de outubro de 1925, uma quarta-feira, na matriz de São João Baptista da Lagoa, com a presença do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, dom Joaquim Arcoverde, além de representante do presidente da República e de outras altas autoridades civis e militares, destacava a revista *Vida Doméstica*. O jornal *Correio da Manhã*, além das mesmas informações, registra que muito contribuíram, para o novo bispado de Valença, o vigário da paróquia, padre Antônio Correia Lima – naquele momento deputado estadual, além do prefeito, coronel Manoel Joaquim Cardoso, as famílias de industriais Pentagna e Fonseca e o senhor Nicolau Leoni.

Celebridade

Agora bispo, dom André continua a perfazer os caminhos que o colocam na imprensa da Capital Federal, como célebre personalidade ascendente do clero brasileiro. A *Gazeta de Notícias* de 15 de novembro de 1925 é a informante de que, por ocasião do quarto ano de falecimento da princesa Isabel, foi celebrada santa missa no altar-mor da Catedral Metropolitana, pelo bispo de Valença, dom André Arcoverde. Na presença de dom Pedro de Bragança, altas figuras católicas e da sociedade, após o santo ofício, rezaram na Capela de Nosso Senhor dos Passos, junto as urnas funerárias de dom Pedro II e de dona Thereza Cristina.

E, como reflexo da elevação a bispo, dom André ganha missa-festa de ação de graças, na Catedral Metropolitana, no dia 19 de novembro, reunindo o clero e representantes das associações religiosas da capital. O embarque para Valença se dá no dia 7 de dezembro de 1925, às 7h20 da manhã, com o arcebispo convidando a todos para comparecerem a despedida, na plataforma da estação.

No A Cruz de 13 de dezembro de 1925, matéria de capa descreveu a chegada “triumfal” do primeiro bispo de Valença. A cidade parou. “*Nas estações por onde passou o novo prelado houve manifestações, discursos de saudação, música e foguetes*”. Saudado na estação pelo prefeito, coronel Cardoso. “*Desde*

a estação ao Palácio Episcopal só vivas, palmas, foguetes e música”. E complementava com mais informações:

No dia 8, depois de ter havido a missa solene de Nossa Senhora da Conceição, saiu, há uma hora da tarde, a procissão que conduziu o senhor dom André Arcoverde à Catedral que esteve imponentíssima como mais não podia estar, e onde lhe foi dada posse pelo excelentíssimo e reverendíssimo monsenhor Alfredo Bastos, ex-administrador apostólico da Diocese.

Coube ao cônego Alcidino Gonzaga Pereira, cura da Catedral de Guaxupé, a saudação congratulatória. Seguiu-se um *Te Deum* e a primeira bênção episcopal ao rebanho valenciano. Às duas da tarde, a procissão levando a imagem de Santa Terezinha, ofertada pela Irmandade de Nossa Senhora da Glória, seguiu para o Palácio Episcopal, onde dom André recebeu, em seu salão nobre, cumprimentos de seus diocesanos. À noite, as homenagens seguiram-se no Pavilhão Leoni, com festival promovido pelos professores e alunos de Valença e fogos patrocinados pela Prefeitura. O jornal A Noite de 18 de dezembro de 1925, em nota curta, registrou que em sua passagem pela estação de Barão de Juparanã, o novo bispo de Valença recebera diversas homenagens.

Apesar de dedicado à sua nova missão como bispo de Valença, dom André mantém-se na mídia da época que registra muitos de seus passos, comprovando que detinha consolidado prestígio social. Mantendo relações com as altas esferas de decisão e recurso com as quais conviveu durante muito tempo, bem como com a grande imprensa do Rio de Janeiro.

A Revista da Semana, de 23 de janeiro de 1926, revela que o primeiro casamento celebrado por dom André Arcoverde, na Catedral de Valença, foi o do casal Sarah Pentagna, com o clínico Theóphilo de Almeida.

O dia 19 de março de 1926 ficou marcado na história de Valença. Foi um dia de grandes e efusivas festas. O casal Fonseca comemorava suas bodas de prata e aproveitava para incluir nas festividades o lançamento da pedra fundamental de um asilo de meninas menores, a ser construído junto a Santa Casa de Misericórdia, e a inauguração de uma nova fábrica têxtil (Cia. Progresso de Valença), evento presidido pelo recém-empossado bispo dom André Arcoverde. O dia de festas e inaugurações foi alvo de coberturas fotográficas da Revista Fon-Fon de 27 de março de 1926.

Já na Fon-Fon de 3 de abril, o registro é do retrato de dom André inaugurado na sacristia da igreja de São João Baptista da Lagoa. Em O Paiz, a edição de domingo, dia 21 de março de 1926, é preciosa por revelar um grande encontro de dom André Arcoverde com um artista que, com o passar do tempo, seria consagrado internacionalmente. Candido Portinari assina a autoria do referido retrato.

Mantém-se ligado de certa forma à Capital Federal, onde sempre contribui com seus préstimos e as boas relações sociais, como em outubro de 1926, quando dom André está participando da Semana Missionária. E na sessão de estudos, realizada no dia 15 de outubro de 1926, no salão do Círculo Católico, é pedido por dom Sebastião Leme que dom André abrisse a sessão. Este, diante de numeroso auditório, *“mostrou a situação em que se encontra a sua diocese acentuando a falta de sacerdotes para a perfeita missão da obra evangelizadora”*, registrou O Paiz no dia seguinte.

Em 12 de maio de 1927, dom André está no Rio de Janeiro, novamente. Celebra a missa no Outeiro da Glória, comemorativa dos 25 anos de formatura da turma de engenheiros civis da Escola Politécnica. Da mesma forma, é convidado pela Comissão de Homenagens para celebrar, no dia 23 de maio, na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, solene missa em ação de graças pelo aniversário do ex-presidente e, naquele momento, juiz da Corte Permanente de Justiça Internacional de Haia, Epitácio Pessoa. Entre os presentes o vice-presidente, Mello Vianna; o ministro do Exterior, Octavio Mangabeira; o ministro da Fazenda, Getúlio Vargas; além de outros ministros, governadores e embaixadores. Dois dias depois, dom André celebra, na Catedral Metropolitana, a Páscoa dos Intelectuais, cerimônia que reunia acadêmicos, estudantes e professores.

O colégio

O Colégio Valenciano São José, instituição livre de ensino secundário, foi fundado em 7 de junho de 1927. As aulas tiveram início no mesmo dia, com um pequeno grupo de alunos internos, todos gratuitos. Era preciso iniciar o curso a qualquer custo para se evitar perder o patrimônio doado.

O colégio ocupava a grande chácara de dois alqueires de terra em terrenos doados à Mitra Diocesana pelo coronel Manoel Joaquim Cardoso. A primitiva sede era o próprio casarão existente na chácara, com uma pequena ampliação, onde por algum tempo funcionara o Atheneu Valenciano.

Em julho de 1927 é a vez das revistas *Brasil Social* e *Vida Doméstica* registrarem a visita do presidente eleito do Estado do Rio, Manuel Duarte, à Valença. Desta feita, vinha para prestigiar a posse de Humberto Pentagna à frente da Prefeitura de Valença. Dom André Arcoverde fazia parte da recepção, na estação, à frente da elite política e social da Valença da década de vinte.

E Valença vai se preparando para o novo tempo. O correspondente da *Gazeta de Notícias*, em 12 de julho de 1927, descreve grande festa junina ocorrida na praça Visconde do Rio Preto, com cinco barracas apurando recursos que seriam destinados a abertura do ginásio.

Num sábado, dia 18 de setembro de 1927, no Rio de Janeiro, era inaugurada a sede da Caritas Social, na rua Marquês de Abrantes, 18, bairro Flamengo, antigo Colégio Sion. Adquirido e remodelado, o prédio se destinaria a abrigar e educar moças pobres, operárias, sem família. Dom André era o tesoureiro da iniciativa e teve de se afastar ao ser empossado bispo de Valença; mas, que pelo visto, enquanto podia, foi atuante e produtivo àquela obra. Tanto o é, que, na mesma ocasião, foram inaugurados os retratos de benfeitores – de dom André e da senhora Índio do Brasil.

O perseverante

Os primeiros tempos do colégio foram de muitas dificuldades. Depoimentos de pessoas que viveram estes tempos dimensionaram o que teria sido aquele esforço inicial de dificuldades.

No primeiro dia de 1928, dom André é o celebrante da crisma na Festa do Senhor Bom Jesus do Monte, na Ilha de Paquetá. No final deste mesmo mês de janeiro, é o celebrante, na Ilha das Enxadas, da solenidade de batismo dos dois novos aparelhos de aviação comercial da Condor Syndicate Ltda., na presença do ministro da Viação, Victor Konder. Adquiridos para o transporte de passageiros e malas postais, eram os hidroplanos “Santos Dumont” e “Bartolomeu de Gusmão”. A empresa era nacional e dirigida pelo conde Pereira Carneiro, empresário de origem pernambucana que se tornara dono do *Jornal do Brasil*. Findado solene batismo, dom André e o casal Pereira Carneiro estão entre os presentes que passeiam a bordo do Santos Dumont, num voo de vinte minutos sobre a Baía de Guanabara.

No final do mês de abril de 1928, dom André participa da grande programação da Semana da Matriz de Madureira, com diversas ações para a construção do templo daquele bairro carioca. Participa do lançamento da

pedra fundamental, solenidade presidida pelo arcebispo dom Sebastião Leme, diante de diversas autoridades. E cabe ao bispo de Valença officiar o *Te Deum*, sermão e benção com o Santíssimo Sacramento.

Fundador e diretor do colégio até 1930, dom André foi o responsável pelo remodelamento da sede da antiga fazenda, ampliando salas, dividindo salões, adaptando-o, da maneira possível a satisfazer as necessidades do incipiente educandário. Nestas reformas, consta que dom André empregou a importância de 18 contos de réis, quantia, naquela época, de considerável vulto.

Quando chega próximo de seu aniversário, no ano de 1928, o jornal que fundara e que mantinha natural ascendência na paróquia de Botafogo, publica nota, abaixo de sua foto, em que, para elogiá-lo, revela um provável baque produzido pela mudança da capital para o interior, com a consequente distância das elites econômicas do Rio de Janeiro, com que sempre teve boa entrada.

A ideia de criar, na sua diocese, um santuário, surge em 25 de março de 1929, quando dom André se dirige a Rio Preto e compartilha com o padre local a intenção. E projeta o local escolhido como sendo o *“aprazível distrito de Parapeúna”*.

O jubileu

Quando à véspera de completar seu jubileu sacerdotal, Guiomar de Sá Fonte escreveu artigo que foi publicado em O Jornal de 27 de outubro de 1929, homenageando dom André Arcoverde. Logo de início, a missivista afirmava que se tratava de um dos grandes vultos do episcopado brasileiro, *“porque a pessoa de dom André esteve e está intimamente ligada à arquidiocese do Rio de Janeiro”*. Segundo ela, dom André deixara em seu paroquiado *“modelo indelével”*.

Chegado o dia 28 de outubro de 1929, dom André Arcoverde completava seu jubileu sacerdotal. E é da mesma data o decreto da Câmara Eclesiástica de Valença que criou o Curato de Santa Teresa do Menino Jesus, com sede em São Sebastião do Rio Preto (Parapeúna), onde se vislumbra construir um santuário.

No dia 17 de novembro, chegam a Parapeúna os dois primeiros padres da localidade. Frei Manoel Formigo Giraldez e frei Antônio Fernandez e Fernandez, ambos da Ordem de Santo Agostinho, sendo que o primeiro toma

posse como Cura Encomendado do Curato de Santa Teresa do Menino Jesus. Dois dias depois, a 19 de novembro, a paróquia é inaugurada e o bispo diocesano benze a primeira pedra do “Santuário de Santa Terezinha”.

Em Três Rios, cria-se grande expectativa para a chegada do bispo dom André Arcoverde à cidade, no dia 29 de março de 1930. Ele participa da festa de lançamento da pedra fundamental da construção de uma nova matriz. Dom André celebra missa campal no terreno em que vai se erigir a nova matriz. Durante sua presença, foram celebrados vários casamentos e foram crismadas mais de oitocentas pessoas.

E o ano de 1930 representa a chegada dos padres agostinianos, vindos do Mosteiro do Escorial, na Espanha, Wenceslao Martin, Ricardo Rodriguez e Antonio Fernandez. Vinham para assumir a direção do colégio, o que permitiria a volta de dom André a residência episcopal.

A perda

Abril de 1930 fica marcado pelo falecimento do primeiro cardeal da América Latina e tio de dom André, dom Joaquim Arcoverde, ocorrido no dia 18, aos oitenta anos. Enquanto se preparava o sepultamento na Catedral Metropolitana, várias missas vinham sendo celebradas, e dom André fora um dos oficiantes que se revezavam. Na cerimônia do sepultamento, no dia 24 de abril, dom André fica com a incumbência de ministrar a absolvição ao corpo, por ser ele sobrinho do extinto. O Rio de Janeiro parou e à cerimônia compareceram diversas autoridades eclesásticas, políticas, militares e do corpo diplomático. Por considerar que os cardeais são os herdeiros eventuais do Trono Pontifício, o presidente da República, Washington Luís, decretara honras de vice-presidente da República.

Sobre a carência de recursos para suprir o tamanho das obras educacionais a que se propusera, conta-se que dom André, todos os anos, ia ao interior de São Paulo, para auxiliar seus irmãos de episcopado crismando. E que o óbolo que lhe davam, ele trazia para manter, em Valença, os colégios que iniciara. Do Rio, seus ex paroquianos teriam criado uma informal associação de amigos de dom André, para ajudar na mesma finalidade. Conta-se que dom André rifou o próprio relógio e o carro que seu tio cardeal lhe deixara, também para serem usados com a mesma finalidade de não deixar faltar para os colégios de Valença.

Próximo de inaugurar o monumento do Cristo Redentor, no Corcovado, dom André Arcoverde está na lista dos prelados que comparecerão as festividades que ocorrem em 12 de outubro de 1931.

Mais uma vez, o jornal A Cruz publica artigo de Guiomar de Sá Fontes, tecendo elogios as iniciativas de dom André Arcoverde. Desta, na edição de 15 de maio de 1932, exorta a mudança por que passou Valença, em sua vida social e religiosa, a partir da criação da diocese e das primeiras ações de seu bispo. Clama pela ajuda das boas almas e exemplifica, com mais uma iniciativa de artista de certo nome que acode Valença e seu bispo. *“Digno é de louvor o gesto delicado da senhorita Alicinha Ricardo, que, sabedora das dificuldades por que passa a Diocese de Valença, oferece metade do seu recital, no dia 24 do corrente, no Teatro Municipal, em benefício das obras de Valença”*. Alicinha Ricardo Mayerhofer era cantora lírica, com carreira também no exterior, que por vezes chegou a ser solista de obras de Villa-Lobos.

Na comemoração do centenário do município de Vassouras, em janeiro de 1933, *“os festejos do dia começaram com a imponente missa campal celebrada pelo bispo de Valença, dom André Arcoverde, na praça Sebastião de Lacerda”*, confidencia o Jornal do Commercio de 17 de janeiro.

O bem relacionado

No início de março de 1933, dom André está no Congresso Paroquial de Copacabana, como presidente de honra dos trabalhos. Corroborando com a ideia de que dom André Arcoverde era muito bem relacionado com a elite social do Rio de Janeiro, ainda que afastado por estar em Valença, fica patente pela descompromissada matéria publicada na primeira página do jornal A Nação de 26 de outubro de 1933. O título *“Uma hora de arte, elegância e generosidade”*, seguida do subtítulo *“O chá em benefício das obras do bispo de Valença”*, divulgava a realização de um chá de caridade, reunindo um grupo de senhoras, para arrecadar recursos para obras sociais do bispo de Valença.

Ainda em 1933, dom André Arcoverde participa, no dia 21 de novembro, da criação da radiodifusão católica. É um dos subscritores que aderem à constituição da Rádio Sociedade Vera Cruz. Em 1935, encabeça a lista da comissão patrocinadora da Cruzada Financeira Pró Asilo Infantil Nossa Senhora de Pompeia. Este asilo tinha por objetivo educar meninas filhas dos encarcerados. Na presidência de honra, a senhora Darcy Vargas. E junto de dom André personalidades como o médico Pedro Ernesto, os ministros Macedo

Soares, Gustavo Capanema, Agamenon Magalhães, Odilon Braga, conde Dias Garcia, senhora Nilo Peçanha, dentre outros. Na comissão executiva, a presidência cabia ao desembargador Vicente Piragibe e o cargo de tesoureiro ao valenciano José Fonseca. No asilo, na rua Cirne Maia, no bairro Cachambi, ministrava-se ensino primário, costura, bordados e ensino profissional.

A mudança

Fora por telegramas da Cidade do Vaticano que se confirmou a nomeação de dom André Arcoverde para a Diocese de Taubaté, em agosto de 1936. Deixava de fazer parte do Episcopado do Rio de Janeiro, capital pela qual tinha grande apreço e ligações. E a decisão da Igreja de transferir o primeiro bispo de Valença, para outra diocese, causou surpresa e reações. Na assembleia fluminense, o deputado Ismar Tavares chegou a pedir interferência do presidente da República junto a Chancelaria do Vaticano, para reverter tal decisão.

Em seu lugar será designado o bispo dom Renato de Pontes, até então titular da Paróquia da Tijuca. O prefeito Oswaldo Terra, então, homenageia o primeiro bispo de Valença, dando seu nome a antiga rua Voluntários da Pátria, solenidade que se deu no dia 3 de abril de 1937. Mais tarde, em 1940, no governo de Osvaldo Fonseca, a rua Dom André Arcoverde é duplicada em sua maior parte.

A Cruz, em edição de 29 de outubro de 1939, informava que dom André Arcoverde se encontrava enfermo e submetera-se a cirurgia. A saúde é a motivação para a renúncia à Diocese de Taubaté, em novembro de 1941.

De volta ao convívio com a sociedade carioca, passa a ser celebrante de missas ligadas a elite do país. Como a missa campal na praia do Russel, do aniversário de Getúlio Vargas em 1942. Ou a que as religiosas do Asilo Isabel, que ele dirige, realizam em ação de graças pelo restabelecimento do “presidente” Vargas. E, com a mesma intenção, agora promovida pelos condutores de trem da Central do Brasil, dom André celebra nova missa em ação de graças pelo restabelecimento de Vargas, agora no “*grande ‘hall’ da estação Dom Pedro II*”. Com a recuperação de Vargas, no dia 1º de setembro, dom André é o celebrante da nova missa campal, promovida, agora, na região do Calabouço, junto ao Aeroporto Santos Dumont, para onde acorreu grande multidão e cerca de trinta mil crianças, supunha o jornal A Manhã.

A saúde de dom Sebastião Leme abrevia sua vida num sábado, dia 17 de outubro de 1942. É o colega de estudos e de ordenação de dom André, com apenas 60 anos de idade. E coube a dom André a derradeira missa, na manhã de segunda-feira, na Catedral Metropolitana, diante de uma multidão. Todo o arcebispado nacional se fez presente.

O bom trânsito

Dia 5 de dezembro de 1942, entusiasta da aviação, dom André está no batismo de três aeronaves de pequeno porte, destinadas a aeroclubes, no pátio do Internato São José, juntamente com o ministro Salgado Filho. Cabe a dom André participar do brinde e a ministrar a benção.

Dom André é tratado como ilustre e figura proeminente da Igreja, transitando com desenvoltura nos eventos do dia a dia carioca. Está presente na comemoração do jubileu de prata do padre Gonzaga de Lyra, diretor do jornal *A Cruz*; no encerramento daquele ano letivo, no Colégio Santos Anjos, no bairro Tijuca; e, ainda, celebrando a missa campal da Páscoa dos Militares, evento anual iniciado com entrada do país na guerra e sempre com a presença maciça dos militares e dos presidentes Vargas e Dutra.

Em 8 de dezembro de 1946, dom André é o responsável por benzer a capela e o altar de Nossa Senhora da Conceição, na matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro carioca do Grajaú.

Em 14 de agosto de 1948, o Colégio Valenciano São José inaugurava seu segundo pavilhão, agora para o científico. Dom André Arcoverde é o convidado de honra. O jornal-revista, interno do colégio, informou que a programação do dia constara de missa de ação de graças, às 7 horas; em seguida da benção do bispo dom André ao monumento ao Sagrado Coração de Jesus, no jardim interno entre os dois pavilhões.

Volta à Valença, em 1952, no Jubileu de Prata do colégio. As comemorações transcorreram com solene recepção a dom André, no dia 7 de junho. No dia seguinte, dom André celebra a missa na capela do colégio, com comunhão geral de alunos e ex-alunos. À noite, houve solene *Te Deum* e sessão solene, com diversas atrações culturais e discursos, com o encerramento com a palavra do bispo dom André Arcoverde.

E o jornal fundado por dom André, faz questão de alardear a notícia de que Valença começava a planejar erguer, em sua homenagem, um monumento. Segundo a matéria, veiculada na edição de 8 de novembro de 1953, a

ideia fora lançada no Ginásio São José, pelo membro da Academia Valenciana de Letras, João José Cosate.

Uma nota consternada, na edição 66 do jornal-revista Cultura do Colégio Valenciano São José, em 7 de agosto de 1954, informava da saúde abalada de dom André Arcoverde. No final de janeiro de 1955, na praça Visconde do Rio Preto, de frente para o Palácio Episcopal, o monumento é inaugurado, homenageando, em vida, o bispo dom André Arcoverde, em obra de arte do escultor Paulo Mazzuccheli.

Desde quando deixara a Diocese de Taubaté, em 1939, por motivos de saúde, dom André é bispo resignatário, titular de Limne. E é nesta condição que o jornal Última Hora de segunda-feira, dia 20 de junho de 1955, noticiava seu falecimento no dia anterior.

A Cruz, jornal fundado por ele, lançou luto na sua primeira página. Na matéria informava que dom André falecera ao meio-dia do domingo (19/6), no Hospital da Ordem Terceira do Carmo. Desde quando fora internado, dois ex-alunos do antigo Ginásio São José o acompanhavam, representando Valença, o monsenhor Natanael de Veras Alcântara e o acadêmico de Medicina, César Capobianco. Ao traçar sua trajetória, o jornal A Cruz acrescentou a sua biografia que, quando renuncia a Diocese de Taubaté, é investido pela Santa Sé das honras de bispo de Limne. *“Passou, então, a residir na metrópole do país, presidindo a representação do Colégio Pio Brasileiro de Roma, no Brasil. Foi também diretor da Congregação de Santa Isabel e dos serviços religiosos do Convento da Ajuda e de Santos Angelos”*.

Teria sido acometido de um derrame cerebral, no mês anterior e desde então estava recolhido aquele hospital, até sofrer novo ataque que o colocou em estado gravíssimo.

Além do médico, doutor Tito Cavalcanti, assistiram os últimos momentos de S. Excia. Revma. os seus parentes coronel Benjamin Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, o marechal e senhora Milton Freitas de Almeida e o monsenhor Natanael de Alcântara, vigário de Marquês de Valença.

Dentre os sacerdotes e amigos que visitaram seu corpo estavam o cardeal dom Jaime Câmara e o bispo dom Hélder Câmara.

Atendendo aos desejos do povo de Marquês de Valença e a última vontade de dom André seu corpo foi removido às cinco horas da manhã

seguinte para aquela cidade fluminense. Foi uma verdadeira consagração a chegada dos despojos do saudoso bispo e o seu sepultamento na Catedral de Valença, sendo as respectivas cerimônias presididas por dom Rodolfo de Oliveira Pena, bispo diocesano. O comércio local cerrou as portas, não funcionaram as repartições e o prefeito decretou oficialmente luto em todo o município. Uma incalculável multidão de todas as classes sociais, reverenciou a memória do bispo-fundador daquela diocese.

As faculdades

Dom Rodolfo Penna, terceiro bispo (1942-1960), e monsenhor Tomás Tejerina foram os mantenedores da obra educacional de dom André Arco-verde. Mas foi a figura do quarto bispo, dom José Costa Campos, o artífice que vislumbrou, junto a outros personagens valencianos, a expansão da semente germinada, colaborando com a criação do ensino superior.

Dom José Costa Campos foi sagrado novo bispo de Valença no dia 24 de março de 1961, em Itanhandú-MG, onde exercia seu paroquiado. No dia 15 de abril é empossado em Valença. Então secretário nacional do ensino religioso no Brasil, dom José Costa Campos defendia maior aproximação entre os católicos das três Américas. E como educador que era, não poupou esforços para abraçar a causa universitária, contribuindo com as articulações necessárias.

No final de 1965, Valença recebe a notícia do aceite do governador Paulo Torres pela efetivação do bispo dom José Costa Campos como membro do Conselho Estadual de Ensino, em Niterói. Dom José, que estava em Roma participando do Concílio Ecumênico Vaticano II, foi indicado por dom Clemente Isnard para substituí-lo. Toma posse como conselheiro em fevereiro de 1966.

É no Diário de Notícias de 31 de março de 1966, que nos é trazido à tona as primeiras iniciativas de Valença visando acomodar os “excedentes” e, assim, a partir desta oportunidade, criar a faculdade de medicina em Valença. Apesar de dom José colocar o patrimônio da Diocese disponível, a iniciativa não obteve êxito, naquele momento, mas o esforço continuava.

Na edição de 24 de março de 1967, o Diário de Notícias informava que fora aprovada a Faculdade de Filosofia de Valença.

O Conselho Estadual de Educação acaba de aprovar, por unanimidade, a Faculdade de Filosofia de Valença. O fato é dos mais importantes para esta cidade, sendo o comentário maior do momento. Na reunião de Niterói, estavam presentes os conselheiros deste município, dom José Costa Campos, o professor Yago Costa Pereira e o antigo prefeito, engenheiro Luiz Gioseffi Jannuzzi [...].

Ao disponibilizar, todo o espaço físico pertencente a Mitra Diocesana, que estava ocioso, dom José foi fundamental para que Valença obtivesse as primeiras faculdades. Tal fato permitiu, junto ao Conselho Estadual de Educação, concretizar-se a estrutura necessária à instalação das novas unidades. Foi cedida parte do prédio onde funcionava o Ginásio São José para nele instalarem-se as faculdades de Direito e de Economia, assim como o prédio do antigo Hospital Alzira Vargas, para a Faculdade de Odontologia, e o prédio do antigo hospital da Santa Casa, para a Faculdade de Medicina.

A atuação em prol da educação valenciana, tornou dom José Costa Campos natural sucessor da cadeira que fora fundada por dom André na Academia Valenciana de Letras, posse que acontece no dia 9 de março de 1968. O bispo dom José Costa Campos assume a cadeira 22, que fora de dom André Arcoverde e depois de monsenhor Tomás Tejerina.

Quando, em 1980, dom José Costa Campos é designado a assumir a Diocese de Divinópolis, após dezoito anos à frente da Diocese de Valença, é patente sua notável colaboração com a Fundação Educacional Dom André Arcoverde. *“As faculdades valencianas, não teriam condições de firmar-se e de sobreviver, sem a diuturna assessoria, a colaboração inteligente e participação incansável de dom José”*, garantia o periódico católico Comunidade Diocesana, em 1985.

A missão de dom André Arcoverde, além de continuada, estava consolidada. Valença chega à contemporaneidade como referência na área educacional. E eternamente grata a seus bons líderes.

XX. A HISTÓRIA DA PAROQUIA SÃO SEBASTIÃO DE TRÊS RIOS

Pe. Karel Kelalu

Pe. Jwakim Ekka

Pe. Pampahil Sambaya

Antonio Marcos Lasnor Nogueira

Estando ainda ecoando as alegrias da criação da diocese de Valença-RJ, no 17 de abril de 1925, era criada a paróquia de São Sebastião na vila de Entre-Rios, pelo Exmo. Revmo. Dom José Maria Pereira Lara, então Bispo diocesano de Santos-SP, que por sua vez era administrador diocesano das recém-criadas dioceses de Barra do Piraí e Valença, sendo sucedido pelo Monsenhor Alfredo da Silva Bastos, em maio do mesmo ano.

Tendo sido desmembrada da paróquia São Pedro e São Paulo de Paraíba do Sul, a nova paróquia dava seus primeiros passos com a elevação da pequena capela, dedicada ao glorioso mártir, a categoria de igreja matriz. Pouco tempo depois, o Revmo. Pe. Lourenço Musachio tomava posse no dia 18 de julho, nomeado por Monsenhor Alfredo como primeiro pároco. Foi sucedido, respectivamente, pelo Pe. Antônio Rossi e por Pe. José Custódio Pereira Barroso.

Em 05 de julho de 1943, Dom Rodolfo Mercês Penna confiava a paróquia a congregação do Verbo Divino, a qual está responsável pela paróquia até os dias atuais, tendo o Revmo. Pe. José Meyer por primeiro pároco verbita, que teve uma longa permanência, ficando de 1943 a 1954 e de 1957 a 1959. Durante os anos de 1954 a 1957 esteve à frente da Paróquia o Pe. Francisco Foit.

De 1959 a 1967 o pároco foi o Padre Francisco Gulyas, com uma interrupção de quinze meses, sendo auxiliado pelo Pe. José Filus e Pe. Francisco Kalfhues. Durante esse período, a paróquia foi conduzida pelo Pe. Paulo Angrik. No ano de 1966 assumiu a Paróquia o Pe. Conrado Neidhart permanecendo até o ano de 1982, ficando onze anos na qualidade de pároco e o restante como auxiliar.

Em 1982 a Paróquia esteve sob a orientação do Pe., Francisco Batongbal, que permaneceu até 1985. Em 1985 veio o Pe. Manoel Custódio Pedrosa que dirigiu a Paróquia por dez anos. Em 1996, Pe. Manoel, já Padre Provincial,

foi substituído pelo Padre Abílio Pereira Pinto que ficou à frente da paróquia até 2007, sendo substituído pelo Pe. Anselmo Ricardo Ribeiro, que ficou como pároco por dois anos.

Em 2009 o pároco era Pe. Julipros Ibarra Dolotallas, que permaneceu por apenas um ano. De 2010 a 2016, Pe. Leszek Kulas assume a paróquia, dando lugar ao Pe. Roshan D'Souza no ano de 2016. Em 2019, quem assume nossa paróquia é o Pe. Rafael Plato ficando até o ano de 2022, quando assume como pároco o Revmo. Pe. Karel Kelalu (Pe. Carlos), atual pároco, que conta com o auxílio de dois vigários: Pe. Jwakim Ekka e Pe. Pampahil Sambaya.

Além dos padres já mencionados tivemos em nossa Paróquia a graça e colaboração preciosa de vários outros padres. Aqui nossos agradecimentos aos padres: Monsenhor Natanael Veras de Alcântara, Pe. Evaristo, Pe. Elmiro Tadeu Müller, do Clero Diocesano. Passaram aqui, em missão, os padres: Pe. Humberto Van Aaken, Pe. Carlos Lankeshofer, Pe. João Dobrowolski e Pe. Adalberto Breuers.

Outros Missionários do Verbo Divino que aqui trabalharam: Pe. Humberto Dunkel, Pe. Mozar Pereira, Pe. Euler Alves Pereira, Pe. Antônio Böhmer, Pe. José Düster, Pe. Antônio Laux, Pe. Ustarbowski, Pe. Antônio Ribinsky, Pe. Francisco **Óssege**, Pe. Valentin Cejnog, Pe. João Mc Ateer, Pe. João Feighry, Pe. Benito Falchetto, Pe. Miguel Armada, Pe. Tomás Kosmack, Pe. Wieslau-Kaminski, Pe. Valdir Puiati, Pe. João Moyniha, Pe. Hilário Canal, Pe. Lázaro Towahala Niron, Pe. Manoel Martins dos Santos Neto, Pe. Sean Moynihan (Padre João) e Pe. Gregório Sallu.

E com saudosa e afetuosa memória, nosso querido Ir. Geraldo Salgado, santo homem que muito contribuiu para a evangelização dos trirrienses. Sempre junto aos mais necessitados, nos mostrou e ensinou os valores cristãos, sobretudo o da caridade.

Um Século de História

Como mencionados anteriormente, tivemos muitos pastores a frente da paróquia, os quais contribuíram largamente para o desenvolvimento da mesma e para uma maior evangelização do povo. Após a criação da paróquia, em 1925, Pe. Rossi, vendo que a pequena e antiga capela construída na segunda metade do século XVIII, localizada onde encontra-se hoje a Rodoviária Roberto Silveira, chamada popularmente de “rodoviária velha”,

não comportava mais a população, tomou a iniciativa de construir a atual igreja matriz.

A construção da nova matriz foi marcada por muitos desafios, mas a população não se deixou desanimar. Foi então que Pe. Barroso, com o a ajuda dos fiéis e, principalmente, da Liga Católica Jesus, Maria e José, tendo à frente nesta ocasião o Dr. Manoel Ribeiro Cunha, terminou a construção da nova matriz. É importante registrar que o Hino a São Sebastião é de autoria do Dr. Manoel.

Importante é ressaltar que, neste meio tempo, também foi possível edificar um hospital, o Hospital de Clínicas, junto a capela de nossa Senhora da Conceição, a qual dá nome ao hospital. Tal empreendimento era ansiado pela população, já que houve uma tentativa das autoridades e empresas no mesmo sentido, mas que não lograram êxito. Foram então paralisadas as obras da igreja matriz para a construção do novo Hospital de clínicas; logo que se concluiu o Hospital, Pe. Barroso acelerou a conclusão das obras da Igreja Matriz. Em meio a estas grandes obras se deu a emancipação do município de Três Rios em 1938.

Esta fase final da construção da Igreja foi marcada por dois episódios. O primeiro foi a doação do sino-mestre¹, fundido nas oficinas da ferrovia e ofertado a São Sebastião pelos foguistas em 01 de maio, sendo instalado e dando suas primeiras badaladas no mesmo dia. O segundo episódio foi a famosa procissão das telhas, onde os fiéis faziam fila para comprar telhas fornecidas por uma olaria e as levavam para ofertar na construção da igreja.

Com o término das obras da nova igreja matriz, a imagem do padroeiro foi trasladada em solene procissão da antiga capela até sua nova morada e no dia 31 de maio de 1942 a nova matriz, juntamente com seu altar-mor, foram solenemente dedicados ao glorioso mártir pelo Exmo. Revmo. Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Penna.

Participaram da cerimônia o Padre Barroso, o Monsenhor Salermo, que serviu de mestre do cerimonial, sete Frades do Convento dos Franciscanos de Petrópolis e o Pe. Carlos, da Casa da Divina Providência e Diretor do Colégio Paraíba do Sul, além de um grupo de seminaristas desse estabelecimento de ensino.

Com a chegada dos missionários do Verbo Divino, o Pe. José Meyer desejava fundar um colégio genuinamente católico para meninas. Para esta

1 Sino-mestre é o maior sino presente em um campanário.

finalidade, conseguiu que as Irmãs Filhas do Divino Zelo assumissem a nobre tarefa. O colégio Santo Antônio até hoje goza de alto conceito na área de educação. Seu início foi na acanhada casa paroquial, na esquina das ruas Gomes Porto e XV de Novembro, cedida pelo Padre Meyer.

Tendo à frente os Vicentinos José Kalil e José João Amâncio, foi construído um asilo, Asilo São Vicente de Paulo, com total apoio da Paróquia. Ainda em sua gestão foi construída a Capela de São José dos Agonizantes, hoje Paróquia São José Operário, no bairro Triângulo, elevada à Paróquia em 1965. Esta igreja foi marcada na história por uma fatalidade: em 1948, estando quase pronta, foi reduzida a zero por um tufão, mas o Padre Meyer conseguiu reconstruí-la em um ano.

Pe. José também efetuou várias reformas e melhoramentos, provendo a Igreja Matriz com belas imagens sacras, segundo a devoção da população trirriense. Já um tanto debilitado, se transferiu para a então capela de São José, onde construiu a casa paroquial. Posteriormente, outros padres da Congregação do Verbo Divino construíram um amplo salão e uma nova casa paroquial; e três comunidades foram providas de Capelas nos bairros: Pilões, Moura Brasil e Ponto Azul.

Na gestão do Pe. Francisco Gulyas foram construídas as Capelas de Nossa Senhora de Fátima, no bairro do Monte Castelo, e a de Santa Luzia, na Vila Isabel, hoje Paróquia. Também foi dado início à Capela de São João Batista, no bairro da Caixa D'Água. Em 1966, Pe. Conrado, buscando estar em sintonia com o Concílio Vaticano II, reformou a Igreja Matriz. Com Pe. Francisco Batongbacal nasciam as Comunidades de Santa Teresinha, Cristo Rei, Santa Edwirges, São Francisco de Assis, Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora Aparecida, com a construção da Capela do Sagrado Coração de Jesus. Ele também permutou um pequeno terreno pelo terreno onde se encontra hoje o centro pastoral.

Pe. Manoel Pedrosa promoveu as comunidades na unidade, comunicação e comunhão. Com assembleias paroquiais, o jornal mensal “O Informativo” e com capelas e salões para catequese. Nasciam as Comunidades São Judas Tadeu, Nossa Sra. Rainha da Paz, Nossa Sra. das Graças, Nossa Sra. da Conceição e Nossa Sra. do Rosário. Com o aumento dos fiéis, a Igreja Matriz, com capacidade para quinhentas pessoas, já não comportava mais tanta gente.

Já Pe. Abílio, junto com a Liga Católica, proveu a capela de Nossa Sra. da Conceição e, com o auxílio do Ir. Geraldo, a capela de São Judas Tadeu. Nasciam as Comunidades Nossa Senhora de Guadalupe e Santa Rosa de

Lima. E como grande marco de sua administração construiu o Centro de Evangelização e Pastoral Santo Arnaldo Janssen, localizado na Rua Quinze de Novembro. Em 2007 nasciam as Comunidades Nossa Senhora da Rosa Mística e Santa Bárbara.

Pe. Julipros, em sua passagem, restaurou o afresco do nosso presbitério. Com Pe. Leszek surgiu a comunidade São João Paulo II. Padre Leszek reformou estruturalmente várias capelas da paróquia e construiu a imagem do Anjo de Guarda no mirante atrás do Sesi. Pe. Roshan realizou a reforma da Casa Paroquial, das salas de catequese e do salão de reuniões que hoje recebe o nome do Ir. Geraldo Salgado. Foi nesse período que houve um grande impulsionamento para a construção da Capela São João Paulo II, no Mirante Sul.

No ano de 2021, as comunidades Nossa Senhora de Fátima, Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Bárbara, Cristo Rei, Santa Edwiges, Santa Rosa de Lima, São Francisco de Assis e Nossa Senhora das Graças passaram a formar a nova paróquia, a paróquia Nossa Sra. de Fatima, com a matriz localizada no Monte Castelo. Tendo passado a pandemia da COVID-19, em 2022, Pe. Rafael deu início a reestruturação pastoral da paróquia.

Ao longo da nossa história, várias religiosas, como as Irmãs da Caridade de São Vicente e as Filhas de São José, atuaram junto do Hospital. As Irmãs de Jesus Crucificado, na Vila Isabel, as Irmãs Catequistas Franciscanas na catequese, e as Irmãs Filhas do Divino Zelo, no Colégio Santo Antônio e na Obra Social Madre Palmira. Muito ajudaram na estruturação e evangelização na cidade de Três Rios.

O Centenário

Durante o mês de maio os católicos de Três Rios e região se reuniram na Igreja Matriz para celebrar o centenário paroquial. A festividade, que iniciou no dia 4 de maio, durou quinze dias, com missas diárias presididas por padres originários da cidade e Verbitas que já trabalharam na paróquia. O primeiro centenário da paróquia aconteceu no dia 17 de abril, Quinta-feira Santa; mas, em meio as celebrações da Quaresma e Semana Santa, a paróquia optou por celebrar no mês seguinte, em maio.

Durante o quinquenário, em virtude do Ano Santo e por designação do Bispo diocesano, a igreja matriz de São Sebastião se tornou ambiente indulgencial e de peregrinação. Ao longo das duas semanas, o resgate da memória e da história aconteceu antes de cada celebração, com um breve

histórico diário de como tudo começou, desde a primeira capela construída até a chegada dos primeiros sacerdotes da Congregação do Verbo Divino, que há 82 anos administram a paróquia.

As celebrações findaram no dia 18 de maio, domingo, iniciando a tarde, com carreatas saindo de todas as paróquias criadas a partir da Paróquia de São Sebastião. Com as imagens de Nossa Sra. de Mont' Serrat e Nossa Sra. Aparecida em Levy Gasparian, São José Operário no Triângulo, Santa Luzia na Vila Isabel e Nossa Sra. de Fátima no Monte Castelo, as ruas da cidade foram tomadas por dezenas de carros que fizeram uma grande festa até a Praça da Autonomia, de onde partiu uma linda e extensa procissão a caminho da Igreja Matriz, acompanhada pela Banda 1º de Maio.

Iniciada às 19h, a Solene Pontifical foi presidida por S. Ex.^a Rev.ma Dom Nelson Francelino Ferreira, atual Bispo diocesano, e concelebrada pelo provincial da Congregação do Verbo Divino, Pe. Denzil Crasta, pelo pároco, Pe. Karel Kelalu, e diversos sacerdotes verbitas, religiosos e diocesanos, tento ainda uma grande participação de fieis que lotaram a igreja matriz e arredores.

Ao final, um monumento ao padroeiro São Sebastião foi inaugurado no pátio lateral da igreja, para marcar o primeiro século completado pela paróquia. Logo após os agradecimentos, foi feita a leitura do decreto de criação da paróquia, escrito há cem anos, coroando a grande celebração em memória de todos aqueles leigos e religiosos que ajudaram a construir essa linda história de fé.

SEÇÃO IV

PADRES: TESTEMUNHOS E LEGADOS

XXI. PADRE MANOEL GOMES LEAL E O ALDEAMENTO INDÍGENA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DE VALENÇA

Adriano Novaes

Os povos indígenas que viviam na região de Valença foram associados a família linguística do tronco Macro-Jê e, dentro desse tronco, apesar da diferença entre as línguas faladas pelos Coroados, Puri, Xumetó e Miriti, foram classificadas pelo prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues como da família linguística denominada Puri (Rodrigues, 1994).

Com a paulatina ocupação do território do Sertão do Rio Preto, também denominadas de 'sertão dos índios bravos', 'sertão dos índios' ou 'sertão dos índios Coroados', pelos luso-brasileiros, os conflitos com os indígenas nessa área começam a se intensificar. Ao longo do século XIX, a disputa pela terra nessa região e o seu controle foi palmo a palmo. A dificuldade em ocupar o 'sertão dos índios bravos' foi grande, devido à presença dos povos indígenas que resistiram às investidas de diversas formas.

Com intuito de reduzir os conflitos e diminuir a mobilidade indígena para poder liberar terras para os luso-brasileiros, os nativos sofreram um 'cerco' que resultou numa política de estímulo a aldeamentos na região de Valença.

A tentativa de estabelecer um acordo de paz entre os indígenas e os luso-brasileiros que viviam na região, teve a importante interlocução do fazendeiro José Rodrigues da Cruz, proprietário, em sociedade, da importante fazenda Pau Grande, situada na Freguesia de N. S. da Conceição do Alferes de Serra Acima, atual Paty do Alferes. As tratativas com a Coroa Portuguesa se iniciaram em fins do século XVIII, mas foram interrompidas pela má vontade de algumas autoridades portuguesas.

Com a chegada, em 14 de outubro de 1801, de D. Fernando José de Portugal e Castro, mais tarde Marquês de Aguiar, que substituiu D. Luís de Vasconcelos no vice-reinado, as solicitações de José Rodrigues da Cruz

começaram a ser atendidas. O seu pedido, de 18 de abril de 1801, ao antecessor do D. Fernando, dava a quantidade necessária de mantimentos e ferramentas que precisava para atender aos indígenas e também informava da necessidade de ajuda dos comandantes do Distrito e vizinhos para a abertura de caminhos para as aldeias.

Neste ínterim, D. Fernando José de Portugal e Castro ordenou que os indígenas fossem reunidos em um aldeamento e assim ‘vigiados’ pelas autoridades. O lugar escolhido foi a aldeia dos Miritis, local onde, segundo a tradição, foi erguida a atual Catedral de Nossa Senhora da Glória, que se localizava na época bem no meio do ‘sertão’, entre os rios Preto e Paraíba. Toma esse aldeamento o nome de Nossa Senhora da Glória de Valença, na homenagem dos luso-brasileiros ao Vice-Rei D. Fernando José de Portugal e Castro, descendente dos nobres da cidade de Valença do Minho, em Portugal.

Em 5 de fevereiro de 1803, o padre Manoel Gomes Leal, que servia a capela da fazenda da Piedade – hoje situada em Vera Cruz, município de Miguel Pereira –, que pertencia ao primo, o Capitão de Ordenanças Ignácio de Souza Werneck foi nomeado Capelão Curado do aldeamento e, por portaria de 3 de março do mesmo ano, o Bispo do Rio de Janeiro, D. José Joaquim Justiniano, o autorizou a

[...] construir, edificar, ou levantar altar em sitio conveniente, benzer a Capela, ou Igreja, que erigisse, procedendo-lhe faculdade régia, para administrar todos os Sacramentos, aos índios sem exceção do de matrimônio e finalmente de construir e benzer o cemitério [...]. (Araújo, 1820, p. 254)

A primeira capela sob a invocação de Nossa Senhora da Glória era uma construção provisória e precária, sendo firmada em toscos esteios de madeira,

[...] com paredes de palmitos e ripas ligadas por cipó imbé, emboçadas de ligeiras camadas de barro coberta com ramos de palmeiras. Ao lado d’essa capella, protegido por uma cerca, um pequeno espaço de terra servia de cemitério, em cujo centro eleva-se uma modesta cruz de madeira. [...] (Ferreira, 1925, p. 07).

O padre Manoel Gomes Leal, que acompanhou o Capitão de Ordenanças Ignácio de Souza Werneck em outras ocasiões para lidar com os índios, já conhecia José Rodrigues da Cruz, de quem também era primo. Fechava-se,

assim, o círculo dos principais interlocutores dos ‘Coroados’ na região: o padre Manoel Gomes, o militar Ignácio de Souza Werneck e o fazendeiro José Rodrigues da Cruz.

Segundo o genealogista Waldemar R. de Oliveira Leal, Manoel Gomes Leal nasceu em 1750 em São João Del Rei e foi batizado em 1 de novembro de 1752 na capela de Santo Antônio de Bertiooga, na Freguesia de Borda do Campo, atual Barbacena, tendo como padrinhos Manoel de Azevedo e Isabel de Souza. Era filho de Thereza de Jesus Pereira de Azevedo e do açoriano Manoel Gomes Leal, sendo o primeiro dos oito filhos do casal (Leal, 1988).

Pe. Manoel Gomes Leal foi o 7º pároco da Igreja da Sagrada Família, na Freguesia de Sacra Família do Tinguá, entre os anos de 1782 e 1793. Depois de se deligar da paróquia, foi residir na Freguesia de N. S. da Conceição do Alferes de Serra Acima, de onde passou a auxiliar seus parentes, entre os quais os já citados José Rodrigues da Cruz e o Capitão de Ordenanças Inácio de Souza Werneck (Pamplona, 2010).

Com a morte em 1804 do principal interlocutor dos Coroados, o fazendeiro José Rodrigues da Cruz, se intensificou a violência contra os povos indígenas na região de Valença. A sesmaria solicitada por José Rodrigues da Cruz para os Coroados, que fazia divisa com a sua sesmaria denominada ‘Fazenda da Passagem’, não foi demarcada, tampouco confirmada, deixando os indígenas sem a posse legal da terra. O Padre Manuel Gomes Leal, aproveitando-se dessa situação, através de um exposto de criação, Florisbello Augusto de Macedo, solicitou para ele a mesma sesmaria pedida por Cruz para os indígenas.

Tudo indica que o Padre Gomes Leal estava pretendendo ampliar suas terras, já que possuía uma sesmaria de meia-légua em quadra¹, ao lado da sesmaria solicitada para os Coroados; e não encontrou oposição do primo, o Capitão de Ordenanças Ignácio de Souza Werneck, um dos responsáveis pela distribuição de sesmarias na região, que também sabia da sesmaria solicitada para os índios por José Rodrigues da Cruz.

De acordo com o professor Marcelo Sant’Ana Lemos (2016), em seu livro sobre o desaparecimento político dos índios Coroados de Valença:

[...] A alegação de Werneck, anos depois, foi de que a terra dos indígenas solicita por Florisbello Augusto de Macedo, poderia servir “de

1 Fazenda Santa Rosa da Cachoeira, concedida entre 1802/1808.

patrimônio para a mesma igreja, para casa de residência do parócho e dos mesmos moradores quando concorressem para assistir aos offícios divinos; e de um asylo para os mesmos índios” tentava inverter a finalidade inicial da sesmaria, que fora dada ao indígenas, para o seu aldeamento [...] (Lemos, 2016, p. 135).

Marcelo Sant’Ana Lemos (2016) comenta ainda que a posse da sesmaria só não se efetivou porque Florisbello morreu de tuberculose em 1813 e, logo em seguida, o padre, em 1815, sem que houvesse concluído o processo legal de reconhecimento da sesmaria.

Em 1813, o padre Manoel Gomes Leal solicitou ser colocado perpetuamente (o qual se tornava inamovível) no Aldeamento de Valença recém-criado e em que ele já trabalhava. O Marquês de Aguiar, em correspondência ao Bispo sobre o assunto, em 1814, informou que este padre estava encarregado de: “[...] administrar os sacramentos, e o pasto espiritual a mais de setecentas pessoas brancas que se acham estabelecidas naquele sertão [...]” (Lemos, 2016, p. 164).

De acordo com as pesquisas realizadas nos livros de batizados da paróquia de N. Sra. da Glória de Valença pelo professor Marcelo Sant’Ana Lemos, foram batizados pelo Padre Manoel Gomes Leal um total de 129 indígenas, o que não chegava a 10% do total de indígenas, estimados em 1.400 pelo Monsenhor Pizarro; e encomendado o corpo de 31 indivíduos, sendo que, somente no ano 1814, foram batizados 31 indígenas – o maior número desde 1809 –, o que indicava o sucesso do trabalho do Padre Manoel Gomes Leal junto aos índios (Lemos, 2016).

Era o pároco, agora, o principal interlocutor dos Coroados, pois José Rodrigues falecera e Ignácio de Souza Werneck solicitou licença de seus encargos, inclusive como diretor dos indígenas, uma vez que, após enviuar, ordenou-se padre em 13 de dezembro de 1813.

Após a morte do Padre Manoel Gomes Leal² até o ano de 1817, três religiosos administram interinamente sacramentos na região: o vigário Antônio Gomes do Nascimento, o Padre João Machado de Freitas e o Frei Francisco Paulo da Cunha. Este último, que fez um requerimento de apoio à luta dos Coroados, morre logo a seguir, em 8 de janeiro de 1817.

2 Registro de óbito feito em 1815, no Livro 1º de óbitos da Freguesia de N. S. da Glória de Valença (1807-1830), folha 8, verso, 5º registro. O padre foi enterrado na capela-mor da igreja de N. S. da Glória.

Referências

ARAÚJO, Jozé de Souza Azevedo Pizarro e. **Memórias Históricas do Rio de Janeiro**. E das províncias anexas à jurisdição do vice-rei do Estado do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1820.

FERREIRA, Luís Damasceno. **História de Valença Estado do Rio de Janeiro: 1803-1924**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica, 1925.

LEAL, Waldemar Rodrigues de Oliveira. **Genealogia: famílias Nogueira da Gama e Gomes Leal**. Belo Horizonte: Mazza, 1988.

LE MOS, Marcelo Sant'Ana. **O Índio virou pó de café?** A resistência dos índios Coroados de Valença frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba. Jundiaí: Pacto Editorial, 2016.

PAMPLONA, Nelson Vieira. **A Família Werneck**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras**. Para conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1994.

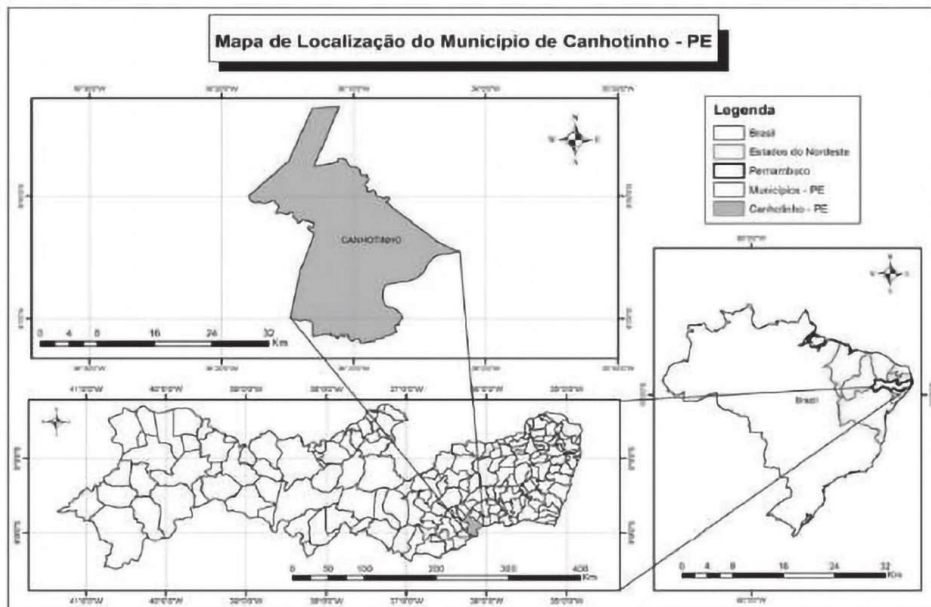
XXII. O OLHAR DE UM HISTORIADOR SOBRE MONSENHOR NATHANAEL: A ENCARNAÇÃO DO SACERDÓCIO

Adelci Silva dos Santos

Do ponto de vista da História Contemporânea, o Nordeste é aquela região do Brasil onde tudo teve início e que, desde então, é uma das que mais contribuiu, senão a que mais contribuiu, para o desenvolvimento nacional em todos os seus aspectos, seja ele econômico, civilizatório, intelectual ou cultural. É no Nordeste a chegada dos portugueses; é no Nordeste nossa primeira capital; é no Nordeste o primeiro grande ciclo econômico. É no Nordeste a primeira missa e a primeira Cruz.

Do Nordeste brotaram, e brotam ainda, grandes autores, como Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Ariano Suassuna. O Nordeste deu vida a grandes intelectuais como Castro Alves, Milton Santos, Gilberto Freyre e Paulo Freyre. Nas artes e na cultura popular é inegável a contribuição nordestina; Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Dorival Caymmi e uma miríade de músicos, poetas e repentistas do passado e do presente. O Nordeste pariu políticos da envergadura de Epitácio Pessoa, João Pessoa, Juarez Távora e Luiz Inácio Lula da Silva. E, no campo da fé, é inegável a contribuição nordestina. A região foi berço e mandou para o resto do país, apenas para citar a fé católica, homens de vulto como Frei Caneca, Frei Vicente de Salvador, padre Ibiapina, padre Barreira e Monsenhor Natanael de Veras, a quem este capítulo se dedica.

Em 1916, o mundo vivia os horrores da primeira grande Guerra Mundial, deflagrada dois anos antes, e na qual inovações tecnológicas debutavam para o mundo. Neste mesmo ano um submarino alemão, uma das grandes novidades desta guerra, afundava o navio brasileiro Rio Branco; era ainda neste ano que se promulgava o primeiro Código Civil do país, inaugurava-se o grande Relógio de São Pedro, na Bahia, e terminava no Sul do país a Guerra do Contestado. Foi ainda em 1916 que nasceu, em Pernambuco, Natanael de Veras Alcantara. O minúsculo povoado que lhe deu berço foi Canhotinho, surgido em início do século XIX e que em 2022 tinha uma população pouco acima de 24 mil pessoas.



Localização de Canhotinho nos mapas nacional e do estado de Pernambuco.

Fonte: (PDF) Atratividade de iscas alimentares alternativas na captura de mosca doméstica (*Musca domestica* L.) (researchgate.net)



Vista geral da cidade de Canhotinho-PE.

Fonte: CANHOTINHO: CANHOTINHO (canhotinho-pe.blogspot.com)

Filho legítimo de João Gripino de Alcântara e Ana de Veras Alcântara¹, nasce a 17 de setembro de 1916, sendo batizado 13 dias depois. Seu pai era já viúvo de Amélia do Nascimento Alcantara quando, em 1912, contraiu novas núpcias com Anna de Veras.² No entanto, é interessante notar que há uma divergência quanto à sua data de nascimento. Em seus documentos eclesiais e pessoais consta como tendo nascido no ano de 1916; no entanto, na cópia da certidão de batismo, retirada do livro da Matriz de Canhotinho, o ano de nascimento e batismo é registrado como sendo 1915. Eis o documento, cuja transcrição se segue, segundo a grafia original em que foi redigido:

Matriz de Canhotinho

Diocese de Garanhuns

Estado de Pernambuco

Certifico que no livro vigésimo primeiro dos batizados desta freguesia, à folha 2, verso, encontra-se o termo do theor seguinte: Aos trinta dias do mez de setembro de mil novecentos e quinze, na Matriz, baptizei solenemente a Nathanael, nascido nesta cidade, a dezessete do mesmo mez e anno, filho legítimo de João Agripino de Alcantara e dona Anna de Veras Alcantara, foram seus padrinhos Lydio Agripino de Alcantara e dona Maria Olindina de Alcantara: do que para constar mandei fazer este termo que assigno. Vigário Antônio Silvério Lagrega'. E nada mais contém neste termo que fielmente foi copiado do próprio original e fica sem que dúvida faça.

Ita in fide Parochi.

Canhotinho, 7 de fevereiro de 1930.

Vig^o. Nelson de Barros Carvalho.

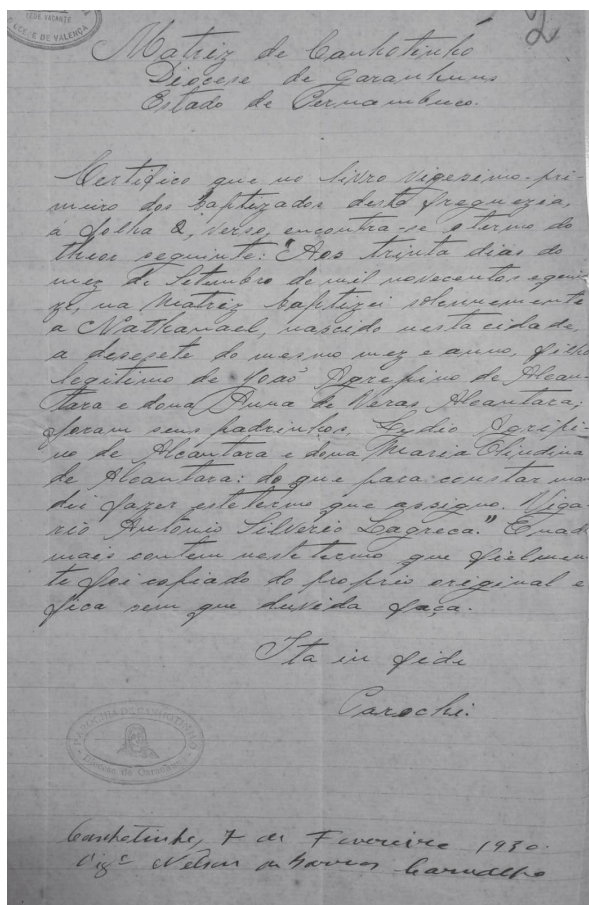
É notório que a fé católica tem no Nordeste um fortíssimo repositório; não se admira portanto que sua musicalidade e sua literatura³ esteja repleta dessa cosmogonia que rege a sua vida cotidiana e fortalece seus espíritos. No universo de incertezas que cerca e envolve a vivência do sertanejo nordestino, não causa espanto que a fé seja ali mais forte que em outros cantos. Pois sendo

1 Nos documentos de batismo constam como Agripino e Anna, pais de Nathanael.

2 Arquivo diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara. Certidão de Casamento de João Agripino de Alcantara e Ana Veras de Alcantara.

3 VARES, Sidney Ferreira; VIANA, Adriano Carvalho. A Literatura de folhetos nordestinos e a religiosidade popular. Revista Puc/SP. Disponível em: A literatura de folhetos nordestinos e a religiosidade popular (pucsp.br). Acesso em: 06 maio 2024.

ela o que naturalmente se opõe à dúvida⁴, torna-se a única esperança da população. É natural, então, que desde cedo tendo contato com as práticas de fé, sejam as cotidianas, portas adentro em cada família, seja nas muitas festas religiosas, algumas hoje famosas em todo país, muitos meninos queiram mergulhar mais profundamente no universo católico e colocar-se a seu serviço de uma maneira mais integral.



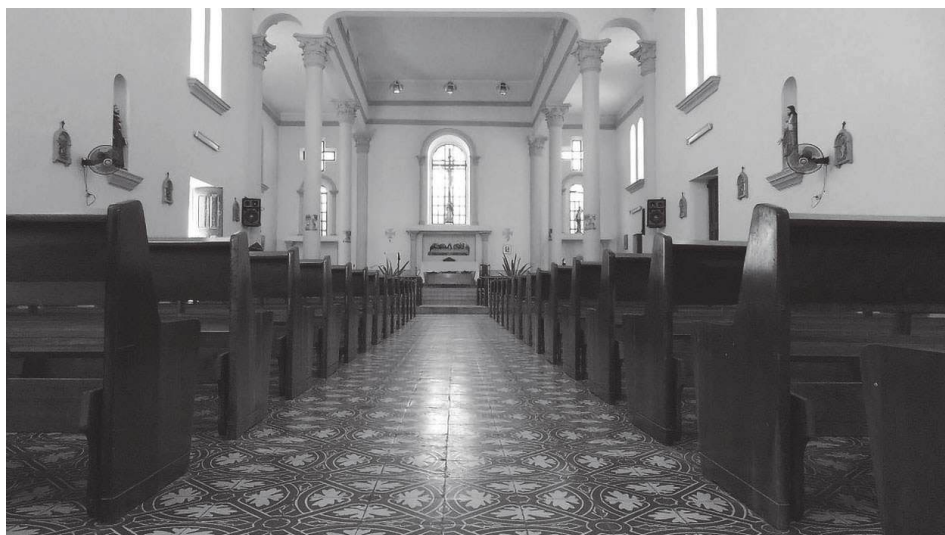
Certidão de Nascimento de Natanael de Veras Alcantara.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença.⁵

4 RAMOS, Israela. Do sagrado ao profano: a fé no Nordeste. Disponível em: Do sagrado ao profano: a fé no Nordeste – Paraíba Criativa (paraibacriativa.com.br). Acesso em: 06 maio 2024.

5 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta, Monsenhor Natanael de Veras Alcantara. Certidão de Batismo. Doravante, ao longo de todo o texto, por primar pelo rigor histórico, sempre que se fizer necessário citar o

Foi este o caso do garoto Nathanael, que desde os onze anos de idade estava como acólito do Vigário Encomendado da Paróquia de Canhotinho. Padre Nelson passava atestado, em 1930, que aquele jovem já esteve como acólito por um período de quatro anos, tempo no qual sempre apresentou ótimo comportamento e sempre recebeu os Santos Sacramentos da Comunhão e Confissão; e que, além de servir com prontidão em tudo o que a Matriz lhe solicitava, apresentava desde cedo inclinações ao sacerdócio⁶. Provavelmente esteve acólito desde os nove anos de idade, já que aos treze partiu da cidade. Era o início de sua caminhada rumo ao sacerdócio.



Interior da Igreja Matriz de Canhotinho-PE.

Fonte: CANHOTINHO: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (canhotinho-pe.blogspot.com)

sobrenome do Monsenhor, bem como o nome de seus pais, isto será feito respeitando-se a grafia original conforme o registro contido na certidão de nascimento, a saber: Nathanael, no lugar de Natanael; Agripino, no lugar de Gripino e Anna, no lugar de Ana. Da mesma forma, o município de nascimento foi corrigido de Cambotinho (que não existe), para Canhotinho.

6 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael. Atestado, 26 de fevereiro de 1930.

Supomos, então, que no período entre os anos de 1931 e 1934⁷, Nathanael esteve aluno no Seminário Menor, primeiramente em Diamantina, em Minas Gerais, e daí transferiu-se para o de São José, do Rio de Janeiro, já que em março de 1935 dava ingresso ao Seminário Maior de Ipiranga, em São Paulo, onde conclui seus estudos.



Seminário Provincial do Sagrado Coração de Jesus em Diamantina-MG.

Fonte: Diamantina – Seminário Provincial do Sagrado Coração de Jesus | [ipatrimônio \(ipatrimonio.org\)](http://ipatrimonio.org).

Segundo carta de próprio punho, Nathanael teria nascido realmente em 1915 e morado em Canhotinho até a idade de 13 anos, quando então, tendo deixado seus pais naquela cidade, mudou-se para Valença, não se sabe na companhia de quem. De Valença vai para a histórica cidade mineira de Diamantina com o objetivo específico de ingressar no Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus. É preciso a coragem típica do sertanejo para desgarrar-se de sua família e dedicar-se, ainda em tão terra idade, a um novo desafio em terras distantes. Ainda muito jovem Nathanael parecia bem entender as palavras do Mestre que se propôs seguir:

Então Pedro começou a dizer-lhe: ‘Nós deixamos tudo para seguir-te’. Respondeu Jesus: ‘Digo a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, ou campos, por causa de mim e do evangelho, deixará de receber cem vezes mais [...]’ Marcos 10:28-32.

7 Existe dúvida porquanto a documentação produzida pela Diocese de Valença aponta para o ano de 1935, tanto pra seu ingresso no Seminário Menor, quando no Seminário Maior, sendo que para este último existe documentação produzida pelo próprio Seminário.

Aquele menino entendia que o sacerdócio exigia renúncias e sacrifícios e havia provado estar disposto a fazê-los. Tempos depois sua família se mudaria para o Recife, capital do Estado.

Em outubro de 1937, então com vinte e dois anos e ainda em formação, Nathanael escreve ao Padre Reitor do Seminário Central da Imaculada Conceição de São Paulo, reivindicando seu ingresso na vida clerical por meio da tonsura⁸. “Tenho a honra de informa a V. Rema. o meu desejo e intenção de me apresentar às futuras ordenações para receber a tonsura clerical e as ordens menores se delas for julgado digno e Deus me der essa graça; [...]”⁹. A carta era apenas um trâmite burocrático; nela ainda se declarava que tal disposição era de livre escolha, consciente e sem a imposição de qualquer pressão moral. Mas isso é um detalhe administrativo; o que importa é que, ao apresentá-la, o seminarista está confirmando os passos que havia dado até então e confirmando seu desejo de concluir a caminhada.



Seminário Central da Imaculada Conceição de São Paulo.

8 Cerimônia religiosa por meio da qual o Bispo faz naquele que está sendo iniciado um corte de cabelo, com o significado de iniciação no primeiro grau de Ordem no clero. O costume teria surgido no século IV, no Primeiro Concílio de Nicéia.

9 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Nathanael de Vera Alcântara.

Fonte: Sejam Uma Geração de Santos: Uma porta sem fechadura. (geracaodesantos.blogspot.com)

Nesta determinação, em 30 de novembro do mesmo ano, o seminarista escreve ao Vigário Capitular de Valença duas cartas de próprio punho, solicitando, em uma delas a Habilitação de *Vita et Moribus*¹⁰, e na outra requeria a Habilitação de *Genere*¹¹, a fim de poder passar à cerimônia da prima tonsura e à iniciação às ordens menores.

Os trâmites correram ligeiro e a resposta do Bispado de Valença foi rápida. Apenas 3 dias depois, a Câmara Eclesiástica da Diocese torna pública as Proclamas da cerimônia de iniciação e, por três semanas consecutivas, conforme o preceito, convoca àqueles que tenham algo a se opor a se manifestarem, naquilo que se chama denúncias; como ninguém se apresentou contrário¹², não houve portanto impedimento algum para que o seminarista Nathanael prosseguisse rumo ao sacerdócio. Mas faltavam ainda as informações que não dependiam da Diocese de Valença. Era preciso averiguar o passado do candidato enquanto aluno do Seminário e, também, sua vida pregressa na infância em Canhotinho.

Em primeiro de dezembro de 1930 a Reitoria do Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga responde:

Tenho a honra de informar a V. Excia. de que ouvi os Rvmos. Padres Professores deste Seminário Central, em particular e em reunião, sobre os sinais de vocação do Sr. Natanael de Veras Alcântara que terminou o curso filosófico e é candidato à primeira Tonsura clerical. Feito escrutínio, apurei 7 votos favoráveis a esta ordenação e 3 votos em branco, dado três Rvdos. Professores que não conhecem o aluno. Meu voto e

10 Levantamento das informações sobre o candidato a fim de verificar seus antecedentes, ou seja sua “vida e costumes”, a fim de habilitá-lo à iniciação no sacerdócio nas ordens menores.

11 Trata-se de pré-requisito à primeira tonsura. Se traduzido ao pé da letra dignifica “pureza de sangue”. Constitui-se num levantamento genealógico do iniciado a fim de averiguar se sua ascendência sempre viveu nos preceitos da Igreja Católica. O procedimento foi criado em Portugal em meados do Século XVI, para evitar que cristãos-novos (judeus convertidos) tivessem acesso ao sacerdócio e ao corpo administrativo da Igreja; servia ainda para verificar se algum de seus antepassados havia cometido algum crime vil, o que desabilitaria o candidato. In: MENDONÇA, Pollyanna Gouveia. Os defeitos e os maus costumes: perfil(s) do clero no bispado do Maranhão setecentista. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: Julho de 2011. Disponível em: 1300887927_ARQUIVO_Osdefeitososmauscostumes-Textocompleto.pdf (anpuh.org). Acesso em: 07 maio 2024.

12 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara. Folha 9.

parecer são também favoráveis. É o que cumpre informar a V. Excia. que julgará como for de justiça.¹³

Então, da parte desta instituição tudo estava de acordo e nada havia que pudesse causar impedimento ao avanço do seminarista em sua ordenação. Mas, e quanto à sua infância em Canhotinho, onde havia sido acólito do sacerdote? A resposta demora um pouco mais, sobretudo numa época em que as grandes distâncias eram vencidas por meio do correio tradicional e as vias e meios de transporte ainda não eram assim tão desenvolvidas. A correspondência havia sido redigida, finalmente, em Pernambuco em primeiro de janeiro de 1938 e vinha assinada pelo Padre Alípio Deodato de Souza. Tratava-se de uma Carta Testemunhal do Vigário, cujo teor é o seguinte:

Eu, abaixo assinado, Vigário da Freguesia de Canhotinho, Diocese de Garanhuns, in verbo sacerdotis atesto:

1º – Nos dias 5, 12 e 19 de dezembro p.p. à estação da missa parochial, li e expliquei ao povo o proclama que me foi enviado sobre o habilitando Natanael de Vêras Alcantara e nenhum impedimento me foi denunciado.

2º – Procurei Syndicar escrupulosamente se, por origem, defeito ou crime, existe algum impedimento que torne o habilitando Natanael de Vêras Alcantara inhabil ou indigno do estado eclesiástico e nada pude apurar que o pudesse prejudicar.

3º – Fazendo indagação conscienciosa sobre os bons costumes e procedimentos do mesmo, diante de Deus, informo que, o habilitando Natanael de Vêras Alcantara, passou nessa parochia os primeiros doze annos de sua existência e durante esse tempo foi de conduta exemplar tendo-se distinguido mesmo entre as creanças que n'aquella epocha frequentavam o cathecismo parochial, pela sua piedade, pelo gosto que tinha em ajudar a Santa Missa, e por sua assiduidade aos demais actos religiosos.

4º – Ouvi separadamente as testemunhas abaixo assignadas, que reputo conscienciosas e fidedignas, concordando as mesmas com as informações supra.

Assim juro diante de Deus.

Freguezia de Canhotinho, 1º de Janeiro de 1938.

O Vigário, Pe. Alípio Deodato de Souza.¹⁴

13 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara. Folha 10.

14 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara. Folha 11.

Estava dado o parecer de sua paróquia de origem; nada havia em contrário, de nenhuma das partes, ao avanço do jovem sacerdote, agora aos vinte e três anos, em seu caminho sacerdotal. E o Vigário Capitular escreve ao seminarista em 18 de fevereiro comunicando o parecer favorável à sua ordenação. Exatamente um ano depois de sua tonsura, e já se apresentando como clérigo secular da Diocese de Valença, mas ainda cursando o segundo ano de teologia no Seminário Central de São Paulo, Nathanael vinha, em 19 de fevereiro de 1939, solicitar ao Bispo Diocesano de Valença, Dom Renato de Pontes, sua inscrição para ser ordenado nas ordens menores, o que de fato e pronto ocorreu conforme confirmam a documentação a que estes atos se refere¹⁵.

Em fins de 1940, prestes a completar vinte e cinco anos, o clérigo Nathanael, agora no terceiro ano do Seminário, envia duas cartas ao Bispo Diocesano de Valença para tratar de sua nomeação aos degraus seguintes em sua caminhada sacerdotal. Na primeira delas o seminarista afirmava estar prestes a receber as ordens sacras do subdiaconato e diaconato dentro de poucas semanas; comunicava ainda que não havia nenhuma pendência em sua vida civil, como, por exemplo, o serviço milita; e aproveitava para solicitar que fossem enviados ao Seminário os documentos necessários para as respectivas ordenações, bem como que o Bispo delegasse poderes ao Reitor do Seminário Central de São Paulo para receber seus juramentos.

Em sua segunda carta, Nathanael rememorava sua ascendência até seus avós maternos e paternos; declarava não ser possuidor de títulos ou benefício algum, de patrimônio material e muito menos receber pensão de qualquer natureza. O objetivo da correspondência, e de toda essa apresentação formal, era porque agora o jovem religioso se apresentava à promoção ao presbiterado e, para tanto, novamente pedia ao bispo que delegasse ao Reitor do Seminário os poderes necessários para receber os juramentos necessários.

No dia onze de novembro de 1940, Padre Manoel Pedro escrevia ao Monsenhor Antônio Palermo, Vigário Capitular da Diocese de Valença, comunicando que, de maneira unânime e, portanto, inquestionável, o seminarista, agora concludente do terceiro ano, estava apto a ser promovido ao diaconato.

O caminho para a vida sacerdotal nunca foi fácil; todo aquele que se propõe a percorrer esta jornada está, sempre e constantemente, em contínua e exigente avaliação, seja nas salas de aula dos seminários, seja na

15 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara.

sua vida cotidiana, no trato com aqueles que estão ao seu redor e mesmo nos momentos de férias acadêmicas. O Seminário Diocesano de São José do Rio de Janeiro possui, em Itaipava, região serrana do Rio de Janeiro, uma fazenda, utilizada também como casa de campo, onde é possível dedicar-se ao retiro espiritual. Nesta fazenda, em 1941, Nathanael havia passado suas férias acadêmicas, sendo, o tempo todo, alvo das observações dos dirigentes, principalmente por estar o jovem seminarista em vias de ordenar-se nas sendas religiosas. Tais observações tinham por objetivo verificar a piedade, estudos e costumes do seminarista.:

Ao Exmo. e Redmo. Mons. Virgílio Lapenda para, na forma do Dir. Can. e Inst. da S.C. dos Sacr. de 27-XII-1930, informar sobre a piedade, estudos e costumes do Clérigo Nathanael de Veras Alcantara, pelo tempo em que passou as férias de 1941, no Seminário de São José.

Curia Dioces. de Valença. 11/01/1941

Conego André (ilegível)

Vigário Capitular.¹⁶

Era uma espécie de “Atestado de Boa Conduta” que se redigia ao final do período de férias e encaminhava-se à reitoria do seminário de origem, no caso, o Seminário Central de São Paulo, e cujo teor continha a seguinte informação:

Certifico que o menorista Nathanael de Veras Alcantara, súbdito da diocese de Valença, atualmente estudando no Seminário Central de S. Paulo, tendo, sob minhas vistas, passado seu período de férias do corrente ano nessa Casa de Campo do Seminário de São José, em Itaipava, demonstrou sempre notável piedade, ser irrepreensível nos costumes e seu amor às sublimes vocações do sacerdócio.

Ita in fide Sacerdotis.

Itaipava, 26 de janeiro de 1941

O Reitor Monsenhor Virgílio Lapenda.¹⁷

16 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Natanael de Veras Alcantara. Folha 22.

17 Idem.

A formalidade do documento sugere um ato protocolar natural a todos os menorista, à qual avaliação, ao que parece, Nathanael se mostrou aprovado com distinção e louvor.



Casa de Campo do Seminário de São Jose em Itaipava-RJ.

**Fonte: INÍCIO – Seminário Arquidiocesano de
São José (seminariosaojose.org.br)**

Após ter enviado a correspondência protocolar, como exige a praxe, solicitando receber a ordenação ao diaconato, o Vigário Capitular da Cúria Diocesana de Valença lhe responde em 04 de fevereiro de 1941:

Ao CLERIGO NATHANAEL DE VERAS ALCANTARA, SUBDITO NESTA DIOCESE, SEDE VACANTE, SAUDAÇÕES EM O SENHOR.
FAÇO saber que, não estando completo ainda o anno da vacância, o Exmo. e Rvdmo, Snr. Nuncio Apostólico, pelo documento de dez de janeiro último, benignamente te concedeu as necessárias DIMISSÓRIAS, para receberes o SUBDIACONATO e o DIACONATO, inclusive. PORTANTO, em virtude desta faculdade Apostólica, e do consenso unânime e favorável dos Consultores Diocesanos, estado já, em parte, cumpridas as determinações do S.C. dos Sacramentos, pelas presentes,

venho humildemente pedir ao EXMO. E RVDMO. SNR. ARCEBISPO METROPOLITANO DE SÃO PAULO, ou a seu delegado, a graça de te conceder as referidas ordens, *ad titulum servitii Ecclesias*, se nada obstar ainda da parte de Sua Excia. Revdma.¹⁸

Nathanael chegava, enfim, ao diaconato – tanta dedicação genuína à vida sacerdotal vinha apresentando seus frutos. Mas, afinal, o que é e qual a função de um diácono? Segundo Rodrigo Sá¹⁹, assim como os bispos e padres, o diácono é um membro atuante do clero, podendo auxiliar os sacerdotes na missa, podendo, inclusive, ser convidado a pregar a homilia e auxiliar no altar. Na Igreja Católica Apostólica Romana existem dois tipos de diaconato: os Diáconos Permanentes que, como o próprio nome aponta, não almejam o sacerdócio e, portanto, encerram nesta ordem a sua progressão dentro do clero; e os Diáconos Transitórios que, ao contrário, passam pela ordem em sua caminhada rumo ao sacerdócio.

Aos diáconos, seja ele o de dedicação permanente seja o que ocupa transitoriamente a função, é vedado, no raio de suas ações, consagrar a Eucaristia, fazer a absolvição ou ungir os enfermos, por exemplo; mas não precisam ofertar dedicação exclusiva ao exercício do diaconato, podendo ter um emprego regular fora da Igreja e, embora não possa casar-se após ser ordenado, nada impede que um homem já casado, com família constituída aos olhos do sacramento, venha a ser diácono. Em seu exercício diaconal pode batizar, ser ministro da Eucaristia e celebrar ou presidir os serviços fúnebres, entre outras atribuições.

Nathanael certamente ocupou a função de Diácono Transitório; desde seu ingresso no seminário, ainda um adolescente, tinha por certo e convicto que seu horizonte mirava o sacerdócio. Seu próximo passo era, finalmente, a ordenação ao presbitério.

Na Grécia antiga o termo *presbytero* designava um ancião, uma pessoa mais velha que, por sua vivência e maturidade, era revestido de respeitabilidade e liderança decisória para determinadas situações. De acordo com o que nos explica Misael Oliveira²⁰, dentro do cristianismo católico compete

18 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Natanael de Veras Alcantara.

19 SÁ, Rodrigo. Diaconato: significado e papel dentro da Igreja Católica. Disponível em: Diácono significado bíblico, papel dentro da igreja católica (jovenscatolicos.com.br). Acesso em: 11 maio 2024.

20 OLIVEIRA, Misael. Qual a função de um presbítero: desvendando o papel fundamental na Igreja. Disponível em: Qual a função de um presbítero? Desvendando o papel fundamental na igreja – Abadia Notícia (abadianoticia.com.br). Acesso em: 11 maio 2024.

ao presbítero exercer um papel de liderança e orientação na Igreja, ensinar a doutrina, pregar os sermões, além de dar aos membros da igreja conselhos e incentivo em suas questões espirituais e, também, naquelas de seu cotidiano pessoal em que julguem necessitar de ajuda.

Em relação às cerimônias da Igreja, o presbítero pode realizar casamentos, batizados e funerais, além de administrar os sacramentos. É ele ainda o responsável por manter o bem-viver dentro da igreja, mediando conflitos que porventura apareçam, fazendo prosperar a paz e a harmonia entre os membros da congregação. Fora das questões religiosas, lhe recai também questões administrativas, como a organização dos eventos, esporádicos ou regulares, o zelo pelo funcionamento da Igreja, bem como a gestão de seus recursos.

Mas, então, quais as diferenças entre o papel de um presbítero e o papel de um padre, já que ambos executam exatamente as mesmas funções e estão ambos revestidos da mesma autoridade dentro da Igreja? Por que essa distinção de nomenclaturas uma vez que a mesma cerimônia ordena a ambos e lhes delega as mesmas responsabilidades? Nathanael havia concluído o Seminário, entra na cerimônia na Catedral de Valença como Diácono, para ser ordenado como Presbítero e sai dali como Padre. Vamos entender o que ocorreu.

Rumo ao presbiterado, o então diácono Nathanael recebeu, ainda em outubro daquele mesmo ano de 1941, o parecer favorável do colegiado do Seminário Central. E todos os procedimentos necessários à sua ordenação correram céleres. O ano se encerraria laureado para Nathanael; logo três dias depois, em três de novembro de 1941, a mesma reitoria do Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga, remetia para o Vigário Capi-tular de Valença, não apenas a decisão colegiada, como também os demais documentos comprobatórios de retiro espiritual e Exame de Moral, a fim de que se desse prosseguimento à sua ordenação já como padre.

Aos leigos pode parecer haver uma certa confusão, pois apesar de ter feito requerimento à sua ordenação como presbítero, Nathanael sai da cerimônia como padre, como se ambos os procedimentos tivessem se misturado ou um tivesse se sobreposto ao outro suprimindo-o. E cabe aí um esclarecimento feito por Pe. José Antônio²¹; segundo ele, o que ocorre é que o termo “presbítero” é uma nomenclatura de uso interno do clero, sendo muito pouco

21 Padre José Antônio da Silva é Vigário Geral, integrante do Conselho Presbiteral e Colégio de Consultores, Vigário Judicial, Coordenador da Pastoral da Comunicação da Diocese de Valença. Entrevista concedida em 11/05/2024.

usado para o designar junto ao público externo; este se refere ao sacerdote unicamente como padre e imagina, muitas vezes, que se trata de coisas distintas, quando na verdade se refere à mesma função.

Na véspera da celebração do ritual de sua ordenação, 29 de novembro, Nathanael, ainda como diácono, presta seus juramentos e a Profissão de Fé Católica, na Capela de São José, diante do Vigário Capitular e de outros padres e irmãos de fé como testemunhas. No dia seguinte deu-se a nomeação:

Aos trinta de novembro de mil novecentos e quarenta e um, primeiro domingo do Advento, pelas dez horas da manhã e durante a missa parochial, o Exmo. Rvndmo. Sr. Dom André Alcoverde de Albuquerque Cavalcanti, a meu pedido, revestido de seus paramentos pontifíciaes, e observado o Pontifical Romano, conferiu a sagrada ordem do presbyterado ao Diácono Nathanael de Veras Alcantara, terceiro padre ordenado e custeado por esta diocese.

É claro que a cerimônia já vinha sendo preparada com alguma antecedência e era do agrado de Nathanael, pela muita admiração que lhe tinha e por ter sido seu orientador espiritual, que o primeiro Bispo de Valença, Dom André Arcoverde, lhe celebrasse aquela missa e lhe fizesse, por aquela cerimônia, dar entrada na ordem dos sacerdotes. Os convites e comunicados já haviam sido distribuídos, as lembranças para eternizar a data já haviam sido confeccionadas e seriam distribuídas a todos os presentes.

Podemos supor que a única lamentação de Nathanael era que o mesmo trem que trouxe Dom André não havia também feito desembarcar na estação de Valença os seus familiares. Tivesse isso ocorrido e a alegria de todos seria plena, mas os custos da viagem do Nordeste até o interior do estado do Rio de Janeiro tornaram impraticável a viagem. No mais, o momento era de alegria; e as celebrações se estenderiam até o dia seguinte com as demais celebrações necessárias e ritualísticas, como o *Te Deum* e a primeira missa a ser celebrada pelo agora Padre Nathanael de Veras.

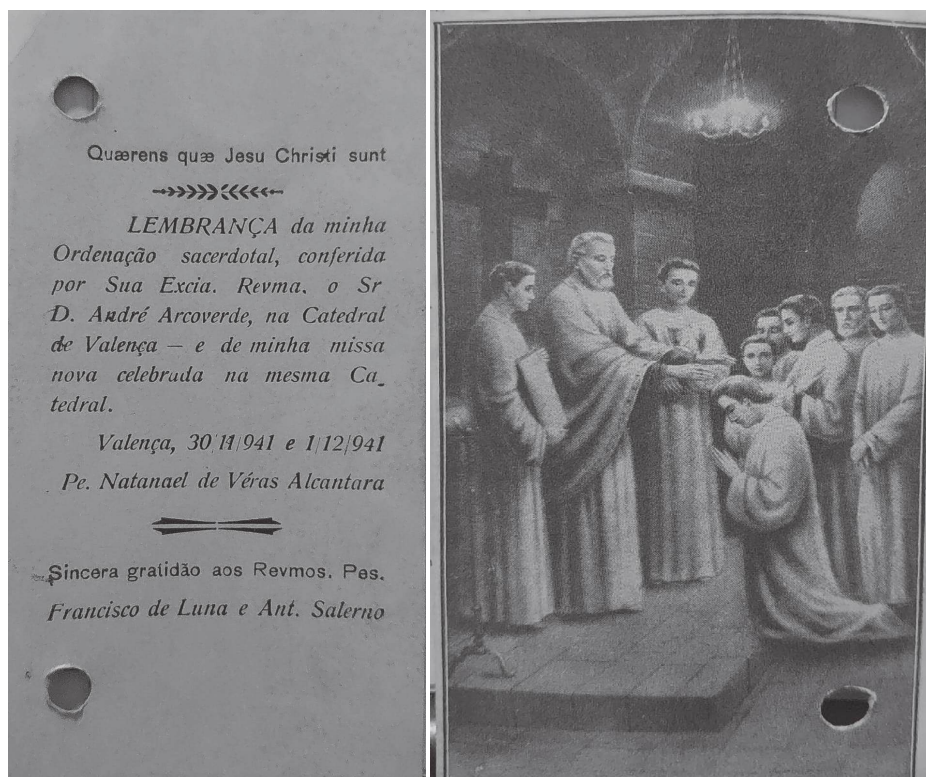
Era fim de semestre letivo e, para Nathanael, a conclusão do curso de teologia. Sua ordenação a sacerdote era ao mesmo tempo a conclusão de um ciclo e a inauguração de outro novo e mais desafiador. No dia seguinte à sua nomeação, logo após o *Te Deum* e a celebração de sua primeira missa, o recém ordenado padre recebe da Cúria Diocesana de Valença uma licença, até o fim do mês de fevereiro de 1942, para visitar sua família e descansar entre eles antes de assumir, definitivamente o seu ministério. Assim diz o documento:

SEDE VACANTE

AOS QUE ESTA VIREM, SAUDAÇÕES EM O SENHOR.

FAÇO saber que,

Nathanael de Veras Alcantara, súbdito desta diocese de Valença e hon-tem ordenado sacerdote, pela presente, hei por bem conceder-lhe a necessária licença, para ausentar-se desta diocese até fins de fevereiro próximo, para cantar a sua Primeira Missa e descansar entre os seus.



Lembrança impressa da ordenação sacerdotal de Nathanael de Veras Alcantara distribuída por ocasião de sua cerimônia.

Fonte: Arquivo diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara.

Sua família não havia vindo para sua cerimônia e, ao que parece, fazia muito que não tinha contato com Nathanael, já que suas últimas férias como seminarista foram em retiros espirituais na casa de campo de Itaipava,

interior serrano do Rio de Janeiro. A longa distância do Nordeste e a dedicação integral ao seminário impunha o preço da saudade.

Ao que parece, por uma informação rabiscada à margem do papel de licença, a família de Padre Nathanael permanecia no Nordeste, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte; mais precisamente no número 273 da rua Duque de Caxias, Cidade Alta. Era para lá que o padre recém ordenado iria naquele início de ano. Rever os seus e contar os detalhes de sua trajetória até o sacerdócio. Certamente haveria motivos para celebrações.

Ordenação Sacerdotal

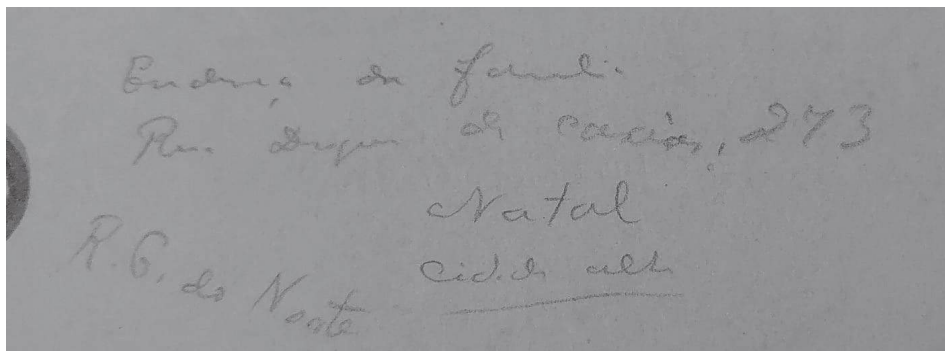
Realisa-se na Catedral, amanhã, às 10 horas a ordenação sacerdotal do diacono Natanael Alcantara, terceiro sacerdote desta diocese.

Às 9,40 o futuro sacerdote sairá do Lar José Fonseca acompanhado procissionalmente de seus paraninfos e das Associações paroquiais para a Catedral, onde a ordem lhe será conferida pelo Exmo. Sr. D. André Arcoverde, que chegará a esta cidade hoje, pelo trem das 19 horas.

Logo após a ordenação haverá a solene cerimonia do beija mão ao novo Padre.

**Comunicado/convite para ordenação sacerdotal
de Nathanael de Veras Alcantara.**

**Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta
Monsenhor Natanael de Veras Alcantara.**



Anotação manuscrita com endereço da família de Padre Nathanael em 1942.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara.

De retorno à diocese de Valença, o padre recebe, meses depois, uma missão entregue pelo Bispo D. Rodolfo, que havia tomado posse naquela Cúria Diocesana no mesmo ano da ordenação de Nathanael, em sucessão ao Bispo D. Renato de Pontes. Era ele o terceiro bispo a assumir este papel e havia por bem nomear Padre Nathanael como capelão do Lar José Fonseca.

Fazemos saber que, atendendo às necessidades espirituais do Irmãos de S. Francisco, na direção do Lar José Fonseca, Havemos por bem, pela presente Nossa Provisão, nomear o Rvdmo. Padre Nathanael de Veras Alcantara, sacerdote dessa Nossa Diocese de Valença, no cargo de capelão do referido estabelecimento [...] Esta Nossa Provisão valerá até 31 de janeiro de 1943, se antes não determinarmos o contrário, e será registrada nos livros competentes, para os seus devidos fins.²²

Este sacerdote contava, então, vinte e sete anos de idade e era a primeira nomeação do neopadre, em uma trajetória de sacerdócio que duraria ainda muitas e produtivas décadas.

No ano de 1944, Padre Nathanael era incumbido, em um traço só, de quatro novas atribuições. Dom Rodolfo agora reconhecendo a desenvoltura e potencialidades do sacerdote, como ele própria afirmava, resolveu lhe entregar a função de Assistente Eclesiástico do Círculo Operário, o que, certamente, estava bastante de acordo com as preocupações daquele reverendo com as

22 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Natanael de Veras Alcantara.

questões sociais populares da cidade; aliás, salta aos olhos o alinhamento da Diocese de Valença, por meio de seus sacerdotes, com as questões populares e sociais, sejam elas operárias, camponesas ou educacionais. Sempre na luta sindical, estudantil, na preservação das instituições de ensino, dos instrumentos de luta dos trabalhadores e tantos outros meios de promoção do bem-estar social.

Além de Assistente Eclesiástico do Círculo Operário, o Bispo também o nomeava como Diretor da Doutrina Cristã na Congregação Mariana e Pequena Cruzada, e, ainda, o incumbira do cargo de Professor do Ginásio Municipal Valenciano São José²³. O universo destas atribuições combinava-se perfeita e harmonicamente: amparo ao trabalho operário, zelo pela doutrina cristã e dedicação à educação juvenil. Pode haver melhor e mais eficiente caminho para a construção de uma sociedade mais igualitária?

Ainda no mesmo documento, D. Rodolfo acrescenta que aquele vigário seria também o Confessor Ordinário das Religiosas da Divina Providência da Santa Casa de Misericórdia e do Lar Balbina Fonseca²⁴, inclusive das noviças e das recolhidas nestes estabelecimentos. Enfim, a agenda do sacerdote estava agora repleta.

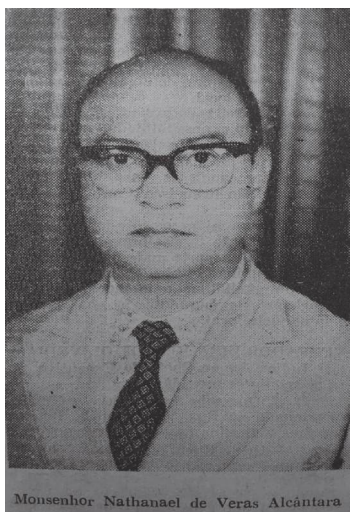
Passado pouco mais de uma década destas nomeações, em uma apresentação de 1957, o vigário aparecia com as seguintes referências: era Cura²⁵ da Catedral e Pároco de Nossa Senhora da Glória, com sede na Catedral. Neste tempo havia construído um albergue para dar abrigo e aparo material aos pobres da cidade. Havia construído ainda o Círculo Operário, munido de uma tipografia para que a publicação de seus informes, comunicados e mesmo periódicos que se fizessem necessários não ficassem na dependência das gráficas e tipografias locais. Este Círculo Operário tinha, ainda, montado em suas dependências um ambulatório dentário e, em seu andar superior, abrigava um pré-seminário, a fim de dar as primeiras orientações aos jovens que se sentissem vocacionados.

23 Fundado em 1912, passou por inúmeros proprietários, passando pela Igreja Presbiteriana e comprado pelo Coronel Manoel Joaquim Cardoso em 1924; foi, no mesmo ano, doado à Mitra diocesana com a cláusula de que nesse se mantivesse uma instituição de ensino sob pena de reversão. Desde 1971, funciona nele o Colégio de Aplicação da FAA, mantido por esta instituição. Fonte: Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Medicina de Valença. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=694951267194541&set=a.259765987379740&locale=pt_BR. Acesso em: 12 maio 2024.

24 Fundado em 1938, em Valença-RJ, hoje Associação Balbina Fonseca, entidade filantrópica sem fins financeiros que dedica-se a prestar assistência a menores, idosos, doentes e necessitados. Fonte: Associação – Associação Balbina Fonseca (abalbinafonseca.com.br). Acesso em: 12 maio 2024.

25 Cura residente tem por função cuidar das atividades religiosas sob a dependência de uma paróquia, mas com ampla autonomia.

Promoveu também a construção de duas igrejas²⁶ e a reforma de algumas outras²⁷. O documento ressaltava os méritos do Padre Nathanael, afirmando que foi por reconhecimento a eles que se tornou Camareiro, por título conferido pela Santa Sé, e agora era recomendado como Chantre do Cabido Diocesano. Mas, o que um Cabido? Enquanto o Camareiro é um título honorífico atribuído pelo Papa, o Cabido é um colegiado de Cônegos sob a liderança de um chefe. Normalmente, o Cabido divide-se em dois grupos; um possuindo dignidades e o outro não; Chantre e Mestre-Escola, por exemplo, são duas dessas dignidades que podem chegar ao número máximo de cinco. Padre Nathanael, portanto, passou a pertencer a um colegiado de cônegos, possuindo a dignidade de Chantre. Ademais, este texto de apresentação já se referia a este sacerdote como Monsenhor Natanael, na ocasião, com 42 anos de idade e pouco mais de 16 anos de sacerdócio. Ao que parece, sua figura crescia em reconhecimento à sua dedicação ao sacerdócio e a prática do evangelho em sua essência.



Monsenhor Nathanael

Fonte: Jornal Tribuna da Serra de 26/10/1984, p. 3.

26 Ao todo, durante seu sacerdócio e por sua determinação, construíram-se as seguintes igrejas e capelas: Santo Antônio do Carambita, Santa Rosa do Benfica, São Benedito do Rancho Novo, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, São João, Santa Luzia, Santíssima Trindade do Cambota. Jornal Tribuna da Serra de 27/11/1986, p. 6.

27 As igrejas reformadas durante seu ministério foram: Nossa senhora do Rosário e Catedral de Nossa Senhora da Glória. Jornal Tribuna da Serra de 27/11/1986, p. 6.

No ano de 1960 algumas circunstâncias trouxeram novas atribuições ao Monsenhor Nathanael; o Vigário-Geral Diocesano, Monsenhor Antônio Salermo, cai de cama, enfermo e, atendendo à necessidade de sua substituição, Dom Agnelo Rossi, Administrador Apostólico e Bispo de Barra do Piraí, delega a Nathanael as atribuições de Vigário-Geral, sem, no entanto, nomeá-lo como tal. No ano seguinte, Dom José Costa Campo, agora Bispo de Valença, resolve nomeá-lo pró-Vigário Geral no dia onze de agosto.

Ao completar cinquenta e cinco anos de sacerdócio, a população de Valença se reúne na praça da catedral para lhe ofertar uma homenagem, desta vez, ao que parece, sua família, ou ao menos parte dela, estava presente.

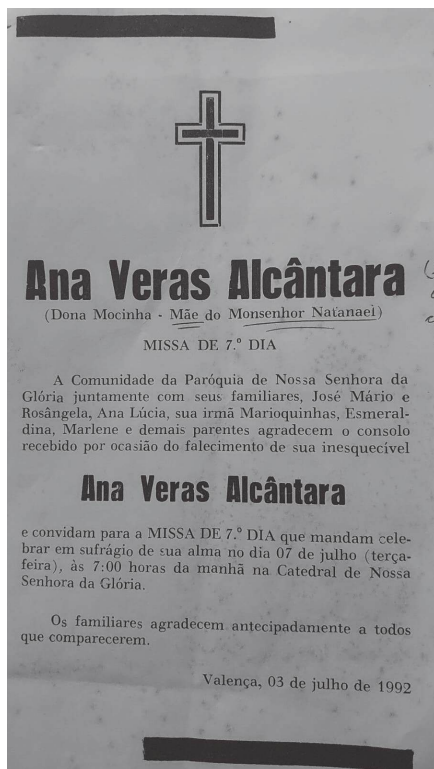
No dia 30 último, com a praça da Catedral superlotada de amigos, parentes e admiradores, Monsenhor Nathanael de Veras Alcântara, nosso querido pároco, recebeu especial homenagem do povo valenciano, com o descerramento de uma placa de bronze, pelos relevantes serviços prestados à comunidade durante 55 anos consecutivos.²⁸

Dona Mocinha, ou Dona Anna Veras Alcântara, estava presente e foi ela quem descerrou a placa em homenagem a seu filho. Aos oitenta e sete anos, via seu filho completar mais de meio século de trabalho dedicado ao evangelho e presenciava o reconhecimento da população daquela cidade ao sacerdócio genuíno que praticou entre eles. Cansada, veio a falecer oito anos depois, em primeiro de setembro de 1992 – contava, então, noventa e cinco anos de idade. Certamente, contribuíram para sua partida o desgosto e a tristeza se ver seu filho partir ao encontro do pai antes dela mesma. Dizem não haver dor maior do que a de uma mãe que perde seu filho. Em abril de 1991, Nathanael havia falecido, vinte anos mais jovem que Dona Mocinha. Vivesse ele mais, faria ele mais.

Não foi possível verificar em que dia, mês ou ano Dona Mocinha ou qualquer outro dos parentes do Monsenhor vieram para Valença ou mesmo por quais meios; mas o certo é que, não apenas ela, mas outros parentes estavam residindo na cidade, já que a matéria publicada assim faz referência. Parece acertado pensar que sua mãe não viria sozinha, certamente outros de seus filhos e filhas a acompanham nesta jornada do Nordeste para o município fluminense de Valença, a fim de conviver mais de perto com Nathanael, cuja formação e exercício sacerdotal o manteve longe por tanto tempo. Foi

28 Jornal Tribuna da Serra, de 26/10/1984, p. 3. Parece estar incluso nesta contagem de tempo, os anos que passou como diácono e já se dedicava ao município.

aqui, nas terras de Nossa Senhora da Glória de Valença, que Dona Anna Veras permaneceu finalmente.



**Convite à celebração de Missa de Sétimo Dia pela alma de
Ana Veras Alcântara, mãe do Monsenhor Nathanael.**

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Nathanael.

Na cerimônia de descerramento da placa, duas das mais marcantes características do trabalho do Monsenhor foram destacadas repetidamente, sua preocupação com as crianças e com a educação e seu posicionamento ao lado dos pobres, trabalhadores e necessitados. O professor José Geraldo Lamarca dizia a seu respeito:

[...] dedicou grande parte de sua vida sacerdotal aos Pobres. Movido por este sentimento de verdadeira fraternidade cristã, constrói a casa dos vicentinos, destinada às pessoas mais necessitadas. [...] sem outro interesse a não ser o de servir, na santa missão de evangelizar.

Fantástico é o sacerdote que se dedica à pobreza, que se preocupa com o desespero dos irmãos, que doa sua vida, seus sonhos, suas esperanças à tarefa evangélica de enxugar as lágrimas, de consolar os aflitos, de saciar os famintos, de construir casas na Cidade de Deus para reunir e abrigar os desabrigados da sociedade.²⁹

Dentre as obras físicas espalhadas pela cidade, distritos e bairros, como o pré-seminário, capelas e igrejas, era também da autoria do Monsenhor Nathanael a edificação do Cruzeiro no Morro do Rosendo, ponto mais alto da cidade, hoje excelente ponto de contemplação de onde se avista toda a cidade que está sob sua constante proteção.³⁰



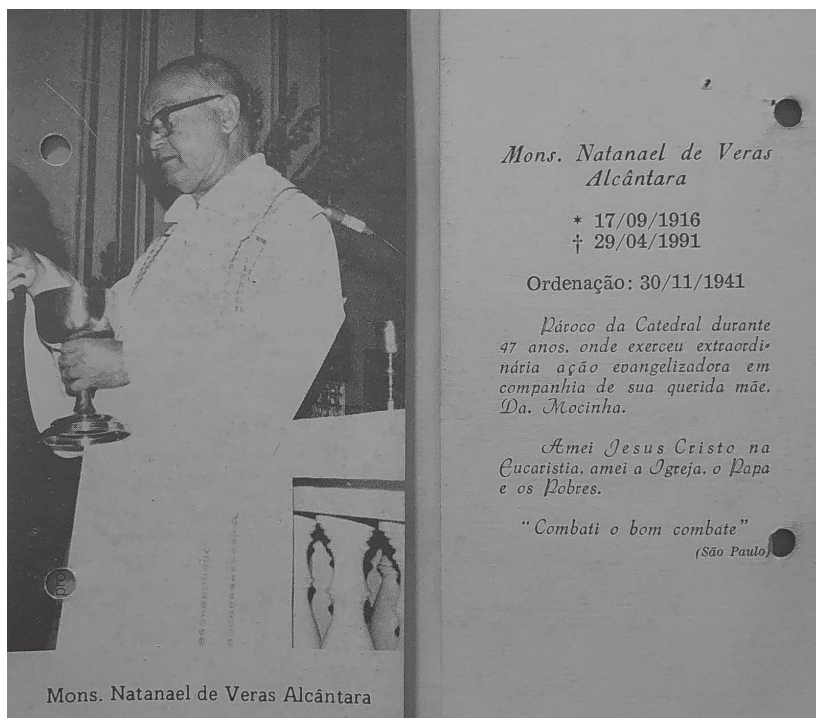
Monsenhor Nathanael celebrando missa nos anos finais de seu sacerdócio, [S.d.].

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael.

29 Discurso proferido pelo Professor José Geraldo Lamarca. Jornal Tribuna da Serra de 26/10/1984, p. 3.

30 Jornal Tribuna da Serra de 27/1/1986, p. 6

Mal se iniciava a década de 1990 e Valença veio a perder, definitivamente, a presença física, cotidiana, de Monsenhor Nathanael de Veras Alcântara. Em fins de abril de 1991, o sacerdote partia de entre os homens para entrar no universo dos santos. Falecia o sacerdote após passar toda a sua vida, desde a mais tenra idade em Canhotinho, interior de Pernambuco, até seus avançados anos no Vale do Café, dedicado à pregação do evangelho, à educação dos jovens e ao amparo às causas sociais.



Lembrança Obituária de Monsenhor Nathanael de Veras Alcântara.

**Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta
Monsenhor Natanael de Veras Alcântara.**

Certamente, uma vida que, como pavio de vela, consumiu a si própria para trazer luz à escuridão e iluminar o caminho daqueles que depositaram em seu trabalho a confiança que as ovelhas depositam em seu pastor. Em toda a documentação estudantil, não se encontrou nenhum demérito, nenhum senão sequer. Em toda a vida sacerdotal nenhuma rusga, nenhuma indisposição, nenhuma repreensão. Visto de longe, Monsenhor Nathanael

despontava como grande exemplo a ser seguindo; posto sob a lupa, descor-
tinava-se uma vivência irrepreensível e integralmente dedicada ao outro, ao
próximo, ao irmão, ao rebanho.

Têm, os fiéis da Diocese de Valença, o privilégio de contar com suas
memórias e seu legado, para que em seus momentos de devoção, possa
Monsenhor Nathanael se fazer presente. Para a população geral da cidade,
permanecem os resultados de sua atuação por tantas décadas dedicadas ao
benefício da comunidade.

Em poucos casos o desabafo do Apóstolo Paulo ao bispo Timóteo
encontrou abrigo mais apropriado do que no sacerdócio de Nathanael: “Com-
bati o bom combate, terminei a carreira e guardei a fé”³¹. Esta era a síntese
de sua vida como homem da sociedade contemporânea e como sacerdote
da Igreja Católica apostólica Romana, atemporal.

Referências

Periódicos

Jornal Tribuna da Serra de 26/10/1984.

Jornal Tribuna da Serra de 27/11/1986.

Fontes primárias

Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Monsenhor Natanael de Veras Alcantara.

Sites

Associação – Associação Balbina Fonseca (abalbinafonseca.com.br). Acesso em: 12 maio
2024.

31 2º Carta do Apóstolo Paulo a Timóteo, capítulo 4, versículo 7.

MENDONÇA, Pollyanna Gouveia. Os Defeitos e os Maus Costumes: perfil(s) do clero no bispado do Maranhão setecentista. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: Julho de 2011. Disponível em: 1300887927_ARQUIVO_Osdefeitososmauscostumes-Textocompleto.pdf (anpuh.org). Acesso em: 07 maio 2024.

OLIVEIRA, Misael. **Qual a função de um presbítero**: desvendando o papel fundamental na Igreja. Disponível em: Qual a função de um presbítero? Desvendando o papel fundamental na igreja – Abadia Notícia (abadianoticia.com.br). Acesso em: 11 maio 2024.

RAMOS, Israela. **Do sagrado ao profano**: a fé no Nordeste. Disponível em: Do sagrado ao profano: a fé no Nordeste – Paraíba Criativa (paraibacriativa.com.br). Acesso em: 06 maio 2024.

SÁ, Rodrigo. **Diaconato**: significado e papel dentro da Igreja Católica. Disponível em: Diácono significado bíblico, papel dentro da igreja católica (jovenscatolicos.com.br). Acesso em: 11 maio 2024.

SILVA, Raylinn Barros da. **Padres, políticos e mitos**: estudo historiográfico acerca das trajetórias de vida dos Padres João da Boa Vista (Goiás) e Cícero de Juazeiro (Ceará), 1844-1947. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: 1600432780_ARQUIVO_c32036ba76cbc10f0a756aae57fc10db.pdf (anpuh.org). Acesso em: 06 maio 2024.

VARES, Sidney Ferreira. VIANA, Adriano Carvalho. A Literatura de Folhetos Nordestinos e a Religiosidade Popular. **Revista Puc-SP**. Disponível em: A literatura de folhetos nordestinos e a religiosidade popular (pucsp.br). Acesso em: 06 maio 2024.

XXIII. MONSENHOR NATANAEL DE VERAS ALCÂNTARA: AÇÃO SOCIAL NOS MOVIMENTOS DE OPERÁRIOS

Raimundo César de Oliveira Mattos

Introdução

O presente capítulo destina-se a analisar a figura emblemática do Monsenhor Natanael de Veras Alcântara em uma de suas inúmeras facetas: a de líder social à frente de movimentos operários em Valença, sobretudo da Juventude Operária Católica – JOC.

A análise, aqui feita, é fruto da pesquisa realizada durante o mestrado. Inicialmente, pensávamos que seria relativamente fácil tratarmos do assunto, uma vez que tínhamos convivido com o Monsenhor Natanael durante um bom período de tempo, ou seja, fomos nós mesmos testemunhas de parte de sua atuação na cidade. Porém algo inesperado aconteceu: a falta, quase que absoluta, de fontes escritas sobre a temática escolhida. Pouco a pouco, no entanto, acabamos descobrindo diversas pessoas que haviam pertencido à JOC e que se propuseram a deixar o seu depoimento a respeito desse período em suas vidas. Assim, tínhamos pela frente um trabalho extra que era exatamente lançarmos mão de uma metodologia relativamente nova na pesquisa histórica: a História Oral.

A utilização da História Oral foi, pois, necessária, já que os arquivos da JOC em Valença foram destruídos, restando apenas poucas citações no Informativo “O Circulista”, do Círculo Operário Católico de Valença e na obra também intitulada “O Circulista”¹, de autoria do Monsenhor Natanael que foi o assistente eclesiástico, em Valença, tanto da JOC como do Círculo Operário. Apesar de recente em sua utilização na pesquisa histórica no Brasil, a História Oral tem aumentado sua importância no meio acadêmico, mesmo que seus aspectos técnicos e

1 ALCÂNTARA, Nathanael de Veras. O Circulista. Petrópolis: Vozes, 1983.

de ordem metodológica sejam bastante polêmicos ainda. Acreditamos que sua utilização foi de grande importância exatamente para dar voz àqueles que nunca a tiveram e certamente têm a sua contribuição a dar à pesquisa, sendo esse um dos pontos de apoio dos trabalhos de Ronald Fraser, para quem a utilização de fontes orais permite articular as experiências daqueles que, a partir de uma perspectiva histórica, estão desarticulados.

*“Ampliando estas idéias básicas, é importante que o uso das fontes orais permite não apenas incorporar indivíduos ou coletividades até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos escritos. Assim, portanto, as fontes orais possibilitam incorporar não apenas indivíduos à construção do discurso do historiador mas nos permite conhecer e compreender situações insuficientemente estudadas até agora”.*²

Certamente, tivemos que levar em consideração a necessidade maior, nesse tipo de obtenção de dados, de cuidados especiais, para que as entrevistas e depoimentos não recaíssem no vazio ou na nostalgia.

*“Sem a existência de um projeto articulado, as entrevistas tendem a se perder, perdendo a capacidade de dar respostas aos problemas a que se destinam. Ademais, há um grande risco de se cultuar a nostalgia.”*³

Em História Oral, métodos são meios para decompor, sintetizar, compreender, criar, interpretar, destruir e recriar criticamente determinado presente. É por meio das multiplicidades do método que a História Oral pode tentar apreender o presente, sua matéria básica. Esse método proporciona orientação para a criação, para o conhecimento e para a consciência do presente. Sua objetividade depende do sistema sujeito-objeto em ação na pesquisa, da posição de classe e da consciência histórica do oralista, isto é, o método, ao assumir ser uma perspectiva subjetiva geral do ser social, abandona a pretensão científica de objetividade, segundo Alberto Lins Caldas.⁴

Uma vez colhidos os depoimentos de ex-jocistas e/ou pessoas ligadas direta ou indiretamente ao movimento, através de entrevistas e questionários, passamos à análise do teor dos mesmos para crítica e seleção de informações aptas para o nosso trabalho, o que não foi uma tarefa

2 Citado In: GARRIDO, Joan Del Alcázar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, v. 13, n. 25/26, p. 33-54, set. 1992/ago. 1993. p. 36.

3 MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1996. p. 162.

4 Cf. CALDAS, Alberto Lins. Oralidade, texto e história. Para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999. p. 69.

fácil, visto que muitos depoimentos chegavam a ser contraditórios. Mas o que parecia impossível acabou dando origem a um texto em que pesquisadores e ex-operários são citados lado a lado, tentando, se não dar igualdade de condições aos dois grupos, pelo menos ouvi-los destituídos de preconceitos e visando levar tal concepção de mundo ao conhecimento de outras pessoas.

O núcleo mais ativo da JOC em Valença foi o da Paróquia de Nossa Senhora da Glória⁵, cujo assistente eclesial foi o Monsenhor Natanael de Veras Alcântara. Pessoa controvertida, de formação impecável nos moldes da Igreja pré-conciliar. No seminário, foi aluno de figuras eminentes do episcopado, como o então Padre Antônio de Castro Mayer, depois bispo tradicionalista da Cidade de Campos dos Goitacazes. O Monsenhor Natanael tinha boa penetração junto às elites da cidade, benfeitoras da Igreja em Valença. Entretanto, de acordo com o depoimento de um ex-jocista, apesar de sua preocupação com os pobres, possuía dificuldades de relacionamento com o operariado e com as classes menos favorecidas em geral. No entanto, de acordo com o testemunho do antigo pároco da Catedral de Nossa Senhora da Glória, onde o Monsenhor Natanael trabalhou por quase cinquenta anos, tais dificuldades não ocorreram: “O testemunho que eu tenho dele é que ele tinha trânsito livre, fácil acesso, não só junto das elites, mas junto ao povo também”.⁶

Conforme outro depoimento cuja autoria não conseguimos autorização para divulgar, e ainda segundo outros relatos de ex-jocistas, houve uma completa e radical transformação em sua personalidade após o Concílio Vaticano II, conforme o mesmo sacerdote relata na dedicatória de sua obra “O Circulista”: “Aos que orientei para o Seminário e que me ensinaram a ser Padre [...]”⁷.

No entanto, tal transformação chegou tarde para a JOC em Valença, uma vez que ela já estava muito enfraquecida nos anos imediatamente posteriores ao Concílio. O depoimento do Padre Medoro revela outro ponto da mudança de atitudes do Monsenhor Natanael:

5 Existiu também, segundo o livro de tomo da paróquia, um núcleo na então Capela de São Sebastião do Monte D'Ouro, mas que não prosperou.

6 Entrevista realizada com o Padre Medoro de Oliveira Sousa Neto, pároco da Catedral de Nossa Senhora da Glória, em 03/11/2003.

7 ALCÂNTARA, Nathanael de Veras. *O Circulista*. Petrópolis: Vozes, 1983. Dedicatória do livro.

Só se deu (a mudança de posicionamento) dele quando houve a morte, o assassinato do Padre Mornier, lá no Mato Grosso, que foi colega de turma dele, isso já no final da repressão militar. Ali ele descobre a teologia da libertação.⁸

Monsenhor Natanael De Veras Alcântara – Assistente Eclesiástico da Juventude Operária Católica em Valença

O Monsenhor Natanael era pernambucano da Cidade de Canhotinho, nascido em 17 de outubro de 1916. Foi ordenado em 30 de novembro de 1941, pelas mãos do primeiro bispo da Diocese de Valença, D. André Arcoverde, sobrinho de D. Joaquim Arcoverde, primeiro cardeal da América Latina. Atuou desde sua ordenação até sua morte em 1991 na Catedral Diocesana de Nossa Senhora da Glória. Era figura prestigiada na cidade e regiões vizinhas, tanto que, no livro que publicou em 1983, transcreve notícia de jornal local a respeito de sua ordenação:

Valença, encantadora e progressista cidade do Estado do Rio, esteve em festa com a ordenação sacerdotal do diácono Natanael de Veras Alcântara. A solenidade teve a presidência de D. André Arcoverde, bispo titular de Arimiri, que foi desta capital a Valença, especialmente para ordenar o jovem diácono, filho espiritual da diocese daquela cidade fluminense. A catedral onde se realizou a ordenação esteve repleta de valencianos e de outras pessoas que foram do Rio e das localidades vizinhas somente para assistir à linda festa. Isso, de resto, era de esperar.⁹

Recebeu vários títulos conferidos pelos papas e por diversos bispos; foi membro da Academia Valenciana de Letras e da Associação Brasileira de Imprensa, possuindo ainda o título de Cidadão Valenciano conferido pela Câmara Municipal. Foi, nas palavras do Padre Medoro (antigo pároco da Catedral de Valença), o maior formador de opinião pública em Valença,

8 Entrevista feita com o Padre Medoro de Oliveira Sousa Neto no dia 03/11/2003.

9 In: ALCÂNTARA, Nathanael de Veras. O Circulista. 38 anos na evolução religiosa de um povo. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 15.

gozando de grande prestígio junto a diversos segmentos da cidade. Era também figura estimada pelas crianças, segundo outra entrevistada: “Ia em todas as escolas. As crianças adoravam ele (sic). Estava todo dia nas escolas. Era uma presença amiga, querida. Um pai bonachão”.¹⁰

O Padre Medoro tem a mesma opinião: “Ele era uma presença nos colégios. Trabalho com os pobres – aquele albergue no Jardim de Cima, duas Cidades de Deus, Natal dos pobres, já visitava as cadeias”.¹¹

Ficou quase como um patrimônio da cidade, principalmente se levarmos em conta a tendência existente em Valença de se cultuar os seus “benfeitores”, entre os quais, sem dúvida, o Monsenhor Natanael pode ser enquadrado. No período de convívio com ele, pudemos constatar bem o seu estilo de trabalho e costumávamos mesmo afirmar que ele tinha realizado mais por Valença do que os próprios valencianos. Era clara a sua dedicação à cidade, e isso o fez secretário da comissão que organizou o centenário de elevação de Valença à categoria de cidade em 1957. Tinha, entretanto, alguns comportamentos que não se enquadrariam nos dias de hoje.

O próprio Monsenhor Natanael costumava dizer que “era nordestino e nordestino verga mas não se quebra”. Isso denota uma personalidade forte, extremamente ciente de si e de sua autoridade, carismática e personalista, tendo, assim, imprimido a sua visão social de mundo, a sua ideologia em todos os movimentos que dirigiu, não apenas na JOC. Admirador de grupos de juventude, quando a JOC já não mais existia em Valença continuou a organizar os movimentos de jovens em sua paróquia e a estimular diversos membros a fim de que fossem para o seminário. Chegou a enviar vários para a formação sacerdotal, muitos dos quais chegaram a ser ordenados. Acolhia universitários na casa paroquial, custeando sua estadia durante todo o período de estudos. Tal personalidade marcante fez com que ele desenvolvesse um caráter extremamente teimoso e reticente, o que constatamos pelos depoimentos colhidos:

Tinha hora que a coisa começou a apertar mais e a gente começou a cobrar dele. Ele era bastante turrão. Fugia da gente. [...] Ele era terrível. A mãe, às vezes, tomava conta para ele. Não deixava outros padres. Nem morto sai.¹²

10 Entrevista realizada com a Srª Marilda Fernandes, ex-jocista, no dia 06/11/2003.

11 Entrevista realizada com o Padre Medoro de Oliveira Sousa Neto em 03/11/2003.

12 Entrevista com a Srª Marilda Fernandes, ex-jocista, realizada no dia 06/11/2003.

A depoente refere-se ao fato de que a mãe do Monsenhor Natanael fiscalizava as ações dos jocistas e de outros movimentos da Igreja para com ele. Destaca também que ele sempre repetia que só morto sairia da Catedral. E, nem assim saiu, pois foi sepultado em um salão lateral da igreja. Aliás, por ocasião do seu sepultamento, a cidade literalmente parou, sendo decretado luto oficial. Escolhemos alguns trechos da “oração fúnebre” proferida em frente à Catedral neste dia, 30 de abril de 1991, pelo Professor José Geraldo Lamarca, ex-seminarista e conceituado líder católico da cidade:

Grande foi a dor que feriu a alma de nossa cidade, das cidades vizinhas e de todos, crentes ou não.

Feridos ficamos, os que tivemos a ventura de privar de sua amizade, sentindo na sua humildade a grandeza de suas virtudes.

Fomos sempre amigos, unidos desde os ditosos tempos do Seminário Menor no Rio Comprido e Seminário Maior em São Paulo.

Velhos tempos! Gostosos tempos, aqueles!

Insignes Mestres! Modelares Sacerdotes! Professores que, com sua firmeza, souberam marcar seus alunos com o carisma de suas santas atitudes e proverbiais máximos! [...]

Nomeado Pároco da Catedral, em substituição ao Revmo. Pe. Francisco de Luna, começa, na pujança de seu sacerdócio, uma vida, toda ela de grandes realizações.

Criou a JOC (Juventude Operária Católica) e a Congregação Mariana, de notáveis resultados à época.¹³

Percebe-se por estas palavras a formação mais conservadora do Monsenhor Natanael, o que determinou a sua visão sociológica. Tal discurso, entremeado de citações latinas, denota um saudosismo pelos “velhos tempos” vividos no seminário, em uma referência quase que explícita à Igreja pré-conciliar.

Sua atuação à frente da JOC e do Círculo Operário Católico foi marcadamente anticomunista, de uma combatividade férrea constante. Isso, segundo o Padre Medoro, possui algumas explicações. Uma delas é exatamente o contexto sociológico da época. Outra, um fato envolvendo um líder comunista da cidade:

13 LAMARCA, José Geraldo. Oração fúnebre proferida por ocasião do sepultamento do Monsenhor Nathanael de Veras Alcântara, em 30 de abril de 1991, em nome da Academia Valenciana de Letras e do laicato católico de Valença.

Um fato que o fez sofrer muito foi quando um líder comunista da época, aqui em Valença, havia dito que, se o comunismo triunfasse, que eles transformariam a Catedral em cabaré. [...] o Monsenhor Natanael, por exemplo, que foi um pároco que ficou 47 anos na história valenciana, ele nunca seria capaz de perceber, no seu contexto, esse aspecto da dominação, do capitalismo mesmo. Era impensável, numa formação religiosa pré-conciliar, que a Igreja pudesse apoiar um sistema econômico que não fosse o capitalista. Eu acho que esse julgamento não é defeito. Não é defeito. Não existia essa consciência social. O lugar social condiciona a visão.¹⁴

Analisando-se o informativo “O Circulista”, do Círculo Operário Católico de Valença, observamos que o mesmo se restringe a ser uma espécie de porta-voz das ideias religiosas, um veículo de divulgação de artigos escritos pelos membros do clero local, um local para divulgação de notas sociais. Apenas isso, além de instrumento de combate ao comunismo. Não se encontra um só artigo escrito por um operário. Era todo o informativo montado pelo Monsenhor Natanael e não só escrito apenas por ele, porque outros padres, além de seminaristas e do bispo diocesano, também contribuíam com matérias, normalmente, doutrinárias, anticomunistas e elogiosas à figura do assistente eclesiástico da JOC e do Círculo Operário. Isso quando o próprio não transcrevia homenagens a si mesmo pois, segundo depoimento, ele gostava de elogios:

O Natanael não se envolvia na questão de problemas: ‘o que vocês fizerem está bom’. Ele não tomava à frente, nem quando houve um encontro regional da JOC. Deixou tudo por minha conta. [...] No final do encontro, o Natanael apareceu e ficou me chamando para ver o que estava acontecendo. [...] Ele entrou e sentou e, no final, recebeu elogios do pessoal de fora sem ter feito nada. Não se envolvia, não colocava a ‘cara na reta’, mas quando as coisas davam certo, recebia os elogios.¹⁵

Era, em suma, uma personalidade controvertida, diante da qual era impossível ficar indiferente. Suas atitudes anticomunistas eram notórias.

14 Entrevista realizada com o Padre Medoro de Oliveira Sousa Neto no dia 03/11/2003.

15 Entrevista realizada com a Srª Marilda Fernandes no dia 06/11/2003.

Chegou a receber um diploma do Comando Supremo das Organizações Anti-comunistas em 3 de novembro de 1964.

Destaque-se que ocorreu, em 1960, uma questão envolvendo a Câmara de Vereadores de Valença e a Diocese, administrada por D. Agnello Rossi, então bispo da Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda, e descrita no Livro de Tombo da Diocese. Tal questão girou em torno de uma moção de legalização do PCB, aprovada por unanimidade na Câmara “em vésperas dos festejos da padroeira, constituindo-se intrépido paladino da indignação popular o Exmo. Monsenhor Natanael de Veras Alcântara, Cura da Catedral”. Os líderes partidários acabaram divulgando uma nota reafirmando seus “princípios democráticos e cristãos” e admitindo que haviam sido colhidos de surpresa “pelos termos vagos da moção”. D. Agnello Rossi, mais tarde feito Cardeal, no final da procissão da padroeira, alertou veementemente sobre a “avas-saladora penetração comunista, recordando aos católicos que não podiam ser cúmplices do comunismo”. Também foi realizada, em 1962, uma reunião de senhoras valencianas na Catedral, na qual foi elaborado um documento, registrado em cartório, intitulado “Mensagem das mães valencianas às mães fluminenses e brasileiras”, com 26 folhas e 1.097 assinaturas, posicionando-se contra o comunismo, jurando defender as “tradições cristãs na terra que nos viu nascer” e afirmando que o Brasil “quer e há de continuar grande, livre e cristão”. Essa reunião de mães valencianas foi presidida exatamente pelo Monsenhor Natanael. Dele, um ex-jocista ainda afirmou que:

O Monsenhor Natanael tinha medo de comunista. Escrevia frases anticomunistas. [...]

Nas reuniões ele orientava sobre os candidatos – se é comunista, maçon, contra a Igreja. Fazia palestras sobre como escolher o candidato.¹⁶

Mas o mesmo Monsenhor Natanael acabou sofrendo uma modificação em suas ações. Essa modificação ocorreu bem mais tarde, se comparada com as mudanças ocorridas em parte do episcopado católico brasileiro. Foi apenas ao final do regime militar, segundo o Padre Medoro. Não temos como analisar se tal mudança foi sincera ou não, nem os detalhes precisos de como ocorreu. O fato é que, em 1980, ele escrevia no informativo “O Circulista” a

16 Entrevista com o Sr. Oswaldo Pereira, ex-jocista, realizada no dia 22/07/2002.

respeito da expulsão do Padre Vito Miracapillo, enquadrado na Lei de Segurança Nacional:

Foi lida em todas as sete missas da Comunidade de N. S. da Glória, a nota da CNBB a respeito da expulsão do Pároco de Ribeirão, Diocese de Palmares, Pernambuco. Toda a comunidade rezou por ele, e uniu-se à Igreja de Cristo no Brasil. Deplorou que as autoridades constituídas não interpretassem a grandeza do coração do povo brasileiro.¹⁷

Neste mesmo informativo, comentando a ida de novos jovens para o seminário, ele afirma: “O sangue dos mártires é semente de novos cristãos. Miracapillo está produzindo frutos”.¹⁸

Bem antes disso, em 1964, ele já havia assinado um repúdio aos comentários de Gustavo Corção, líder católico, que manifestara ideias conservadoras e contrárias às mudanças do Vaticano II, publicados no “O Globo”. E, em 1956, também no “O Circulista”, sob o título “Pecado Coletivo”, ele comenta a atuação de D. Hélder Câmara com os favelados no Rio de Janeiro: “Adiantou, ainda, o dinâmico apóstolo da Igreja; ‘a favela não é causa, é, apenas, efeito. A raiz do mal está nessa nossa errônia (sic) organização econômico-financeira’”.¹⁹

Obviamente, por suas ações posteriores ao ano de 1956, essa declaração não representou uma mudança diante da questão social. Mas já revela um posicionamento mais crítico em relação aos problemas provenientes da “errônea organização econômico-financeira” do país. O Padre Medoro comenta ainda que o Monsenhor Natanael tinha uma posição diante de duas das mais tradicionais famílias de Valença: Pentagna e Fonseca.

Até porque eu ouvi muitas vezes do Monsenhor Natanael a seguinte comparação: ‘Valença tem duas famílias de benfeitores, que é a Família Fonseca e a Família Pentagna. José Fonseca fez a caridade, construiu o hospital, construiu abrigo para meninas e meninos, criou infra-estrutura para a criação da diocese, um homem que tinha a sua fonte de riqueza no Rio de Janeiro e que investiu em Valença na caridade’. Mas o Monsenhor Natanael dizia: ‘eu penso que os Pentagnas fizeram

17 In “O Circulista”, informativo do Círculo Operário de Valença, número especial de 31 de dezembro de 1980.

18 Op. cit.

19 Op. cit., número 97, janeiro e fevereiro de 1956.

uma caridade mais inteligente, porque eles abriram empregos, criaram trabalhos em Valença. Enquanto o Fonseca socorria alguns, na sua caridade, os Pentagnas garantiam a subsistência de muitos, mediante as fábricas em Valença'. [...]

No caso do Monsenhor Natanael, ele conseguiu ser um pouquinho crítico em relação ao Fonseca, embora valorizasse a caridade feita pelo Fonseca.²⁰

Essa afirmativa também é um tanto equivocada, pois o Comendador José Fonseca também abriu uma fábrica em Valença, a Companhia Progresso, realizando “uma caridade mais inteligente”, como os Pentagnas.

Um outro depoimento é significativo, embora não possamos afirmar plenamente a sua fidedignidade, a respeito da mudança de comportamento do Monsenhor Natanael. Em seu livro, ele transcreve artigo assinado apenas pelas iniciais J.N.F., as quais não foi possível identificar:

Sustentou, lá pelas alturas de 1945, uma luta árdua contra a ideologia comunista que invadia Valença a passos largos.

Nada fez recuar, cartas anônimas, panfletos nas ruas, ameaças, calúnias e nem mesmo (o que é pior) a clássica covardia dos ‘bons’.

Dizer que exagerou na luta, é dizer que lutou, e isso é tudo num mundo de acomodados. [...]

Como foi sempre um homem ‘muito discutido’ havia até apostas sobre sua aceitação, ou não, das reformas (aggiornamento) da Igreja visto ter fama de ‘conservador’.

A resposta veio logo, pois foi dos primeiros a adotá-la nas coisas essenciais e até nas secundárias, como por exemplo, no caso do ‘clergyman’, foi o primeiro a adotá-lo, e muita gente perdeu apostas, inclusive eu [...].²¹

Um testemunho pessoal nosso atesta que notávamos na pessoa do Monsenhor Natanael um certo temor de ficar desatualizado diante de uma Igreja que passava por transformações. Chegou mesmo a exagerar em certas mudanças, alterando significativamente o estado original do interior

20 Entrevista feita com o Padre Medoro de Oliveira Sousa Neto no dia 03/11/2003.

21 ALCÂNTARA, Natanael de Veras. Op. cit., pp. 204-205. Transcrito do Informativo “O Circulista” de dezembro de 1966.

da Catedral de Valença, construída no século XIX. Certamente houve uma mudança gradual e lenta, mas houve.

A ex-jocista Marilda Fernandes, reconhecida até hoje como grande líder católica nos movimentos populares e que teve parte de sua formação na JOC, explicitou bem o seu comportamento. A sua ligação como assistente eclesial com a JOC chegava, segundo suas palavras, a ser vantajosa: “Para ele era vantagem, porque só tinha ele. Para ele era bom, porque todo mundo elogiava. [...] Para ele era vantagem, tinha a JOC em Valença, estava no auge.”²²

E continua a explicar como ele se comportava e como era visto pelos jocistas, pelos empresários e pela população em geral:

Baseado nisso, ele era tido como admirador dessa questão social, mas ele não ‘botava a cara na reta’. Foi isso aí que me incentivou a muita coisa que eu já fiz, que eu consegui fazer. Você consegue muita coisa dentro das fábricas. [...] Todo primeiro de maio as missas eram nas fábricas. Se ele chegasse lá dentro, fizesse um discurso comprometedor, iria conseguir isso? Não ia. Era tudo ali, água com açúcar. Aí que ele conseguia todo o dinheiro que ele queria, para tudo que ele queria. Os patrões davam, os comerciantes. Aí ele era de bem com todo mundo.²³

Diante desse depoimento, então, o que era considerado como “questão social” neste período era, simplesmente, assistencialismo e o dinheiro conseguido pelo Monsenhor Natanael, na verdade, era utilizado exatamente nesse assistencialismo e em obras nas igrejas. E a depoente continua o seu testemunho:

Ele tinha que estar a favor dos homens. O discurso dele pros operários, dia de São José, não passava de uma água com açúcar. Tudo bem, você tem que estar lá muito bonzinho lá dentro da fábrica, fazendo o que o patrão quer. Ele não tinha discurso. Uma palavra revolucionária, uma palavra que despertasse.²⁴

22 Entrevista feita com a Srª Marilda Fernandes, ex-jocista, no dia 06/11/2003.

23 Entrevista citada.

24 Entrevista citada.

Aqui voltamos à entrevista com o Padre Medoro, que justifica tais atitudes em nome do lugar social, do contexto sociológico vivido. Além disso, a própria depoente confirma, indiretamente, tal justificativa:

Ele estava muito bem acomodado. E o medo do comunismo, aí é que ele não mexia com nada. Na época falavam que iam acabar com a Catedral, que iam derrubar a Catedral. Ele só botava medo na gente. Não orientava, só botava medo. Não sei se isso era consciente, ou se era o jeito dele, se era consciente ou se era falta de preparo.²⁵

Esta falta de preparo é destacada pelo Padre Medoro:

Constatamos que os *quê não foram formados pela Ação Católica e que não passaram pela experiência dura da revolução de 64, esses padres* foram formados por uma sociologia funcionalista. Eles não tinham contato com a sociologia crítica marxista. Ao contrário. Então, a chave de leitura social que faziam da realidade era um tanto ingênua.²⁶

O Monsenhor Natanael, apesar de assistente eclesiástico da Ação Católica Paroquial e da JOC, não teve essa formação na Ação Católica. Isso explica, em parte, a sua atuação, mais o medo do comunismo; medo tal que impediu qualquer análise crítica a respeito. O próprio assistencialismo inicial dele foi, aos poucos, se transformando. Em diversas ocasiões, como pudemos constatar, ele próprio passou a afirmar que “era necessário ensinar o homem a pescar ao invés de dar o peixe”.

Considerações Finais

A conclusão que chegamos a respeito da pessoa do Monsenhor Natanael e sua ação junto à JOC de Valença, é que limitado por uma visão unilateral da realidade, possuidor de uma personalidade forte e determinada, gozando de grande prestígio junto aos empresários e à massa da população

25 Entrevista citada.

26 Entrevista realizada com o Padre Medoro de Oliveira Sousa Neto no dia 03/11/2003.

em geral, apesar de muito combatido e criticado por alguns setores, ele não conseguiu avistar a necessidade de mudanças na cidade.

Até hoje, o antigo assistente eclesiástico da JOC em Valença é admirado e lembrado por algumas poucas pessoas da cidade, mesmo anos depois de morto, exatamente por essas características e por sua capacidade de liderança. E isso chega a ponto de uma ex-jocista se lamentar que ele tenha caído em um relativo esquecimento junto às faixas mais novas da população, apesar de não ter poupado críticas à sua atuação:

O monsenhor era de um prestígio [...]. Hoje eu não consigo entender por que ele é assim tão apagado. Isso me incomoda muito. Porque ele era a figura principal em Valença, entrava em todo lugar. Tinha prestígio. Por que agora ele foi tão apagado? É estranho isso [...].”²⁷

Nas décadas de 1950 e 1960 a Igreja passava por um momento de afirmação junto ao mundo moderno. A participação dos leigos na vida da Igreja era algo que se discutia cada vez mais e com maior intensidade. No entanto, apesar de alguns avanços e concessões na mentalidade de muitos membros da hierarquia eclesiástica, persistia a ideia de que o leigo, em especial o operário, era ignorante em relação aos assuntos religiosos. Precisava, pois, ser orientado, dirigido. Compreende-se, portanto, porque alguns dos assistentes eclesiásticos, não apenas da JOC, mas também de outros movimentos leigos, não se contentavam apenas em assisti-los. Além disso, dirigiam tais movimentos, não permitindo a sua autonomia. Em Valença, ocorreu tal fato com grande intensidade, o que contribuiu para o movimento jocista diluir-se em pouco tempo. Faltava uma liderança própria junto ao operariado.

O movimento estava organizado sob a ‘assistência’ do vigário, o Cônego Natanael. Reclamava-se de que ele era mais diretor que assistente. (Penso que naquela época, um outro de linha mais moderna e mais ‘light’ não faria diferente). Pela formação do seminário, o padre em tudo era o ‘diretor’. Mudou? Não sei.”²⁸

27 Entrevista feita com a Sr^a Marilda Fernandes, ex-jocista, no dia 06/11/2003.

28 Depoimento enviado por carta pelo Sr. Hamilton Francischetti em 24/03/2003.

Enfim, não se pode negar a grande atuação, ainda que condicionada ao contexto em que viveu, do Monsenhor Natanael de Veras Alcântara. Sua vivência na cidade fez dele um personagem digno de ser lembrado como um grande benfeitor, agindo sempre, como dizia, em benefício das crianças, dos jovens e dos pobres. Uma figura controversa que marcou a história não só da Igreja Católica em Valença, mas também da cidade como um todo.

Referências

ALCÂNTARA, Nathanael de Veras. **O Circulista**. 38 anos na evolução religiosa de um povo. Petrópolis: Vozes, 1983.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**. Para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

GARRIDO, Joan Del Alcázar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH, v. 13, n. 25/26, p. 33-54, set. 1992/ago. 1993. p. 36.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

XXIV. PADRE JOAQUIM CHAVES DE FIGUEIREDO E SUA MISSÃO EM TRÊS RIOS E COMENDADOR LEVY GASPARIAN

Adelci Silva dos Santos
Vaniele Barreiros da Silva

Nascido logo no início do século XX, Joaquim Chaves de Figueiredo era mais uma daquelas pessoas, fiéis desde a juventude, que ao dar ouvido ao chamado para a seara do Senhor, trilharia o caminho do sacerdócio e o dedicaria quase integralmente à diocese de Valença. Passou a maior parte de sua vida sacerdotal na Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, na época localidade de Serraria, parte integrante de Comendador Levy Gasparian, que, por sua vez, era distrito pertencente ao município Fluminense de Três Rios.



Praça Central de Levy Gasparian.

Fonte: Comendador Levy Gasparian | Caminhos do Rio

A época em que Joaquim Chaves nasceu, não era, necessariamente, um ambiente de igualdade social, justiça política ou promessa de prosperidade

econômica. Na verdade, era justamente o oposto disso. O país sofria por não ter preparado a sociedade para receber aqueles que libertos do cativeiro vinte anos antes e, muito menos, tinha dado a esta parcela infeliz da sociedade os meios necessários para que fossem nela inseridos com um mínimo de igualdade. A pobreza se multiplicava, as favelas subiam os morros, o analfabetismo era a regra. Talvez seja exatamente por perceber este ambiente que Joaquim Chaves tenha dado ouvido ao chamado para ser sacerdote. Era a sua forma de contribuir de forma positiva para a edificação de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

Por época de seu nascimento, as oligarquias políticas de São Paulo e Minas Gerais dividiam entre si o poder legislativo dentro da República recém-inaugurada. Revezavam-se no poder em detrimento das demais representatividades políticas. Honestidade era algo que passava longe das eleições em qualquer que fosse o nível, municipal, estadual ou federal. Os currais eleitorais e os votos de cabresto reforçavam o poder das oligarquias e subordinava s populações camponesas ao mandonismo e ao coronelismo.



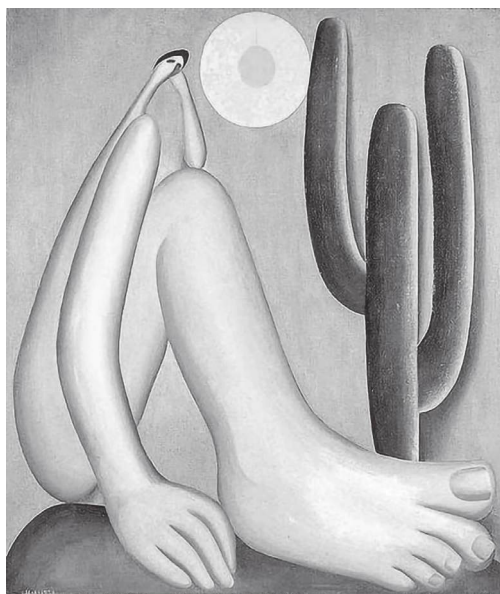
Charge de Storni, publicada na revista Careta, a. 18, n. 897, 1925.

Fonte: política do café com leite – Pesquisar Imagens.

Economicamente, o país apostava praticamente todas as suas fichas na cultura do café, produto do qual a região da Diocese de Valença já havia sido a maior produtora mundial, mas agora ressentia-se de sua migração para o oeste do estado de São Paulo, que comandava a exportação mundial do produto e reinvestia seu lucro no processo de industrialização, ao contrário do restante do país, tornando São Paulo o mais importante polo econômico do país.

A Igreja Católica buscava se readaptar de seu rompimento com o Estado, promovido pela Carta Constitucional promulgada após a Proclamação da República em 1889. Em resposta, a Igreja adotou uma postura de engajamento social e caritativo, reforçando sua presença em áreas como a educação e a assistência social, especialmente entre a população mais carente. Além disso, o catolicismo popular, com suas festas religiosas e manifestações culturais, ajudava a manter a coesão social em um período de intensas transformações.

Se este foi o cenário da primeira infância do futuro padre Joaquim Chaves de Figueiredo, o período de sua adolescência não foi muito diferente. A década de 1920 foi marcada pelo avanço da industrialização, pela emergência de novos movimentos culturais e por transformações significativas na atuação da Igreja Católica no contexto da sociedade brasileira.



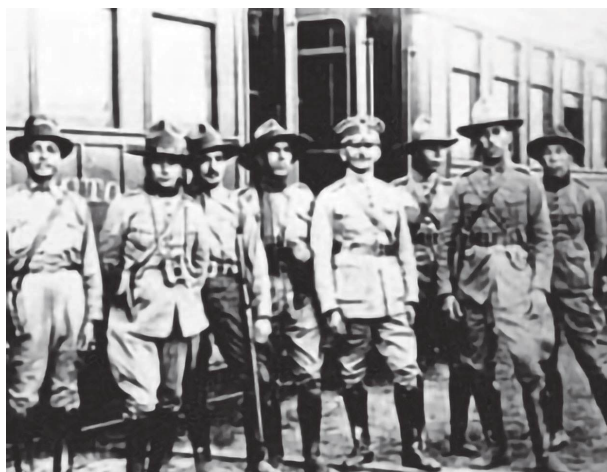
O Abapurú, de Tarsila do Amaral. Semana de Arte Moderna de 1922.

Fonte: Obras de Tarsila do Amaral – Artes – InfoEscola.

Este período apresentou um aumento da urbanização e uma expansão dos movimentos trabalhistas, especialmente nos centros industriais como São Paulo e Rio de Janeiro. Com o crescimento das cidades e o surgimento de uma nova classe trabalhadora, o Brasil passou a experimentar uma efervescência cultural que encontrou expressão no movimento modernista. Este movimento cultural, consolidado na Semana de Arte Moderna de 1922, buscava romper com as tradições artísticas europeias, propondo uma arte que refletisse melhor a realidade brasileira. A urbanização e o aumento das demandas sociais também intensificaram a organização dos movimentos operários, que realizavam greves e protestos por melhores condições de trabalho.

Politicamente, o Brasil continuava sob o domínio das oligarquias agrárias, com a política do café com leite garantindo o rodízio de poder entre as elites de São Paulo e de Minas Gerais. No entanto, a década de 1920 foi marcada pelo surgimento de movimentos que contestavam esse domínio oligárquico.

O mais significativo foi o movimento tenentista, uma série de revoltas militares que visavam mudanças políticas no país, especialmente o fim da corrupção eleitoral e a modernização do Estado. O movimento tenentista foi o precursor da Revolução de 1930, que viria a derrubar a Primeira República. Outra característica marcante foi o crescente apoio ao nacionalismo e ao questionamento da dependência em relação aos interesses estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos e da Inglaterra.



Membros do Movimento Tenentista.

Fonte: Tenentismo – Resumo, o que foi, movimentos e consequências

Na economia, o Brasil manteve a sua dependência do setor cafeeiro, que ainda representava a principal fonte de divisas. No entanto, a crise de 1929 nos Estados Unidos e a subsequente Grande Depressão afetaram a economia brasileira, reduzindo a demanda pelo café e forçando o país a buscar alternativas econômicas. Foi durante essa década que a indústria brasileira começou a se desenvolver de forma mais expressiva, impulsionada pelo nacionalismo econômico e pela tentativa de reduzir a dependência das importações. Esse processo de industrialização foi, em grande parte, sustentado pelo crescimento da demanda interna, especialmente nas regiões sudeste e sul, onde se concentrava a maior parte das indústrias nacionais.

Na década de 1920, a Igreja Católica se reposicionou em meio às novas transformações sociais e políticas do país. Influenciada pela encíclica *Rerum Novarum* (1891), que orientava a Igreja a se envolver nas questões sociais, a Igreja Católica brasileira passou a adotar uma postura mais ativa em relação às condições de vida das classes populares. Instituições católicas ampliaram seu trabalho social, promovendo assistência à saúde, à educação e ao desenvolvimento social.

A Igreja Católica também passou a defender a moralidade e a tradição em resposta ao avanço das novas ideologias e movimentos sociais, fortalecendo seu papel como guardião da moral e dos valores tradicionais no Brasil. Esse reposicionamento culminou na criação de movimentos como a Ação Católica Brasileira (ACB) na década seguinte, que ajudaria a consolidar a atuação da Igreja junto às classes populares e no debate político.

Essas mudanças apresentadas pela Igreja Católica, como sua preocupação e engajamento nas questões sociais, com o objetivo de amparo aos pobres e necessitados, conforme ensina, com transparência, o Evangelho de Cristo, pode ter sido a motivação maior para que o jovem Joaquim Chaves enveredasse pelo caminho do sacerdócio. Era sua vontade genuína colaborar ativamente com esta Igreja que se propunha ser um agente de mudanças no seio de uma sociedade tão marcada pelas mazelas sociais, políticas e econômicas. Seria ele um ativo colaborador no esforço de construção de um país mais igualitário.

Foi durante os intensos anos 1920 que Joaquim tornou-se seminarista, mas sua formação apenas se concluirá no início da década seguinte, que, por sinal, também não foi um período de calmarias, ao contrário, entrou para a história como os anos de chumbo. O governo Vargas assumiu o poder em 1930, após um golpe político, suspendeu os poderes legislativos e a Constituição, governando por meio de Decretos Leis e nomeando interventores

de confiança para exercer o executivo nos estados da Federação. Por seu autoritarismo e pela exigência de uma nova constituição, o estado de São Paulo se levanta em uma sangrenta Guerra Civil, que ficou conhecida como Revolução Constitucionalista de 1932, por exigir de Getúlio a promulgação de uma nova Carta Magna.



Tropas Constitucionalistas de 1932.

Fonte: Revolução Constitucionalista de 1932 – Cola da Web.

Durante o governo de Getúlio Vargas na década de 1930, a Igreja Católica desempenhou um papel relevante, consolidando-se como uma força social e política de grande influência. A ascensão de Vargas ao poder, após a Revolução de 1930, foi marcada pela criação de um Estado centralizador e autoritário, que buscava a construção de uma identidade nacional forte e unificada, em um contexto de expansão do catolicismo como elemento central da cultura e da moralidade brasileira.

Com a fundação do Estado Novo em 1937, Vargas buscou a aliança com a Igreja para legitimar seu governo, compartilhando com ela a preocupação com a moralidade e a disciplina social. A Igreja, por sua vez, se beneficiou da aproximação com o Estado, ganhando um papel destacado em áreas como a educação e a regulamentação dos costumes. A Constituição de 1934, por exemplo, reintroduziu o ensino religioso nas escolas públicas, marcando a

colaboração entre o Estado e a Igreja, que passou a exercer influência direta na formação moral da juventude.

Este era então um ambiente favorável à entrada de novos sacerdotes no corpo das dioceses, pois, mesmo não concordando com o autoritarismo varguista e sua perseguição a adversários políticos, o Estado estava aberto à participação do clero na vida pública. Joaquim Chaves de Figueiredo era um desses novos sacerdotes que, no ano de 1934, seria ordenado e poderia exercer as funções de padre, neste cenário conturbado, mas rico em possibilidades.

A Igreja Católica atuou ativamente nas questões sociais, estabelecendo um discurso que promovia a harmonia entre as classes e a manutenção da ordem, em contraponto às ideologias de esquerda, como o comunismo, que crescia em popularidade entre trabalhadores urbanos. Nesse contexto, a Ação Católica Brasileira (ACB), fundada em 1935, tornou-se um braço importante de atuação da Igreja, promovendo valores católicos na política e no cotidiano da sociedade envolvendo-se sobretudo nas atividades de assistência social.

A Igreja Católica endossou o nacionalismo varguista, valorizando símbolos e narrativas que associavam o catolicismo à identidade nacional. Festividades religiosas, como a celebração de Nossa Senhora Aparecida, foram incorporadas ao calendário oficial da Igreja e do Estado, fortalecendo a imagem da Igreja como guardiã da tradição e da moralidade brasileiras. Porém, para a Igreja, o nacionalismo não estava atrelado, obrigatoriamente, aos símbolos nacionais, mas, prioritariamente, em estender a cidadania ativa, a igualdade social e a inclusão das classes menos favorecidas em um projeto nacional de atendimento das necessidades espirituais e materiais desta parcela da população, sempre invisível às ações do Estado, mas sempre procurada nos momentos de eleição e explorada pelos interesses capitalistas. Era dentro deste perfil missionário que padre Joaquim Chaves procurava se encaixar e atuar.

Após ser ordenado em 04 de novembro de 1934, parece ter dividido o exercício de seu ministério entre os estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. No ano de 1980 o vemos escrever, de próprio punho, umas poucas linhas ao Bispo Dom Amauri Castanho, com quem parecia ter muito boas relações.

Juparanã 31/X/1980
prezado Dom Amaury
Salutatium

Vou regularmente de saúde. A prefeitura de Três Rios está dando uma assistência muito carinhosa à população de Levy Gaspariam pela ocasião do esvaziamento da água do Rio Paraibuna. o povo tem água abundante recebida através de caminhões pipas.

Reina paz e compreensão.

Com muita estima.

Pe. Joaquim¹

A pequena carta nos dá a entender que em 1980 padre Joaquim estava com residência fixada no distrito valenciano de Barão de Juparanã, muito mais próximo da cidade de Vassouras, que também pertence à Diocese de Valença, do que de sua própria sede. Mas, durante o primeiro semestre do ano seguinte, portanto 1981, padre Joaquim Figueiredo se encontrava como sacerdote na Paróquia de Santana, em Santana do Deserto, da Arquidiocese de Juiz de Fora. Aliás, foi esta Arquidiocese que concede, no mês de maio daquele ano, licença para que o vigário possa se ausentar e cuidar de sua saúde, que desde o ano anterior já se apresentava como motivo de suas reclamações.

A ausência de documentos nos arquivos, torna impeditivo saber se o vigário estava em Minas Gerais por alguma forma de empréstimo ou colaboração; mas fato é que, ainda no final do primeiro semestre daquele ano, já de retorno de sua licença, o Bispo Diocesano de Valença estava designando padre Joaquim como capelão do Hospital das Clínicas de Três Rios.

Dom Amaury Castanho

Bispo Diocesano de Valença – Estado do Rio de Janeiro

Faz saber, a todos que desta tomarem conhecimento, que levando em conta as necessidades espirituais do Hospital das Clínicas Nossa Senhora da Conceição, sediado na cidade de Três Rios, de propriedade da Mitra Diocesana de Valença, provisionar como capelão, com os direitos e os deveres do cargo, o REVMO. SR. PE. JOAQUIM CHAVES DE FIGUEIREDO.

O referido sacerdote, com sobejas qualidades para ocupar a capelania em questão, tudo fará para organizar, do melhor modo possível, a pastoral da saúde, agindo, sacerdotalmente, sobre os corpos administrativo e clínico, sobre as religiosas, com as quais conjugará as suas atividades, e sobre os enfermos e suas famílias.

1 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Joaquim Chaves de Figueiredo. Manuscrito.

Esta provisão estará em vigor enquanto outra não providenciar diversamente.

Valença, 1º de junho de 1981.

Dom Amaury Castanho

Bispo Diocesano²



Hospital das Clínicas N. Sra. da Conceição.

Fonte: Três Rios anuncia novos leitos de UTI para Hospital Nossa Senhora da Conceição | Sul do Rio e Costa Verde | G1.

É de extrema importância levar em consideração que padre Joaquim exerceu seu ministério em períodos extremamente conturbados da sociedade brasileira, principalmente se incluímos seus anos como seminarista. O primeiro governo autoritário de Vargas imprimiu profundas cicatrizes na vida política nacional, enquanto a violenta e sanguinária ditadura militar que se estabeleceu entre os anos de 1964 e 1985 buscava legitimar suas atitudes com o apoio da Igreja Católica, ao mesmo tempo que perseguia padres, professores, sociólogos e outras pessoas, dos mais diversos seguimentos, que tivessem pensamentos “comunistas”. Aliás, o fantasma da ameaça comunista foi criado pela ditadura militar e revestido das mais escabrosas fantasias,

2 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Joaquim Chaves de Figueiredo. Provisão do Bispo.

para que o povo acreditasse em seus supostos malefícios e, nesta situação, padres com perfis semelhantes aos de Barreira, Sebastião e Joaquim Chaves precisavam pesar muito bem suas palavras para não caírem nas garras dos agentes de vigilância do Governo.

Pregar o genuíno Evangelho de Cristo tornava-se, assim, uma atividade de risco, pois os ensinamentos do novo testamento andam de braços dados com o que se chama de “comunismo primitivo”; sobretudo as orientações dos apóstolos Paulo e Tiago são indissociáveis deste conceito.

A associação entre o conceito de *comunismo primitivo* e os ensinamentos dos apóstolos Paulo e Tiago surge da análise da estrutura social e econômica das primeiras comunidades cristãs descritas no Novo Testamento. O comunismo primitivo, definido como um sistema social sem propriedade privada, onde os bens são coletivamente partilhados para o benefício de todos, pode ser visto refletido nas práticas das primeiras comunidades cristãs. Essas práticas não eram sistematizadas como uma ideologia política, mas suas características mostram semelhanças com o ideal de igualdade e de partilha de bens.

No comunismo primitivo, a ausência de uma economia privada e a partilha dos recursos disponíveis representavam uma forma de sobrevivência coletiva, especialmente em tempos de escassez. De forma similar, os primeiros cristãos, sob a liderança de apóstolos como Paulo e Tiago, adotaram uma vida de comunhão e partilha que buscava garantir o bem-estar de todos os membros, especialmente os mais necessitados. Esse aspecto é descrito, por exemplo, no *Livro dos Atos dos Apóstolos* (Atos 2:44-45), onde os cristãos vendiam seus bens e os distribuíam conforme a necessidade de cada um.

Paulo, em suas cartas, especialmente aos Coríntios, incentivou o espírito de igualdade, pedindo para que os recursos fossem distribuídos de forma que ninguém passasse necessidade (2Coríntios 8:13-15). Para ele, a caridade e a ajuda mútua não apenas fortaleciam a unidade entre os cristãos, mas também eram uma expressão da vontade de Deus.

Tiago, em sua epístola, condena veementemente as desigualdades sociais e critica aqueles que acumulam riquezas enquanto os pobres sofrem (Tiago 5:1-6). Seu ensinamento reforça a ideia de que a comunidade cristã deveria apoiar os mais vulneráveis e viver de maneira a evitar a exploração e a avareza. Para Tiago, a fé verdadeira se expressava nas obras, especialmente na ajuda aos necessitados e na construção de uma comunidade justa.

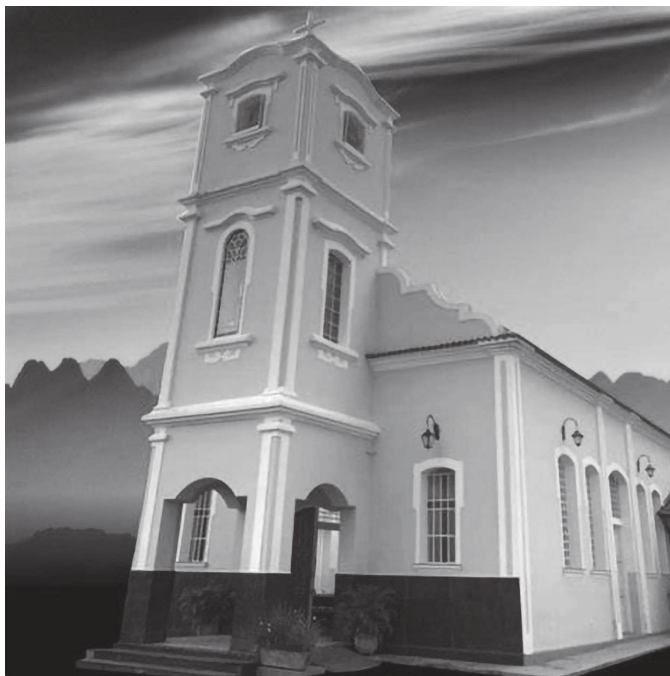
Assim, embora a comunidade cristã não praticasse um comunismo político, sua organização econômica e social, pautada pela partilha, solidariedade

e justiça social, reflete traços do comunismo primitivo. A prática cristã inicial buscava, antes de tudo, um ideal espiritual, mas se assemelha a esse modelo de organização por sua estrutura de mutualidade e cooperação. Essa análise mostra como o cristianismo primitivo e o comunismo primitivo compartilham uma visão comum de uma sociedade onde o valor está na coletividade e na dignidade de todos os indivíduos.

Mas, os governos brasileiros, historicamente, desde os primeiros cronistas do século XVI, sempre elaboraram uma retórica da acumulação particularista como significativo de distinção social e econômica, prestígio político, influência, autoridade e poder. Assim, ao longo do tempo, sobretudo na República, que se aliou umbilicalmente ao modelo econômico emanado dos Estados Unidos, tornou a busca pela acumulação uma meta de vida e uma prática ética e moralmente louvável, enquanto o partilhar o pão com aqueles que não conseguem inserção, passa a ser condenado.

A solidariedade comunal, praticada e pregada por padre Joaquim Chaves, foi, durante todo o seu ministério, assunto perigoso, condenável aos ouvidos do governo militar e da sociedade que se deixou envenenar pelas orientações emanadas dos governantes.

Apesar dos perigos de seguir os passos de Cristo, de se orientar por São Paulo e São Tiago, Padre Joaquim logrou êxito. O carisma que despertou em seus paroquianos o fez permanecer por longos anos à frente da Paróquia de Comendador Levy Gasparian. De maneira simples e modesta, sem alardes e grandes festejos, como era de sua personalidade, celebra, em 4 de novembro de 1984, seu Jubileu de Ouro. Cinco décadas de sacerdócio em meio a uma sociedade que vinha sendo ensinada, formalmente, que a individualidade e o sucesso pessoal a qualquer custo era que deveria ditar suas vidas. Padre Joaquim estava na contramão daquilo que o Estado apontava.



**Igreja da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida
em Comendador Levy Gasparian.**

Fonte: Facebook.

Por fim, sua morte causou um imediato vácuo na dinâmica sociorreligiosa no pequeno município de Comendador Levy Gasparian. A sua personalidade carismática, aliada a uma pregação do evangelho em uma linguagem objetiva em sua simplicidade, o fez ser amado e admirados por muitos que se viam, agora, órfãos de suas mensagens dominicais.

Em sua homenagem, o governo do município decidiu dar seu nome ao maior colégio da cidade, o CIEP Municipalizado Pe. Joaquim Chaves de Figueiredo, instituição que atualmente conta com quase 300 alunos e 44 professores³. O batismo desta escola com o nome do padre Joaquim foi uma maneira de perpetuar sua memória a manter na memória a dedicação que se estendeu por décadas no cuidado sacerdotal e material dos mais desamparados em sua paróquia e no município como um todo. Além de ser

³ Disponível em: CIEP MUNICIPALIZADO PADRE JOAQUIM CHAVES DE FIGUEIREDO | QEdu. Acesso em: 09 nov. 2024.

um reconhecimento dos poderes públicos aos valores de seu sacerdócio e uma maneira de despertar, naqueles que não o conheceram, o interesse por conhecê-lo um pouco mais e melhor.

Referências

BOFF, Leonardo. **Igreja**: carisma e poder. Petrópolis: Vozes, 1981.

CANDIDO, Antônio. **A Igreja Católica no Brasil e o Estado Novo**: entre a colaboração e o controle. São Paulo: Loyola, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil**: Teologia da Libertação e organização eclesial. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MELLO, Evaldo Cabral de. **A Outra Independência**: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Editora 34, 2004.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**: 1889-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

NOGUEIRA, Arnaldo. **A Igreja Católica no Brasil**: uma visão histórica. São Paulo: Paulinas, 2001.

REIS, João José. **História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religião e política no Brasil**: a Igreja Católica no período Vargas. São Paulo: Loyola, 1990.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**: 1930-1973. Petrópolis: Vozes, 2012.

TOLEDO, Caio Navarro de. **A década de 80**: transição democrática e crise social no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VENTURA, Zuenir. **1930**: o silêncio dos vencidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Fontes Primárias

Arquivo Diocesano de Valença: Pasta Padre Joaquim Chaves de Figueiredo.

Sites

CIEP MUNICIPALIZADO PADRE JOAQUIM CHAVES DE FIGUEIREDO | QEdu. Acesso em: 09 nov. 2024.

Comendador Levy Gasparian | Caminhos do Rio. Acesso em: 09 nov. 2024.

Obras de Tarsila do Amaral – Artes – InfoEscola. Acesso em: 09 nov. 2024.

política do café com leite – Pesquisar Imagens. Acesso em: 09 nov. 2024.

Revolução Constitucionalista de 1932 – Cola da Web. Acesso em: 09 nov. 2024.

Tenentismo – Resumo, o que foi, movimentos e consequências. Acesso em: 09 nov. 2024.

Três Rios anuncia novos leitos de UTI para Hospital Nossa Senhora da Conceição | Sul do Rio e Costa Verde | G1. Acesso em: 09 nov. 2024.

XXV. PADRE RICARDO SCHAUF: 40 ANOS DE DEDICAÇÃO DE SERVIÇO AO REINO DE DEUS NA DIOCESE DE VALENÇA

Adelci Silva dos Santos
Vaniele Barreiros da Silva

A Diocese de Valença: seus bispos e seus padres

O ano de 2025 marca, finalmente, o centenário da Diocese da Valença. Por ela passaram diversos bispos de grande envergadura, sendo o primeiro Dom André Arcoverde, que inclusive dá nome a uma das principais instituições de ensino superior da região. Em 2014 assume, e permanece até o momento deste centenário, Dom Nelson Francelino Ferreira¹.

É claro que para cada bispo que marcou sua presença à frente da Diocese de Valença houve também uma grande quantidade de padres, distribuídos por suas inúmeras paróquias, fossem elas urbanas ou rurais. São eles os que de mais de perto convivem, cotidianamente, com a maior parte dos fiéis, conhecendo-lhes as amarguras, os anseios, as realidades e as necessidades. É deste conjunto de sacerdotes, operários da fé e do evangelho, que desponta a figura do alemão Ricardo Schauf, que estas poucas linhas pretendem apresentar. Seu trabalho na Paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus, no distrito de Parapeúna é, sem dúvida, digno de notas.

O texto que hora se segue, não tem por objetivo tornar-se a biografia de padre Ricardo, e muito menos esgotar os feitos de seu sacerdócio, porquanto isso demandaria uma pesquisa por demais extensa dada a envergadura de seu sacerdócio, e exigiria um tempo do qual não dispomos visto o aproximar das comemorações do centenário da Diocese, das quais este capítulo pretende fazer parte.

1 DIOCESE – Diocese de Valença (diocesedevalenca.org).

Parapeúna e a Paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus

Quando foi criada, em 1925, a Diocese de Valença, ela passou a abranger inúmeros municípios do Vale do Paraíba Fluminense e inúmeros distritos; a grande maioria deles de pequena população e predominantemente rural. Muitas delas mergulhadas num suposto marasmo econômico se comparado com os anos áureos da economia cafeeira. Na verdade, as várias empresas que se instalaram por todo o Vale do Café não conseguiram apagar a dinâmica saudosista do período cafeeiro. Embora as cidades de Valença e Três Rios, por exemplo, tenham tido destacado desenvolvimento industrial, o distrito de Parapeúna permaneceu bucólico², amarrado às atividades agropastoris³ e com um pequeno comércio a varejo, onde o tempo parece ter congelado, preservando casas e fazendas centenárias.



Estação Ferroviária de Parapeúna.

Fonte: Parapeúna -- Estações Ferroviárias do Estado do Rio de Janeiro (estacoesferroviarias.com.br).

A paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus foi criada em 1929⁴, fazendo surgir, enfim, um referencial espiritual para a população do distrito

2 Inteligência em vendas B2B – Econodata.

3 Prefeitura Municipal de Valença – RJ | Portal Institucional da Prefeitura Municipal de Valença – RJ (valenca.rj.gov.br).

4 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Shauf.

que, longe 30 km de sua sede em Valença, estava muito mais próxima de sua vizinha Rio Preto. Ora, bastava uma caminhada de vinte metros sobre a ponte que perpassa o rio de mesmo nome e os moradores do distrito estariam, não apenas em outra cidade, mas também em outro estado. O Rio Preto, subafluente do Rio Paraíba do Sul⁵ é, em alguns pontos, a fronteira natural entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Aliás, quando de sua criação, o distrito também se chamava Rio preto, mas, para diferenciar-se do município mineiro, foi rebatizado de Parapeúna, termo de origem indígena que significa “o que conduz ao negro mar”, talvez porque o Rio Preto leve suas águas ao Rio Paraíba, que pela quantidade de tanino que absorve das folhas que lhe caem, apresenta uma coloração mais escura, como um chá.

Era neste cenário rural, de cativante paisagem natural, localizado no interior do interior do Rio de Janeiro que tomava posse, em 1953, o sacerdote alemão Ricardo Shauf, para exercer por quatro décadas o seu ofício de pastor a guiar seu rebanho.



Igreja da Paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus, em Parapeúna.

Fonte: Distrito de Parapeúna | Portal Valença RJ (portalvalencarj.com.br).

5 Ele nasce na serra da Mantiqueira, no município de Bocaina de Minas, próximo ao pico das Agulhas Negras, e tem sua foz no rio Paraíba.

O cenário e o ambiente, a dinâmica de vida e a realidade econômica e política de onde vinha Padre Ricardo Schauf era, em tudo, o oposto à interiorana Parapeúna. Iria o sacerdote se adaptar a tamanha mudança?

A Alemanha era, nos anos de 1910, ano do nascimento de Ricardo Schauf, uma das grandes potências mundiais. Desde a Conferência de Berlim, ocorrida entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, a Alemanha vinha participando da colonização do território africano dentro daquilo que se convencionou chamar de neocolonialismo, submetendo uma vasta parcela da população de diversos países à sua prática exploratória capitalista. Não que essa fosse uma prática exclusiva dos germânicos; ao contrário, as maiores nações europeias, sobretudo aquelas que mais militavam as causas da liberdade e da igualdade, como o Reino Unido e a França, foram aqueles que mais dominaram e exploravam os territórios africanos, deixando um legado de miséria e desigualdade social.

Neste contexto de expansão imperialista, que renunciou a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), é que nasceu aquele que viria ser o sacerdote católico Ricardo Schauf, cuja impressão ficaria para sempre marcada na vida da Paróquia de Parapeúna.

Nascido em Westfalia, na Alemanha, em 1900, Schauf passou quase toda a sua adolescência vivendo os horrores da Primeira Guerra Mundial e sob a terrível expectativa de ter que ingressar nas fileiras do exército alemão. Em 1918, Ricardo Schauf completaria dezoito anos e deveria prestar o serviço militar, engrossando as fileiras do exército nas batalhas que se estendiam por quase toda a Europa.

Quis a providência divina que o conflito, o mais sangrento até então, se encerrasse justamente naquele ano, livrando Schauf de uma guerra que dizimou toda uma geração de jovens⁶. O conflito foi particularmente prejudicial para a Alemanha⁷, não apenas durante a guerra, mas nos anos e décadas que se seguiram ao embate.

Ter vivido numa Alemanha envolvida no primeiro grande conflito mundial representava, sobretudo nos anos que se seguiram ao fim da guerra, um grande esforço de sobrevivência para a população civil. Os custos com a

6 O conflito matou 9 milhões de combatentes, 7 milhões de civis e 20 milhões de feridos e mutilados. Disponível em: Números e estatísticas da Primeira Guerra Mundial (humanidades.com).

7 A Alemanha teve um total de 2 milhões de mortos e 4,2 milhões de feridos. Em ambos os números, isso significa mais de 20% do total de mortes causadas pela guerra. Disponível em: A Primeira Guerra Mundial em números – ISTOÉ Independente (istoe.com.br).

manutenção da campanha militar se elevaram a quase 20 milhões de dólares⁸ e as punições que se impuseram ao país, por ter sido considerado o culpado pela guerra, jogaram a população em uma situação de extrema penúria, sobretudo para as populações de situação econômica isenta de privilégios e que, em muitas delas, os braços aptos para o trabalho foram ceifados pela guerra nos campos de batalha.

Sua cidade de nascimento, a Westfalia, é uma cidade de profundo e marcante passado histórico; com castelos medievais e catedrais góticas que demonstram sua importância como agente da história mundial, com uma economia próspera e um vigoroso e rebuscado desenvolvimento urbano. Mas, com a guerra, tudo mudou drasticamente. Durante a Primeira Guerra Mundial a cidade foi profundamente afetada pelas condições econômicas, políticas e sociais decorrentes do conflito. Westfália, como parte do Império Alemão, vivenciou a militarização da economia, o racionamento de alimentos e a mobilização de homens para o *front*, o que gerou tensões na população civil.



Cidade de Westfália.

**Disponível em: cidade de westfalia alemanha – Pesquisar
Imagens (bing.com). Acesso em 22 out. 2024.**

⁸ Em valores de 2013. Disponível em: Números e estatísticas da Primeira Guerra Mundial (humanidades.com).

A cidade natal de Padre Ricardo Schauf era uma região industrialmente desenvolvida, com grande parte de sua economia baseada na mineração de carvão e na siderurgia. Com a guerra, essas indústrias foram convertidas para atender às demandas militares, como a produção de armamentos e suprimentos para o exército. Embora o aumento da produção bélica tenha beneficiado economicamente alguns setores, a guerra trouxe também sérias dificuldades, como o racionamento de recursos básicos, escassez de alimentos e materiais, além da sobrecarga da força de trabalho, com a ausência dos homens que foram para o combate.

A guerra provocou uma série de crises na vida cotidiana da população de Westfália. O racionamento e a inflação dificultaram a vida das famílias e o aumento da mortalidade no *front* trouxe um clima de luto e desespero. Protestos e greves tornaram-se frequentes, especialmente em 1917 e 1918, como resultado da insatisfação com as condições de vida e trabalho. Além disso, com a escassez de alimentos e o bloqueio naval imposto pelos Aliados, muitas famílias sofriam com a fome e a desnutrição.

Ao final da guerra, a região de Westfália, assim como o restante da Alemanha, enfrentou o colapso do Império Alemão e o surgimento da República de Weimar. A instabilidade política e econômica do pós-guerra, junto com as condições impostas pelo Tratado de Versalhes (1919), aprofundou a crise, levando a um período de grande incerteza.

E, pior que isso, nuvens sombrias se avolumavam no horizonte, prenunciando um novo e ainda maior e mais sangrento conflito mundial, provocado pela marcha imperialista da Alemanha que, sob a ascensão do nazismo e das políticas de Espaço Vital, Pangermanismo, Arianismo e Antissemitismo, colocava o mundo ocidental sob um manto de medo e desconfiança. Padre Ricardo Schauf, não esperaria por isso.

Schauf havia aproveitado o período entreguerras para cursar teologia e preparar-se para o sacerdócio. O jovem que havia nascido no distrito de Dostmand-Derme recebeu sua crisma na imponente catedral medieval de Colônia. Havia cursado, por nove anos, o Seminário Menor de Missionshaus St. Xaver Bad Driburg. Logo depois, em 1934, havia concluído o curso de filosofia no Seminário Maior Santo Agostinho, em Siegburg, onde também completou sua formação no curso de teologia, tendo-o concluído em 1938, ano em que deixa seu país, meses antes que a grande guerra do século XX pudesse se deflagrar.

Por esta época Ricardo Schauf já havia sido ordenado padre em setembro de 1937; pelo visto, faltavam apenas algumas formalidades em seu curso

de teologia que não impediriam sua ordenação. A cerimônia havia ocorrido em Siegburg, no estado da Renânia, pelo bispo auxiliar da diocese de Colônia, Dom Guilherme. Pelo que parece, a região da Renânia era generosa em nos oferecer sacerdotes de alto quilate⁹.

Tendo embarcado para o Brasil em 1938, a travessia do oceano durou apenas 19 dias e o trouxe ao Rio de Janeiro, onde desembarcou em 21 de setembro do mesmo ano. Mas, embora padre Schauf tenha dedicado 40 anos de sua vida sacerdotal à paróquia de Parapeúna, seu caminho não foi uma linha reta do porto ao interior de Valença; ao contrário, durante sua permanência no Brasil, o sacerdote alemão foi deixando sua marca de pastor em diversos locais de vários estados brasileiros.

De acordo com o jornal Rio Preto Notícias, em sua trajetória de Padre Ricardo havia trabalhado na prelazia de Foz de Iguaçu e no município de Pitanga, ambos no estado do Paraná; de lá mudou-se para o Sudeste e passou a atuar junto à Academia de Comércio e na Santa Casa de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais; passando ao estado do Espírito Santo atuou ainda nas paróquias de Santa Leopoldina e Santa Isabel; saindo do Espírito Santo, finalmente, voltou à cidade do Rio de Janeiro, onde havia desembarcado anos antes, para agora trabalhar na paróquia de Santo Cristo; dali subiu a Serra do Mar, deixando para trás a ebulição da metrópole, e chegou à Diocese de Valença, onde atuou junto as paróquias de Conservatória, Santa Isabel¹⁰ e, por fim, Parapeúna, onde encerrou seu sacerdócio de corpo presente, já que seus ensinamentos tornaram-se atemporais.

No arquivo diocesano de Valença, o documento mais antigo que temos sobre Padre Ricardo é uma carta, datilografada, datada de 6 de julho de 1952, direcionada a Dom Rodolfo, bispo de Valença. Nela o padre dava satisfações de um processo que se encontrava em andamento no vaticano enquanto ele aguardava na Alemanha, para onde havia viajado e, enquanto aguardava a tramitação burocrática, prestava serviços em um hospital de caridade, substituindo um padre idoso que precisava de descanso. Mesmo estando em sua terra natal, os 14 anos passados no Brasil já havia imprimido uma marca tão positiva em seus sentimentos que ele chega a declarar que:

9 Frei José Kropf, sobre o qual já escrevemos, era também natural da região da Renânia.

10 Jornal Rio Preto Notícias, Rio Preto-MG, a. VI, n. 70, jul. 1993. p. 1.

Um interesse de ficar por mais tempo na Alemanha do que o que for absolutamente necessário, não tenho. Si [sic] eu recebesse hoje uma resposta de Roma e tivesse o bilhete de minha passagem de retorno na mão, [...] não ficaria mais um dia na Alemanha. As saudades do Basil começam a me martelar.¹¹

Ricardo Schauf havia se habituado à vida pacata do interior do Brasil, enquanto a Europa, entre 1939 e 1945, explodia em guerra. Nos anos 1950, durando o segundo governo de Getúlio Vargas, a retomada do crescimento econômico e industrial proporcionava um ambiente de esperança e prosperidade, enquanto quase toda a Europa estava mergulhada ainda nas consequências da guerra, sobretudo a Alemanha, que passava por grandes dificuldades políticas e econômicas. Seu território havia sido dividido pelos vencedores, sua economia estava arrasada, boa parte da juventude havia morrido ou fora mutilada pelos combates e cidades destruídas pelos bombardeios tinham dificuldades em serem reconstruídas. Portanto, estar de volta a Alemanha talvez não fosse uma boa experiência para Ricardo Schauf, sobretudo depois de ter experimentado a vida bucólica do interior do Rio de Janeiro.

Já de volta ao Brasil, o sacerdote prestava, em dezembro daquele mesmo ano, os juramentos necessários para sua inclusão no corpo de sacerdotes da Diocese de Valença, sendo então incardinado em 14 de dezembro. A partir de então, Ricardo Schauf tornava-se oficialmente mais um dentre os vários sacerdotes de destaque que contribuíram para o fortalecimento do evangelho no interior do Vale do Café, sob a direção criteriosa da Diocese de Valença.

Certamente uma das maiores dificuldades para os sacerdotes estrangeiros que vieram ao Brasil exercer seu ministério é a distância de seus familiares. Apesar de ter mergulhado em suas atividades de pastor, acolhendo seus paroquianos em suas necessidades, era ele mesmo um homem profundamente preocupado com aqueles que havia deixado em sua terra natal. É por este motivo que em 1961 vemos Padre Ricardo solicitando ao Monsenhor Natanael uma licença para visitar seu irmão na Alemanha, cujo agravamento de sua doença, chamava, insistentemente pela presença. “Hontem [sic] recebi a visita de um colega que voltou da Alemanha e que foi visitar o meu irmão enfermo e que encarecidamente, está pedindo a minha visita. Da minha parte farei todo o possível para cumprir o desejo dele”¹².

11 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Schauf. Correspondência, 1952.

12 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf. Correspondência, 1961.

Dentre as atividades às quais padre Schauf mais se dedicava, entre aquelas de seu serviço pastoral, estava a catequese. Ele era o diretor da catequese juntamente com Maria Edith Maia Duarte, Cristina Rimnho Maia e Maria Madalena Fagundes. As escolas existentes dentro da área compreendida pela paróquia de Santa Tereza do Menino Jesus, em Parapeúna, em 1969, contavam com quase 600 alunos em idade de catequese, todos católicos. Havia cinco centros de catequese para atender a estes alunos, sendo um na matriz e quatro distribuídos pelas capelas. Estes centros atendiam, em média, 480 alunos semanais, sendo entre 200 e 280 na matriz e 236 nas capelas.¹³

Para atender a este número de crianças, que aumentava a cada ano, Padre Ricardo montou uma equipe de 20 catequistas, sendo 18 destes do sexo feminino; além disso, havia uma preocupação em saber se as escolas locais tinham o ensino religioso como disciplina regular em seu quadro de horários de aulas, bem como se estavam sujeitas a exames e testes regulares e, ainda mais, se as professoras das escolas públicas auxiliavam no catecismo. Havia, portanto, uma estrutura montada que orbitava a ação catequética e que envolvia principalmente os membros do laicato, mas não apenas eles, pois estendia-se também à Congregação Filhas de Maria, que auxiliava nesta tarefa, às servidoras públicas da educação e ao próprio sacerdote diretamente.

Tendo por convicção a ideia de que são as crianças aquelas que herdarão o reino de Deus e que se bem orientadas podem se tornar fiéis fervorosos e grandes obreiros na seara, Padre Ricardo Schauf tinha a catequese por pilar inabalável da evangelização e, se aliada à educação formal, formaria cristãos conscientes de seu papel na sociedade, com uma autonomia de pensamento que os afastaria do fanatismo sem desacreditar da mais pura fé em Cristo, pregada pela Igreja Católica.

Com o passar do tempo, à medida em que envelhecia, o vigário de Parapeúna ia firmando sua posição como sacerdote dedicado, por vezes austero e excessivamente zeloso, que por inúmeras vezes teve sua atuação criticada por aqueles que não compreendiam o quanto aquele pároco abraçava a seriedade do sacerdócio como se fosse uma extensão de sua própria vida. Na verdade o Padre Ricardo sempre foi dedicado e cuidadoso com seu rebanho.

Em fins do ano de 1982, então com 72 anos, e já, então, com mais de 40 anos de ministério, o sacerdote alemão apresenta os primeiros sinais de que sua saúde começava a requerer atenção especial. Na última semana de

13 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf. Relatório de Catequese de 1969.

setembro ou na primeira semana de outubro, a diocese de Valença organizou o retiro espiritual do clero, do qual Padre Ricardo pede dispensa por não estar sentindo-se bem já há alguns dias: “Levando em consideração o meu estado frágil de saúde, já faz uma semana que estou de cama, atacado por uma forte gripe, peço a V. Revma. me dispensar de tomar parte no nosso retiro de semana que vem.”

Ora, uma gripe poderia ser algo fácil de suportar por um homem jovem, na flor da idade e sem um cotidiano que lhe exigisse algum esforço, mas este padre já estava acima de seus 70 anos e todo problema de saúde acaba tendo seus efeitos bem mais agravados, causando maior sofrimento. Mas essa não era a única preocupação que ocupava os pensamentos de Ricardo Schauf; por esta época, o sacerdote já estava usando, de longa data, um marcapasso em seu coração e este já estava a apresentar problemas. Então, o vigário alemão faz saber a seu bispo Dom Amaury Castanho:

Dia 9 de fevereiro fui obrigado a consultar o meu médico Dr. Sahione, infelizmente ele constatou uma queda de frequência no meu marca passo. Ele não sabe ainda si [sic] é preciso reforçar só a bateria ou se é preciso colocar um novo marca passo. Estou em constante contato por telefone com ele e aqui em repouso obrigatório e observação. Por isso não me é possível tomar parte na reunião do dia 28 de fevereiro. O dia da operação depende da marcha da queda da frequência que pode ser de repente como também demorar. Mas neste ano é certeza.¹⁴

Mesmo com seus problemas de saúde e uma cirurgia de tão elevado grau de delicadeza, Padre Ricardo não diminuía sua dedicação à sua paróquia e, para isso, contava com ajuda, em tempo integral, de uma dedicada senhora que morava próximo. Era dona Maria Edith Maia Duarte, que já havia manifestado seu desejo de doar à igreja um seu terreno contíguo à área da paróquia. Maria Edith já atuava como Agente da Pastoral fazia 37 anos¹⁵ e, além disso, passava todo o restante do dia auxiliando em todas as demais tarefas onde fosse necessária. Era uma das leigas que mais tempo passava junto à paróquia de Santa Terezinha, dedicando-se a ela integralmente.

Como forma de retribuição bem como para facilitar sua proximidade junto ao templo e, diante da necessidade de ampliar as dependências da

14 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf. Correspondência, 1983.

15 Idem.

estrutura paroquial, padre Schauf decidiu construir alguns cômodos que pudessem abrigar com decência e conforto dona Maria Edith. Não se tratava de um presente a esta senhora, mas de uma concessão de usufruto vitalício, uma vez que, após sua morte, conforme sua vontade, o dito terreno onde tais acomodações seriam construídas seria doado, com todas as suas benfeitorias, à paróquia de Parapeúna. Valendo-se de seus contatos na Alemanha, em 1983 o vigário requisitou, e conseguiu, para essa finalidade, uma ajuda financeira no valor de DM 3.000 (Três mil Marcos Alemães). Parece que os padres alemães radicados na Diocese de Valença tinham certa facilidade em angariar fundos em sua terra natal para as obras de suas paróquias¹⁶.

Auxílios aprovados

Reverendo Padre.

Com referência ao seu projeto mencionado acima, temos o prazer de informar que nosso comitê de tomada de decisão responsável tomou uma decisão positiva após um exame minucioso do projeto. Eles receberam a quantia declarada de 3.000 DM. -Concedido.

Se Deus continuar a abençoar tão abundantemente o nosso trabalho e os nossos benfeitores, de cuja generosidade dependemos, continuaremos a dar-nos a sua fidelidade no futuro, esperamos poder dar-lhes esta quantia em janeiro do ano comandante em sua conta nº 371 – 580 no Banco Alemão-Sul-Americano em Hamburgo.

Esperando tê-lo ajudado dessa maneira em sua tarefa, que você está cumprindo no serviço de Deus, recomendamos nossos benfeitores às suas orações e permanecemos com os melhores cumprimentos.

Antônia Willemsen

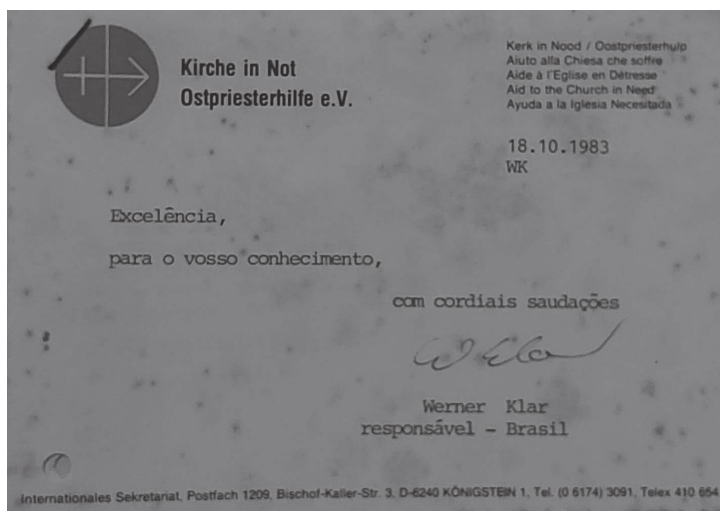
Secretário Geral

A instituição que estava auxiliando as obras da paróquia de Santa Tereza do Menino Jesus, em Parapeúna, era a *Kirche in Not Ostpriesterhilfe e. V* (Ajuda à Igreja que Sofre – ACN). Trata-se de uma fundação católica internacional criada em meados do século XX, em 1947 mais precisamente, com o objetivo de ajudar cristãos em situações de perseguição, guerra e necessidades extremas. O nome original em alemão, “*Kirche in Not*” reflete a missão de apoio à Igreja em tempos difíceis. A organização foi fundada pelo padre holandês Werenfried van Straaten, um membro da Ordem Premonstratense.

16 O padre Josep Kropf também tinha levantado uma significativa quantia na Alemanha para a construção da Igreja Matriz em Miguel Pereira.

Na época, seu objetivo principal era ajudar padres e fiéis alemães que haviam perdido tudo durante e após a Segunda Guerra Mundial, especialmente aqueles da Europa Oriental, que sofriam sob o regime comunista.

Como sacerdote alemão, que havia saído de seu país no contexto da ascensão do regime nazista e fortalecimento do autoritarismo de Hitler, o pároco de Parapeúna encaixava-se nos requisitos necessários para obter auxílio daquela instituição. E não foi apenas para as obras de edificação das novas dependências da paróquia de Santa Tereza do Menino Jesus que Ricardo Schauf havia conseguido auxílio.



Cartão de Cordialidade enviado junto à correspondência de confirmação de recursos doados.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf. Correspondências, 1983.

Quando do agravamento de suas condições de saúde e necessidade de internação e tratamento, a Associação *Adveniat*¹⁷, que construiu uma certa tradição em auxiliar os religiosos da Diocese de Valença, comprometeu-se a custear suas despesas médicas, como explica o Bispo da Diocese de Valença:

¹⁷ Refere-se à Ação Episcopal Adveniat, (Aktion Adveniat) uma organização católica da Alemanha de ajuda aos católicos da América Latina e Caribe e que, na década de 1980 e seguintes, ajudou financeiramente a construção da Igreja Matriz de Miguel Pereira, por meio do padre Josep Kropf.

Declaro que o Revmo. Sr. Pe. Ricardo Schauf pertence ao clero de Valença, Diocese, como pároco de Parapeúna. Declaro, também, que ele tem da Akition Adveniat, do episcopado alemão, e de seu diretor Dom Emil Stchle, a promessa de cobertura das despesas de seu internamento e operação, nesta emergência.¹⁸

A cirurgia havia sido um sucesso e a recuperação do pároco, apesar de delicada, também correu bem a contento; mas a realidade é que a saúde do sacerdote nunca mais foi a mesma; afinal, não era apenas a fragilidade de seu coração que o afligia, mas também a idade que já pesava sobre ele. Ricardo Schauf já contava 75 anos de idade e estava perto de cumprir meio século de sacerdócio.

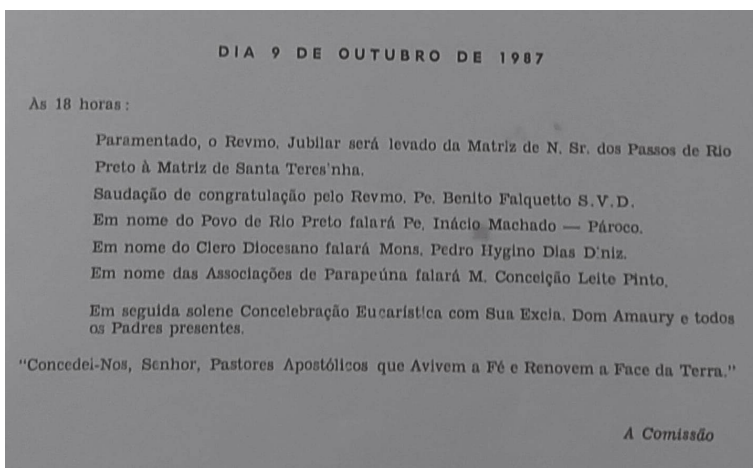
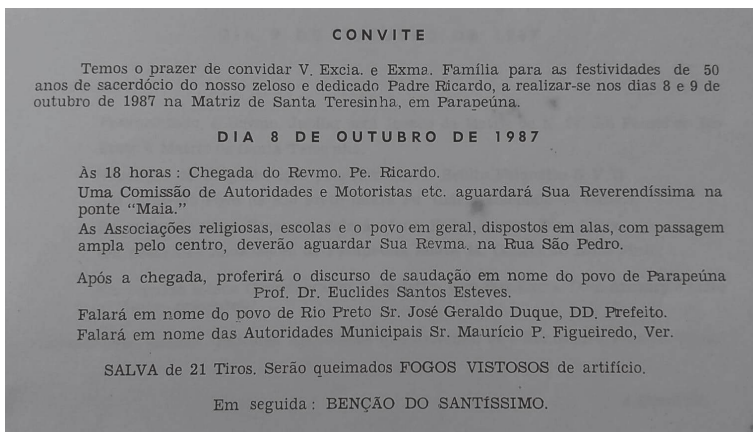
Passados dois anos desde a sua cirurgia cardíaca, recuperado dentro dos limites que sua idade permitia, vemos a comunidade de Parapeúna e convidados de Valença se reunirem em comemoração ao Jubileu de Ouro do sacerdócio de Padre Ricardo Schauf. Prefeito, vereadores, professores estavam marcando presença por meio de homenagens e discursos, comissões formadas por motoristas e o povo em geral o aguardavam pelas ruas do distrito onde sua chegada foi celebrada com salva de 21 tiros e fogos de artifícios. Ao todo, as cerimônias de festividades duraram dois dias, 8 e 9 de outubro.

Uma das características mais marcantes da personalidade daquele sacerdote alemão, era maneira direta e franca de expressar sua opinião, o que lhe fez ser considerado por muitos como um homem grosseiro. Os brasileiros pareciam não estar acostumados com a objetividade alemã, mas nem por isso Ricardo Schauf deixou de conquistar o carisma e admiração de seus paroquianos e dos inúmeros visitantes. Essa sua objetividade pode ser constatada quando do preenchimento de sua ficha de dados pessoais como sacerdote do clero secular, ocasião em que lhe foi perguntado qual sua opinião sobre a falta de vocação para o sacerdócio entre os fiéis, ao que ele respondeu apontando três fatores específicos. O primeiro deles era o espírito materialista de nossa época; sua fala estava muito bem alinhada com os pensamentos do filósofo francês do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau¹⁹, que afirma que a busca pelas nossas necessidades artificiais nos afasta de nossas necessidades reais. Em outras palavras, Rousseau está afirmando que o desejo consumista que persiste na sociedade a cega para valores realmente essenciais e, assim, o

18 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf.

19 ROUSSEAU, Jean-jacques. Emílio, ou Da Educação. São Paulo: Unesp. 2022.

afasta da felicidade. Este é também o ponto do sacerdote alemão ao criticar o espírito materialista da sociedade.



Interior do convite do Jubileu de Ouro de Sacerdócio de Padre Ricardo Schauf.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Schauf.

O segundo ponto apontado pelo vigário era a “influência nefasta da vida moderna”. Ora, desde a 1910 em diante e em ritmo cada vez mais dinâmico, a vivência humana foi sendo preenchida, em volume cada vez maior, por novas tecnologias em todas as esferas do conhecimento. Desde as novidades bélicas da Primeira Guerra Mundial, até a tecnologia digital e inteligência artificial de nossos dias, a oferta de recursos e atrações tecnológicas está

cada vez mais acessível. No entanto, nem toda essa oferta é bem-intencionada e bem direcionada, de forma que seus muito atrativos podem apelar muito mais aos vícios do que às virtudes, embotando os interesses por valores morais ancestrais, entre eles o sacerdócio. Não era uma crítica ao avanço da tecnologia, mas sim ao mau uso que dela se podia fazer.

Por fim, o terceiro ponto arrolado pelo padre era “a falta de piedade e espírito de oração”. Aqui Padre Schauf apontava para o comportamento dos próprios fiéis que, talvez, preocupados com sua própria espiritualidade e sem vislumbrar o futuro, esquecem de incluir em suas orações, as súplicas por novos chamamentos. Combinados, estes três fatores eram, na sua opinião, uma mistura prejudicial ao surgimento de novos vocacionados ao sacerdócio.

A Despedida de Padre Ricardo Schauf

Em julho de 1993, Padre Ricardo encontrava-se internado na clínica São Vicente, na cidade do Rio de Janeiro, e foi lá que veio a falecer a poucos meses de completar 83 anos de idade, dos quais dedicou 40 à paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus, em Parapeúna. O sacerdote havia desenvolvido tanto afeto por sua paróquia que desejou ser sepultado dentro do terreno, ao lado da matriz onde atuou por tanto tempo. Aos olhos do Bispo Dom Elias Manning, não havia por que negar este pedido:

Em vista de seus muitos anos de trabalho e dedicação como pároco na Paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus no Distrito de Parapeúna, Município de Valença, RJ, e, diante do seu pedido feito em vida pessoalmente a mim, como bispo da Diocese de Valença, a ser enterado ao lado da Matriz onde ele serviu a Deus e aos seus paroquianos. AUTORIZO que o corpo do Remo. Padre RICARDO SCHAUF seja enterado dentro do terreno da Paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus em Parapeúna, ao lado da Matriz conforme ele tinha pedido. Valença, 26 de julho de 1993.²⁰

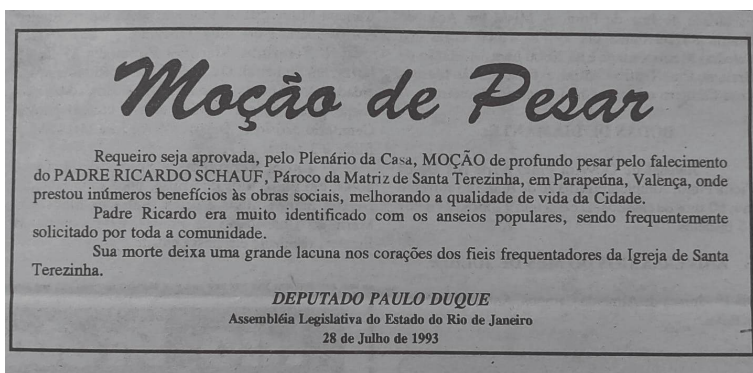
20 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf. Autorização. 1993.



Jornal Rio Preto Notícias, Rio Preto-MG., a. VI, n. 70, p. 1, jul. 1993.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf.

Os jornais estamparam a notícia que ninguém queria receber; imprimiram sua foto e as impressões que a sociedade tinha a respeito daquele padre de personalidade marcante. Políticos enviaram suas notas de pesar e amigos também publicaram suas considerações.



Jornal Rio Preto Notícias, Rio Preto-MG, a. VI, n. 70, p. 1, jul. 1993.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf.

Infelizmente, o arquivo da diocese de Valença não nos traz maiores informações sobre seu funeral e sepultamento; mas, se tomarmos por referência os festejos de seu Jubileu de Ouro, podemos supor que tenha sido um momento de grande comoção e de mobilização da população de Parapeúna, sobretudo porque o derradeiro berço que o recebeu foi o próprio quintal de sua diocese, à sombra da Igreja Matriz, sem se afastar do altar de adoração e do púlpito, de onde proferiu centenas de sermões para o conforto e orientação espiritual de seus paroquianos.



Capa e interior do Santinho do Funeral de Padre Ricardo Schauf.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença: Pasta Padre Ricardo Schauf.

Ao longo de seu longo tempo de sacerdócio, Ricardo Schauf deixou um legado bastante vasto e notável; no campo material podemos citar a reforma da Matriz e da Casa Paroquial de Parapeúna, a reforma da Capela de Alberto Furtado e a construção das Capelas de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora da Glória. Quanto às organizações, foi o fundador das associações Pia União, Apostolado, Cruzada, Liga Católica e organizou o catecismo.

Mas, independe da herança administrativa deixada por Schauf, o mais importante de seu legado foi a edificação espiritual junto à comunidade de Parapeúna, que o via como luzeiro a indicar o caminho a seguir na fé e na

vivência prática do evangelho. O pároco Ricardo Schauf foi a vara e o cajado que conduziu nos caminhos do Pai o rebanho de sua paróquia.

Referências

- BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Século XX**. São Paulo: Fundamento, 2009.
- FRAGOSO, João. **Café, ferrovia e urbanização no Vale do Paraíba**: um estudo sobre a economia fluminense do século XIX. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MOMMSEN, Hans. **As Consequências da Primeira Guerra Mundial na Alemanha**. Berlim: Reclam, 2001.
- OOZE, Adam. **O Saldo da Destruição**: A Formação do Império Nazista e a Grande Guerra. São Paulo: Record, 2013.
- ROUSSEAU, Jean-jacques. **Emílio, ou Da Educação**. São Paulo: Unesp, 2022.
- SILVA, Luiz Antônio da. **História de Valença**: suas origens e desenvolvimento. Valença: Valença, 1998.
- WEITZ, Eric D. **A República de Weimar**: Promessa e Ruína. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Fonte Primária

Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Padre Ricardo Schauf.

Sites

- A Primeira Guerra Mundial em números – ISTOÉ Independente (istoe.com.br).
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.
- DIOCESE – Diocese de Valença (diocesedevalenca.org).
- Distrito de Parapeúna | Portal Valença RJ (portalvalencarj.com.br).
- Inteligência em vendas B2B – Econodata.
- Números e estatísticas da Primeira Guerra Mundial (humanidades.com)

Parapeúna -- Estações Ferroviárias do Estado do Rio de Janeiro (estacoesferroviarias.com.br).

Prefeitura Municipal de Valença – RJ | Portal Institucional da Prefeitura Municipal de Valença – RJ (valenca.rj.gov.br).

Rio Preto sofre com poluição nas localidades de Maringá e Maromba – JORNAL BEIRA RIO.

XXVI. FREI JOSÉ KROPF: UM ARQUITETO DA DEVOÇÃO – UM HOMEM DE VISÃO

Adelci Silva dos Santos
Vaniele Barreiros da Silva

A Europa que Josef Kropf conheceu

No ano de 1938, chegava ao Brasil, um jovem alemão, da região da Renânia, que mal havia completado dezoito anos. Estava recém-saído do Seminário de Ganstock, na Bélgica, onde havia se matriculado em abril de 1935 e no mesmo ano em que pisou novas terras dirigiu-se ao Seminário de Rio Negro, no Paraná, dando continuidade à sua formação teológica e sua caminhada em direção ao sacerdócio.

Mas desperta a curiosidade saber os motivos que levaram o jovem Josef, homônimo de seu pai, mas aqui aportuguesado para José, a abandonar a Alemanha e vir seguir sua vida neste país, até então, praticamente desconhecido ou, no mínimo, considerado exótico pelos europeus. Podemos julgar que o espírito missionário, verdadeiro fenômeno de motivação, possa ter sido a cauda desta arriscada viagem. Atravessar o Atlântico e se aventurar em uma terra tropical e totalmente desconhecida, de população predominantemente rural, mestiça e analfabeta; de uma economia atrasada e praticamente sem indústria só poderia ser consequência de uma irremovível determinação pessoal.

Mas, se excluirmos o fator religioso como motivador ou se o substituírmos pelas ebulições políticas e econômicas que ressoavam por todo o continente europeu, veremos que os fatores externos não podem ser excluídos ou mesmo ficar em segunda posição, quando consideramos os porquês da emigração de José Kropf para o Brasil.

Para que fique mais claro, e possamos considerar tanto uma quanto outra razão de sua vinda para nosso país, é necessário traçar um breve histórico da atmosfera política e econômica em que vivia a Alemanha desde o nascimento de Kropf até sua partida de Colônia.

Quando de seu nascimento, em 1920, a Europa se ressentia, dolorosamente, das consequências da Primeira Guerra Mundial, que durou de 1914 até 1918. O conflito, que envolvia sobretudo dois grupos de países adversários, conhecidos como Tríplice Entente e Tríplice Aliança¹, deixou um número aproximado de nove milhões de soldados mortos, além de sete milhões de civis e outros vinte milhões de aleijados. A economia estava destrozada e muitas cidades destruídas. É neste caldeirão de desgraças que nasce Josef Kropf.

Nos anos que se seguiram, a situação pouco mudou, a ausência de conflitos armados não significou o retorno da prosperidade, sobretudo para a Alemanha, que foi considerada a única culpada pela guerra e sobre a qual pesou o ônus de volumosas indenizações aos países vencedores, além de uma série de outras punições.

Neste contexto pós-guerra dos anos 1920, a cidade de Colônia, na Alemanha, viveu um período marcado por grandes transformações políticas, econômicas e sociais, que refletiam as crises e mudanças que ocorriam em toda a Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. A situação da cidade foi influenciada diretamente pelos eventos que culminaram na queda do Império Alemão e a transição para a República de Weimar (1919–1933).

Esta República de Weimar foi estabelecida em 1919 e inaugurava um novo governo democrático. No entanto, o país mergulhou em instabilidade política. Houve revoltas e tentativas de golpe de estado por grupos de extrema direita e esquerda. Colônia, sendo uma importante cidade da região da Renânia, esteve sujeita a esses distúrbios políticos e sociais².

Após o Tratado de Versalhes (em 1919), que encerrou oficialmente a guerra, uma das cláusulas impunha à Alemanha o pagamento de pesadas indenizações e a desmilitarização da Renânia, onde Colônia estava localizada. Desde 1918 até 1926, Colônia esteve ocupada por tropas francesas e belgas, o que afetou significativamente o sentimento de soberania da população local³. A ocupação por tropas aliadas, que era parte das imposições do Tratado de Versalhes, buscava garantir que a Alemanha cumprisse as cláusulas do acordo de paz. O fim da Guerra, no entanto, estava longe de significar a paz, já que durante a ocupação francesa houve movimentos separatistas

1 A Tríplice Entente era formada por França, Império Russo e Reino Unido, enquanto a Tríplice Aliança era formada por Alemanha, Itália e Império Austro-húngaro.

2 WEITZ. Eric D. A República de Weimar: promessa e ruína. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

3 HOBBSAWM. Eric. A era dos extremos: o breve Século XX (1914-1991). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

na região da Renânia, apoiados por alguns grupos franceses que desejavam tornar a região independente da Alemanha. Contudo, esses movimentos fracassaram e a Renânia, incluindo Colônia, permaneceu parte da Alemanha.

Do ponto de vista da economia, o período ficou caracterizado por uma grave crise econômica e pela hiperinflação. A economia de Colônia foi severamente afetada pela crise econômica que atingiu toda a Alemanha na década de 1920. O pagamento das indenizações de guerra impostas pelo Tratado de Versalhes e as políticas econômicas erráticas do governo de Weimar levaram a uma hiperinflação devastadora⁴.

Entre 1921 e 1923, a inflação atingiu níveis extremos, com a moeda alemã (o marco) perdendo seu valor de forma tão rápida que os preços dos produtos mudavam várias vezes ao dia. Essa crise atingiu gravemente as famílias e os negócios em Colônia, levando muitos à pobreza e ao desespero.

Infelizmente, não temos maiores informações sobre o perfil social da família de padre Kropf; então, não sabemos de que forma e em que profundidade esta crise afetou sua família e sua infância. Mas o certo é que pequenos comerciantes, agricultores e a classe média urbana de Colônia foram duramente impactados. Famílias que antes tinham uma posição estável viram suas economias perderem completamente o valor.

Após ser crismado, aos onze anos de idade, e já demonstrando toda a vocação para o ministério sacerdotal, ainda em plena adolescência, vai para a Bélgica, aos quinze anos, cursar o Seminário de Garmstock, onde permanece em formação por três anos e de onde saiu para a nova realidade que o Brasil lhe apresentaria.

É interessante notar que, ao sair da Alemanha, em 1938, uma nova e funesta atmosfera já pairava no ar tal qual uma tempestade ameaçadora. A ascensão dos regimes totalitários, com destacada evidência para o nazismo, na Alemanha, e em menor dimensão o fascismo, na Itália, fez com que verdadeiras ondas de emigrantes deixassem suas terras em direção ao continente americano.

Este talvez fosse o grande e pontual motivo da saída de José Kropf para outras terras. A obrigatoriedade de pertencer à juventude Hitlerista, a quase certeza de ter que abraçar as armas na defesa do novo regime antisemita, que elegeu os judeus como alvo principal de sua perseguição, mas que também não poupou outras parcelas da população, como ciganos, negros,

4 WEITZ. Eric D. op cit.

homossexuais, doentes mentais e tantos outros, inclusive religiosos Testemunhas de Jeová.

Ora, tendo sido criado à luz de um Evangelho onde o próprio Cristo ensina com veemência a inclusão, a aceitação das diferenças e não faz acepção de pessoas, não via sentido nas premissas difundidas pelo nazismo, que rapidamente assumiu o controle total da Alemanha, fazendo-a mergulhar no maior conflito do século XX, a Segunda Guerra Mundial, que entre 1939 e 1945 ceifou a vida de 45 milhões de pessoas e deixou 35 milhões de feridos, além dos 6 milhões de judeus mortos em campos de concentração ou campos de extermínio.

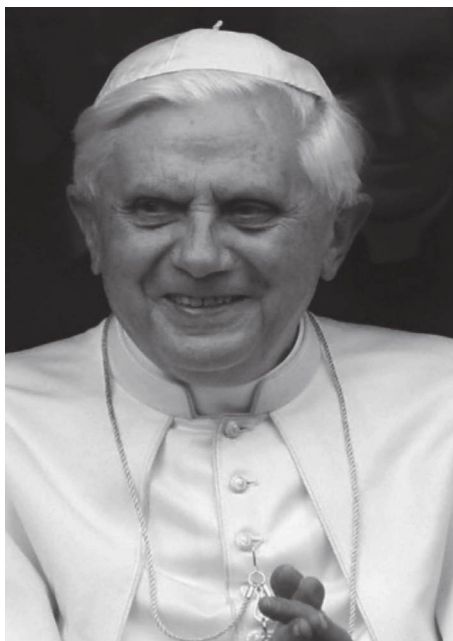


Adolescentes ingressados compulsoriamente na Juventude Hitlerista.

Fonte: juventude hitlerista alamy.com – Pesquisar Imagens (bing.com).

Para o sistema totalitário nazista, a formação religiosa de Josef Kropf não faria diferença alguma. Não poderia, como futuro sacerdote, abster-se

de integrar as fileiras da Juventude Hitlerista e, posteriormente, as tropas de assalto do exército alemão. Obstar-se a este destino era trair os desígnios do Führer e, portanto, correr o risco de ir a julgamento, da certa condenação por traição e a morte como punição. Fois esse, por exemplo, o risco que sofreu outro jovem, sete anos mais novo que Josef. O jovem Joseph Aloisius Ratzinger, que entraria para a história, sobretudo para a história da Igreja Católica, como Papa Bento XVI. Obrigatoriamente inscrito na Juventude Hitlerista, foi obrigado ao serviço militar operando baterias antiaéreas, de onde desertou aos 16 anos. Sua sorte foi ser capturado e, posteriormente, no fim da guerra, ser libertado pelos soldados aliados, pois se fosse pego pelas tropas alemãs sua traição seria punida com a morte.



Papa Bento XVI.

Fonte: Pin page (pinterest.com).

O Brasil que Joseph Kropf conheceu e seu caminho até a Diocese de Valença

Ao chegar ao Brasil, o jovem Kropf também desembarca durante um período bastante conturbado. Getúlio Vargas, no poder, comandava o país

de forma ditatorial e apresentava o desejo de unir-se à Alemanha. Kropf, inclusive, encontra no Brasil organizações bastante semelhantes às aquelas existentes na Alemanha nazista, como a Ação Integralista, por exemplo, criada em 1932 por Plínio Salgado, e que muito se assemelhava aos Camisas Pardas do Terceiro Reich. Embora a Ação Integralista tivesse uma fundamentação católica, José Kropf havia percebido que o catolicismo que motivava o movimento integralista caminhava na direção oposta ao cristianismo que pautava sua vida.



Membros da Ação Integralista, apelidados pejorativamente de Galinhas Verdes, por conta da cor de suas fardas. Repare-se a semelhança com o movimento nazista.

Fonte: Cerimonial histórico do Movimento Integralista é realizado após 63 anos em Fortaleza – Integralismo | Frente Integralista Brasileira.

Tendo chegado ao Brasil, dedicou-se imediatamente à continuidade de sua formação que parece ter sido bastante intensa. No mesmo ano de chegada dirigiu-se ao Seminário Menor do Rio Negro, no Paraná, onde permaneceu por dezoito meses e, de 1941 a 1943, aprofundou seus estudos em filosofia na capital, Curitiba. É no ano final deste período que faz sua Profissão Solene na Ordem Franciscana. No ano seguinte, 1944, ingressa no Seminário de Teologia em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, onde conclui o curso em 1947.

Foi ali, naquele seminário de Petrópolis, que em dezembro de 1944 é ordenado Diácono por Dom Jaime de Barros Câmara e, um ano depois, em novembro de 1945, é ordenado Presbítero por Dom José Pereira Alves. Tendo o jovem religioso concluído seus estudos de teologia em 1947, seguiu para Santa Catarina e começou a trabalhar nas obras de evangelização na paróquia de Forquilha, onde ficou atuando até o ano de 1951⁵.

Desde seus 15 anos, José Kropf vinha conduzindo sua formação para um rumo específico, o sacerdócio. Atuar como sacerdote é uma maneira praticamente inseparável de exercer o magistério. O sacerdote é aquele que, a cada sermão, ensina, de maneira didática e pedagógica, mensagens nascidas na essência do cristianismo, para a formação da personalidade espiritual e humana das pessoas. Sendo assim, uma atividade tão íntima da educação, não nos causa qualquer admiração que entre os anos de 1952 e 1955 tenha assumido o papel de vice-diretor do Colégio de Santo Antônio, em Blumenau, Santa Catarina.

É em meados da década de 1950, mais precisamente no ano de 1956, que o padre José Kropf se muda para o Sudeste do país, instalando-se na paróquia de Santa Rita, no município de Sorocaba, onde permaneceu até fins de 1958. No ano seguinte, Kropf deixa o interior de São Paulo e muda-se para a capital do estado, maior metrópole da América Latina, onde a vida urbana pulsa 24 horas por dia. Naquela cidade que nunca dorme, passa a exercer o sacerdócio na Paróquia de Santo Antônio do Pari e aí permaneceu até fins do ano de 1961.

Não deve passar despercebido que toda essa peregrinação de José Kropf, desde o interior do Paraná até a metrópole continental de São Paulo está inserida dentro de um contexto maior, de êxodo rural, que caracterizou os anos 1950, 1960 e 1970, no cenário populacional do Brasil. Tendo como referência a década de 1950, o Brasil estava em plena transformação social. O país assistia a uma crescente migração interna, especialmente do campo para as cidades, impulsionada pela industrialização e pela modernização da economia. As grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, começaram a crescer rapidamente, com o surgimento de novas indústrias e oportunidades de trabalho. No entanto, essa urbanização trouxe também desafios, como o crescimento desordenado das favelas e dos problemas de infraestrutura.

5 Arquivo da Diocese de Valença. Pasta Padre José Kropf.

Esses desafios não podem ser negligenciados pela Igreja e sacerdotes como Kropf se identificam com a demandas das parcelas mais fragilizadas da população, acompanhando os fluxos migratórios como que imbuídos de uma missão evangelizadora, baseada em princípios genuinamente cristãos, como aqueles presentes no Evangelho de São Mateus, capítulo 25, versículos de 35 a 37. Neles, Cristo ensina a atender às necessidades daqueles que estão efetivamente desvalidos, ignorados pela sociedade e invisíveis aos poderes políticos. As grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, estavam, e estão ainda, repletas desses carentes.

Nesta passagem os ensinamentos deixam claro que são justamente aqueles que mais precisam que devem ser olhados com carinho e envoltos pelos braços da Igreja – os famintos, os sedentos, os estrangeiros, os doentes e os presos. Cristo de tal forma se vê representado por estas pessoas, que afirma que a atenção dada aos desvalidos da sociedade é a atenção dada a Ele próprio. Ora, a cidade de São Paulo gerou milhares de pessoas sem recursos, vítimas das desigualdades e invisíveis para o restante da sociedade – isso justifica a migração de padre Kropf do interior para a metrópole. A seara era grande e poucos os lavradores.

A desigualdade social, apesar do crescimento econômico, continuava sendo um problema sério. Enquanto a classe média urbana crescia, a pobreza nas zonas rurais e nas periferias urbanas permanecia alta. O analfabetismo também era um problema significativo, afetando grande parte da população, especialmente nas áreas rurais. José Kropf já havia trabalhado no interior e agora estava no maior centro urbano do país. Ele conhecia a vivência nos dois mundos.



Frei José Kropf.

Fonte: Vida Diocesana, p. 7, jun./jul./ago./set., 2011.

Por fim, em 1962, deixa a cidade de São Paulo e chega ao interior do Rio de Janeiro, tornando-se pároco no pequeno município de Miguel Pereira, onde exerce seu sacerdócio até o ano de seu falecimento em 2011.

Durante sua permanência em Miguel Pereira, o sacerdote encontrou pela frente a necessidade e o desafio de estabelecer uma nova matriz para a paróquia. Ao ser nomeado pároco daquele município percebeu que as necessidades da comunidade precisavam ser atendidas com um templo maior e mais confortável, dando início assim à campanha que visa a construção dessas novas instalações, empreitada que demandaria tempo e recursos muito além daqueles que a paróquia dispunha naquele momento. Mas, o que é a fé, senão a firme crença e convicção nas coisas que estão por vir? É fortalecido por esta definição que o sacerdote franciscano se entrega a esta causa.

Acontece, porém, que os anos que imediatamente se seguiram à sua chegada em Miguel Pereira não foram tão prósperos quanto se esperava. O país vivia uma ebulição política e uma situação econômica nada promissoras para grandes projetos. Em 1964 o governo republicano, democraticamente eleito, foi deposto por um violento golpe militar apoiado por determinados

setores econômicos, pela grande mídia e por interesses capitalistas estrangeiros, mais precisamente dos Estados Unidos.

Com esse novo regime de governo o país mergulhou numa espiral inflacionária que consumia recursos e impossibilitava qualquer projeto de horizonte um pouco mais distante. Essas transformações no cenário político e econômico foram um obstáculo a mais para a construção do novo templo. Mas, a despeito das dificuldades, todos os preparativos possíveis, e mesmo o início das obras, tiveram andamento, ao menos a nível de planejamento.

Embora estivesse no Brasil havia muito tempo, o frei mantinha ainda boas e solidas relações com a Igreja na Alemanha, bem como com as instituições a ela ligadas, direta ou indiretamente. E é graças a estas conexões que em 1987, dois anos após o fim do regime militar no Brasil, que Frei José apresenta um projeto à instituição “*Damit Kinder Libenkonnen*” (Para Que As Crianças Possam Viver), órgão da “*Kindermiissionswerk*” (Missão Trabalho das Crianças), pertencente à “*Papstliches Miissionswerk der Kinder*” (Pontifícia Sociedade Missionária das Crianças).

A proposta apresentada tinha por objetivo levantar fundos para a conclusão das salas de catequese da Matriz que se vinha edificando em Miguel Pereira. Em resposta à sua solicitação a Pontifícia Sociedade, conforme documento em anexo, assim lhe respondeu:

Caro Confrade,

Tenho o prazer de informar que nosso comitê de premiação decidiu positivamente sobre o seu projeto. Eles foram premiados com 15.000. Deutsche Mark

Espero poder transferir o valor para você em maio/junho de 1987. A transferência será feita através da sede da missão em Bonn.⁶

O valor destinado pelos religiosos alemães para ajudar a concluir as obras das salas de catequese da nova matriz em Miguel Pereira, equivaliam, na época, a Cz\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil Cruzados) – estes deveriam ser utilizados rapidamente, não só porque a concessão do valor exigia um relatório logo seis meses depois do depósito, mas também porque a situação econômica do Brasil estava mergulhada numa fúnebre herança dos governos militares que, além de contrariem vultosas dívidas externas a

6 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Frei José Kropf. Livre tradução do autor.

juros altíssimos, gerou uma hiperinflação que consumia, de maneira voraz, o valor da moeda corrente. Assim, guardar o dinheiro para usá-lo no outro mês ou mesmo na semana seguinte significaria perder considerável parte de seu poder de compra. Era preciso ser ágil.

Embora a concepção da ideia e os preparativos para a construção do templo tenham se iniciado na década de 1960, a sua conclusão acabou se arrastando por algumas décadas. Em janeiro de 1980 vemos Frei José escrever ao bispo em agradecimento à sua correspondência enviada à *Adveniat*⁷ em apoio ao projeto apresentado pelo Frei, para arrecadar fundos a serem somados aos recursos destinados à construção da nova matriz. Além disso, a carta ao Bispo trazia uma informação interessante; finalmente, as fundações da obra teriam início: “Se Deus quiser vamos em breve começar com a construção da nova matriz. Só os fundamentos vão custar perto de Cz\$ 5.000.000,00, e este ano não terei um diácono para me ajudar.”⁸

Além da instabilidade econômica que assolava o país nos anos 1980, havia uma outra questão que atravancava o início das obras; parece que havia um interesse em se permutar o terreno onde se ergueria o novo templo por outro, pertencente à prefeitura; no entanto, a paróquia não possuía o título de propriedade daqueles lotes e teria que mover um processo de usucapião para conseguir a titularidade do imóvel. Nesse sentido, Frei José solicita a Dom Amaury Castanho, Bispo da Diocese de Valença, que passe procuração a dois advogados já nomeados, para que possam dar andamento aos trâmites necessários.

Ainda em janeiro de 1980, quando tudo realmente parecia apontar para o início das obras de terraplanagem e fundação dos alicerces, Frei José aproveita uma viagem à cidade de São Paulo, onde iria pregar em um retiro para religiosas, para entrar em contato com o arquiteto responsável pelo projeto do novo templo. Todos estavam, enfim, sendo mobilizados para a empreitada. Faltavam apenas os fundos necessários para a obra; mas a esperança vinha da continuidade da ajuda alemã; a referida carta, escrita em dezembro, à organização *Adveniat* trazia esta esperança.

Valença, 9 de dezembro de 1980.
Exmo. e Revmo. Sr.

7 Refere-se à Ação Episcopal Adveniat, (Aktion Adveniat) uma organização católica da Alemanha de ajuda aos católicos da América Latina e Caribe.

8 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Frei José Kropf. Correspondência ao Bispo.

Dom Franz Hengsbach

D.D. Presidente da AÇÃO ADVENIAT.

Respeitosas saudações.

Tenho o prazer de recomendar a V. Excia. e à Ação Adveniat, que preside com muita eficiência, o projeto de construção da nova Igreja Matriz e anexos, da cidade de Miguel Pereira, de minha Diocese.

A construção cujo projeto conheço em seus pormenores e que já aprovei para sua normal tramitação, é realmente necessária por duas razões: a população de Miguel Pereira vem aumentando de ano para ano e a atual igreja é não só pequena para atual população, mas encontra-se em precário estado de conservação, desaconselhando-se a sua recuperação.

Conheço também a população realmente residente em Miguel Pereira e sei que não tem condições de oferecer os recursos necessários para a realização do Projeto de que V. Excia. e a Ação Adveniat recebem cópias.

Além disso, a Comunidade Paroquial deverá construir, com urgência, uma capela no bairro mais carente de Miguel Pereira, denominado Praça da Ponte. Será dedicada a São José Operário.

Mais uma vez reitero a V. Excia, o agradecimento de nossa Diocese pela colaboração que a Ação Adveniat e os católicos alemães nos têm dispensado.

Com votos de Santo e Feliz Natal, sou de V. Excia., servo e irmão em Cristo.

Bispo Diocesano.⁹

As esperanças de Frei José estavam revigoradas; “tenho certeza de que, diante das ponderações apresentadas por V. Excia. como bispo diocesano, a ADVENIAT vai concordar com o projeto.”¹⁰

Apesar de sua animação quanto à possibilidade de levantar fundos no exterior, o tempo e o esforço de Frei vinham, lenta e silenciosamente, cobrando seu preço. Logo no início de 1981, apesar de seus esforços, o sacerdote se vê obrigado a pedir a seu Bispo que lhe autorize ter ajuda nas celebrações em Miguel Pereira. A carta, datada de março de 1981, apontava para as condições de saúde de José Kropf e indicava o clérigo José Luiz Negri para a celebração de batizados e para assistir os casamentos na Paróquia de Miguel Pereira. Luis Negri era um frei franciscano que cursava já o quarto ano de

9 Idem. ibidem

10 Idem, ibidem.

teologia na Faculdade Franciscana em Petrópolis e seria de grande ajuda durante a recuperação de Frei José, pois além das questões de saúde, tinha que conviver com a ansiedade pela resposta da *Adveniat* quanto à ajuda financeira que poderia vir da Alemanha. Afinal, já havia se passado praticamente um ano desde a carta do Bispo e a resposta não vinha.

Finalmente, em outubro de 1981, um representante da *Adveniat* veio a Miguel Pereira conversar com Frei Kropf, onde, para a decepção do franciscano, permaneceu apenas duas horas, sem sequer visitar, a contento, o canteiro de obras. E a frustração apenas aumenta com a notícia trazida pelo Sr. Loeke: “Para mim, a visita do Sr. Loeke, trouxe uma decepção: para este ano perdi a ajuda da ADVENIET (Ela está com uma dívida de DM 20.000.000.00...)”. Era desanimador, mas não era uma negativa definitiva. Ainda havia esperanças e as obras continuariam, com ou sem a ajuda dos irmãos germânicos.

Em abril do ano seguinte, Frei José havia conseguido uma licença para fazer seu tratamento de saúde na Alemanha, onde visitaria também sua família. Ao que parece, sua situação havia se agravado e o tratamento na Alemanha traria como suporte o apoio e carinho de sua família; estar perto dos seus nos momentos de fragilidade era, por si só, uma excelente terapia. A viagem estava marcada para o dia cinco de maio, com retorno previsto para o mês de agosto¹¹.

Na mesma correspondência onde comunicava sua licença, o franciscano também dava ao bispo satisfações quanto ao andamento da obra. Dizia ele estar com as obras de terraplanagem praticamente concluídas, o que somente não foi possível por conta das enxurradas típicas do verão tropical, que provocaram grandes desbarrancamentos por toda a cidade. E as máquinas que trabalhavam nas obras da nova Matriz eram desviadas a todo tempo para socorrer os bairros e ruas atingidas pelas quedas de barreiras.

Ora, tais máquinas não eram contratadas da Paróquia, mas pertenciam ao Departamento de Estradas e Rodagem (DER) do Estado do Rio de Janeiro e, portanto, a prioridade era atender as emergências da população e do município. Os custos de contratação para a terraplanagem ultrapassavam Cz\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzados) e a paróquia não tinha como arcar com custos tão elevados. Frei José, como bom arquiteto da devoção, havia conseguido firmar com o DER um acordo que tornava possível a realização

11 Idem. 1982.

da preparação do solo; a Paróquia pagaria apenas os honorários do topógrafo e o óleo das máquinas, reduzindo consideravelmente os custos.

Mas havia outros custos: nos 10 dias seguintes a paróquia deveria ainda conseguir 180 metros cúbicos de concreto e 1.200 sacos de cimento, além de contratar outro topógrafo e um engenheiro para locar a igreja e as estacas demarcatórias para o início das obras. Além disso, o processo de usucapião do terreno não parecia estar correndo muito bem; uma tal “Dona Maria” parecia ser parente dos antigos proprietários do terreno e havia movido, em nome dela e do espólio, uma ação contra a Mitra Diocesana, requerendo o terreno. Não parecia haver risco de comprometer o futuro das obras, mas certamente era um aborrecimento; nas palavras do Frei, “para encher a medida”, além de representar despesas a mais¹².

As questões relativas à legalização do terreno vinham se estendendo por tempo maior que o esperado; ainda em 1984 a justiça estava convocando os procuradores da Mitra Diocesana, seus advogados e Dona Maria Batista, a requerente, para comparecerem ao fórum para nova audiência de justiça, e o frei estava solicitando ao Bispo a preparação da documentação necessária.¹³ Era a persistência de um contratempo a consumir as energias daquele Frei franciscano que estabeleceu, quase como proposito sacerdotal, erguer a nova matriz.

Em março de 1985, aparecem os primeiros sintomas do problema que viria vitimar aquele sacerdote. Agora, aos 65 anos, Frei Kropf reclamava de um problema em sua garganta. “Há quasi [sic] 2 meses ando com problemas na voz. Um médico me chamou a atenção para não descuidar desse problema. Fui procurar um especialista e este constatou inflamação nas cordas vocais e entupimento no conduto auricular, remanescentes de uma gripe mal curada”¹⁴. A “gripe mal curada”, transformou-se no câncer com o qual Frei José teria que conviver, com resiliência, por décadas, até seus dias finais.

Sem a ciência de qual era, realmente, a natureza do problema que afetava sua saúde, Frei Kropf continuou a se dedicar à sua paróquia, sobretudo à construção da nova igreja Matriz de Miguel Pereira. As questões financeiras eram, de fato, um problema, mas a providência divina ia, passo a passo, apontando as soluções. Em 1986 foi concretizada uma transação comercial

12 Idem. 1982.

13 Idem. 1984.

14 Idem. 1985.

que ajudaria, e muito, no avanço das obras do novo templo. A Mitra Diocesana era proprietária de um imóvel conhecido como Casa São José, que foi posta à venda por Frei Kropf, com a devida anuência da Mitra, pelo valor de Cz\$ 95.000.000,00 (noventa e cinco milhões de Cruzados).

O mercado imobiliário era algo que fugia da alçada do sacerdote franciscano; então recorreu à ajuda daqueles que possuíam esta competência:

Pedi a ajuda de um corretor para saber o valor da casa e do terreno, foi, aliás, a 1ª providência que tomamos, [...]. Recorremos a um corretor estabelecido, amigo e competente, mas conseguimos vender o imóvel por preço superior devido ao interesse do comprador em obter este imóvel.¹⁵

A negociação já vinha sendo tratada ao menos desde agosto do ano anterior e o acordo parece ter sido do agrado de todos. A maior parte do valor seria pago em dinheiro e o restante em material de construção, o que seria de grande valia para o andamento das obras. O negócio foi fechado da seguinte maneira:

Preço total da venda da casa..... Cz\$ 95.000.000,00
 Cz\$ 70.000.000,00 em dinheiro, seriam pagos
 Cz\$ 50.000.000,00 de entrada
 Cz\$ 20.000.000,00 na entrega da escritura [...]
 O resto de Cz\$ 25.000.000,00, seriam pagos em material de construção e entregue conforme for solicitado para a construção, com 10 dias de aviso prévio por escrito. Este material foi e está sendo entregue conforme foi combinado.
 45.000 tijolos a.....Cz\$ 180.000,00 o milhar
 86 m3 de pedra a.....Cz\$ 70.000,00 o m3
 92 m3 de areia a.....Cz\$ 25.000,00 o m3
 650 sacos de cimento a....Cz\$ 13.000,00 o saco
 Este contrato de pagar-se uma parcela “em material da construção” foi favorável para ambas as partes: o comprador podia pagar com material estocado e nós fizemos um “investimento” interessante, comprando matéria que usamos hoje com preço de então.¹⁶

15 Idem. 1986.

16 Idem. Ibidem.

Pelo perfil do acordo de venda, fica claro que o comprador era algum dono de loja ou de depósito de material de construção, já que fica claro na fala do sacerdote que o interessado poderia pagar com material estocado. Ora, ninguém tem em seu quintal mais de seiscentos sacos de cimento, quarenta e cinco mil tijolos e tantos outros itens, a menos que seja um empresário do ramo da construção civil. Uma parte significativa dos problemas para a construção da nova Matriz estava, agora, resolvida.

Com os recursos levantados com a venda da Casa São José, a construção do novo templo entrou em fase de conclusão e a sua consagração estava prevista para acontecer nos anos finais da década de 1980, período em que as obras entraram num ritmo mais vigoroso para compor toda a estrutura necessária para atender às diversas necessidades dos fiéis paroquianos. Prova disso é a carta que Frei José envia a Dom Amaury, bispo diocesano, para justificar-se por sua ausência em uma reunião do clero, além do agravamento dos seus problemas de saúde. Frei Kropf se explica:

Na nova matriz, onde não sou “só arquiteto executivo” começaram a montar os dois altares de mármore, que eu mesmo desenhei, e por isso, devo estar presente. O primeiro altar, na capela do Ssmo. foi montado sem minha presença, teve que ser quebrado. Não podia ficar de jeito nenhum. E mais, estamos de mudança para a nova matriz.¹⁷

Ora, percebe-se que Frei José não apenas era o idealizador do novo templo, mas, muito mais que isso, incumbia-se de levantar fundos junto a seus irmãos de fé em sua terra natal, desenhava e projetava a arquitetura e ainda “arregaçava as mangas” para ombrear com pedreiros e serventes no canteiro de obras.

As cerimônias de consagração parecem ter ocorrido em 1989, para a qual foram convidados aproximadamente quarenta de seus conterrâneos alemães, inclusive o Bispo Dom Dick, que deveria celebrar o ritual de consagração, como era da vontade do Vigário Geral da Diocese de Valença, mas que, infelizmente, não poderia comparecer, ficando então a consagração por conta de Dom Amaury Castanho, como aliás reza a tradição, “pois pelo

17 Idem. 1989

ritual, a nova igreja é entregue ao bispo diocesano, que por sua vez, manda ao seu pároco abrir as portas da nova igreja”¹⁸.

Continuando em sua justificativa pela ausência na reunião do clero, Frei José explica que os cuidados necessários para o recebimento dos quarenta convidados estrangeiros demandam muito tempo e atenção: “Também a vinda dos 40 alemães deve ser preparada, a ser organizada a estadia. Uns ficam uma semana, outros 2 semanas e minha irmã, com mais 18 pessoas ficarão 3 semanas. Eles merecem atenção e eu preciso preparar viagens e reservar passagens, etc.”¹⁹

A chegada, em breve, de seus compatriotas, não apenas era a possibilidade de recriar um minúsculo núcleo alemão ao seu redor, mas também de conviver de perto, por três semanas, com sua irmã de sangue. Além da consagração do novo templo, havia outros motivos para estar feliz.



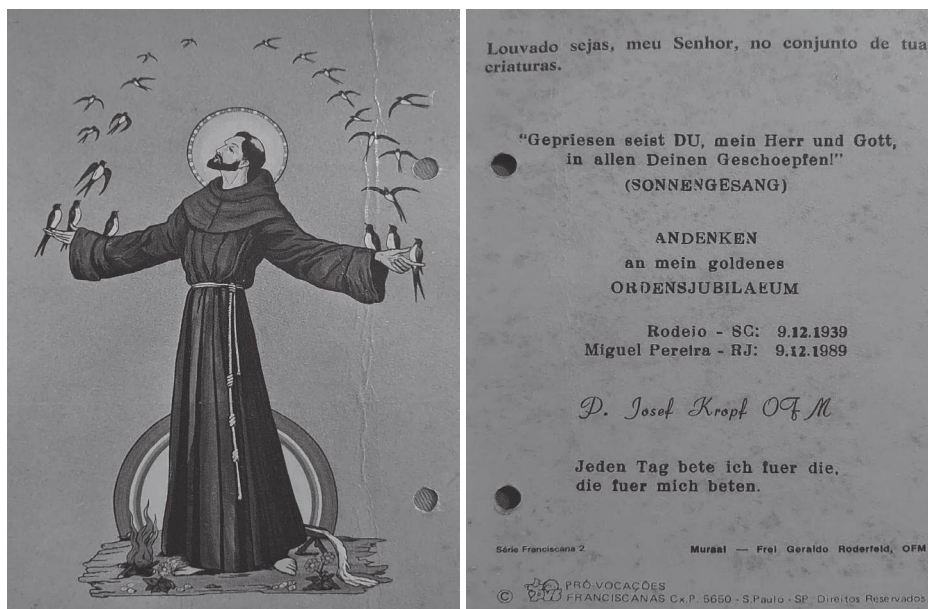
Igreja Matriz de Miguel Pereira.

Fonte: Igreja Matriz de Santo Antônio em Miguel Pereira: 1 opiniões e 4 fotos (minube.pt).

18 Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Frei José Kropf. Correspondências.

19 Idem. ibidem

A Consagração da nova matriz de Miguel Pereira parece ter sido discreta e sem grandes festejos, uma vez que não encontramos, nos arquivos de Frei José, qualquer documentação dando conta de festas e comemorações pela ocasião. Parece ser do feitio de Frei Kropf que tudo se realizasse discretamente, quase desaperebidamente. Assim como foi, neste mesmo ano, a comemoração do Jubileu de Ouro de seu ingresso na Ordem de São Francisco. Seus arquivos contêm apenas um discreto cartão comemorativo e nada mais. O arquiteto da devoção era também a personificação da discrição.



Cartão comemorativo aos 50 anos de ingresso na Ordem de São Francisco.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Frei José Kropf.

A saúde do Frei continuava a ser incomodada e era preocupante que, depois de tanto tempo, ela não tivesse sido completamente restaurada. Assim, em 19 de julho de 1991, o religioso solicita licença para realizar uma nova viagem à Alemanha a fim de tratar de sua saúde, oportunidade que aproveitaria também conseguir novos financiamentos para a conclusão das obras da nova matriz. Em seu lugar, ficaria como pároco de Miguel Pereira, até seu retorno em início de setembro, o padre Frei Valdemar do Amaral,

que já o havia substituído em outras oportunidades e era bem-quisto pela comunidade paroquial²⁰.

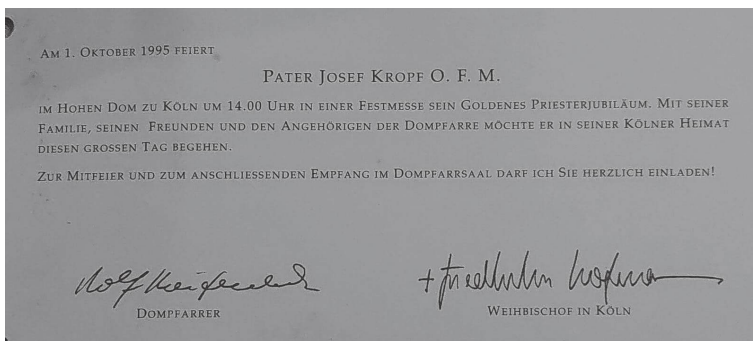
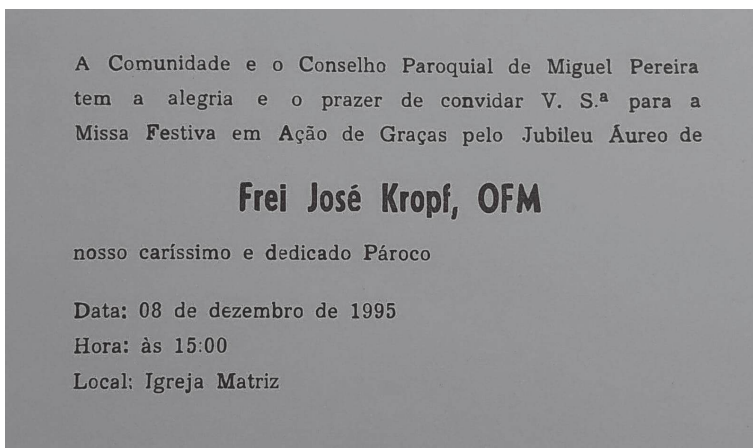
Não há, nos arquivos da Cúria Diocesana de Valença, nenhum documento que nos possa apontar os resultados de sua viagem à sua terra natal, seja no que diz respeito à sua saúde, seja no que se refere aos recursos que procuraria levantar para a conclusão das obras da Nova Matriz. Sabemos que o último grande valor levantado para este fim, veio da venda de uma casa com seu terreno para um comerciante da construção civil. Não foi possível também encontrar a origem daquele imóvel e qual a utilidade que ele tinha para a Diocese, embora sua venda tivesse sido providencial para aquele momento. Mas, quis a providência divina repor aquele imóvel por meio de uma doação de outra casa e seu terreno em Miguel Pereira.

A doação viria de uma viúva, membro do Apostolado da Oração; uma senhora já de avançada idade, mãe de uma única filha solteira, que ao fazer seu testamento decidiu deixar para a Paróquia de Miguel Pereira uma casa com seu terreno anexo como doação. Cabia à paróquia apenas os custos cartoriais da transferência do imóvel, bastando oficializar Frei José como procurador da Mitra Diocesana para dar andamento aos trâmites burocráticos.

Frei José Kropf, em 1995 completaria 75 anos de idade e 50 anos de ordenação ao sacerdócio; sua grande preocupação, agora, bem como da comunidade que pastoreava, era a sua saúde. As dificuldades com sua voz continuavam a se agravar; os resultados da tal “gripe mal curada” se arrastavam por anos e ficava evidente de que se tratava de algo mais agudo. Neste ano viaja novamente à Alemanha onde vinha fazendo seus tratamentos já há longa data. Em sua ausência, assumiria a paróquia novamente seu amigo Frei Valdemar, que sempre o atendia nessas situações.

Foi para comemorar seu jubileu de ouro como sacerdote que se prepararam as atividades daquele ano, embora, como bom franciscano, Frei José não quisesse nenhuma pompa ou ostentação. Uma simples celebração lhe bastava. Uma pequeno santinho como lembrança aos presentes e um convite mais formal foram impressos. O convite trazia na capa o vitral da nova Matriz de Miguel pereira e foi confeccionado em duas versões, uma em português e outra, com a mesma imagem do vitral, mas redigido em alemão, destinado à comunidade paroquial de Colônia, que tanto havia colaborado para a edificação do novo templo.

20 Idem. 1991.



Convite para a celebração do Jubilei de Ouro do Sacerdócio de Frei José Kropf em português e sua versão em alemão.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Frei José Kropf. 1995.

A presença e a atuação de Frei José à frente da paróquia de Miguel Pereira haviam cativado o carisma dos paroquianos; afinal, estava à frente da comunidade havia anos; havia empenhado sua trajetória na edificação da nova Matriz e nos melhoramentos necessários para o bom atendimento às necessidades dos fiéis do município. Aquele alemão saído da Europa num cenário de guerra e chegado ao Brasil num contexto de ditadura, havia se tornado um pároco cuja identidade com a brasilidade emanava com tamanha simpatia que, por vezes, esquecia-se que era natural de terras distantes.

No ano de 2002, sua comunidade paroquial, de Santo Antônio da Estiva, em Miguel Pereira, combinou, em segredo, lhe fazer uma festa de aniversário em comemoração a seus 82 anos de idade, data que coincidia com seus 40 anos de trabalhos a serviço da Diocese de Valença. O convite

enviado ao bispo, que por esta época era Dom Elias Manning, e não mais Dom Amaury Castanho, pedia que este celebrasse e concelebrasse a missa da ocasião e que mantivesse segredo junto a Frei.



Frei José por volta de seus 80 anos.

Fonte: Arquivo Diocesano de Valença. Pasta: Frei Jose Kropf.

Em agradecimento à celebração, Frei José escreve a Dom Elias. Na carta ele era grato pela gentileza do cartão enviado e narrava suas impressões sobre a missa que celebrava seus 82 anos de idade e as 4 décadas trabalhando junto à Diocese.

A santa missa foi naturalmente o ponto alto, a igreja cheia até o último lugar, as orações e o canto da comunidade tão perfeito, tão jubiloso, que até impressionou a mim mesmo. Todos rezaram e cantaram como se fosse um coral ensaiado. E ainda as palavras de Pe. Medoro, que de uma maneira tão feliz narrou o nascimento, crescimento e transformação da nossa comunidade! [...]
Como passaram tão depressa estes 40 anos! A metade da minha vida!

Em uma de suas falas o franciscano relembra que ele era um homem das metrópoles; havia nascido em Colônia e passado por outras grandes cidades do Brasil, inclusive a maior delas, São Paulo, e em sua trajetória jamais poderia imaginar que passaria o resto de sua vida em uma tão pequena e pacata cidade do interior do Brasil. Miguel Pereira, em 1960, contava com uma população de aproximadamente 18 mil habitantes²¹ e com uma atividade predominantemente rural; muito diferente dos lugares por onde Frei José havia passado. Ele mesmo, em certo trecho de sua carta, afirma que se soubesse de antemão a dimensão deste desafio talvez não o tivesse abraçado.

Contei também na missa que, se eu naquela tarde de 1º de fevereiro de 1961, tarde de sol e chuva, imagem dos 40 anos que viriam... subindo na “maria Fumaça” de Japerí ao encontro de nossa serra, se eu tivesse sabido que deveria ficar 40 anos em Miguel Pereira, eu teria descido na próxima estação, pois vinha de cidades de Blumenal, Sorocaba e direto de um externato do Pay [sic] em São Paulo. E agora estou aqui, em um ambiente completamente diferente, mas, mais gostoso.

Não era reclamação, era a confissão de que, se soubesse por antecedência a dimensão do desafio, talvez não se visse suficientemente preparado para o encarar. Afinal, as realidades do meio rural, do interior serrano, eram completamente diferentes daquelas das metrópoles e do dinamismo das grandes cidades. Aqui a vida corre num ritmo próprio e peculiar. Mas ele não apenas subiu a serra como venceu com extrema competência todos os obstáculos que se apresentaram na condução de seu sacerdócio.

Sua obstinação foi uma de suas características tão marcantes quanto sua sobriedade. Mesmo com o agravamento de sua enfermidade, o franciscano permanecia à frente de sua comunidade, cumprindo com suas obrigações de pastor; confortando corações, apontando caminhos e pregando o evangelho. Mas o câncer em sua garganta já não lhe permitia mais os sermões motivadores; sua oratória estava comprometida pelo tumor que havia se alojado em sua garganta e vinha prejudicando suas cordas vocais. Sua voz já não se projetava mais, mesmo com o auxílio dos microfones. Sua situação de saúde estava a tal modo comprometida que o senhor Álvaro de Castro, um dos fiéis, escreve uma longa correspondência na forma de e-mail à Arquidiocese do Rio de Janeiro para que esta interviesse na situação.

21 IBGE. Censo de 1960. Disponível em: IBGE | Biblioteca. Acesso em: 19 out. 2024.

Boa noite, senhores, eu gostaria que a Arquidiocese do Rio de Janeiro, caso pudesse, olhasse com muito mais carinho que já faz, com o pároco da cidade de Miguel Pereira, no estado do Rio de Janeiro. O pároco está muito idoso e doente. [...]. Um sacerdote que lutou e labutou toda a sua vida para a Igreja Católica e nos seus momentos finais encontrando-se numa situação difícil para ele e para os paroquianos e também e para os visitantes. A sua dedicação à igreja é tão grande que chega a ponto de celebrar uma missa totalmente sem condições físicas, auxiliado por seus membros leigos e fiéis que lhe dá todo o carinho e apoio. Porém [...] os fiéis vão abandonando a igreja porque a missa torna-se um pesadelo e desinteressante, os fiéis não conseguem mas [sic] entender o que o extraordinário sacerdote fala, pois o mesmo possui um câncer em sua garganta impossibilitando de falar e estando ainda com uma idade avançada a sua mente, que já foi tanto ativa para a nossa igreja já não é a mesma. [...]. Os fiéis sabem e reconhecem as dificuldades do sacerdote, assim como os leigos que auxiliam o ungido de Deus.

Em certos momentos a carta parece cruel ou pelo menos parece apontar para uma certa crueldade da comunidade em deixar de frequentar as missas e abandonar a paróquia por conta das dificuldades de comunicação que a enfermidade causou em Frei José. Mas é da natureza humana, mesmo as mais justas e bem orientadas, quando suas necessidades não são atendidas a contento, ou da maneira que lhes agrada, que partam em busca de novas alternativas.

Por fim, Álvaro de Castro termina a sua carta pedindo que a arquidiocese do Rio de Janeiro verifique os fatos narrados e possa enviar um outro sacerdote para auxiliar o pároco franciscano. Infelizmente não temos registro de alguma resposta da Arquidiocese; mas certamente ela viria, pela Arquidiocese ou não, pois a enfermidade daquele sacerdote não iria retroceder; na verdade, o curso natural das coisas era o seu previsível e indesejável agravamento.

O periódico Vida Diocesana, publicado regularmente pela Diocese de Valença, enfim estampava a notícia que ninguém gostaria de ler. Em 04 de julho de 2011, um sábado à tarde, veio à óbito, em Miguel Pereira, o Frei Franciscano Joseph Kropf, o Frei Zé²². Vitimado pelo câncer aos 91 anos de idade, havia passado 49 anos dedicado ao trabalho da Diocese de Valença.

22 Jornal Vida Diocesana, p. 7, jun./jul./ago./set., 2011.

Quase meio século à frente da Paróquia de Santo Antônio da Estiva em Miguel Pereira.

Durante boa parte de seu sacerdócio, sobretudo no período em que gozava de boa saúde, foi sempre muito dedicado ao Cursilho, mas também tinha especial carinho pela catequese. Além disso, sua caminhada foi marcada de maneira profunda e inesquecível pela construção da nova Igreja Matriz de Miguel Pereira e seus anexos, como a casa paroquial, a capela do Santíssimo, o salão e as salas de catequese; um verdadeiro conjunto paroquial que, com o zelo da comunidade, há de se tornar multicentenária.

Dentre as atividades de Frei Zé, é possível apontar ainda as muitas festas de Santo Antônio, que anualmente congregava e alegrava o povo da cidade; o Coral Santa Cecília também deve sua criação e fortalecimento graças às atenções de Frei Kropf.

Os dois artigos que tomam toda a página sete do periódico vinha assinado pelo Bispo Diocesano Dom Elias Manning, ele mesmo um estrangeiro como o era Frei José. E em certa parte de seu texto cita, entre suas muitas admirações pelo sacerdote franciscano, sua serenidade diante da adversidade e a resignação diante do inevitável.

Durante os últimos 21 anos, observei, apesar da distância geográfica que existe entre Valença e Miguel Pereira, as alegrias e as dores do Frei José. Era um homem que levava com muita seriedade o seu compromisso de pastor, mesmo enfrentando os problemas cada vez mais complicados que sofria com a saúde. Nos últimos anos a cruz pesou bastante para ele, e ele a aceitou, conformando-se à vontade de Deus²³.

A admiração de Dom Elias Manning era a representação da admiração de toda a comunidade católica de Miguel pereira e mesmo daqueles que não se declaram católicos praticantes. Seu cortejo foi acompanhado por grande multidão e aplaudido à medida em que, tendo saído da Matriz, avançava pelas ruas da cidade²⁴.

23 Idem. ibidem.

24 Idem. ibidem.



Cortejo Fúnebre de Frei José Kropf.

Fonte: Jornal Vida Diocesana, jun./jul./ago./set., 2011.

Com certeza podemos afirmar que a morte de Frei José Kropf teve um impacto profundo na comunidade de Miguel Pereira onde, mesmo como estrangeiro, tornou-se uma figura muito querida e respeitada. Como líder religioso da cidade por quase meio século, Frei José se destacou por seu trabalho pastoral, ações sociais e pela proximidade que mantinha com os fiéis.

Frei José foi responsável pela condução de projetos sociais, muitos dos quais se desenvolveram dentro do conjunto paroquial que fez erguer na cidade e pela construção de laços de solidariedade dentro da comunidade. Sua partida foi sentida como uma grande perda, especialmente entre os moradores mais humildes e devotos que se beneficiaram de seu cuidado pastoral. A igreja matriz e outras organizações religiosas locais realizaram cerimônias em sua memória, demonstrando o quanto ele era estimado pelo conjunto da sociedade.

Além disso, temia-se que sua morte deixasse um vácuo em termos de liderança espiritual na região. Muitas pessoas que cresceram sob sua orientação expressaram seu luto e a falta que ele faria como conselheiro e líder comunitário.

O impacto emocional foi forte, evidenciado pelas homenagens prestadas durante o seu funeral, que contou com a presença massiva de fiéis e

membros da comunidade local, ressaltando o quanto Frei José era considerado um pilar da fé e da solidariedade em Miguel Pereira.

O jovem nascido no período entreguerras, vindo para o Brasil durante a ascensão no nazismo alemão, que viveu sob a ditadura de Vargas e que teve a ousadia de conduzir o ambicioso projeto de oferecer à sua paróquia uma nova matriz durante plena ditadura militar, havia criado morada no coração de seus paroquianos, fincado raízes em suas memórias e, assim, muito mais do que um legado arquitetônico ou material, Frei José, como verdadeiro arquiteto da devoção, construiu pontes espirituais que ligaram o sagrado ao humano. Estas, mais do que as paredes do templo, durarão eternamente.

Referências

ALMEIDA FILHO, Nelson. **Miguel Pereira e Paty do Alferes**: entre colinas e planaltos. [S.l.]: Aquarela Brasileira, 2010.

CARDOSO, Maria Lúcia. **Paty do Alferes e Miguel Pereira**: História e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj (Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), 2007.

COSTA, Pedro da. **Miguel Pereira**: suas origens e desenvolvimento. Miguel Pereira: Prefeitura Municipal de Miguel Pereira, 1995.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

MONTEIRO, Flávio. **História das Regiões Serranas do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1987.

RODRIGUES, Antônio Marcos. **História de Miguel Pereira**: memórias de um povo. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TOOZE, Adam. **O Saldo da Destruição**: a formação do império nazista e a Grande Guerra. Rio de Janeiro: Record, 2013.

WEITZ, Eric D. **A República de Weimar**: promessa e ruína. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Fonte Primária

Arquivo Diocesano de Valença. Pasta Frei José Kropf.

Periódico

Jornal Vida Diocesana: Junho/Julho/Agosto/Setembro, 2011

Sites

Adveniat – Início. Acesso em: 19 out. 2024.

Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro (arqrio.org.br). Acesso em: 19 out. 2024

Cerimonial histórico do Movimento Integralista é realizado após 63 anos em Fortaleza. Disponível em: Cerimonial histórico do Movimento Integralista é realizado após 63 anos em Fortaleza – Integralismo | Frente Integralista Brasileira. Acesso em: 15 out. 2024

Concílio Vaticano II. Acesso em: 19 out. 2024.

IBGE | Biblioteca. Acesso em: 19 out. 2024.

Igreja Matriz de Santo Antônio em Miguel Pereira: 1 opiniões e 4 fotos (minube.pt). Acesso em: 17 out. 2024.

XXVII. PADRE ARGEMIRO BROXADO NEVES: UMA VIDA DEDICADA A DIOCESE, HOMEM DA UNIDADE, CARIDADE E PROMOTOR DA JUSTIÇA SOCIAL

Adelci Silva dos Santos

Há pouco tempo, como parte das comemorações do centenário da Diocese de Valença-RJ, foi publicada uma biografia sobre o Padre Barreira. O objetivo foi ressaltar a relevância de um daqueles sacerdotes que fizeram parte da história dessa diocese, pontuando suas ações mais relevantes e suas obras de evangelização e catequese. Neste sentido, e com o mesmo intuito, apresentamos aos leitores mais um sacerdote do rol daqueles que acompanharam o desenvolvimento e a vivência cotidiana da Diocese de Valença. Nas linhas que se seguem conheceremos um pouco mais sobre a vida e a obra de Padre Argemiro Brochado Neves.

Corria o ano de 1947. Noite escura e chuvosa de agosto, já por volta das 23 horas. A estrada sinuosa que liga a cidade de Piraí a Barra do Piraí, no interior do Rio de Janeiro, tornara-se perigosa não apenas pela escuridão, mas também pelo excesso de chuva que se derramava naquela noite de domingo. A estrada era de difícil acesso; passar por ela era um martírio e os casos de atolamento eram constantes¹. O caminhão havia saído de retorno de Piraí levando padre Barreira, um molecote seu aluno e mais dez pessoas que haviam participado da exibição de um filme sobre Nossa Senhora; era uma das muitas atividades que padre Barreira desenvolvia em seu Apostolado de Cinema Catequético e no aprendizado desse apostolado estavam os jovens de seu Seminário.

1 Mobilidade Fluminense: explorando os caminhos de sua cidade. Disponível em <https://www.mobflu.com/2019/10/rotas-fluminenses-rj-145-de-passa-tres.html>. Acesso em: 26 fev. 2024.

Em meio a tanto desfavor, o acidente não pôde ser contido e o caminhão perde a estrada, cai em uma ribanceira e pessoas e equipamentos são lançados à chuva e à lama. Mesmo ferido, Padre Barreira pensava em como os outros estariam, principalmente o mais jovem, por ser sua responsabilidade direta. Parece ser nos momentos de maior tensão ou provação que alguns destinos ou missões se revelam ou se confirmam. Neste caso, a confirmação veio da preocupação do molecote que acompanhava Padre Barreira, que no lugar de lastimar sua própria dor pela perna quebrada, ao ver todo o equipamento espalhado pela lama e sob a chuva, lança a pergunta que marcaria todo o apostolado daquele sacerdote: “Padre Barreira, e o nosso ideal?” Era Argemiro Broxado, futuro Padre e Monsenhor. Pode-se dizer que o acidente e a pergunta de Argemiro foram, no conjunto, o fato mais marcante de sua caminhada em direção ao sacerdócio desde o momento em que sentiu que deveria seguir a vida eclesial.

Nascido em uma família de proprietários rurais na zona cafeeira do interior do Estado do Rio de Janeiro, a religiosidade desde muito cedo esteve presente em sua vida pelo exemplo de seus pais. Juntamente com seu irmão, Lindolfo, foi coroinha na Igreja de São Benedito, em Barra do Piraí, lugar em que conheceu padre Barreira, seu futuro mentor no pré-seminário da Associação Missionária de Maria Medianeira², onde havia ingressado com onze anos de idade.

Certamente sua intensa convivência com padre Barreira e sua origem rural o fizeram voltar grande parte de seus esforços e o seu olhar para as necessidades da população camponesa e dos trabalhadores rurais. E talvez o evangelho tenha mesmo esse amor pelo homem do campo; não são poucas as passagens em que as referências camponesas estejam presentes, como a parábola do semeador³, ou a afirmação do Cristo em ser a videira verdadeira⁴. Padre Argemiro enxergava a importância e ao mesmo tempo o abandono em que o homem do campo vivia o seu cotidiano. Enquanto as instituições, as considerações e os olhares sobre os operários industriais e urbanos só aumentavam, o camponês e sua vivência continuavam invisibilizados e longe de receber uma valorização à altura de sua importância.

2 SILVA, Maria José da. (Org). Padre Argemiro Brochado Neves: um exemplo de vida sacerdotal. Vassouras: Gráfica Palmeiras, [S. d.]. p. 13-16.

3 BÍBLIA SAGRADA. Livro de Mateus, cap. 13, vers. 18-23.

4 Idem. Livro de João, cap. 15, vers. 1-12.

Desde os distantes anos de sua infância, mesmo muito tempo antes de ser formado clérigo – o que ocorreu em 06 de janeiro de 1957 – Argemiro já havia demonstrado uma forte empatia pelas demandas do campo, não da lavoura ou da criação, que era natural se esperar de um filho de fazendeiro, mas das questões humanas, das relações de trabalho que desde sempre foram muito injustas, sobretudo num país fortemente marcado pela exploração do trabalho escravo.

Depois de formado, foi ordenado sacerdote na catedral de Valença-RJ, no início de 1958⁵, e tão logo recebeu a ordenação começou a atuar como coadjutor de Padre José de Albuquerque no distrito rural de Pentagna, onde havia uma paróquia denominada Monte D'Ouro. As demandas camponesas pareciam atrair de maneira peculiar ao recém-formado Argemiro, talvez por as identificar com facilidade, sendo ele mesmo um homem nascido no meio rural. Se este era o campo da sua seara, seria também uma grande fonte de espinhos, em função das acirradas resistências que lhe fariam os proprietários rurais; estes, agarrados na tradição senhorial que marca nosso país, não viam com bons olhos qualquer ação no sentido de promover o bem-estar social da população campesina, sempre visto com desfavor se comparados aos trabalhadores urbanos; porquanto se estes são vistos como as alavancas do progresso, aqueles eram vistos como gado, manejável de acordo com os interesses e conveniências dos proprietários rurais. Este o obstáculo maior que se poria no caminho de Padre Argemiro.

Seu ministério havia começado, pode-se dizer, ali em Pentagna; um pequeno vilarejo que surgiu em início do século XIX, talvez até antes, às margens de um caminho de terra que ligava Valença, na Província Cafeeira do Rio de Janeiro, à Rio Preto, na Província Aurífera de Minas Gerais; e que teve sua Igreja Matriz construída em 1859, em terras doadas de uma grande fazenda cafeeira. Apenas três anos depois de sua ordenação, é criada naquele distrito a paróquia rural de São Sebastião do Rio Bonito. Sendo já seu campo de atuação, Argemiro assume como o primeiro vigário da recém-criada paróquia, evangelizando e acolhendo os trabalhadores rurais em suas demandas, em suas aflições e em suas agruras. Ali permaneceu sacerdote por treze anos consecutivos.

Foi nas barras de sua batina que os trabalhadores rurais do Município de Valença conheceram um amparo não apenas espiritual, mas social e

5 Sua ordenação se deu em 07 de janeiro de 1958. Arquivo da Diocese de Valença.

político de forma organizada. Se levarmos em conta que apenas no final da década de 1940⁶ é que se começa a esboçar alguma tentativa de organização do trabalho do homem do campo, veremos que as iniciativas de Padre Argemiro, desde fins da década de 1950, demonstravam sua percepção aguda do cenário político nacional.

E o cenário político nacional lhe era favorável nesse sentido; o governo de João Goulart, tido por muitos como comunista, embora não o fosse, numa nítida tentativa de restauração populista, acenava a braços largos para o sindicalismo rural, promovendo sua regulamentação em 1962, mesmo com toda a oposição das oligarquias rurais, que em tudo lhe eram opositoras⁷. É nesta corrente que padre Argemiro cria, em julho 1963, o Sindicato dos Lavradores de Marquês de Valença⁸. Era a pedra fundamental de um novo desafio em seu sacerdócio, mas, sem o qual, o próprio sacerdote não entendia o sentido do evangelho: “Comprometido com uma obra a serviço do homem do campo, questioneei, a certa altura, o que significava evangelizar essa gente desconhecedora da palavra ‘direito’ e habituada ao recurso da ‘esmola’ no sistema cultural brasileiro de paternalismo”⁹. Nessa empreitada teve o braço forte e colaborador do Bispo D. José Campos Costa que incentivava o associativismo rural na diocese, uma vez que essa também era uma pauta cara à Igreja Católica, como consequência das propostas do Plano de Emergência da CNBB, que orientava a Igreja no sentido de associar os trabalhadores rurais em sindicatos ou associações, com o objetivo de buscar soluções de ordem trabalhista.

O sacerdote mostrava-se terminantemente contrário ao assistencialismo, sobretudo aquele proposto pelo projeto estadunidense denominado Aliança Para o Progresso, que não integrava e muito menos dignificava o homem do campo e em meio a tantas artimanhas para o silenciamento das camadas pobres camponesas; “em meio a tantas dicotomias eu me achava perdido entre trabalhadores rurais, fazendeiros, alienados, analfabetos de letras, de leis, de deveres e de direitos”¹⁰. Seu posicionamento em favor

6 Sindicalismo Rural no Brasil. Disponível em Microsoft Word – SINDICALISMO RURAL NO BRASIL (enfoc.org.br). Acesso em: 04 mar. 2024.

7 MEDEIROS, L. S. História dos Movimentos Sociais no Campo. Rio de Janeiro: Fase, 1989.

8 As informações divergem: em algumas fontes consta o ano de 1963, e em outras, 1965.

9 SILVA, Maria José da. Padre Argemiro Brochado Neves: um exemplo de vida sacerdotal. Vassouras: Gráfica Palmeiras, [S. d.]. p. 58.

10 Idem, ibidem.

de uma maior igualdade social entre as populações camponesas o levou a um alinhamento político de esquerda, conhecedor das propostas de Jânio Quadros, João Goulart e do Grupo dos 11, liderados por Leonel Brizola, um dos mais ferrenhos opositores às ações da Aliança para o Progresso. Assim, criticava duramente as intervenções estadunidenses, sob o governo de John F. Kennedy, ao qual acusava de usar o assistencialismo – ou política de esmolas – para domesticar as vítimas das injustiças sociais.

Padre Argemiro confessava que não se satisfaria no serviço de evangelização caso se limitasse unicamente a cuidar da salvação da alma descuidando da totalidade da pessoa humana. É para satisfazer esta proposta de evangelização totalizante que cria, entre 1964 e 1965, a Juventude Agrária Católica na sua paróquia rural de São Sebastião do Rio Bonito, no distrito de Pentagna. Embora a reforma agrária não tomasse lugar de destaque na pauta da CNBB naquele momento, era preciso que a dignidade do trabalhador rural fosse assentada sobre o acesso aos meios de produção, ou seja, à terra.

Um dos grandes dilemas que se apresentam à vivência humana é a tomada de consciência. Uma vez que são abertos os olhos e compreende-se as situações de desigualdade que cercam os homens, e sejam percebidos suas origens e seus motivos, pulsa dentro do peito e na consciência a constante necessidade de se tomar uma posição diante desta descoberta. Ou o homem se alia ao sistema opressor e torna-se, ele também, parte daqueles que segregam, que exploram que oprimem ou se posiciona ao lado daqueles que sofrem, não para dividir seu sofrimento, mas erguê-lo da poeira e da lama na qual os poderosos esperam que fiquem. Sob a luz do evangelho, qual deveria ser a posição daqueles que, em algum momento, se conscientizaram desta situação? Este era o questionamento de padre Argemiro. E sua resposta era, certamente, aquela que enxergava os princípios do cristianismo abraçando a homens e mulheres desvalidos e excluídos da sociedade. Era perfeito o seu questionamento: “como dizer ao trabalhador sem salários, sem aposentadoria, sem férias, sem feriado, sem identidade profissional, sem-terra, que Deus é Pai, Deus é Amor, Deus fez o mundo para todos? Terrível esse desafio para o evangelizador.¹¹”

A política brasileira, naqueles anos de 1960, era a mais legítima representante do mandonismo aristocrático agrário, que mesmo passado o período escravagista, ainda bebia e se alimentava do *ethos* senhorial do qual se tornou

11 SILVA, op. cit., p. 60.

o mais legítimo herdeiro. Vitor Leal Nunes¹² foi certo ao apontar para o quanto a sociedade brasileira é marcada pela herança senhorial, sobretudo no controle da política e da população rural por meio de uma relação de dependência e de coação. Esse ambiente mental geral que se estendia por toda a sociedade, salvo raras exceções, não permitia o florescimento de ideias contrárias, fosse a nível federal, estadual ou municipal e nem mesmo o clero escapava das acusações de comunismo ao se aproximar da busca pela igualdade social e o atendimento, sobretudo, à população camponesa.

Dentro deste cenário, em 1962 padre Argemiro busca a via da negociação democrática para tentar modificar a situação vivida pelos trabalhadores braçais das fazendas localizadas na abrangência de sua paróquia, no interior do Rio de Janeiro. De início, convidou os Fazendeiros para que pudessem discutir o assunto. Não mais do que quatro apareceram. Buscou, então, identificar as lideranças camponesas, aqueles mais ladinos que pudessem representar os demais e levar a eles melhores informações sobre as propostas que brotassem. Em uma reunião para estes trabalhadores, apareceram cerca de quarenta deles e, desta vez, mesmo sem o devido convite, inúmeros fazendeiros agora se fizeram presentes, muito mais para vigiar o sacerdote e medir o que iria dizer a seus empregados do que motivados pelo interesse em modificar a situação em voga e minimizar o fardo sobre seus funcionários. O clima tenso provocado por pesadas acusações de ambas as partes fez com que a reunião fosse interrompida para evitar maiores indisposições.

Como resultado do encontro, redigiu-se uma carta a ser enviada para 120 fazendeiros. O texto apresentava 14 pontos a serem expostos aos produtores rurais; em alguns o padre apelava à sinceridade cristã daqueles homens para direcionar suas atitudes com seus empregados; em outros, apontava para a incapacidade dos fazendeiros em gerir seus próprios negócios, transferindo para os empregados os prejuízos desta inépcia; em outros ainda, o padre afirmava que as despesas pessoais de cada fazendeiro não deveria ser motivo para que deixasse de dar ao camponês aquilo que era justo. O luxo de um não deveria ser alimentado pela fome de outros. E, por fim, o sacerdote apontava para a necessidade da formação de uma Associação ou Cooperativa de Trabalhadores Ruais, uma vez que, inclusive, os fazendeiros tinham o direito a suas próprias organizações e cooperativas.

12 NUNES, Victor Leal. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

As reações vieram rapidamente: “padre comunista”, com intenção de “subverter a ordem”, eram as mais comuns das acusações e aquela reunião de setembro de 1962 havia colocado nas costas de Argemiro e de algumas lideranças rurais uma marca que os apontava como “vermelhos” e, portanto, merecedores de todas as suspeitas. Mas Argemiro, agora sob a alcunha de “padreco” imposta por inúmeros fazendeiros, apelido que fazia referência à sua pouca idade¹³ e buscava desmerecer sua formação e a seriedade de seu sacerdócio, estava obstinado com a questão da desigualdade entre a população de campo e a falta de uma política de direitos que se estendesse sobre os trabalhadores rurais como um manto protetor, tal como aquela que pouco a pouco vinha assegurando direitos aos trabalhadores das indústrias. Talvez não seja exagero afirmar que, com essa determinação e afinidade com a questão dos direitos trabalhistas da população rural, Argemiro tenha inaugurado, na região Sul do Estado do Rio de Janeiro, uma espécie de Sacerdócio Sindical. O sofrimento dos lavradores de Valença e arredores subia ao púlpito junto com o padre em suas missas¹⁴, convocando a todos, como Igreja de Cristo, a abraçar o resgate da dignidade daqueles que eram também seus irmãos.

Esse seu sacerdócio sindical foi, sem dúvidas, o fator de agregação e fortalecimento do crescente movimento, que arrematava um número cada vez maior de participantes, pois “a presença da Igreja nas expectativas deles levava-os a buscarem em Deus a mesma força que o povo de Israel encontrava nos caminhos da terra prometida”¹⁵. E se no seio da Igreja o sacerdote os alimentava de forças, no campo da política nacional os bons ventos também os regavam de esperanças, respaldadas pelo governo de João Goulart e seu Estatuto da Terra, fruto de algumas das mais brilhantes mentes do governo republicano daquele momento, e determinava, entre outras coisas, a obrigação do Estado em promover o direito ao acesso à terra para aqueles que nela vivem e trabalham. Previa, mesmo, a realização de uma reforma agrária e, ainda que esta nunca tenha saído do papel, as deliberações do Estatuto da Terra eram um justo e promissor aceno às demandas camponesas. Para padre Argemiro este aceno representava uma “direção ao horizonte de luz e libertação de classe, certa de dias melhores nos campos e nas serras”¹⁶.

13 Contava 27 anos por ocasião da reunião com os camponeses.

14 SILVA, op. cit., p. 66.

15 Idem, ibidem, p. 67.

16 Idem, ibidem, p. 69.

No entanto, as elites brasileiras, acostumadas à mais explícita exploração da mão-de-obra e insaciável consumidora dos ideais estadunidenses de meritocracia capitalista, não podia admitir qualquer alteração na estrutura sócio-política vigente, sob pena de permitir participar efetivamente dos rumos do país uma parcela da população que julgavam não ter competência para tal; e mais grave ainda, qualquer caminhada em direção a uma igualdade social acena, para as elites, como uma intolerável diminuição de sua riqueza acumulada. Diante das ações do governo de João Goulart em direção a uma ampliação dos direitos dos trabalhadores, inclusive aqueles do campo, as forças armadas, com o apoio dos políticos de direita e da grande mídia, se mobilizam para pôr término a seu governo. O jovem padre, pela natureza de seu sacerdócio sindical, sempre procurava manter-se suprido de informações que pudesse aplicar no seu trabalho junto a população rural. É pelo rádio que toma ciência das agitações que tomavam o país naquele final de março de 1964:

Mal sabíamos que nas caladas da noite, as forças armadas e furgões políticos anti-reformas preparavam um golpe para cercar a caminhada de um povo em busca da liberdade. Foi assim que na noite de 31 de março de 1964, após um domingo de Páscoa, ligando meu rádio, ouvi algo estranho no noticiário dando conta de que uma marcha das Forças Armadas para a derrubada de João Goulart. [...] A rádio Farroupilha do Rio Grande do Sul transmitia a voz veemente de Brizola reagindo ao golpe militar-capitalista.¹⁷

Ora, se todo aquele que, naquele momento, comunga dos pensamentos, ideias e atitudes de Goulart são considerados inimigos da pátria, certamente contra eles cairia toda a força da ação golpista. E era justamente aí que residia os maiores temores de padre Argemiro, pois imaginava que os trabalhadores rurais alinhados à sua causa seriam incluídos nas ofensivas que, sem dúvida, teriam berço nesta revolução, acirradas ainda mais pelas represálias dos fazendeiros insatisfeitos, que enxergariam nesta tomada de poder a oportunidade para o exercício de um controle repressor em nome da defesa da paz e da ordem. (A sua paz e a sua ordem).

As notícias do dia seguinte não poderiam ser mais temerosas; os militares haviam de fato tomado o poder e o golpe antidemocrático havia se

17 Idem, *ibidem*, p. 69.

concretizado. Todos os movimentos, portanto, próximos ou ligados às questões em busca de igualdade social, percebidas como uma ameaça aos privilégios elitistas, seriam alvo de buscas, perseguições, prisões e horrores ainda piores, como revelados pela história. Padre Argemiro temia pelos membros do nascente Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valença. O município contava com um regimento do exército, o Primeiro Esquadrão de Cavalaria Leve que, certamente, com a instauração de uma Ditadura Militar no governo federal, deveria prestar-lhe a devida obediência, como é natural nas instituições submetidas a um sistema de hierarquias. Temeroso pelos membros do Sindicato e seus simpatizantes, Argemiro, ainda nas primeiras horas da manhã, dirigiu-se à Valença para pôr-se a par das intenções do comando daquele regimento e acompanhar de perto qualquer ação que pudesse se impor aos sindicalistas e, se fosse o caso, o sacerdote e líder sindical estava disposto a ser preso juntamente com seus correligionários, se porventura isso acontecesse.

O cenário era de ação militar, com tanques e tropa em busca dos inimigos imaginados, comunistas, socialistas e esquerdistas que eram o alvo principal das buscas militares; a União Operária estava sob a mira daquelas ações, que alvejaram e mataram na Rua dos Mineiros o seu presidente, mas não revelou a prisão de nenhum sindicalista rural no centro da cidade. Argemiro vai para o distrito de Pentagna, saber dos líderes do Sindicato se algo de seu temor havia acontecido. Ao que parece, até aquele momento as ações militares do novo governo não levaram desgraça ao Sindicato. Mas isso não afastava o medo, uma vez que “de qualquer forma a nossa preocupação era grande, pois, há tempo que se lançava suspeitas sobre nossa ideologia e atividade. Aguardávamos algo deprimente para nós [...]”¹⁸. E a temeridade tinha fundamento, porquanto soube-se depois que havia a intenção de se caçar o sacerdote e os membros do sindicato¹⁹.

As suspeitas a que Argemiro se refere são as acusações de ser o padre um comunista; ora, é preciso ser muito obtuso para em tudo enxergar o comunismo. O sacerdote nunca foi e nunca se declarou como tal, pois sua inteligência sabia identificar a utopia de um comunismo pleno; sabia ainda que o dito sistema tem como pressuposto a extinção do Estado, algo que o padre nunca pregou ou sequer desejou. O que Argemiro pregava era o evangelho da

18 Idem, *ibidem*, p. 70.

19 Idem, *ibidem*, p. 71.

igualdade, da solidariedade e da liberdade. Em sua concepção de sacerdote era clara a ideia de que um homem sem direitos e sem igualdade é uma alma dominada pelo medo, dominada pela desesperança, dominada pela dor e tais sentimentos não condizem com a liberdade prometida pelo Evangelho do Cristo.

Padre Argemiro era tão comunista quanto o próprio evangelho. O apóstolo Tiago já havia alertado: “Mas vocês têm desprezado os pobres. Não são os ricos que oprimem vocês?”²⁰. Essa era a grande motivação daquele sacerdote. Combater a opressão do rico sobre o pobre, lutando por maior igualdade social. O apóstolo Paulo, um dos maiores evangelistas da Igreja, senão o maior, também ensinava aos cristãos a agirem na mesma direção:

Não havia uma só pessoa necessitada entre eles, pois os que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro da venda e depositavam aos pés dos apóstolos, que por sua vez o repartiam conforme a necessidade de cada um [...]. E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns.²¹

Ora, aquele jovem sacerdote do interior não era mais comunista do que o próprio evangelho e a essência da Igreja primitiva, mas a visão obtusa daqueles que estão no poder e daqueles que se abraçam com os privilégios da acumulação, está longe de entender que o amor de Cristo não compactua com a dominação do homem sobre o homem, dos bens sobre a dignidade, do poder sobre o amor, por esse motivo é que rotulavam Argemiro como um padrego comunista.

É interessante notar que, se este padre nunca se colocou como comunista, também nunca fez questão de o negar com veemência. Em uma das reuniões sindicais em Pentagna, percebendo a presença de quatro agentes militares à paisana entre os ouvintes, certamente cumprindo uma ordem de espionagem contra as ações do padre e do sindicato, fez questão de falar algo que poderia ter sido uma prova contra si mesmo: “comunismo não se combate com violência, e sim providenciando comida e justiça para os

²⁰ BIBLIA SAGRADA. Tiago, cap. 2, vers. 6.

²¹ Idem. Atos dos Apóstolos, cap. 4, vers. 35.

trabalhadores”²². Para seu alívio, isso não se reverteu a seu desfavor e as reuniões continuaram ocorrendo nos meses seguintes.

Apesar das suspeitas de comunismo, ou talvez por isso mesmo, o padre e os trabalhadores rurais de seu Sindicato receberam autorização para reunirem-se mensalmente, sempre e a cada vez, mediante uma carta de autorização (*nada obsta*) emitida pelo comandante militar do regimento instalado no município, sempre vigiado por agentes militares, à paisana infiltrados ou às claras aparamentados. Além disso, havia se instalado uma guerra de nervos na forma de constantes ameaças de espreitas e tocaias para a morte de Argemiro, mesmo que isso em ocasião alguma o tivesse intimidado.

No ano seguinte, 1965, não sem um meticuloso escrutínio da censura golpista, aconteceu o reconhecimento jurídico do Sindicato, que se estendia não apenas sobre o distrito de Pentagna, mas estendia-se a todo o município de Valença, cujos trabalhadores rurais poderiam, agora oficialmente, contar com um instrumento que o amparasse jurídica e sindicalmente.

As ações de Argemiro junto à população camponesa e sua identificação com as causas populares se espalharam também para o meio acadêmico. Por essa mesma ocasião, em meados da década de 1960, a Faculdade de Filosofia de Valença lhe pediu alguma obra de cunho social, onde a trajetória das lutas camponesas fosse retratada. A intenção talvez fosse mostrar aos jovens universitários o drama invisibilizado que se abate sobre uma considerável parcela da população que, nos idos de 1960, compunham ainda a maior parte da população brasileira, mas que nem por isso eram vistos e considerados pela mídia e, portanto, ignorado pelos demais setores sociais. Para atender à nova demanda, Argemiro produziu a peça teatral “Os Colonos da Fazenda Santo Isidro”; em suas próprias palavras, a peça era assim descrita:

Tentei abordar toda uma caminhada dos trabalhadores rurais, no sentido de conquistarem seus direitos por meio do Sindicato e de conscientização da comunidade. O forte da peça era lutar pela Reforma Agrária e pela aposentadoria do trabalhador rural. Encerra-se a peça com a festa de uma família e da vizinhança, quando, por acaso, ouvem pelo rádio a notícia do Decreto, assinado pelo Governo, instituindo a aposentadoria aos 60 anos de idade, para trabalhadores rurais.²³

22 SILVA, op. cit., p. 74.

23 Idem, ibidem, p. 76.

Essa obra foi transformada em história em quadrinhos por um de seus ex-alunos na Associação Missionária de Maria Medianeira, Manoel Irineu Maia, cuja aptidão para as artes o levou a ser artista plástico considerado em Brasília. A peça foi levada pela Faculdade para São Paulo, onde foi apresentada em um dos teatros daquela capital.

Para Padre Argemiro, a iniciativa da Faculdade de Filosofia de Valença era de fundamental importância, porquanto servia para trazer às claras uma realidade social oculta propositadamente por uma tradição histórica em geral e pelos interesses políticos em particular. Sobretudo naquele momento do cenário político-militar, que por meio de seus agentes e agências tinha a intenção objetiva de criar e mostrar uma “verdade” cuja aderência com a realidade era simplesmente inexistente. Era importante perceber que os estudantes universitários “interessavam-se ainda pela verdade camuflada nas mais obscuras trincheiras do terrorismo”²⁴. Terrorismo era o adjetivo que o Padre utilizava para se referir a qualquer característica do novo governo estabelecido pelo golpe antidemocrático de 1964.

Sem perder jamais sua veia crítica, o sacerdote denunciava a posição declarada do governo militar com relação à juventude universitária do país. Para o governo, os estudantes deveriam preocupar-se apenas em estudar e não se importar e nem se envolver com a política. Para o sacerdote, este foi um dos motivos que legou ao Brasil uma escassez de lideranças políticas, porquanto foram tolhidos do direito de pensar politicamente e isso causou também uma severa diminuição do desenvolvimento de uma consciência maior de cidadania²⁵. Ora, é sabido, de longa data, que os poderosos ascendem e se perpetuam no poder por meio das armas, da força, da violência e da mentira e quanto mais inculta for a população dos dominados mais facilmente se lhes inculcam as ideologias rasas de subordinação. Padre Argemiro, amante da filosofia, parecia partilhar das ideias de Célestin Freinet, cuja opinião sobre a educação e a política era de que “a democracia de amanhã é preparada na democracia da escola.”²⁶ Não poderia haver maior ameaça para uma dominação obtusa do que uma juventude possuidora de um senso crítico aprimorado.

24 Idem, *ibidem*.

25 Idem, p. 77.

26 FREINET, Célestin. *Para Uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1996; Lisboa: Editorial Presença, 1978.

Não é sem motivo que o curso de filosofia seria sua nova formação no início da década de 1970. Era preciso alimentar-se ainda mais de argumentos que pudessem se sobrepôr às pressões das armas que tomaram de arrasto o comando político da nação.

Ainda nos primeiros anos da Ditadura Militar, na segunda metade dos anos 1960, com todo o temor que assombrava aqueles que buscavam o caminho da igualdade social, padre Argemiro continuava realizando as reuniões com os representantes dos trabalhadores rurais, sendo assistidas, invariavelmente, por um ou outro fazendeiro mais preocupado com o rumo dos movimentos e, também, por alguns militares infiltrados. Sua pauta era sempre a importância do homem do campo e o quanto era necessário que se organizassem de forma cada vez mais sólida e urgente, sobretudo diante das constantes e cada vez maiores injustiças que sofriam. Seu fio condutor era a Doutrina Social da Igreja, uma coletânea de preceitos contidos no conjunto de doutrinas da Igreja Católica que se preocupa com o homem na sociedade e diante das realidades sociais.

Ora, não havia, para aquele sacerdote, realidade social que mais demandasse sua atenção do que aquela vivida pela população camponesa de Pentagna, de Valença e pelos trabalhadores rurais do país como um todo. Dedicar a eles os esforços de seu sacerdócio era sua chamada pessoal; e a tal ponto a considerava assim que chegou a afirmar que se não pudesse salvar a classe trabalhadora rural, toda a sua evangelização estaria esvaziada²⁷. Líder declarado de um movimento de inclusão social da população trabalhadora camponesa, articulador de um movimento de organização destes trabalhadores, e, portanto, alvo principal em uma possível ação de perseguição do governo golpista, o sacerdote afirmava que naquele primeiro mês de revolução os nervos estavam à flor da pele e havia a necessidade de estar sempre atento a toda e qualquer atividade de origem militar e política, não apenas no município de Valença, mas no país como um todo. Nunca os jornais e o rádio lhe foram ferramentas tão úteis e necessárias.

Nestes dias de tensão e de futuro incerto, pessoas conhecedoras da lei e simpáticas aos novos caminhos que padre Argemiro vinha abrindo entre os desertos do direito trabalhista camponês, se prontificaram a ajudá-lo, a fim de que os ânimos militares não se exaltassem contra este ministério. Dr. Munir, advogado em Valença, por vezes o levou à presença de um oficial do

27 SILVA, op. cit., p. 60.

Exército de Valença, a fim de que não restasse sombras entre as propostas da ação missionária camponesa, empreendida por Argemiro, e os conceitos de subversão, traição, terrorismo ou agitação cultuados pelo Exército Brasileiro, que empregava estas ideias a todo e qualquer ação que não estivesse alinhada aos propósitos do novo programa de governo. Dr. Luiz Jannuzzi, outro advogado, tendo tomado ciência de que a organização dos trabalhadores rurais de Valença seria alvo da caçada aos comunistas empreendida pelas forças militares do governo, interveio em favor do padre e de sua organização, evitando que ele ou qualquer um dentre a liderança do movimento sofresse alguma intervenção dos militares. Segundo Argemiro, “foram seis meses de aflição e expectativa, quanto ao destino do movimento sindical”²⁸. Afinal, o Sindicato dos Operários de Valença já havia sido perseguido e sofrido pesadas baixas, tendo seu presidente sido alvejado em plena via pública. Eram razoáveis, então, os temores e as dúvidas quanto ao presente e o futuro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valença. Como suas forças de homem, limitado e fraco, não bastassem para tamanho ambiente de temor e pressão, seu vigor não lhe bastava para seguir adiante; admitindo sua pequenez, o padre confessa: “entreguei-me nas mãos de Deus e me consolava com os Salmos portadores de esperanças em Javé”. Não se poderia esperar outra coisa de um homem que, desde menino, sonhava em entregar sua vida aos pobres e desde muito cedo escolhera os homens do campo como as ovelhas de seu pastorado.

Mesmo tendo obtido autorização para reunirem-se os camponeses, sob a direção do padre e de seus líderes, isso não significava uma total liberdade de ação ou a ausência de interrupções ou sondagens descaradas por parte de agentes do governo terrorista. Em busca constante por indícios de comunismo, socialismo e subversão da ordem, os trabalhadores rurais eram interpelados por agentes do governo que buscavam arrancar deles alguma informação que pudesse ser usada contra o sacerdote. Queriam saber sobre o que o padre lhes falava, que promessas lhes fazia, que orientações lhes dava; e as respostas eram sempre as mesmas e mais verdadeiras: “o padre fala pra nós de religião”. E não era verdade? Não é o evangelho ensinado pelo Cristo a preocupação com os necessitados e com os desvalidos? Não é o evangelho de Cristo o amor pelos pequeninos, pelos oprimidos, pelos últimos? Era sobre

28 Idem, p. 71.

isso que o padre falava. Não havia mentira ou dissimulação nas respostas dos camponeses.

Durante o ano de 1965, houve o reconhecimento jurídico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valença, recebendo então a Carta Sindical, que lhe atribuía a legalidade de seu funcionamento, embora as ações de perseguição continuassem a todo vapor sobre toda e qualquer organização sindical ou civil em todo o país.

Passados três anos, o governo da ditadura expandia ainda mais suas ações apertando o cerco contra todo e qualquer movimento popular que se levantasse em qualquer lugar. Argemiro encontrava-se em Belo Horizonte, quando quatro padres Carmelitas daquela capital haviam sido presos pelo governo despótico. Era dezembro quando padre Argemiro participou de uma reunião promovida pela maioria dos padres daquela diocese, não apenas para protestar contra a prisão de quatro irmãos, como também para esclarecer o povo da cidade quanto ao posicionamento da Igreja em relação aos últimos acontecimentos. Estar à esquerda dos rumos políticos nunca fora tão necessário e tão perigoso e Argemiro colocou-se ombro-a-ombro com o clero da capital mineira em sinal da mais pura e obstinada solidariedade.

Mas as perspectivas não eram as mais promissoras. No mesmo dia em que se realizara a reunião, o governo militar decretou o AI-5²⁹. As crescentes manifestações populares que pipocavam por todo o território nacional incomodavam a ditadura militar, calçada na ordem e na disciplina. Sua rigidez não conseguiu lidar com a flexibilidade, com a multiplicidade e com a capacidade de argumentação que os diversos movimentos sociais apresentavam e, na incapacidade de argumentação, o caminho escolhido sempre foi o recrudescimento das ações violentas. E o AI-5 era a cristalização da truculência como solução. Foi dentro deste contexto de vigilância, perseguição e prisões arbitrárias que o ônibus que trazia Argemiro de Belo Horizonte para Valença foi abordado e os passageiros revistados. O padre acreditou que naquele momento sua prisão se efetuarias, pois certamente seu nome já

29 O Governo da ditadura militar brasileira utilizava, como ferramentas de governo, os chamados Atos Institucionais, (AI) por meio dos quais decretavam novas posturas políticas, policiais e sociais, como a censura, as proibições, as prisões sob falsas alegações e os interrogatórios por meio da tortura. Crianças de 10, 8 e até 6 anos foram mantidas presas sob acusação de terrorismo. De todos os AI, o de número 5 foi o mais impactante, pois além de fechar o Congresso Nacional, cassou o mandato de mais de 300 parlamentares e produziu quase 1.400 mortes; decretou a prisão do ex-presidente Juscelino Kubitschek e do governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, além de um sem-número de artistas, como Marília Pera Gilberto Gil e Caetano Veloso; e a suspensão de uma série de direitos e liberdades individuais.

estaria incluso em alguma lista de suspeitos, em Valença. Não aconteceu e a viagem seguiu seu destino.

Mas isso não lhe trouxe alívio; suas reuniões sindicais causavam grande incômodo aos fazendeiros de Valença, pois parte do poder destes senhores proprietários é baseada na capacidade de controle, domínio e aflição que conseguem impingir naqueles que estão sob suas regras pessoais de autoridade. A criação de um sindicato significava a limitação destas ferramentas de domínio. Estes fazendeiros se identificavam perfeitamente com os ricos que afligiam os denunciados no capítulo dois do livro de Tiago. Era na tentativa de surpreender padre Argemiro em algum ato falho que frequentemente o convocavam para palestras a jovens universitários, entre os quais, obviamente, havia vários agentes militares infiltrados, além dos oficiais regularmente paramentados que compunham a liderança do Quartel de Valença. Em uma de suas falas, uma frase causou desconforto entre os militares. Argemiro havia dito que “a Igreja não tem compromissos com Regimes e Sistemas, mas sim com a Verdade, a Justiça e o Amor”, conceitos desprezados pelo autoritarismo, pela ditadura, pelo despotismo e pelo capitalismo. Afinal, a mentira, a injustiça e o ódio sempre foram armas por meio das quais se toma e se permanece no poder; essas lições já eram ensinadas por Nicolau Maquiavel³⁰, no século XV, em cujo principal livro ensinava este caminho para se chegar no poder e lá se manter; afirmava que mais vale ao governante ser temido do que amado. Nossos ditadores parecem ter transformado “O Príncipe”, de Maquiavel, em seu livro de cabeceira, obra de fé e prática. Por esse motivo a fala de Argemiro causava tamanho incômodo, pois ao dizer que a Igreja não tem compromissos com Regimes e Sistemas, ele não apenas estava afirmando que a Igreja não compactua com o governo do Regime Militar de sistema capitalista, como, mais inda, aponta que, se para praticar, a justiça a verdade e o amor for necessário se opor a tal regime, assim será. Embora essa não fosse a fala explícita daquele padre, a mensagem estava implícita em seu entendimento. Argemiro assumira a postura de Davi, diante de Golias e do exército filisteu por trás dele.

Padre Argemiro identificava no novo governo um adversário ideológico; isso significa dizer que a ideologia carregada pelo governo militar golpista

30 Nicolau Maquiavel foi um notável pensador, filósofo e historiador, nascido em Florença, Itália, em 1469, e falecido em 1527. Sua obra mais conhecida “O Príncipe” era um tratado político entregue a Lourenço de Medici, onde justificava o uso de todos os meios para se chegar e se manter no poder, usando sobretudo a força, a mentira, a violência e o medo.

era divergente daquela defendida, não por aquele padre especificamente, mas pela Igreja que ele representava. Ora, se a ideologia da Igreja era a de abraçar a todos aqueles que estão cansados e oprimidos, a da ditadura militar era justamente a de defender e praticar a opressão. Argemiro, com seu apostolado sindical encontrava-se, então, em uma situação extremamente delicada; de um lado não podia permitir que a Igreja parecesse covarde e inativa diante do avanço da opressão militar e, por outro, não podia jogar a Igreja diretamente numa situação de enfrentamento aberto com as forças do novo governo. Era nos evangelhos e nas conversas com Dom José Costa Campos que o padre buscava suas orientações.

O futuro do Sindicato corria perigo e o dos camponeses era incerto. Tendo se envolvido tão visceralmente na causa camponesa, a ponto de fazer dela o seu ministério, Argemiro percebeu o quanto era árdua e dolorosa a luta por direitos de uma parcela da população tão invisibilizada pela sociedade. Quando se fala que o Agro é tudo, evoca-se a memória das grandes plantações e seus maquinários, das enormes fazendas e seus rebanhos, mas empurra-se para as margens do olhar o trabalhador braçal que tudo opera, que tudo faz e que tudo produz. As vozes que se erguem pela justiça social no campo sempre foram silenciadas, desde as revoltas escravas até as lideranças camponesas contemporâneas. E foi no sentido de recuperar tais vozes que Padre Argemiro vai em busca daquele que havia sido o precursor dos movimentos camponeses na cidade de Valença. Afinal, seria desonesto e desonroso trazer para si este mérito, uma vez que a semente havia sido plantada por outro. Colher os frutos como se fossem seus seria, não apenas um exercício de vaidade, mas um intencional apagamento da memória daquele que, antes dele, havia reunido os trabalhadores do campo contra a opressão dos fazendeiros. A humildade de Argemiro jamais permitiria que essa atitude encontrasse guarida em seu coração.

Em suas próprias palavras Argemiro declarou:

um gesto de reconhecimento a todos que em tempos idos lutaram, com empenho e energia, pelo progresso da classe trabalhadora rural. Quantos grupos anônimos, por este Brasil a fora, arriscaram-se no confronto com autoridades e grupos econômicos a bem dessa classe inferiorizada e equiparada aos escravos do século XIX. Os cristãos dizem que o sangue é semente de novos cristãos, referindo-se aos mártires da fé. Porque não considerar esse mesmo fenômeno quanto

aos “rebeldes”, que conquistaram num futuro bem distante, a liberdade de outras gerações?³¹

Em busca, então, no seu predecessor na luta camponesa, o padre encontrou o velho Francelino. Muitos o desconheciam completamente e outros menos ainda sabiam que aquele velho adoentado, na casa dos noventa anos de idade, morando com sua filha em um casebre do bairro Carambita, havia sido o líder de um movimento camponês que, na distante década de 1930, reuniu dezenas de trabalhadores rurais no Jardim de Cima. Munidos de enxadas, foices e rastelos, suas ferramentas de labuta diária, sob a liderança de Francelino, reclamavam e reivindicavam a regulamentação de direitos trabalhistas para o homem do campo. Apagado da memória social, refugiado no colo de sua filha, Francelino recebeu a visita de Argemiro, cuja longa mensagem tomo a liberdade de reproduzir integralmente:

Sr. Francelino, o senhor não imagina o que vim fazer aqui. Sou o Pe. Argemiro. Vim cumprimentá-lo, pois o senhor é um herói. Tomei conhecimento de sua liderança, em 1930 buscando com os trabalhadores melhores condições de vida. Sua luta foi abafada pelos grandes, mas o senhor está vencendo, porque no Brasil os trabalhadores rurais, estão continuando com coragem e esperança o que o senhor iniciou em Valença. Eu sou um padre que se aliou aos seus colegas trabalhadores e hoje temos um sindicato e melhorias vão surgindo. Fique certo senhor Francelino, Deus tomou nota de sua atitude corajosa e solitária. Fiquei sabendo que sofreu muito. Não foi em vão. Venho agradecer-lhe, em nome da classe rural trabalhadora e do povo de Valença. Deus o abençoe e nos dê essa coragem que o senhor demonstrou, em favor de tantas famílias rurais abandonadas.³²

Era o reconhecimento, enfim, do esforço daquele herói anônimo, cuja luta sofria três décadas de apagamento. O velho Francelino faleceu no mês seguinte, como se estivesse apenas aguardando os agradecimentos do padre.

As décadas de 1960, 1970 e até meados dos anos 1980 foram de uma enorme tensão. Um constante clima de vigilância, de desconfiança, de medos e de suspeitas. Os movimentos sociais, por todo o território nacional, eram

31 SILVA, op. cit., p. 77.

32 Idem, 77-78.

alvos constantes das ações militares diretas ou por infiltrados. O país passava por uma lenta transição de uma economia rural para uma economia urbana baseada na industrialização e na construção civil. A maior parte da população brasileira era ainda composta por moradores do campo, via-de-regra explorados econômica e politicamente pelas elites rurais, com seus currais eleitorais que tradicionalmente mantinha o *status quo* favorável à oligarquia³³.

Neste contexto, no ano de 1975, um conjunto de bispos e prelados da Região Amazônica, por convocação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundou em Goiânia a Comissão Pastoral da Terra, preocupados que estavam com a situação dos trabalhadores do campo, peões e posseiros, constantemente explorados e submetidos a uma situação análoga à escravidão. Apenas três anos depois, padre Argemiro ajudava significativamente na fundação, no município de Paraíba do Sul, de uma regional da Comissão Pastoral da Terra; logo depois, auxiliou também na fundação de outra regional da mesma Pastoral na cidade de Vassouras, onde contou com a preciosa ajuda da Irmandade de Madre Cabrini, sobretudo por meio de sua Provincial. Num breve espaço de tempo as reuniões já cobriam os municípios de Valença, Vassouras, Paraíba do Sul, Sapucaia e Paty do Alferes. Diante do avanço das ações e da abrangência da Comissão, não faltaram acusações contra os camponeses, os sacerdotes e a Igreja, de disseminarem ideologias comunistas. As Comissões Pastorais da Terra constituíram-se em uma importante ferramenta para o fortalecimento dos sindicatos rurais e a elevação de novas lideranças que pudessem sustentar a luta por maior reconhecimento e valorização do homem do campo.

A obstinação, a ajuda de amigos que sabiam os caminhos da lei, a união dos trabalhadores, o amparo de seus irmãos de fé e, sobretudo, a providência divina, permitiram ao padre e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valença atravessarem os anos de horror da ditadura brasileira sem consequências mais fúnebres. Chegavam os anos 1980 e o regime de terror da ditadura militar brasileira apresentava, finalmente, sinais de enfraquecimento. Nenhum poder consegue se manter no controle, exclusivamente pela força, o tempo todo. Em 1985, chegava ao fim o Regime Ditatorial em nosso país³⁴. A queda havia acontecido sob o governo do General Figueiredo, que afirmava amar mais o cheiro de seus cavalos do que o cheiro do povo – o que

33 LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

34 Em 15 de Janeiro, após a abertura democrática, há a eleição de Tancredo Neves, marco definitivo da redemocratização do país.

só demonstra o quanto a ditadura militar estava longe do amor cristão pelo próximo, ignorando, conscientemente, que o reino de Deus pertence aos humilhados, aos pequeninos.

Mal se passou um ano da reinauguração do regime democrático no Brasil e a longa trajetória de luta pelo acesso do homem do campo ao direito à terra estava prestes a conquistar sua primeira grande vitória. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Comissão Pastoral da Terra, dividindo a liderança com Padre Argemiro, preparavam a ocupação da Fazenda da Conquista. Tratava-se de uma propriedade de 128 alqueires³⁵, adjudicada pelo INCRA³⁶ e pelo Estado, que se encontrava ociosa havia mais de uma década, sendo irregularmente usada por alguns fazendeiros locais para a pastagem de seus rebanhos. Os trabalhadores rurais julgavam aquela propriedade passível de ocupação³⁷; inclusive alguns, como Benedito Belizário, já haviam tentado iniciar um roçado naquelas terras, mas foi expulso pelos fazendeiros que se julgavam donos do lugar.

De maneira organizada e pelas vias burocráticas, os lavradores, via Sindicato e C.P.T, enviaram ao INCRA e ao governo do Estado uma carta, por meio da qual pediam que se lhes fosse dada a autorização para se utilizarem daquelas terras, há muito ociosas, para a prática da agricultura familiar. Sem resposta por quase metade de um ano, as lideranças do Sindicato e da C.P.T, reuniram aproximadamente 100 famílias no salão paroquial da Igreja de Nossa Senhora Aparecida de Valença. Era dia 12 de janeiro, dia de São Bernardo de Corleone, homem que depois de ter praticado um ato violento, arrependeu-se e levou uma vida pia no sacerdócio Capuchinho, vida tomada a exemplo de seu pai, um curtidor de peles, e sendo, ele mesmo, por muitas vezes, um cuidador de animais enfermos³⁸, ambas as atividades ligadas às atividades camponesas. Talvez não fosse uma coincidência, enfim, que a reunião se desse naquela noite. A intenção era esperar a madrugada para,

35 Na Região de Valença, o alqueire utilizado é o mesmo do estado de Minas Gerais, portanto, 48.400 m²; totalizando então 6.195.200m² (seis milhões, cento e noventa e cinco mil e duzentos metros quadrados) ou 619,2 hectares.

36 Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

37 A ocupação da terra não é o mesmo que invasão. A ocupação é uma ferramenta, prevista na Constituição Federal de 1988, para chamar a atenção para a necessidade do uso social e legítimo da terra, chamando a atenção para a necessidade da reforma agrária. Acusar a ocupação de se assemelhar à invasão é lançar demérito sobre toda a luta camponesa por acesso à terra, igualdade social no campo e o homem camponês como agente de direito.

38 São Francisco de Corleone. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/carisma/calendario/sao-bernardo-de-corleone#gsc.tab=0>. Acesso em: 19 mar. 2024.

em marcha, seguirem para a fazenda a fim de ocupá-la pacificamente, chamando a atenção para a necessidade emergencial de se promover a reforma agrária que em nosso país sempre foi procrastinada e relegada às sombras.

Mas nada era fácil na militância camponesa de Padre Argemiro; havia entre eles um “Iscariotes” que os delatou em troca sabe-se lá de quê; e tal qual as tropas de Pilatos, a polícia os cercou ao mesmo tempo que enviou numerosas guarnições armadas à Fazenda da Conquista para impedir a entrada de qualquer trabalhador rural. Frustrada esta primeira tentativa, se fazia necessário elaborar nova estratégia. Desistir de toda essa carreira não era uma opção. Naquele momento, o grupo dispersou, o ânimo arrefeceu mas as esperanças não. Era preciso apenas elaborar uma nova estratégia. Por essa ocasião, os esforços de Padre Argemiro já haviam entusiasmado outros religiosos que também entendiam ser o Evangelho inseparável da luta pela dignidade do homem como um todo e fonte de acolhimento para os necessitados e desprezados pela sociedade. Dentre os que estavam ombro a ombro com Argemiro nesta missão estavam o presidente da C.P.T, Sebastião Cesário, um sacerdote notável; padre Geraldo Lima, Assistente da Regional da C.P.T; os seminaristas Teófilo Matos e Luiz Fraga Magalhães, além de muitos outros voluntários que, junto aos sacerdotes e aos camponeses, colocaram-se na linha de frente desta batalha tão necessária.

Algumas semanas depois da primeira tentativa de ocupação, aproximadamente 25 famílias, com apoio da C.P.T, reuniram-se no Centro Diocesano de Formação. Eram 2:00 horas da manhã do dia 21 de fevereiro, dia de São Pedro Damiano, filho último de uma numerosa e pobre família e, por esse motivo, experimentou a fome quase morrendo de cianose³⁹. Embora a data não tivesse sido escolhida por esse motivo, a coincidência era de um enorme simbolismo. Um grupo de famílias camponesas, condenadas à insegurança alimentar por falta de acesso à terra para cultivar, reúnem-se no dia de um santo que quase morreu de inanição pela fome.

Desta reunião, surgiu a nova estratégia para ocupar a Fazenda da Conquista; a ideia era evitar a entrada principal e fortemente vigiada pela polícia e por fazendeiros ou seus jagunços armados, dar a volta pelo município vizinho e enveredar por uma estrada vicinal; uma *blitz* policial os fez abandonar a condução na beira da estrada, enveredar pela mata escura durante alta madrugada e, finalmente, entrar pelos fundos da propriedade e se instalar em

39 SÃO PEDRO DAMIÃO, BISPO DE ÓSTIA E CARDEAL, DOUTOR DA IGREJA, CAMADOLENSE. Disponível em: www.vaticannews.va. Acesso em: 20 mar. 2023.

uma antiga casa de colono. Plantaram-se ali e não arredaram pé. Era necessário agora que os irmãos de fé e de causa lhes dessem suporte. Na Chácara Pentagna, as mulheres, sob a liderança de Marilda Fernandes, organizava uma cozinha de campanha, que abastecia de sopas as famílias instaladas no casebre. Por outro lado, a C.P.T debruçava-se sobre o telefone em longas horas de contato com políticos locais, deputados e movimentos sociais mais diversos para conseguirem apoio e respaldo.

Não faltaram as tentativas de intimidação, desde as ofensas verbais e xingamentos, até as tentativas de provocar acidentes de carro que pusesse dar fim à vida daqueles que levavam alimento aos lavradores instalados na ocupação. Os fazendeiros recorreram até mesmo a ataques físicos e sob a ameaça de arma de fogo que colocaram Argemiro, Dr. Norberto e o padre que os acompanhava sob a mira das armas:

Quando levávamos comida para as famílias confinadas, naquela área, um dos fazendeiros, que tudo indica explorava pecuariamente aquelas terras, instigou um motorista da Light a esbarrar-se com o Fusca do padre. [...] Em seguira o tal fazendeiro, sem camisa e portando uma arma de fogo, aproximou-se do Fusca, atirou para o lado de uns dez homens da ocupação e outros da C.P.T., investiu contra o padre que se achava no volante, xingando-o com palavrões, apontava a arma, batia com ela na cabeça do padre, empurrava-o com o cano do revólver em seu ouvido, até por fim manda-lo embora. O padre, no entanto, não se retirou, enquanto o mesmo fazendeiro dirigia-se ao Dr. Norberto, advogado do S.T.R, que se achava em seu carro. Repetiu com ele a mesma cena, chegando a sangrar seu rosto com o cano do revólver. O padre, reconhecendo que o Dr. Norberto esperou por ele [...] desceu do carro, foi se aproximando do fazendeiro, pedindo-lhe que tivesse calma e deixasse explicar-lhe o que estava acontecendo [...] recebeu dele um empurrão que o jogou ao chão [...] ⁴⁰.

Tal cena se passou sem que houvesse uma ação efetiva dos membros da ocupação. Isso porque não havia entre eles armas, uma vez que convencionaram entre si que não fariam uso delas jamais. Afinal, não faltavam exortações de Argemiro, em seus sermões, sobre o caráter pacífico do Evangelho, sobretudo na repreensão que Pedro sofre quando lança mão da violência para proteger o Cristo: “guarda a tua espada, pois quem vive pela espada,

40 SILVA, op. cit., p. 83-84.

pela espada morrerá”⁴¹. Argemiro sempre ensinou que o Cristianismo não comunga com a violência e seus fiéis haviam aprendido seus ensinamentos.

Na mesma noite, todos os que levavam comida aos ocupantes da fazenda eram barrados, revistados, documentos requisitados; as forças policiais invadiram o casebre e impuseram o terror. A ditadura havia acabado no regime político, mas não na mentalidade e no modo operante das forças policiais do país. A truculência e o terror ainda eram ferramentas recorrentes. Mas os camponeses não se renderam, não arredaram pé.

As notícias da ocupação correram os municípios vizinhos e vários membros das Dioceses de Valença, Barra do Piraí e Volta Redonda se articulavam para dar apoio à ocupação; voluntários vinham aos montes demonstrar sua solidariedade na forma de doação de alimentos, enquanto os políticos acovardados, não querendo sujar suas relações com os poderosos fazendeiros locais, encolhiam-se em sua pequenez; só vieram manifestar algum sinal de apoio quando o processo era irreversível.

Já nas primeiras semanas da ocupação, os lavradores começaram a erguer suas barracas e a rasgar a terra para o plantio do feijão. A possibilidade de sucesso da ocupação era um precedente de alto risco para os fazendeiros, donos de extensas terras improdutivas, mantidas apenas como ostentação, *status* e ferramenta de poder. Daí a exaltação de alguns fazendeiros e a timidez de muitos políticos locais. No plano estadual, prevendo dividendos políticos, Leonel Brizola, governador do Estado do Rio de Janeiro, enviou um emissário para negociar com os ocupantes, lhes garantindo a intenção do Governo de assentá-los naquelas terras. Daí para a frente, parte significativa da força policial foi retirada; um Regulamento foi redigido pelos trabalhadores com a ajuda da C.P.T Diocesana, documento que deu origem a uma Associação com o nome de Mutirão da Conquista. Não poderia ser escolhido um nome melhor; não porque esse era o nome original daquela fazenda, mas também porque a ocupação, a atenção do Governo Estadual e a demarcação definitiva da terra era, naquele momento, a maior conquista já realizada pelos trabalhadores rurais no interior Sul do Estado do Rio de Janeiro e que, certamente, serviria de modelo e mirante para muitos outros que se estenderiam pelo Estado.

A primeira celebração da vitória se deu na forma de uma celebração da Eucaristia, realizada por nada menos que 17 padres, todos, aos olhos dos

41 BIBLIA SAGRADA. Mateus, cap. 26, vers. 52.

fazendeiros e de alguns políticos locais, verdadeiros comunistas. No local da ocupação e da missa ergueu-se um cruzeiro, que manifestava a presença da Igreja ao lado da causa camponesa.

Com a presença dos Assuntos Fundiários do Governo, as terras final e oficialmente foram divididas em glebas e os fazendeiros não tiveram outra alternativa a não ser retirar o gado que mantinham ali, em boa parte, ainda, como forma de marcar sua presença e poder sobre aquelas terras. Os camponeses começaram a erguer suas casas, semear suas lavouras; as matas foram preservadas como estabelecido no Regulamento que a Associação criou. A produção familiar primava pela preservação do meio ambiente. Restava uma última querela: a Fundação D. André Arcoverde entrou na demanda, pois fazia tempo que reivindicava a sede da Fazenda para a instalação de um curso de medicina veterinária. O próprio Governador Brizola interveio pessoalmente e garantiu aos camponeses a posse integral da propriedade, uma vez que toda ela, em sua integralidade, havia sido concedida aos posseiros. Era o desfecho definitivo daquela desgastante, mas vitoriosa, empreitada.

Argemiro havia acompanhado todo o processo, desde sua gênese até a conquista definitiva daquelas terras, sem nunca ter deixado de estar ao lado dos camponeses, fosse nos momentos de angústia, fosse nos momentos de alegria. Sua presença sempre foi muito mais do que um lenitivo; constituiu-se mesmo num bastião de fortaleza que incentivou os trabalhadores rurais nos seus momentos mais temerosos. Esta talvez tenha sido a empreitada mais importante de todo o ministério sindical daquele padre, pois mostrava, desde o início, o quanto o evangelho é a representação das causas dos humildes e desprezados.

As ações de Padre Argemiro também se espalharam por outras demandas além daquelas diretamente ligadas à questão do homem do campo. Há tempos o sacerdote havia percebido o quanto lhe seria útil, não apenas para a expansão da fé católica como também para seu ministério sindical, a expansão dos meios de comunicação. Ora, este homem havia sido discípulo de Padre Barreira, que a vida inteira se dedicou a um Apostolado Catequético Cinematográfico e, certamente, suas impressões sobre o emprego da tecnologia de informação na expansão do evangelho haviam marcado o jovem Argemiro, que agora ressentia-se da ausência dela a favor das atividades relacionadas à sua ação junto à população camponesa. Por este motivo, empenhou-se na instalação de uma torre de repetição de sinal de televisão

em Valença, visando a captação do sinal da emissora Católica Rede Vida⁴². Era uma forma de trazer informação social e política, aliada a uma formação espiritual, àqueles a quem o padre dedicava seus esforços.

A passagem de Argemiro pela Diocese de Valença foi, sem dúvida, um marco definitivo na mudança das relações de trabalho entre os camponeses e os fazendeiros; da ascensão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais; e do posicionamento da Igreja de Cristo diante das necessidades dos aflitos e diante da opressão da ditadura militar. O não acovardamento de Argemiro diante das injustiças e da opressão causada pelo governo do terror, pelo poder das oligarquias e pelas resistências mais diversas que o acusavam de padreco comunista, entre outras injúrias, certamente serviram de inspiração e encorajamento para que outros tantos, sacerdotes ou não, se alinhassem ombro a ombro na conquista por direitos e igualdade social dos camponeses de Valença e de toda a região onde essas ações se desdobraram.

Sua trajetória certamente marcou a vivência da Diocese de Valença e dos municípios vizinhos. Odiado pelos militares, pelos políticos da extrema direita, pelos fazendeiros regionais, conquistou o amor e a admiração daqueles que eram alvo de seu ministério. A trajetória das conquistas sindicais no Estado do Rio de Janeiro não pode ser escrita sem que nela conste a ação, o engajamento e a combatividade corajosa de Padre Argemiro.

O homem nascido no distrito de Santa Isabel do Rio Preto, em 1935, tornado seminarista em 1949, ordenado sacerdote em 1958, recebe o título de Monsenhor em 1983. E depois de uma trajetória de embates e combates, cuja comunhão com Deus lhe conduziu às vitórias, não para si, mas para aqueles que comungava de seus ideais, veio a falecer, prematuramente, em 20 de maio de 1998.

Argemiro foi a face de um sacerdócio sindicalista, ajudou a cunhar a identidade da Diocese de Valença, amou o homem do campo, entendeu suas agonias e lhes forneceu refrigério e fortaleza diante das dificuldades que, como o fogo torna mais duro o aço, tornou mais forte os camponeses e suas causas.

42 Emissora católica, dedicada à Nossa Senhora em Fátima. Criada em 199, sediada no município paulista de São José do Rio Preto. Com cobertura, atualmente, em todo o território nacional.

Referências

BÍBLIA SAGRADA.

FREINET, Célestin. **Para Uma Escola do Povo**: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo: Martins Fontes, 1996; Lisboa: Editorial Presença, 1978.

LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

MEDEIROS, L. S. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: Fase, 1989.

NUNES, Victor Leal. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, Maria José da. (Org). **Padre Argemiro Brochado Neves**: um exemplo de vida sacerdotal. Vassouras: Gráfica Palmeiras, [S.d.].

Sites

Mobilidade Fluminense: explorando os caminhos de sua cidade. Disponível em: <https://www.mobflu.com/2019/10/rotas-fluminenses-rj-145-de-passa-tres.html>. Acessado em: 26 fev. 2024.

São Francisco de Corleone. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/carisma/calendario/sao-bernardo-de-corleone#gsc.tab=0>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SÃO PEDRO DAMIÃO, BISPO DE ÓSTIA E CARDEAL, DOUTOR DA IGREJA, CAMADOLENSE. Disponível em: www.vaticannews.va. Acesso em: 20 mar. 2023.

Sindicalismo Rural no Brasil. Disponível em: Microsoft Word – SINDICALISMO RURAL NO BRASIL (enfoc.org.br). Acesso em: 04 mar. 2024.

XXIII. PADRE JOÃO JOSÉ DA ROCHA: PASTOR, PROFETA E DEMASIADAMENTE HUMANO

Nadir de Paula Rocha

Trecho do Testamento Particular do Pe. João José da Rocha

“Um Ato de Fé. Proclama para todos os meus fé, como Cristo é mestre e Senhor e me ensina, através da Santa Igreja Católica Romana. Creio que Deus é meu Pai e por isso tem um plano de amor e salvação para mim, apesar das minhas faltas. Desejo fazer a vontade de Deus, hoje e todos os dias da minha vida. Ofereço os sofrimentos, que eu tiver de suportar e minha morte, para libertar o povo do medo e da opressão, na luta que deve ser empreendida, na construção do Reino de Deus [...]. Meu empenho é ser um instrumento, com a ajuda do Espírito Santo [...]. “Se eu morrer, nesta missão, peço aos Agentes de Pastoral que continuem essa caminhada”.

Alguns dados biográficos

Nascimento: Entre Rios de Minas-MG – 12 de outubro de 1925.

Batismo: Entre Rios de Minas-MG – 25 de abril de 1926.

Presbiterato: Catedral de Valença – 23 de setembro de 1962.

Falecimento: Paróquia São José Operário – 28 de março de 2011.

Ministério Pastoral

1. Pároco

Santa Tereza D’ Ávila – Rio das Flores.

Santa Isabel – Santa Isabel do Rio Preto.

Santo Antônio – Conservatória.
São Pedro e São Paulo e Santo Antônio – Paraíba do Sul.
Santo Antônio dos Pobres – Paraíba do Sul.
São José Operário Triângulo – Três Rios.
Nossa Senhora Aparecida – Levy Gasparian.
São Sebastião – General Carneiro.
Santuário de São Judas Tadeu – Belo Horizonte-MG.
Nossa Senhora da Glória – Belo Horizonte-MG.

2. Administrador Paroquial

Santa Rosa de Lima – Valença.

3. Vigário

Santa Luzia – Belo Horizonte

4. Capelão

Hospital de Clínicas – Belo Horizonte.
Nossa Senhora do Rosário – Valença.
São José Operário – Três Rios.

5. Protagonismo Pastoral

Criador da Pastoral Afro-diocesana.
Co-criador das CEBs do Brasil.
Co-criador da Pastoral Diocesana da Terra.
Co-criador da Pastoral Operária.
Membro do Colégio de Consultores da Diocese de Valença.
Membro do Conselho de Presbíteros da Diocese de Valença.
Membro da Coordenação Pastoral da Diocese de Valença.

Depoimentos

1. Pe. Rocha: Combativo e Generoso.

Convivi mais de perto com Pe. Rocha como seminarista; depois disso, nunca mais o perdi de vista. Tinha minha admiração. COMBATIVO: o conheci

perseguido, dentro e fora da Igreja. Nunca entregou os pontos, jogava limpo. Assumiu as causas mais pertinentes e relevantes que a realidade colocava para a igreja e a sociedade, com ponto alto na questão negra e CEBs. “Antenado” e atualizado, vide sua biblioteca, era um intelectual orgânico fazendo ponte para o povo nas comunidades, que sempre chegava muito antes da missa ou reunião. GENEROSO: acolhedor de primeira, sua casa era nossa casa e onde a comida não faltava. Solidário, marca que extrapolou a diocese, expressando o cuidado com a família não só de sangue, mas também de fé. Espírito de compreensão revelado na empatia com as crianças nas muitas missas celebrada com elas. Aberto e sem medo do novo, encarava tudo como desafio. Um profundo senso de comunidade. Ele era comunitário na essência. Descanse em paz. *(Pe. Luiz Fraga Magalhães)*

2. É com muito prazer e orgulho que venho, através do meu testemunho, relatar a minha grandiosa experiência vivenciada com o saudoso Padre Rocha, que na década dos anos 1980 até aos anos 1990, iniciou a construção da Pastoral da Juventude, Pastoral dos Negros e CEBs. Sem dúvida o nosso grande momento foi em 1984, quando realizamos o grandioso Congresso da Juventude. A partir daí desenvolvi minha liderança. Hoje sou coordenador do setorial negros e negras da CMP do Brasil. Com todo carinho. *(Luis Carlos de Souza – Assessor de Projetos e Convênio da PM de Levi Gasparian)*

3. Padre João José da Rocha

Não me sinto nem digna de escrever sobre Pe. Rocha. Apenas quero testemunhar mais que a cultura humana e religiosa, a autenticidade de pessoa, mais que tudo, sua santidade, na pureza e transparência de suas atitudes, traduzindo sua conduta reta e íntegra. *(Maria Luíza do Valle Matta – Médica – CREMERJ: 52-13373-5 – Com Pe. Rocha: Pastoral da Saúde, Pastoral Vocacional e Matriz de São Pedro e São Paulo, Paraíba do Sul-RJ)*

4. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marques de Valença e a sua assessoria Jurídica, consternados com o falecimento de nosso grande amigo Padre João José da Rocha, apresentamos os nossos agradecimentos a Deus pela sua vida sacerdotal dedicada aos pobres, aos trabalhadores Rurais e ao povo sofrido da Diocese de Valença, que a elite não soube reconhecer. Mas Deus lhe dará o prêmio celestial, conforme a citação Bíblica. *(Norberto Miguel de Souza, Advogado de Sindicato)*

5. Entre os anos de 1980 e 1986, coordenando a Pastoral da Juventude da Paróquia de São Pedro e São Paulo, tive a honra, a alegria e a graça de poder contar e conviver com este exemplo de Pastor, irmão, companheiro e amigo Padre Rocha. Sacerdote de uma Fé comprometida com o Projeto de Jesus Cristo, sempre aberto e compreensivo aos anseios da juventude: anseios de justiça, liberdade com responsabilidade e busca de um ideal. Suas palavras eram sempre de coragem, carinho, amor e incentivo a organização e ao compromisso com o próximo. Seu exemplo com certeza nos ajudou a continuar nos ajudando a lutar por uma Sociedade mais justa e fraterna. Obrigado Padre Rocha, por ter-nos permitido fazer parte do seu Santo Ministério Sacerdotal. *(Domingos Aguiar de Mendonça – Comunidade Eclesial de Santa Rita de Cássia – Paróquia de São Pedro e São Paulo – Paraíba do Sul-RJ)*

6. Foi na década de 1980, na Paróquia de São Pedro e São Paulo de Paraíba do Sul, que tivemos a oportunidade de criar a Pastoral Operária. O apoio, a solidariedade, o amor pela justiça e o empenho do Padre Rocha e do Padre Medoro foi fundamental para que pudéssemos continuar a luta. Nunca mais iremos esquecer das palavras de incentivo, de Fé, de sabedoria e de confiança que Padre Rocha transmitia para todos nós. O que aprendemos devemos muito ao inesquecível Padre Rocha. Obrigado por tudo! *(João Batista Soares – Membro da Secretaria Municipal de Direitos Humanos de Paraíba do Sul e Comunidade Eclesial de Barão de Angra)*

7. Pe. João José da Rocha foi um grande sacerdote. Simples, popular, falava a linguagem do povo e pode ser chamado com justiça de “Dinâmico e Carismático Animador das Pastorais Sociais”. Durante o período de sua permanência em Paraíba do Sul surgiram novas Pastorais (Pastoral Afro, da Terra, Operária) e implantou as assembleias comunitárias que despertaram no povo um novo vigor e ardor missionário. Como membro de seu Conselho Pastoral, posso afirmar que nunca se trabalhou tanto e que foi uma honra tê-lo como amigo e Pastor. As Comunidades Eclesiais de Paraíba do Sul agradecem a Deus o privilégio do convívio e da experiência adquirida com este grande homem de Deus. *(Maria Haydée Gonçalves)*

8. P ai, perseverante
E sperançoso, acolhedor
R ocha, resistente em todos os tipos de luta
O timista sempre

Comunidades para ele é tudo

Humano, gente: sua identidade

A mor à todos que o procuravam e viveram com ele.

Pe. Rocha obrigado por tudo, por sua existência e pelo exemplo humano que nos deixou. Na casa do Pai interceda por todos nós. (*Teresa de Sousa – CEBS e Pastoral Afro – Paróquia São Sebastião – Três Rios-RJ*)

9. Padre Rocha, um amigo que partiu ao encontro do Pai. Homem simples, humilde, firme em suas atitudes e de uma fé capaz de contagiar os corações adormecidos. Observador, sensível, capaz de ler nas entrelinhas gestos e atitudes maldosas, as vezes se valia disso como forma de resistência a seus sofrimentos. Percebia nossas inquietações mais profundas e buscara sempre nos ajudar. Foi o pastor que conduziu ovelhas e buscou ovelhas perdidas. Incentivou a partilha dos bens e dos dons para o crescimento da comunidades. Seu grande apelo é: *Tenham coragem, fé em Deus e em si mesmos. Ao povo afro-descendente ensinou a busca de sua identidade, dignidade e solidariedade.* Louvo ao Pai, por ter me concedido o privilégio de conviver com uma pessoa tão humana, dedicada e comprometida com o Reino. Louvo por ter partilhado momentos alegres e dificuldades da caminhada em busca da justiça e da fraternidade. (*Nadir de Paula Rocha – co-fundadora da Pastoral do Negro de Paraíba do Sul*)

10. Pe. Rocha se comunicava com frases curtas e diretas, o recado estava dado. Paciente no escutar as dores e queixas de quem o procurava, intolérante e sábio nas situações injustas, abrindo os olhos com simplicidade, com setas, para que as comunidades descobrissem os jeitos de caminhar, rezar e buscar saídas.

Foi nesse tempo que o povo de cá, também foi descobrindo a Bíblia. Sempre como pastor cuidava e enviava a buscar conhecimentos da Palavra de Deus no estudo, a serviço da Palavra e metodologia própria, integrando Bíblia, realidade e comunidade, onde grupos comprometidos iam fermentando uma Igreja formada também de CEBs, amadurecidas na Fé e na luta. Lembro e visualizo bem forte do 6º Intereclesial das CEBs, em Trindade-GO, época da constituinte morte do Pe. Josimo... Uma festa de celebração e compromisso fortalece e enche de ânimo contagiante para a caminhada em nossas comunidades, se comprometendo com a vida. Pe. Rocha puxava o cordão junto com pessoas (Leigos e alguns Sacerdotes) que optaram por “este jeito de ser Igreja” desde antes, nos encontros paroquiais, interparoquiais e diocesanos.

A casa do Pe. Rocha era o lugar de estudo, reflexão, oração e preparação da memória e celebração da caminhada das comunidades, onde Pe. Rocha permanecia como sustentáculo do grupo; permanecia até o cansaço se tornar insuportável e ele deixava o “bando” com a confiança de pastor.

Acho difícil resumir aqui o ministério do Pe. Rocha, que só mesmo uma paixão pelo projeto de Jesus Cristo e da sua Igreja, numa “teologia libertadora, tendo como prioridade os pobres”, é que nos faz contagiar. Tinha também muito carinho pelas crianças e sua formação, aja vista sua atenção muito especial à catequese e ao Ensino Religioso nas escolas; não “abria mão” de ser presença nas reuniões semanais, apoiando e orientando.

Nunca perdia de vista o resgate das “Culturas Oprimidas”, entre elas, a Pastoral do Livro que, em nossa região, surgem lideranças fortes e formam grupos que descobrem a necessidade do resgate da história e tomam consciência do valor de ser gente contra o racismo e o preconceito. Rocha com muita paciência e sabedoria se mistura; e juntos formam uma teia e lutam usando estratégias que descobrem na própria história do negro no Brasil e as opressões. Esta teia continua, está aí como vento que sopra e ninguém vê.

Este jeito de ser “Padre Rocha” custou-lhe muitas críticas que o entristeciam; porém, não lhe tirava a força do ardor; ameaças de poderosos, que não mostravam a cara, mas expeliam seus venenos com ameaças e cartas anônimas... mas a Fé do Rocha não o deixava parar.

Padre Rocha, você foi e será referência de Fé e Força na Caminhada de muita gente pelo seu jeito de *ser gente, sacerdote, Vida de dedicação* exclusiva ao serviço da Fé e da Vida do jeito que Jesus Cristo viveu e ensinou...

Amamos Você querido Pastor. As CEBs, com o rosto politizado por causa da Fé, está vivendo um tempo histórico numa sociedade neoliberal; porém a Proposta é maior que o tempo. “Se as coisas são de Deus, elas prevalecerão” (*Iracy – Co-coordenadora do CEBI e fundadora do Habitat*)

11. SACERDOTE identificado com CRISTO, com o irmão e com renovada santidade. Pe. Rocha era este SERVO de Cristo no sentido de que sua existência era assumir o Batismo até as últimas consequências. Vivia em Cristo, por Cristo e com Cristo, dedicando sua vida ao serviço do próximo, do oprimido, do marginalizado, daquele que não tinha voz e nem vez na “sociedade.” Pe. Rocha “inculturava-se” nas diversas situações da “IGREJA” (Instituição), sempre levando a Boa Nova, pregando com o testemunho o Evangelho. Assim conheci o Pe. Rocha lá na simples comunidade do Berreiro, perto de Werneck, onde meus pais moravam também.

Nossa casa o acolhia e meus pais de charrete o levavam de casa em casa; e o Pe. Rocha ia espalhando seus DONS, sua SABEDORIA POPULAR, sua Humildade. Parando nas casa e tomando o cafezinho com broa, aipim, angu frito... Com que alegria se passavam aquelas horas.

Pe. Rocha levando o CRISTO àquelas pessoas que tinham sede de conhecer este Jesus que é AMOR.

Apresentava a BIBLIA como Livro Sagrado e a BIBLIA com sua Vida, a Bíblia VIVA, Solidária com o sofredor, com o oprimido daquela terra, onde sempre se plantava mas nem sempre se colhia... Era a chamada “pequena lavoura”.

Pe. Rocha deixava a benção sacerdotal, deixava seu sorriso, sua Fé. O ENVIO Missionário era seu Carisma.

Pe. Rocha, RESPEITAVA as pessoas, compreendia a FÉ popular, as Promessas para chover, os terços, as ladainhas. Respeitava e ouvia aquele povo tão sofrido, pois o que plantava era vendido pelos atravessadores.

Era uma alegria simples estes momentos fortes. E assim incentivou, depois com a ajuda Pe. Pacífico, a construção de uma capela dedicada a Mãe, N. Senhora Aparecida, mostrando ao povo o SIM de Maria. E todos que dizem o SIM ao plano de Deus são os cumpridores do seu batismo.

Pe. Rocha deixa para nós, que tivemos a GRAÇA de conhecê-lo e com ele conviver, a FÉ o AMOR, a FIDELIDADE, a HUMILDADE, a PERSEVERANÇA e a DISPONIBILIDADE de servir o Povo de Deus.

Sempre comprometido com a VERDADE, com a JUSTIÇA, com seu irmão marginalizado, oprimido, com o NEGRO.

O AMOR de Deus chama a cada um de nós a sair daquilo que é limitado e não definitivo, dá-nos CORAGEM de agir continuando a procurar o bem de todos, a coletividade, ainda que não se realize imediatamente; mas a FÉ aponta para o dinamismo da Esperança.

Sabemos que o Pe. Rocha não realizou seus sonhos, mas deixou em nós marcas da Esperança, a certeza de que vale a pena viver por Cristo e morrer pelos irmãos. SER PADRE é participar e, ao mesmo tempo, ser um DOM de DEUS para todos.

E você Pe. Rocha foi isto para nós. “QUEM CRÊ EM MIM, FARÁ AS OBRAS QUE FAÇO E FARÁ ATÉ MAIORES QUE ELAS” (Jo14.12) *(M Teresa Coelho Areas – catequista e professora do Ensino Religioso Estadual, atualmente da equipe da PASCOM de Três Rios)*

12. Páscoa do Pe. Rocha

“CREMOS NA RESSUREIÇÃO DOS MORTOS, NA VIDA ETERNA. AMÉM!” Jesus chorou a morte de seu amigo Lázaro, hoje nossas comunidades choram lágrimas de dor e de saudades daquele que podemos chamar de “Pai das CEBs” em nossa diocese. Também são lágrimas de gratidão e alegria na certeza da ressurreição.

Pe. Rocha, homem de fé profunda, vida de oração e ação, zelo apostólico, profeta e servidor, amante dos pobres, confessor, conselheiro, amigo, grande evangelizador, sacerdote santo, amou a igreja até o fim. Humilde e simples, amou com imensa sabedoria que vem de Deus.

Pe. Rocha, seu nome já diz, “rocha firme”, que não se deixou abater por muitos sofrimentos. Pagou caro por ter nascido em uma família humilde, ser negro, pobre e depois ainda doente e idoso. Abraçou sua Cruz com amor, cuidou dos pobres, criou e ajudou nossas comunidades, foi uma forte coluna de fé e compromisso em nossa diocese. Discriminado por muitos, amado e querido por todos nós seus amigos e filhos na Fé. A ele toda a nossa gratidão e compromisso de seguir seu exemplo de discípulo e missionário de Jesus Cristo, tendo sempre Maria como companheira de nossa caminhada.

Descanse em Paz Padre Rocha! *(Marilda Fernandes – Coord. do CEBI)*

13. Sempre preocupado em despertar a valorização pessoal e levar a formação a verdadeiros e corajosos profetas e profetizas, criou e incentivou a formação de Escolinhas Bíblicas, Círculos Bíblicos e Grupo de Reflexão nas casas. Com o apoio do CEBI, cursos de capacitação e formação enriqueceram o estudo da Bíblia e transformaram pessoas simples em líderes formadores e atuantes em sua comunidade *(Eliene Maria – Coordenadora do CITEP e membro do CEBI- Três Rios)*.

14. Pe. João José da Rocha, um homem simples, humilde e justo como José. Um livro de mil páginas não daria para exaltar as qualidades e feitos desse homem. Seis anos que passou em nossa paróquia na década de 1980, muito nos ensinou. Fundou e incentivou as pastorais e movimentos, mas a sua prioridade foi CEBI, CEBs, Clube de Mães e, em especial, a Pastoral do Negro. Com ele aprendemos a lutar pela nossa cidadania para que tivéssemos voz, vez e lugar. Estamos entristecidos com a sua morte. O que alegra o nosso coração é este presente de Deus: passar com ele seus últimos sete meses de vida e ver a dedicação e o carinho com que Pe. Medoro e sua equipe o tratavam. É confortante saber que ele está perto de nós, no nosso coração, no

céu e ser enterrado no cemitério São José em Três Rios. Dizemos Obrigado a Deus por isso e que sua alma descanse em paz! (*Elena do Triângulo – Três Rios*)

15. Foi bom trabalhar com ele. Sacerdote dinâmico e que sempre mostrava para todos os seus valores, direitos e deveres, especialmente para a raça negra. Criou muitas pastorais na nossa paróquia – não dá para citar uma por uma. Sofreu muito na sua vida, tanto social como sacerdotal, por ser negro, por causa da cor da pele. Ele, quando podia fazer uma celebração afro, era muito grande a sua alegria. Agora estou lembrando quando ele estava partindo para outra paróquia e a Eilene, minha filha, me chamou para ajudar a arrumar o que era dele, a empacotar; e ele disse assim: “hoje estou vivendo essa passagem do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ‘veio para os que eram seus, mas os seus não o receberam’. Eu amo esta paróquia e muitos aqui. Mas um dia matarei essa saudade”. Estava muito triste, mas não falou o porquê destas palavras; e agora nós sabemos o porquê. Adeus, Pe. Rocha. Descanse em paz! (*Rosenda de Alcântara Moraes – Co-fundadora da Comunidade do Triângulo e da Banda de Música de Três Rios e a primeira professora formada de Três Rios*)

16. Os afro-descendentes encontram-se enlutados. Muito se fez pela Pastoral do Negro sobre o comando do Pe. Rocha, que mesmo não estando presente constantemente por causa de seus compromissos, nos orientava a respeito da nossa valorização como ser humano. Com o retorno do Padre Rocha à Valença, nos tornamos muito mais fortes, motivados e animados a levar, junto com a comunidade, os seus conhecimentos e ensinamentos, ficando assim a Pastoral Afro mais constantes em seus ideais. “Pe. Rocha é uma palavra que não pode, um projeto que não pode parar! (*Ilda de Paula – Coord. Past. Afro Valenciana Miguel Tomás*)

17. O Adeus a um grande defensor do povo de Deus.

O Eterno e Amoroso Pai está sorrindo, pois, agora, face a face com Ele, está um dedicado sacerdote defensor da Bíblia, um filho guerreiro, um grande líder negro, um cumpridor de sua missão aqui na terra. Esse filho é o saudoso Pe. Rocha, um corajoso homem de Deus. Um negro que jamais deixou de lutar por sua raça, pelo verdadeiro anúncio do Evangelho, pela vida digna para todos. Soube gritar com voz profética: Temos Direitos iguais! Queremos liberdade!

Seu grito ecoou e surgiu, sob sua formação, a Pastoral do Negro em várias paróquias de nossa Diocese. Em Sapucaia, a Pastoral está completando 28 anos. Com ele descobrimos valores, dignidade, beleza, coragem e uma história linda desse povo negro batalhador. Sabemos como o senhor sofreu preconceitos, discriminações e que, mesmo assim, jamais deixou de lutar por Justiça. A Pastoral do Negro em Sapucaia diz adeus ao amigo corajoso e promete continuar com a luta por dignidade, liberdade e um mundo justo para todos. Descanse em paz, saudoso amigo! Nosso herói Negro! (*Cleonice Rodrigues – Pastoral do Negro de Sapucaia*)

18. Padre João Rocha. Alguém movido por uma imensa paixão por Cristo e pelos irmãos e irmãs mais pobres e esquecidos. Um irmão universal movido pelo amor que tinha pelo seu povo. Um otimista – enxergou os defeitos, mas, sobretudo os valores dos irmãos e irmãs que foram confiados a ti nas Paróquias por onde passou.

Alguém que soube dar e receber, convencido de que Deus espalhou seus dons entre todas as pessoas. Uma pessoa que promoveu a comunhão entre todos, favorecendo o intercâmbio de dons e experiências. Obrigado Senhor, por esta vida oferecida em favor do Reino! (*Wellington Ângelo da Silva*)

19. Padre Rocha nos deixou muitas lições de vida, entre elas a importância do trabalho em equipe. Víamos nele a realização das palavras de São Paulo: “Não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim.” Transformou uma das missas dominicais em “missa com as crianças”, onde, assessorado pelas saudosas catequistas Marly Madeira (responsável pela música) e Mariazinha Panoeiro (coordenadora da catequese), faziam com que a maior parte da assembleia, naquele horário, fosse de crianças. Os frutos deste trabalho são colhidos até hoje, pois muitos dirigentes ou representantes de comunidades são as crianças daquela época. Dizia para suas equipes: “Precisamos dividir para unir e unir para transformar”. Em nome da Catequese Paroquial, agradeço a Deus por ter permitido que ele fizesse parte da nossa história. (*Arlete do Carmo Gorito Panoeiro Tempone*)

Algumas Fotos



Missa de São José em 19 de março de 2011.



Celebrando a Festa de Cristo Rei em 2010.



Na entrevista à TV Canal 5.



Com Nadir, no seu último aniversário.



Abraçando uma catequizanda.



Com amigos de Belo Horizonte.

XXIX. MONSENHOR PEDRO HIGINO DIAS DINIZ: O GIGANTE DA MISSÃO

Mauri César Guimarães de Souza
Isaac Leal da Silva Freitas

A sociedade contemporânea vive sob a epígrafe da desvalorização e desapareço de sua própria história e, em razão disso, se faz necessário e urgente reverenciar a memória daqueles que foram seus vetores, seja na esfera cultural, educacional, social, política e até mesmo eclesial. Seria impossível discorrer sobre a história da Diocese de Valença sem mencionar a icônica figura do monsenhor Pedro Higino Dias Diniz. A formação de padre Pedro se deu durante um momento de grandes mudanças para Igreja, pois seus estudos de Teologia e Filosofia, realizados nas Universidades Gregoriana e Lateranense, respectivamente, ocorreram durante todo o processo de desembarço do Concílio Vaticano II. Cabe ressaltar que este período conciliar, vivenciado de perto por padre Pedro, inoculou em seu perfil pastoral uma série de elementos que foram decisivos e agiram como um fator pujante para a sua atuação e realização de seus magnânimos trabalhos prestados à Diocese de Valença, bem como suas missões em diversos países.

Padre Pedro Higino Dias Diniz nasceu em Jequitibá, então distrito de Sete Lagoas-MG, no dia 14 de agosto de 1940. Foi o quinto dos onze filhos do casal Higino Dias dos Anjos e Iracema Almeida Diniz. Morando na cidade de Sete Lagoas, aos 9 anos foi apresentado pela mãe para fazer parte do grupo de coroinhas da Matriz de Santo Antônio, que mais tarde seria a Catedral daquela Diocese.

Aos 14 anos de idade ingressou no Seminário Dom Cabral da Arquidiocese de Belo Horizonte-MG, deixando o Seminário 6 meses mais tarde. Após sair do Seminário, foi morar na cidade de Paraopeba junto de um irmão mais velho e já casado, que era então diretor geral da Fábrica Textil local. Assim, padre Pedro prossegue com seus estudos de ginásio e científico, atual fundamental e ensino médio, respectivamente.

Tendo terminado o segundo grau, aos 18 anos ingressou na Congregação dos Oblatos de Cristo Sacerdote, sediada na cidade de Lagoa Santa-MG, onde permanece por 02 anos, quando em 1960 recebe um convite inusitado

de Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Pena, então Bispo de Valença-RJ, para estudar como seminarista pela Diocese de Valença.

O cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, não recebia seminaristas egressos de Ordens e Congregações. Propôs, então, ao padre Pedro que, caso ele desejasse mesmo entrar, teria que repetir o segundo grau no Seminário São José. Movido pela vontade de realizar seu ideal vocacional, padre Pedro aceitou a proposta mesmo com o prejuízo de tempo para sua caminhada eclesial. Tendo resultados promissores nos estudos de segundo grau e já concluído o primeiro ano de Filosofia, foi convidado para ir para os Estados Unidos, para o Seminário de Cleveland, no Estado de Ohio. Quando se preparava para ir para os Estados Unidos, padre Pedro recebe um convite para ir para Roma, feito por Dom José Costa Campos, novo Bispo de Valença. Diante de tal dualidade, padre Pedro opta pelo último e vai prosseguir sua vida acadêmica em Roma.

Em Roma, padre Pedro cursa Teologia na Gregoriana e Filosofia, com acento em pedagogia, na Universidade Lateranense. Fez também um curso de Sociologia na Universidade *Pro Deo*, que alguns anos depois encerrou suas atividades acadêmicas. Chegou a iniciar também um curso de Psicologia Clínica no Ateneu Salesiano, no Flaminio, levando-o até o terceiro ano, quando um decreto de Ministério da Educação Italiano estipulou que o referido curso deveria ter uma duração de 6 anos. Foi então que padre Pedro resolveu regressar ao Brasil.

Padre Pedro chega em Valença no final de 1971, sendo ordenado diácono na Capela do Abrigo das Meninas Dona Balbina Fonseca, durante um Encontro de Catequistas de toda a Diocese. Em menos de 4 meses é ordenado presbítero por Dom José Costa Campos, na Catedral de Nossa Senhora da Glória, em 16 de março de 1972.

Logo após a ordenação, Dom José Costa Campos viaja para os Estados Unidos e Itália; nesse período, padre Pedro fica sem provisão, auxiliando apenas na Catedral com celebrações de Missas, funerais, matrimônios etc. Sem provisão e nenhuma formalidade, por ato datado de 12 de abril de 1973, Dom José nomeia padre Pedro como pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Monte Serrat, em Paraibuna, além de uma igreja filial no distrito de Afonso Arinos. Tal ato se deu por razão do antigo pároco, um frei carmelita, ter falecido recentemente.

Padre Pedro fica exatos 6 meses em Paraibuna, até que em 12 de agosto de 1973 falece Padre José de Albuquerque, que era o pároco da Paróquia de São Sebastião do Monte D'Ouro, em Valença. Assim sendo, mais uma vez, sem provisão, Dom José o designa para assumir aquela Paróquia.

Após chegar na Paróquia de São Sebastião do Monte D'Ouro, padre Pedro realiza um trabalho renovador, principalmente o de equalizar a comunidade com os princípios do Concílio Vaticano II. Em 1972 padre Pedro já havia sido indicado como Coordenador da Pastoral da Juventude. Naquele período ainda não existia o Movimento de Emaús, mas sim o Treinamento de Liderança Cristã, conhecido popularmente como TLC. Além disso, padre Pedro era coordenador das Equipes de Nossa Senhora e teve o cuidado de implantá-las em Valença. Tal ato trouxe para a cidade quase 20 equipes, tendo padre Pedro assumido 12 delas durante o período em que esteve na paróquia do Monte D'Ouro.

A Paróquia de São Sebastião do Monte D'Ouro chegou a ter o maior Grupo de Jovens da Diocese de Valença. Tal fato se deve a circunstância histórica de que, nessa época, o Brasil passava por um momento conturbado; era o ápice das convulsões sociais e políticas durante o regime militar. Não sendo permitido a reunião de pessoas em locais como universidades, praças ou espaços públicos de modo geral, a Igreja tornou-se um local livre e uma alternativa para os jovens.

De 1975 a 1979, com grande apoio dos paroquianos e da cidade de Valença, padre Pedro inicia um ousado projeto de construção da Matriz. A antiga Igreja, que contava com apenas 117 metros quadrados, já não comportava a presença de inúmeros fiéis nas celebrações. A construção da nova Matriz não contou com qualquer ajuda do exterior, mas unicamente do empenho dos paroquianos que promoviam diversas ações beneficentes, gerando assim proventos para a continuidade das obras. Ainda durante esse período de obras, padre Pedro foi agraciado com o sorteio de um carro; e vendo a pujante necessidade de levantar investimentos, vendeu o próprio carro.

Mesmo durante as obras de construção da Matriz, a vida pastoral de padre Pedro continuava intensa, sendo feitos grandes trabalhos como Cursos de Renovação litúrgica bíblica, visita aos doentes etc. A cada último domingo do mês, fazia-se uma Assembleia paroquial, reunindo sempre mais de 120 paroquianos.

Padre Pedro apoiou e colaborou com a construção da Igreja de São Cristóvão, no bairro Jardim Valença, que teve como expoente principal o trabalho abnegado da Irmã Avelina, oriunda da congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência. Antes da construção da referida Igreja, as celebrações em honra ao padroeiro do bairro aconteciam na Praça Duque de Caxias.

Ainda durante seu paroquinato é realizada uma reforma na Capela de Santo Antônio do Carambita, com ampliação e construção de novas salas para catequese e reforma do salão paroquial. As mesmas obras são realizadas na

Igreja de São José da Passagem, bairro abandonado socialmente até os dias atuais pelos poderes públicos.

Nesta mesma época, padre Pedro assumiu, juntamente com os cursilistas da Diocese, a responsabilidade de recuperar a Chácara Maria Clara Pentagna que estava em estado deplorável de degradação, a tal ponto que Dom José Costa Campos aventou a possibilidade de devolvê-la aos herdeiros da doadora, a fim de livrar a Diocese de grandes despesas com a reforma da mesma. Foi feito um pedido de ajuda a Alemanha e a diocese recebeu uma expressiva quantia que permitiu concluir com êxito tais obras. Após reformada, todos os eventos pastorais da Diocese passaram a ser realizados na Chácara.

Padre Pedro é nomeado em 21 de maio 1979, pelo Papa João Paulo II, quando Dom José é transferido para Diocese de Divinópolis-MG, ao cargo de Administrador Apostólico. Tendo a responsabilidade de preparar a posse de Dom Amaury Castanho, providencia urgentemente a reforma do Palácio Episcopal, que também sofria de um avançado estado de degradação, com afundamento dos assoalhos, falta de pintura interna e externa, telhado com grandes vazamentos e cozinha precária. Prontamente padre Pedro realiza todas as reformas necessárias, além de adquirir também um automóvel para atender ao Bispo.

Além de estar como Administrador da Diocese de Valença – sede vacante –, padre Pedro continuava como pároco da Matriz de São Sebastião do Monte D'Ouro, o que certamente o deixava em profundo estado de sobrecarga. Durante esse período, em carta datada de 4 de setembro de 1979, Carmine Rocco, então Núncio Apostólico, tranquiliza padre Pedro, informando-o que já existe a proposição de um nome para prover a Diocese: seria Dom Amaury Castanho, que até então era Bispo Auxiliar de Sorocaba.

Em manifesto sem data precisa, feito pelos paroquianos (Catequese Pastoral, Coordenação Paroquial, Pastoral da Juventude e Clube de Mães) é demonstrado o interesse de que padre Pedro permaneça por mais tempo na comunidade em que já está por mais de 10 anos, evidenciando seu visível trabalho comunitário de reorganização dos grupos na Paróquia e a integração entre eles.

Dom Amaury Castanho assume a Diocese de Valença em janeiro de 1980 e, logo no início de seu bispado, por ato datado de 25 de janeiro do mesmo ano, nomeia o então padre Pedro Higino Dias Diniz como Vigário Geral devido aos serviços prestados à Cúria Diocesana, demonstrando com isso suas notáveis qualidades humanas, cristãs e sacerdotais.

É louvável salientar que, durante o período em que padre Pedro esteve como Administrador Apostólico, detinha as mesmas prerrogativas que um bispo diocesano; não obstante, fez mudanças na gestão do Hospital das Clínicas Nossa Senhora da Conceição, pois o mesmo vinha padecendo devido uma provisão corrupta de longos anos. Ciente de seus predicados, padre Pedro é nomeado por Dom Amaury Castanho como Provedor do referido hospital. Diante de tal incumbência, seu primeiro ato foi dissolver todo o conselho, formando um novo e também adotando tal prática para o corpo administrativo. Atualmente, o Hospital das Clínicas de Nossa Senhora da Conceição é de grande importância para a região sul fluminense.

Sem data precisa, no ano de 1980, padre Pedro é nomeado como secretário nacional do Clero, atividade essa que demandava idas mensais à Brasília para reuniões e assembleias na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Por ato datado de 31 de dezembro de 1983, padre Pedro é designado Vigário Episcopal da Região Pastoral de Valença. O decreto de criação das Regiões Pastorais era difuso entre várias paróquias da cidade de Valença e também de Vassouras, Rio das Flores, Conservatória, Santa Izabel do Rio Preto, Parapeúna, Pentagna, Barão de Juparanã e Monte Serrat, antiga Parai-buna. O mandato de Vigário Episcopal teve vigência de 31 de dezembro de 1983 até 31 de dezembro de 1985.

Em agosto de 1985, Dom Amaury Castanho acolhe o desejo de padre Pedro em ser transferido da paróquia de São Sebastião do Monte D’Ouro, considerando seus treze anos de intensa atividade pastoral, social e comunitária.

Por ato datado de 20 de janeiro de 1986, Monsenhor Pedro é nomeado por Dom Amaury Castanho pároco da Matriz de São Pedro e São Paulo em Paraíba do Sul-RJ e também Vigário Episcopal para Região Pastoral de Três Rios, durante o triênio de 1986 a 1988. Tal cargo lhe concedia a jurisdição de Vigário Geral e Coordenador Regional da Pastoral. Durante a mesma época, Monsenhor Pedro foi nomeado reitor e provedor da Comunidade Seminarística Nossa Senhora da Glória, com sede, a partir de 1986, em Paraíba do Sul.

No dia 25 de janeiro de 1986, às 20 horas, dezenas de fiéis se reuniram na Matriz de São Sebastião do Monte D’Ouro para prestarem uma grande homenagem ao Monsenhor Pedro, que fora transferido para Paraíba do Sul. A celebração contou com a presença de amigos, autoridades civis e militares, vereadores, crianças, jovens, idosos e todos aqueles que testemunharam seu trabalho comprometido.

Em 14 de fevereiro de 1986, padre Pedro é admitido como conselheiro da Fundação Educacional Dom André Arcoverde, a convite do presidente

Dermeval Moura de Almeida, ressaltando-se que, no ano em que a Fundação foi criada, em 1965, padre Pedro acompanhou avidamente todo trabalho ao lado de Dom José Costa Campos, chegando inclusive a comparecer a algumas reuniões em Niterói com o então ministro da Educação Jarbas Passarinho.

Em 1992, padre Pedro auxiliou a fundar uma rádio comunitária em Valença; tal fato incomodou profundamente o proprietário da rádio oficial local. Mesmo diante do clima de hostilidade, padre Pedro reiterou seu apoio e sublinhou a importância que as rádios comunitárias tinham dentro da sociedade, além de estarem plenamente salvaguardadas pela Constituição.

Em Paraíba do Sul, Monsenhor Pedro tinha responsabilidade por mais quarenta comunidades além da Matriz de São Pedro e São Paulo; sua atuação foi intensa junto aos movimentos pastorais e da comunidade; e durante as reformas da Matriz sofreu um gravíssimo acidente que quase o levou a óbito e deixou sequelas permanentes.

Em 22 de dezembro de 1993, Dom Belchior, então bispo da Diocese de Luz-MG, endereça uma carta ao bispo de Valença, Dom Elias, em que cita o trabalho que até então estava iniciando em Massachusetts, em favor dos brasileiros que imigravam para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor. Padre Pedro já havia conhecido Dom Belchior dois anos antes em Lowell. Na referida carta é solicitada a permissão para liberar os sacerdotes da Diocese de Valença para que possam participar da missão, ressaltando que todos deveriam estar sob os auspícios do padre Pedro.

Em carta datada de 07 de abril de 1994, padre Pedro comunica a Dom Elias uma viagem de 12 dias aos EUA com o fim de organizar a fundação da Sociedade de Vida Apostólica “Missio” que tinha por objetivo evangelizar imigrantes de línguas latinas. O estatuto estava sendo escrito em parceria com Dom Belchior, ao qual padre Pedro enfatiza como responsável até então.

Em 26 de janeiro de 1996, padre Pedro deixa a Matriz e as comunidades em Paraíba do Sul, ficando sem provisão. Após um período em Sete Lagoas na casa da família e, em seguida, por ato datado de 04 de fevereiro de 1996, é nomeado pároco da Paróquia de Santa Rita de Cassia, em Vassouras. Alguns meses depois, em 03 de agosto, padre Pedro é designado para Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Em Vassouras, padre Pedro tinha uma grande extensão de comunidades e em dado momento ficou extremamente sobrecarregado. Tal situação motivou inclusive um vereador da Câmara Municipal vassourense endereçar a Dom Elias um pedido para enviar um padre que pudesse auxiliar padre Pedro.

Em julho de 2000, padre Pedro comunica a Dom Elias que se ausentará da Diocese de Valença por um período de seis meses, pois o Instituto Missio

o designou para a Paróquia de São Pedro em Danbury, dado que o pároco da referida comunidade fora transferido para Philadelphia-PA. Em substituição ao padre Pedro, assume as capelas de Vassouras o padre José Antônio, que até então exercia o cargo de administrador paroquial, e, mais tarde, após a impossibilidade de padre Pedro retornar ao Brasil, é nomeado pároco da Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Após mais de dez anos em trabalho com as comunidades de língua portuguesa nos Estados Unidos, padre Pedro é designado para Portugal, onde assume uma paróquia na cidade de Horta, Ilha do Faial, pertencente ao arquipélago dos Açores. Após alguns meses ele é transferido para a Diocese de Santarém, onde assume três comunidades próximas a sede da Diocese, onde passou também alguns meses.

Posteriormente, no ano de 2011, retorna para o Brasil onde vai auxiliar a Diocese de Itaguaí-RJ, assumindo a Paróquia de Nossa Senhora das Graças, em Vila Muriqui, distrito de Mangaratiba. Após quase quatro anos em Muriqui, finalmente ele regressa a Valença, no final de 2014, acatando um pedido do então novo Bispo Dom Nelson Ferreira Francelino.

Por ato datado de 05 de dezembro de 2014, padre Pedro é nomeado por Dom Nelson pároco da Paróquia de São Sebastião do Rio Bonito, em Penta-gna. Ficou à frente da referida Paróquia até 09 de janeiro de 2017, quando foi designado para Juparanã, onde assume a Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio. Em carta datada 24 de julho de 2017, levando em consideração problemas regionais e pessoais, padre Pedro comunica a Dom Nelson que está renunciando da condição de pároco da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio.

Após deixar a Paróquia em Juparanã, padre Pedro permanece na Diocese prestando alguns serviços pastorais de apoio. Em janeiro de 2018, quando estava cobrindo as férias do padre Edilson na Catedral de Nossa Senhora da Glória, padre Pedro sofre uma isquemia cerebral, fato este que o levou à necessidade de seis meses de tratamento e, evidentemente, uma licença das atividades. Após recuperado e felizmente sem sequelas, padre Pedro retoma suas atividades, prestando apoio principalmente ao movimento de Cursilho e Emaús.

No início de 2020 decide ir para Sete Lagoas passar uma temporada junto de seus irmãos e sobrinhos, ficando durante o auge da pandemia da COVID-19 e regressando para Valença em fevereiro de 2021.

Retornando para Valença, volta com todas as atividades que exercia até então, de apoio aos movimentos pastorais, e assume também a

responsabilidade de ser o capelão das irmãs de Maria Stella Matutina no sítio da Divina Providência.

Em 16 de março de 2022 iniciaram-se as comemorações alusivas ao jubileu de ouro sacerdotal de padre Pedro, marcado por celebrações em todas as paróquias pelas quais passou durante os anos em que prestou serviços à Diocese de Valença. Sublinhando também que houve uma celebração na Paróquia de Nossa Senhora das Graças, em Vila Muriqui, onde foi administrador paroquial.

Em 28 de abril de 2023, padre Pedro sofre um acidente vascular encefálico, fato este que o levou a óbito dezoito dias depois, em 15 de maio, aos 82 anos de idade. O ministério sacerdotal de padre Pedro permanece até hoje eternizado em todo seu trabalho exercido em dedicação a vida social e a Igreja.

Conclusão

Falar sobre padre Pedro é uma tarefa prazerosa e desafiadora, pois traz à tona uma figura querida e altamente participativa dentro da cidade de Valença. Devido a sua projeção em face de seus trabalhos, tanto na esfera eclesial quanto social, exige um minucioso e detalhado trabalho de pesquisa. O presente capítulo delineou toda a caminhada de um grande sacerdote que a Diocese de Valença teve, que se destacou por sua vasta cultura, capacidade intelectual e espírito missionário que lhe propiciaram uma vida de inteira doação à Igreja e ao bem comum. Sem nenhuma redundância, a trajetória sacerdotal de padre Pedro materializa o que Jesus ordenara aos seus Apóstolos: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas.” O legado eloquente de padre Pedro é um convite para deixar o ostracismo e entregar-se a missão árdua e nobre que é ser Igreja Missionária.

Fontes

Arquivos da Cúria Diocesana de Valença.

Arquivos da Missio Sociedade de Vida Apostólica.

Jornal Tribuna da Serra.

XXX. A VOZ DE ELIAS JAMES MANNING: ENSAIO SOBRE A FENOMENOLOGIA DA VOZ¹

Jonas Thobias Martini

[...] *algo do seu assobio, abre caminho até nós. (Kafka)*

Introdução

Este capítulo nasce de uma necessidade ensaística para tratar de um tema pouco abordado no campo da filosofia da linguagem, reunindo uma gama vasta e complicada de questões que vão da ciência das letras à filosofia do espírito. Além disso, o objeto selecionado, que rememora, no centenário de sua Diocese, a figura de um bispo, passa pelo inegável caráter metafísico da mensagem emitida. Desfilam-se então as intenções primeiras deste ensaio para validar o formato de um texto no qual ele se insere. O assunto é substancialmente a voz de um homem nascido nos Estados Unidos e vindo ao Brasil motivado por sua carreira missionária de frade conventual, culminando naquela de um bispo diocesano no interior do estado do Rio de Janeiro. Para além dos elementos naturais de sua voz, que, do ponto de vista da espécie não o particularizam em nada, visto que as vozes de todos os seres humanos possuem características que lhes são próprias, Elias *per fatum* era um estrangeiro no Brasil. Sua voz, portanto, era única; e não simplesmente pelo fato de que cada um tem uma voz que lhe pertence, mas porque, sendo carregada pelo sotaque, ela aparecia como diferente entre todas as vozes diferentes.

Estudá-la agora que ela não pode mais ser diretamente ouvida, pode parecer pueril ou mesmo impossível cientificamente falando. Mas o autor do texto não compreende que se deve renunciar a uma ideia somente pela constatação de que ela não chega a resultados concluintes. Uma ideia é,

1 Artigo publicado originalmente na Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, da Univassouras, Vassouras, v. 15, n. 3, Edição Especial, p. 38-65, set./dez, 2024.

em princípio, a abertura do mundo e Platão não brincava quando fundava exatamente nela o primeiro passo da própria ciência. Aliás, servindo ao propósito mesmo da ordem conceitual para o qual o presente texto é chamado, as humanidades, embora requeiram sempre novos métodos que alcancem novas epistemologias, parecem sofrer de um desânimo auto ameaçador quando lançadas à efetividade da vida corrente. No que se refere ao tema, a fenomenologia da voz, desde a apresentação das teses de Jacques Derrida que a entravaram numa discussão interna aos entendidos nas décadas de 1960 e 1970, manifesta uma necessidade de ventilação dentro da disposição *ad infinitum* do pensamento.

Uma voz como a de Elias opera uma série de questionamentos basilares para as humanidades: ela provoca a antropologia cultural pela inserção do estranho em uma outra cultura, ela repercute nas relações entre os *established* e os *outsiders* de ordem sociológica, ela interpõe questionamentos sobre a recepção do discurso nos liames da linguagem, da linguística, das letras e da filosofia. O presente texto tem como propósito abordar o tema da voz como possibilidade de abertura do receptor para o emissor e potencialmente para sua mensagem graças ao efeito dessa voz. Tal objetivo se quer percebido quando a voz é mais do que um veículo transmissor da mensagem, mas um alterador do estado de seu próprio veio discursivo. Para tanto, diversos caminhos podem ser percorridos. Entre eles, o da fenomenologia da voz, cuja metodologia é em parte aqui adotada, sobretudo, no que se refere ao entendimento da diferença entre som, signo e significado. Espera-se que esta contribuição possa levantar o debate sobre a complexidade do discurso humano, uma questão tanto do domínio da linguagem quanto dos estudos sociais.

A voz de Elias

Parece que agora, passados alguns anos do desaparecimento da presença de Elias James Manning, o que fica do bispo franciscano de Valença é a sua voz. E isso não como um mero artifício poético diante do constato de que a sua sonoridade não pode mais ser ouvida: para além das considerações existenciais e de fé, a força de D. Elias sempre esteve na sua voz. Se isso surpreende aqueles que a conheceram tão frágil e entrecortada pelo soque, encoraja aqueles que testemunharam a sua chegada à Diocese (e certamente ao Brasil) a constatarem que a distinção deste para os outros sacerdotes da região era de que dificilmente entendiam o que ele então dizia. Esse desafio

se impõe à experiência precisamente pelo fato de que, carregando a Ordem franciscana conventual, sua vida destinava-se muito mais à missão do que à crença. Ora, para ele, o que mais importante seria do que o poder de comunicar? Essa consciência, desde logo, se lhe apresenta: “Eu sou um frei... que quer dizer irmão em latim... Eu gostaria de manter uma comunicação simples com todos, porque eu nunca procurei ser uma pessoa complicada. Se sou não sei. Eu gostaria de ser uma pessoa acessível...” (Silva, 2015, p. 36). Se sua simplicidade se valeu do discurso destroncado e direto, seu embargo mor era a passagem da língua materna para a do receptor, aliás uma das mais complicadas.

Mas o que se apresentava como um desafio lógico logo se revelou uma força muito pouco vista nos confins onde o frade estadunidense foi parar. É que enquanto o bispo se esforçava para compreender a sua realidade movente – “É bom que vocês saibam que quando eu soube, no dia 23 do mês passado, que seria bispo de Valença, pois antes eu não sabia nada, peguei o mapa para saber onde fica Valença” (Silva, 2015, p. 36) – os fiéis que o escutavam deliberavam sobre o deleite de sua voz sotaqueada, buscando alcançar uma mensagem habitualmente corrente, porém agora cifrada sob o enigma de um emissor estrangeiro. Mas o espírito brasileiro, seja por qual ou tal razão advogada pelos antropólogos, sociólogos e historiadores, não é acostumado àquele do *establishment* que se impõe frente ao *outsider*. Também não é simplesmente aquele que acolhe romanticamente o estranho pela sua parca autocensura que só faz diminuí-lo – a situação de Elias seguramente não deixou de ser criticada –, mas se manifesta geralmente como aquele que fez Montezuma desconfiar que Cortés era Quetzalcóatl. A voz de Elias certamente, ao contrário de ser um empecilho, serviu de apoio à sua missão, e sua mensagem caiu sobretudo mais sonora no espírito dos fiéis pela força de sua fragilidade.

Um pensamento depende, mais do que de um diálogo, de uma fala, em alta ou muda voz: “os pensamentos, para acontecer, não precisam ser comunicados, mas não podem ocorrer sem ser falados” (Arendt, 2000, p. 77). O volume recentemente publicado e que constituiu provavelmente uma das únicas fontes de acesso à mensagem emitida pela voz de Elias, evoca essa situação desde o seu título: *Pensamentos de um bispo franciscano*. Ora, seu leitor, entrando em contato com as comunicações de D. Elias através de suas páginas, não tem diante de si mais do que essa “descomplicação” na qual o autor buscou emitir a sua mensagem pastoral. Mas nele, o “pensamento” agindo sobre o leitor de um texto de linguagem simples não entra em contato

imediatamente com aquilo que como um dado da experiência sensível já não existe mais: a voz de Elias. A sua persistência existe, no entanto, naqueles que a conheceram e, talvez ainda mais, naqueles que a viram evoluir e se tornar, do ponto de vista da língua, cada vez mais clara. Isso não se deve, entretanto, ao arsenal de pausas, gestos, entonações, ensinados pela escola retórica desde a Antiguidade, em particular entre os romanos, amantes das belas letras e do bem viver. Nenhum Cícero foi certamente professor de Elias. Contudo sua voz revelava, pouco a pouco, um constato mais poderoso do que a boa e velha oratória. Revelava antes a estranheza que dava lugar ao espanto – primeiro passo para uma abertura ao pensamento.

Vindo ao espírito pelo efeito catalizador de sua voz, o discurso de D. Elias mantém-se na experiência segura daquele que é capaz de atravessar fronteiras por sentir não apenas a força de sua fé, mas o sentido de uma missão. Essa missão, no entanto, não se desvela somente na revelação da mensagem religiosa. Se os valores humanos e a moral que ela evoca são sustentados pelo sentido próprio de sua ordem – “Dom Elias é um homem humano e pobre. E sua figura destaca-se pela retidão de princípios, pela obediência incontestada dos valores evangélicos e, sobretudo, pelo caráter inquebrantável!” (Silva, 2015, p. 10), exclama Padre Edilson Medeiros de Barros, um de seus ordenados –, seu pensamento combina a ética americana de suas origens novaiorquinas, pautadas em um pragmatismo e um senso de abertura, e a disposição espiritual da formação teológica brasileira (ainda que boa parte de sua vocação tenha sido cuidada em seu país natal).² Não

2 Sobre a formação de D. Elias cf. SILVA, 2015, p. 28-29: “Nasceu em 14 de abril de 1938, em Troy, New York, USA. Filho de James (Jaime) e Agnes (Inês). Recebeu os Sacramentos de Iniciação Cristã na Paróquia São Miguel, Troy, New York, USA. Fez seu curso fundamental na Escola Paroquial de São José (das Irmãs de São José) e o ensino médio no Instituto La Salle (das Irmãs Lassalitas) em Troy. Foi sacristão da Paróquia São Miguel. Nos anos de 1956-1958, estudou no Seminário Menor São Francisco da Ordem dos Franciscanos Menores Conventuais, Staten Island, New York. Em 1958, recebeu o hábito franciscano e o nome de “Elias”. Em 1959 fez a Profissão Simples (Temporária). De 1959 a 1961, cursou Filosofia no Seminário Santo Antônio – em Hudson, Rensselaer, New York. No período de 1961-1962, cursou o primeiro ano de Teologia no mesmo seminário. Aos 06 de novembro de 1962, chegou ao Brasil (no navio argentino Rio Tunuyan, no porto do Rio de Janeiro). Estudou Língua Portuguesa e cultura em Petrópolis, no CENFI. De 1963-1965, cursou Teologia no Seminário Arquidiocesano de São José, Rio de Janeiro. Em 1963 recebeu a Tonsura e as Ordens Menores. Em 1964 recebeu o subdiaconato e, em 1965, o diaconato (pela imposição das mãos de Dom Jaime de Barros Câmara). Aos 30/10/1965, recebeu a Ordenação Presbiteral na capela de São Francisco, Staten Island, New York, por Dom Francisco E. Hyland. No dia seguinte celebrou sua missa primacial na Paróquia São Miguel, Troy, New York. Foi vigário paroquial em Santa Rita de Cássia, Pontalina, Goiás (Diocese de Itumbiara); vigário paroquial e pároco na paróquia São Francisco de Assis, Rio Comprido, Rio de Janeiro. De 1976 a 1979 foi custódio provincial da Ordem dos Frades Menores Conventuais – Custódia da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro. Em 1975 fez o curso CEFEPAL de Espiritualidade Franciscana, em Petrópolis. Em 1979, foi nomeado pároco de Santa Rita de

raro, D. Elias manifestava uma dificuldade em compreender a maneira de pensar própria da cultura diversa na qual se estabeleceu. Mas a sua vida missionária e pastoral, assim como provavelmente sua condição existencial, não permitiram obstáculos intransponíveis.

A abertura e a disposição do frei franciscano encontraram nos cantões do Brasil, até seu estabelecimento na Diocese de Valença, uma cultura plural. Não sem insistência, seus *Pensamentos* refletem esse anti-isolamento de um ser mantido aparentemente na reserva da calmaria, no retiro dos frades. “Não somos seres isolados” (Silva, 2015, p. 96), repete o bispo; e, mais tarde: “O nosso planeta Terra, tão grande, hoje se tornou pequeno” (Silva, 2015, p. 103). O cosmopolitismo de D. Elias é associado ao seu humanismo, que ultrapassa o domínio de sua Igreja:

Às vezes, tenho a impressão de que nós, cristãos, pensamos que, para sermos santos, temos que deixar de lado o humano. O fato é que a primeira vocação que Deus deu para cada um de nós é a vocação de ser gente. Ele nos chamou a existir, a sermos pessoas humanas. Ninguém chega a ser santo se não for, em primeiro lugar, uma pessoa profundamente humana. (Silva, 2015, p. 96)

Essa reunião de um aparente retraimento – “Ele deseja que comuniquemos a Sua mensagem até pelo nosso silêncio” (Silva, 2015, p. 83) – com um espírito aberto ao mundo, enfeixado apenas pelo considerar do homem, dá lugar à salvaguarda sobretudo dessa “alma” que constitui a sua ordem: a riqueza só aparece na abertura de uma identidade conventual, que não está essencialmente nem nos eremitérios, nem nas cúrias diocesanas, mas é capaz de circular entre ambos. Não se pode esquecer que desde seus primeiros anos vocacionais D. Elias manteve-se fiel à sua ordenação franciscana. Nela, a pobreza e a humildade frente às coisas do mundo não definem primeiramente uma moral, mas um confronto constante com o apelo desse mundo para desmontá-la. Ao longo dos séculos, essa situação posta pela ética franciscana levou às inúmeras reformas que transformaram a ordem de Elias do “abandono do mundo” em um abandono da radicalidade de sua oposição. Assim, o mundo só se lhe aparece como político ou como aquele

Cássia, Pontalina, Goiás. Em 1986 foi transferido para Araruama-RJ, onde exerceu a função de pároco. Aos 14 de março de 1990 foi nomeado bispo de Valença. Sua ordenação episcopal e posse como sexto bispo diocesano de Valença foi no dia 13 de maio de 1990.”

onde a pobreza e o recolhimento são valores se por meio dele essa “alma” se fizer presente. Em uma memória de infância, Elias conta:

Lá pelo ano de 1952, quando nós, como crianças, terminamos a escola primária paroquial, a freira responsável pela turma, deu a cada um de nós uma pequena chave de metal na qual estava escrito: “De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?”. No verso estava gravado: “chave do céu”. (Silva, 2015, p. 98)

Seguramente essa postura *à la fois* hesitosa, *à la fois* entregue ao mundo, repercute através da voz de Elias. Uma de suas máximas se baseia no documento *Verbum Domini*, 109: “Deus não Se revela ao homem abstratamente, mas assumindo linguagens, imagens e expressões ligadas às diversas culturas” (Silva, 2015, p. 42). Tal afirmação pareceu-lhe válida para salientar, além dessa presença divina nas coisas do mundo, o valor da cultura. Para chegar até ela, curiosamente, a poesia de Elias alça voos bem próximos daqueles até aqui referidos. É que a metáfora do sopro, a presença do elemento ar, é constantemente empregada por ele: “a cultura é como o ar que respiramos” (Silva, 2015, p. 42). Um de seus mais belos textos se refere ao Concílio que renovou os ares da Igreja. Para explicá-lo é a esse sopro que a voz e a palavra de Elias fazem referência:

A janela foi aberta. O sopro de vento entra na grande sala, mexe nas cortinas e aos poucos vai tirando a poeira das mesas, cadeiras e prateleiras. A grande sala é a Igreja. O sopro renovador é o Espírito Santo. A poeira acumulada é o passar dos anos durante os quais a mobiliária bonita e rica perdeu um pouco do seu brilho e a própria sala não acompanhou tudo que aconteceu lá fora. A janela, que foi aberta para permitir o sopro renovador do Espírito, é o Concílio Vaticano II. (Silva, 2015, p. 52)

Os *Pensamentos* de Elias estão cheios de metáforas de sopro. Em verdade elas se referem a essa vida do espírito que para os cristãos é infundido por Deus. Elias se mostra consciente de ser um canal desse sopro divino, mas certamente não considerava sua voz como um fator maior do que o instrumento de sustentação de sua palavra, chegando até o último banco de suas igrejas. Porém sua voz quase impronunciada, por maior esforço de imposição que fizesse, revelava em sua fragilidade uma força capaz de despertar não

apenas eventualmente a atenção do receptor para sua mensagem, como também a intimidade deste consigo mesmo. Conscienciosamente, D. Elias não se mostra de acordo com esse efeito transformador de sua mensagem pelo recurso da voz, mas certamente a valoração da sonoridade como veio transmissor da mensagem não está ausente de suas parábolas:

Eu gosto de comparar o profeta a uma caixa de som. O que acontece? Alguém fala baixinho diante de um microfone, e a mensagem passa silenciosa e misteriosamente pelos fios para sair pela caixa de som com clareza e volume para a multidão. A caixa não é dona da mensagem, mas simplesmente passa para os outros o que recebeu. A missão da caixa é ser fiel na transmissão, sem alterações nem mutilações. Às vezes o que sai da caixa provoca aplausos e em outras horas, pedradas. Porém a caixa continua transmitindo com fidelidade o que recebeu (Silva, 2015, p. 134).

Ora, se o conteúdo da mensagem não é “mutilado”, para usar sua expressão, o efeito que ela causa no espírito do ouvinte sim. No entanto, sem contrariar o bispo, essa intrusão da mensagem, melhor ainda, da voz do emissor estranho, carregou em Elias a particularidade de seu caráter principal: a fortaleza que ela encontrou em sua fragilidade. No esforço de compreensão dessa voz, em que muitos tenham se perdido ou se encontrado, seu valor fora extraído dessa presença de uma voz que foi pouco a pouco aparecendo no português, apenas para de repente sumir, se perdendo no silêncio solene do qual proveio. Quando D. Elias se tornou emérito, seus fiéis já reconheciam ali os sinais desse desaparecimento e reencontraram forças nesse novo mundo que se abre pelo espaço certamente permitido por sua voz.

A fenomenologia da voz

Nos estudos literários e do discurso, o questionamento da voz é um elemento a ser considerado. A fenomenologia de Husserl conduz a esse aparecimento na linguagem de algo que vai além da própria substância da voz, ou seja, da sua sonoridade capaz de ser ouvida; vai à “manifestação corporal” [*Leib*] do pensamento (cf. Husserl, 2005). Derrida, ao interpretá-la, comenta: “A voz fenomenológica seria essa carne espiritual que continua a falar e a estar presente a si – a ouvir-se – na ausência do mundo” (Derrida, 1994, p. 23). Na evidência fenomenológica aparece, portanto, algo mais do que um

vocabulário simples (D. Elias poderia ter sido complicado e sua “força” ainda estaria lá, embora a compreensão de sua mensagem ficasse prejudicada), porque a sua carga principal não está nas palavras, que são por si mesmas unidades vazias, nem propriamente no seu agenciamento, mas nessa operação da consciência que direciona primeiramente por meio da voz. Para tanto, inúmeras condições fisiológicas evidentemente se impõem, e a mensagem é certamente tida pelos crentes como o elemento mais importante da comunicação, mas a sua relação de efeito parece transcender a pura constatação de que alguém está falando ou de que um texto está sendo lido ou mesmo a própria semântica evocada. E essa voz, compreendida ou não, atravessa como uma música na qual a letra, não intervindo, dá lugar a uma espécie de indizibilidade do signo, porém estimula igualmente o espírito. Wagner certamente fala, mas as cavalcadas das vozes de suas Valquírias não provocam arrepio na pele do ouvinte porque são efetivamente compreendidas enquanto unidades fonéticas montadas sobre um cavalo. Também assim a oração de Loreena McKennitt, por exemplo, parece estar mais no meio de *Dante’s prayer*, quando no minuto 3’42 ela deixa de cantar palavras e só o que aparece é a sua voz.³

Isso mostra uma relativa independência entre a decodificação da mensagem e o ato da fala. Evidentemente, o pensamento contido na mensagem dependente da voz e, nesse sentido, chega ou não ao receptor, mas a voz o faz obrigatoriamente. Para além da mensagem, embora sendo um elemento integrante, a voz de Elias foi capaz do sopro, da *phoné* dos gregos e dessa energia que nas cosmogonias antigas do Egito soprava como a voz do vento, *Shu*, rasgando o estado anterior às formas, o *Nun*, para dar espaço à criação. O som reunido à voz, diria Derrida, se realizaria no mundo permitindo a comunicação, antes de tudo, dessa própria voz. Contudo, a sua unidade ressoa participando de uma distinção própria a cada voz. Assim a voz de Elias, como a de cada um, mantém uma particularidade entre muitas, mas que chama o ouvinte a uma certa posição, a um certo lugar e, finalmente, a uma certa condição. Esta se impõem pela presença da voz em sentido fenomênico e particulariza a experiência que se torna em certo sentido única. A relação do fiel com a voz de Elias é parte integrante dessa disposição de uma certa individualidade, podendo chegar mesmo a uma espécie de intimidade do

3 Para a música de Wagner: <https://www.youtube.com/watch?v=TBxVhXXlvFI>; para a de McKennitt: https://www.youtube.com/watch?v=_PcFE28-9_s. Último acesso: jun. 2023.

próprio receptor consigo mesmo, como se a voz de Elias, depois de recebida não fosse mais sua, mas uma voz interior ao próprio ouvinte.

O efeito da voz compreende assim uma via de mão dupla: enquanto o emissor pensa através de sua fala, desse desfilamento de ideias em conexão, e sofre ele próprio uma afecção de sua voz, o ouvinte por sua vez é afetado pela voz tomada para si em uma manutenção filial, onde a voz pode ou não ser agradável enquanto estesia, mas sempre familiar a partir da sua emissão primeira. Essa intimidade não se refere necessariamente à personalidade de cada parte, senão à relação interna a cada uma: do emissor com o emissor, do receptor com o receptor. A fenomenologia deve aqui estar atenta ao *efeito* da voz, muito mais do que à sua coerência intrínseca. Por efeito não se entende apenas a recepção, mas a própria auto afecção do sujeito pela voz, do emissor e do receptor. Destaca-se aqui a função *stimulus* da voz provocada, embora com justas reservas, pela teoria das pulsões desenvolvida desde Iván Fónagy. A reserva principal estaria na ancestralidade advogada pela ideia de “viva voz” do autor, mas, uma vez “viva”, diria ele, a voz possuiria uma possibilidade de deturpação da mensagem pela forte carga emotiva [*lato sensu*] que ela incute (cf. Fónagy, 1983). A mensagem original se tornaria assim secundariamente outra pelo efeito da voz de seu emissor. Tocam-se, desse modo, a sonoridade, o sopro da voz e a semântica.

Numa coletânea de entrevistas intitulada *Le grain de la voix*, Roland Barthes trata dessa passagem de sua voz falada para sua voz escrita. Transcritas para o livro, suas palavras ditas em alta voz se transformam ao serem escritas: “a escrita não é necessariamente o modo de existência do que é escrito” (Barthes, 1981, p. 5, tradução livre). Recentemente, com o avanço das mídias, foram reveladas as gravações das entrevistas de Georges Belmont e Céleste Albaret, governanta que esteve ao lado durante anos, inclusive os últimos, da vida de um dos maiores escritores do século XX, Marcel Proust. Até pouco tempo, os curiosos da biografia do célebre autor, contavam apenas com o volume reunindo suas memórias, intitulado *Monsieur Proust* (cf. Albaret, 1973). A sua leitura contemporânea à divulgação da voz de Céleste nas plataformas digitais revela um traço curioso dessa passagem evocada por Barthes: a mensagem sendo a mesma, a receptividade do discurso é alterada pelo contato com esse “grão” da voz, que em francês significa a “pequena parte” que singulariza a sua entonação apenas para radicalmente condicionar a figura do sujeito falante. Assim, a voz de uma senhora do campo emocionada ao se lembrar dos anos felizes passados em Paris ao lado de Proust, escrevendo com ele o mais longo romance considerável do século, dá

lugar a outra arte que aquela composta por Belmont em volume, tal como os vídeos da entrevista pouco a pouco revelados, alteram a sua imagem. O mesmo acontece no espírito do estudante acostumado com as aulas de um professor quando se decide a ler os textos de seu mestre e automaticamente começa a ouvir a sua voz – ainda que ela não esteja substancialmente ali, onde se encontram apenas letras. O mesmo acontece também com o leitor contemporâneo dos *Pensamentos de um bispo franciscano*, que ia às missas de D. Elias, que conversava com ele nos confessionários ou nos momentos de convivência e que hoje só pode contar com registros eletrônicos ou com sua memória para ouvir a sua voz.

A fenomenologia da voz e a voz de Elias

Este ensaio é dificultado quanto ao seu propósito de abarcar uma concepção fenomenológica da voz, no caso, de Elias pela carência de fontes. Seria necessário antes que o leitor tomasse conhecimento dela para perceber as nuances aqui evocadas. Diante da efemeridade dos registros audiovideográficos contemporâneos, o autor desconfia haver um registro perene da voz de Elias que possa ser indicado aqui. Entretanto, a tarefa deste texto não desmorona diante desse constato. É que a articulação de uma voz estrangeira, plena de sotaques e de fragilidades característicos da voz quando posta em outra língua que não seja a materna, torna-se cada vez mais comum no atual mundo interconectado. Embora a voz de Elias seja única, em sua “fragilidade forte” tal como aqui se busca colocar, sua situação antropológica e mesmo sociológica pode ser facilmente percebida.

Essa carência de fontes é rapidamente vencida pelo argumento aqui defendido de que existe uma diferença interposta pela fenomenologia da voz entre aquilo que ela chama de “substância da voz”, isto é, como ela pode ser efetivamente ouvida, e seu efeito, que corresponde a essa “carne espiritual” da qual fala Derrida. Enquanto D. Elias buscava facilitar a vida de seu auditório, este, recebendo ou não sua mensagem, escutava ecoar o sopro de sua voz, com artigos invertidos, cobertos por *tss* e *ers* puxados, sílabas corridas, suspensões, pausas e conjugações incompletas que foram quase desaparecendo ao longo do progresso de seu domínio da língua portuguesa. O efeito dessa voz despertava a mensagem do sono do hábito em que ela normalmente se coloca e o discurso se tornava não apenas mais simples ou “acessível” como era o interesse de Elias, mas também mais capaz de gerar

espanto. Esse espanto não significa propriamente um susto promotor de medo ou temor, mas dessa “paixão do filósofo”, como diria Platão, ao estranhar aquilo que de alguma forma lhe é familiar (Platão, *Teeteto*, 155d.). Não se quer aqui advogar em favor de um certo “efeito-filosófico” nos fiéis da igreja de Elias, mas ressaltar a hipótese de que a maior parte dos fiéis batizados ao redor do bispo não estranhavam necessariamente a sua mensagem, porém o mesmo não acontecia com a sua voz sempre diferente.

A não ser no recurso constante das metáforas, o discurso de D. Elias se afina àquele dos documentos eclesiásticos tomados por ele como matéria de evangelização. A mensagem em si emitida nos *Pensamentos* não causa necessariamente esse “espanto” dos filósofos que nada mais quer do que o despertar do espírito. A mensagem de Elias é uma mensagem familiar, mas sua voz não. É ela a responsável por esse espanto que encaminha a atenção em direção à mensagem, pois “o ponto de partida do pensamento não é nem a confusão, nem a surpresa, nem a perplexidade; é um espanto de admiração” (Arendt, 2000, p. 109).

Se Elias se manteve aberto em seu humanismo e sua moral franciscana, seguindo a sua atividade missionária até mudar de país, a sua recepção foi certamente maior do que simplesmente uma acolhida de sua palavra, de sua mensagem religiosa. Seu estrangeirismo se manifestava sobretudo através de sua voz e ele recebeu por meio dela seu primeiro efeito de diferença. Contudo, como é característico do meio que o recebeu, essa diferença não foi amplamente tomada como negativa. Por certo, encontrou aqueles que, por sua incompreensão inicial, a criticaram, mas entre o elogio e o vitupério é sobretudo nesse “espanto” que ela veio encontrar morada. A comunidade de Elias certamente se viu “admirada”, no sentido arendtiano acima exposto, diante de uma voz diferenciada que cifrava uma mensagem habitual em uma espécie de aura, advinda de outro universo cultural e linguístico. Ela pode então adquirir ares de autoridade, louvor, ou crítica, mas seguramente nunca de indiferença.

Aqui, a situação de uma voz estrangeira em um meio receptivo demarca bem essa posição da fenomenologia acima indicada entre a diferença da substancialidade efetiva da pronúncia e o seu efeito no receptor. Trata-se, na voz sotaqueada de Elias, mais do que de uma relação de afecção “espiritual”, como diriam os especialistas, do que propriamente fisiológica. Prova disso é o fato da alegada “fragilidade” da voz de Elias que não a impediu de ser uma fortaleza para a atenção necessária ao discurso do frade franciscano. O fato da voz de Elias ter sido “fraca” em sua proclamação não a impediu, e,

pelo contrário, a permitiu, ser finalmente forte diante das diferentes vozes proclamadoras da mensagem religiosa. O conteúdo desta, sendo importante para os fiéis, acaba não importando tanto para esse efeito fenomenológico. Nele, muito mais do que a palavra, o sopro, que Roland Barthes chamava de “*grain de la voix*” torna-se mais fundamental.

Resta ainda mencionar a relevância da “auto afecção” do sujeito, desse modo, não pelo conteúdo da mensagem propriamente dito, mas pelo efeito da voz sobre o discurso. Se, em um primeiro momento, fica aqui demonstrado através do caso de Elias que uma voz sotaqueada e coberta por diversas nuances que a fazem parecer frágil revelam finalmente a sua “força”, isto é, sua capacidade de despertar a atenção do receptor, falta ainda tratar do seu poder de ressonância. O discurso proferido por uma voz diversa como a de Elias chama primeiro a atenção do ouvinte para a figura que se lhe aparece; em seguida, essa figura aparente como algo diverso e nada familiar chega ao ponto de, contrariamente ao estágio inicial, se tornar uma espécie de “diferente-conhecido”. Ela é então um despertar de algo não estranho que estaria na raiz comum entre o falante e o ouvinte.

Esse processo que a pesquisa fenomenológica apenas anunciou continua como campo fértil para os estudos não apenas filosóficos ou linguísticos, mas também para outras áreas das humanidades. Nele, o sujeito afetado pela voz, pelo som e sobretudo por esse “sopro” do qual fala Barthes, é capaz de reconhecer uma afinidade, um compartilhamento entre o emissor (que, por sua vez, também é auto afetado) e o receptor que vai além do conteúdo semântico da mensagem em sua própria auto afecção. Estima-se que tal fenômeno tenha a ver com essa “ausência do mundo” sugerida por Derrida. Fora do barulho incessante do cotidiano, o ser se encontra com essa dimensão espiritual que não se abstém efetivamente do mundo e pode ser manifestada em diversas formas – sejam elas artísticas, religiosas, filosóficas etc. –, sendo entre elas a voz um exemplo potente. É o que demonstra o caso da voz de Elias.

Considerações Finais

Este capítulo buscou apresentar, através do caso singular da voz de D. Elias J. Manning, o efeito da voz sobre o discurso, não somente como meio de condução da mensagem comunicada, mas como provocador de uma alteração do próprio estado da comunicação. Se valendo de aspectos

característicos de uma fenomenologia da voz, onde esta não aparece como simplesmente substância, mas como integrante do “corpo do pensamento”, os resultados dessa procura estão no “espanto” em sentido filosófico que a voz é capaz de criar. A partir dele, o espírito empreende sua própria incursão no receptor, manifestando a força do emissor através da afecção da voz.

Em Elias, tal espanto se dá sobre a mensagem religiosa habitualmente corrente, porém cifrada pela entonação e pelo sotaque estrangeiro. Considere-se assim a partir dela uma possibilidade de abertura ao discurso muitas vezes provocado pela própria voz. Se sua mensagem procurava simplicidade e acessibilidade, a voz falada logicamente representava um embargo. Mas justamente pelo soprar estranho sobre uma mensagem conhecida, fez da voz de Elias uma força, que se somava à sua mensagem, mas apenas para irradiá-la numa relação de auto afecção. É que ela deixa um traço de intimidade compartilhada entre o receptor consigo mesmo, assim como do emissor consigo mesmo.

Nesse sentido, o caso não se mostra exclusivo da voz de Elias, mas dessa possibilidade que a voz diversa tem de provocar um espanto mesmo sobre aquilo que se revela de certo modo familiar – a mensagem pastoral –, abrindo o universo do espírito para o vasto campo da experiência. Este é, entretanto, um caminho ainda a ser percorrido pelos estudiosos do campo da filosofia da linguagem, tendo sido o objetivo do presente texto apenas indicar caminhos e sobretudo estimular o debate acerca o fértil campo pouco explorado da fenomenologia da voz. Afinal, como afirma D. Elias em seus *Pensamentos*, “precisamos permitir o Espírito a continuar soprando” (Silva, 2015, p. 52).

Referências

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. Tradução: Antonio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida e Helena Martins. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ALBARET, Céleste. **Monsieur Proust**. Souvenirs recueillis par Georges Belmont. Paris: Editions Robert Laffont, 1973.

BARTHES, Roland. **Le grain de la voix**: entretiens 1962-1980. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno**: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FÓNAGY, Ivan. **La vive voix**: essais de psycho-phonétique. Paris: Payot, 1983.

HUSSERL, Edmund. **Logische Untersuchungen**. Halle a. S: Max Niemeyer, 1900-1901.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução: Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

SILVA, José Antonio (Org.). **Pensamentos de um bispo franciscano**: Dom Elias James Manning, ordem dos frades menores conventuais. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

XXXI. DOM ELIAS MANNING: UM BISPO FRANCISCANO AO MODELO DE FRANCISCO DE ASSIS

Alzirinha Rocha de Souza

Introdução

De formas distintas podemos descrever o correr do tempo. Pelos anos, a mais comum, pelas gerações e pelos acontecimentos marcantes da história, entre outras formas. Também podemos nos colocar frente a história que corre por esse tempo a partir de duas posições. A primeira negando-a e tentando esquecê-la e a segunda buscando, à luz da distância do tempo, seu entendimento e seu significado para aprendermos dela. É nos colocando na segunda perspectiva de busca pela história que apresentamos esse texto que tem por objetivo retratar o testemunho da linha eclesial de D. Elias Manning (1938-2019), nos anos em que esteve à frente da condução da Diocese de Valença, no período de 1990 a 2014. Neste texto procuramos compreender sua história nesta exposição à luz da conjuntura eclesial pós-conciliar, que se mescla com o momento da chegada e do desenvolvimento dos trabalhos deste franciscano norte-americano ao território brasileiro.

O contexto pós-conciliar: mudanças teológicas

O Concílio Vaticano II é marcado pela palavra *aggiornamento* e muito comumente dizemos isso. Aliás, o Concílio é marcado por três termos: *aggiornamento* (que toca ao futuro), desenvolvimento (relativo ao presente) e volta às fontes (referente ao passado). Os três totalizam o abandono de uma visão “clássica” que tratava das coisas “imutáveis, estáticas e abstratas” (O’Malley, 2008, p. 58).

Mas, sobre o *aggiornamento*, precisamos entender bem o que é essa “atualização”. Esse termo era bem específico em pelo menos três pontos: 1) nas mudanças dos domínios católicos ordinários (dia a dia), já não consistia

em discutir doutrinas, mas sim práticas; 2) mostrava que o catolicismo, por essa razão, era capaz de se adaptar realmente ao “mundo moderno”, não só fazendo uso das invenções modernas, como o rádio, mas assumindo algumas opções culturais numa grande virada contra a tendência mais integrista¹ que marcou a teologia católica no início do século XX; e 3) *aggiornamento* marca o princípio de reconciliação entre Igreja e mundo moderno, bem como a aproximação entre os dois.

Ora, o fazer teológico dos anos pós-conciliares marcam a convergência do momento histórico e do desejo da Igreja. Dito de outra maneira, o desejo da Igreja de aproximação com o mundo se possibilita nas mudanças históricas. Três grandes transformações se deram nesse momento para a constituição do novo fazer teológico através de três binômios: a) dogma × hermenêutica; b) metafísica ou história da salvação, e c) teologia segundo o Evangelho: dizer ou fazer a verdade? (Vilanova, 1992).

- a) Dogma × hermenêutica: marca a diferença entre duas linhas teológicas, diretamente ligadas à história da teologia. *Dogma e hermenêutica* se converteram em determinantes da prática concreta dos teólogos/as, em sua expressão de tendências como quase opostas, ou ao menos em “diferentes paradigmas do trabalho teológico” (Geffré, 1998, p. 65). O termo *dogma* ficou vinculado a uma concepção dogmatista da teologia, em que se apresentam as verdades de fé de uma maneira quase autoritária, mediante a repetição de fórmulas e conteúdos doutrinários sem reflexão. Além disso, trata-se de uma teologia que prima pelo estabelecimento de conceitos que tendem a resguardar sua verdade (Comblin, 1977, p. 70), reduzindo-a a comentário de comentários sobre o magistério da Igreja, que também se torna comentário (Vilanova, 1992, p. 968). Desprezam-se outras instâncias contextuais de análise que podem enriquecer a inteligência *fidei* e as verdades da fé aparecem não em função de Deus mesmo, mas porque o magistério as afirma e formata. A autoridade do magistério substitui a autoridade da Palavra de Deus (Geffré, 1998, p. 64). O termo *hermenêutica* se vincula ao movimento sensível à relação viva entre passado e presente.

1 Ou tendência integralista, foi um movimento antimodernista e antiliberal que buscava reafirmar os princípios da fé católica em oposição às ideias seculares do mundo moderno.

Essa relação comporta o risco de uma nova interpretação do cristianismo para tentar responder aos contextos e demandas atuais (Vilanova, 1992, p. 997). Nesse modelo, leva-se a sério a historicidade da verdade, o que inclui também a Verdade revelada. Isso não quer dizer que a hermenêutica seja *adogmática*. O que muda é o ponto de partida, que não é mais o conjunto imutável da fé, mas a leitura dos eventos mesmos da realidade (sinais dos tempos). Essa leitura revela o novo ato de interpretação do acontecimento *Jesus* sobre a base de uma correlação entre a experiência cristã atestada pela tradição e a experiência humana hoje². Ora, a teologia hermenêutica não se contenta em expor e explicar, mas tenta fazer manifestar a significação atual da Palavra de Deus. Seu objeto é a nova compreensão da mensagem cristã, tendo como alicerce o círculo hermenêutico entre Escritura, dogma e testemunhos da Palavra de Deus; seu fim é, pois, a reinterpretção dos enunciados dogmáticos a partir do reconhecimento da situação histórica. Por isso, tal como a teologia iniciada nos anos 1950, utilizam-se em seu fazer teológico ciências de outros saberes – as sociais, a história, a biologia e, nos dias de hoje, as tecnologias (Vilanova, 1992, p. 971). Aliás, as ciências se tornam pêndulo para sabermos se estamos diante de uma questão de dogmática ou de hermenêutica.

- b) Metafísica ou história da Salvação: compreende principalmente a distinção da visão de Deus no fazer teológico. O ambiente do Vaticano II tentava superar o Deus da metafísica: abstrato, conceitual, onipotente, infinito e imutável, que está fora da história e com atributos que o homem jamais terá. Se fosse só dessa forma, a fé cristã seria uma manifestação exterior ao homem³. Por outro lado, a história da Salvação (Vilanova, 1992, p. 974) se converteu em eixo de uma teologia denominada concreta e histórica a partir do Vaticano II. Fundamentar a teologia na história da Salvação significa que, para além da ideia recebida intelectualmente, o que

2 Sobre a relação entre tradição e experiência humana, ver: Edward Schillebeeckx. *Intelligence de la foi et interprétation de soi*. In: Patrick Burke; Jean Daniélou; Henri De Lubac. *Théologie d'aujourd'hui et de demain*. Paris: Cerf, 1967. p. 121-137. (Collection Cogitatio Fidei 23).

3 Uma visão atualizada do tema pode ser encontrada em: Jean-Luc Marion. *Dieu sans l'être*. 2. ed. Paris: PUF, 2002; Ghislain Lafont. *Dieu, le temps de l'être*. Paris: Cerf, 1986. (Collection Cogitatio Fidei 139).

se acentua é o acontecimento salvador. Nessa linha, a concepção da Palavra de Deus não coincide simplesmente com a Escritura (Geffré, 1972, p. 83); pelo contrário, quando se lê a escritura, escuta-se a Palavra (o sentido de Deus). Por isso, a Palavra de Deus encontra sua fonte, seu lugar, na existência da Igreja, que é Povo de Deus e comunidade do Espírito Santo.

- c) Teologia segundo o Evangelho: dizer ou fazer a verdade? O terceiro binômio se desenvolve entre as palavras e o fazer, entre teologia como sistema de conceitos que se intercalam – onde o trabalho teológico se restringe a relacionar novos elementos ao sistema verbal em estrutura lógica preestabelecida – e a teologia mesma como algo que fica por fazer. No caso de *dizer a verdade*, a Palavra de Deus e Jesus se apresentam como uma reunião de palavras e conceitos associados a uma determinada figura que é possível examinar a partir todos os aspectos (Jesus como objeto). Assim foi a teologia da Contrarreforma. Quando a estrutura se converte em ortodoxia, a impressão de segurança aumenta. Os jogos de associações assumem o poder de protetores do dogma e a estrutura se converte em uma função protetora da Palavra de Deus (Vilanova, 1992, p. 980). O contraponto dessa situação é *fazer a verdade*, traduzido no testemunho, na prática social da fé. Esta se apresenta não somente como uma referência empírica e de oportunidade para as situações que se alteram na comunidade, mas também como forma e parte integrante do tecido teológico até o ponto de exercer em si mesma uma normatividade teológica.

Sem prejuízo da ortodoxia, há uma ortopraxis⁴ desenvolvida em contato com as situações de um mundo que se transforma (Vilanova, 1992, p. 980). É bom lembrar que a teologia clássica também se definia por um saber especulativo e prático. Mas esse saber prático tratava basicamente da aplicação moral e pastoral, não passando pela inteligência mesma da fé (racionalidade teológica). Desde os anos 1950, a teologia pastoral volta a encontrar sua dignidade como lugar de análise e decisão.

4 Prática correta, enfatizando a conduta ética e litúrgica de acordo com uma doutrina ou modo de vida.

É uma nova perspectiva que as teologias desenvolvem, ampliando-se assim novos trabalhos pastorais pelo mundo. O resultado será uma teologia indutiva em vez de dedutiva, contanto que não se considere a prática como a única base capaz de fundamentar a fé e que não se refaça uma teologia dedutiva como se fosse simplesmente uma ideologia, pois ela mantém sua capacidade de contextualização como operação de uma expressão dialética que deixa espaço – em seu mesmo proceder – para a fé vivida pela comunidade. Isso seria o equilíbrio entre o saber e o fazer. Nessa dinâmica, é necessário pensar a legitimidade das práticas internas à comunidade (catequese, espiritualidade, oração e celebração) diante da práxis da ação cristã voltada à sociedade. Enfim, é preciso encontrar um equilíbrio entre o interno e externo. Por isso a práxis oferece à fé o serviço da lucidez e o conhecimento das realidades culturais, bem como de suas linguagens e instituições estabelecidas. Por outro lado, a fé revela os compromissos autênticos das práxis eclesial e secular entre as quais se vive. Ambos os aspectos exigem experiência bem definida, identificada e arraigada por parte da práxis que pode ser levada a cabo pela fé. Essa realidade de análise deve ser tão científica e crítica quanto possível. Como consequência, amplia-se o conceito de práxis, sendo ele capaz de englobar as atividades externa e interna da Igreja.

Os desafios para a formação identitária dos padres pós-conciliares

Os ventos do Concílio Vaticano II eram exigentes para os membros da comunidade eclesial. Esperava-se de cada um/a, desde seu lugar, a transformação em sujeitos anunciadores do Evangelho vinculados às realidades das Igrejas locais à luz da nova dinâmica de construção teológica anteriormente apresentada. Por isso, mesmo sem saber muito o que esperar de um padre pós-conciliar, tomou-se por parâmetro eliminar os elementos que não mais contribuía para a aproximação da Igreja com as novas demandas concretas do mundo. Pedia-se simplesmente que os presbíteros pós-conciliares fossem “eles mesmos, na Igreja do mundo aqui e agora!” (Carvalho, 1966, p. 530).

Era necessário superar o juridicismo da Igreja *sociedade perfeita*, o triunfalismo, os privilégios, a moralidade da cristandade e passar à realidade, ao mundo concreto. A postura apologética do clero deveria dar lugar às transformações propostas por João XXIII, tão claras desde seu discurso de abertura do Concílio em 1962 (João XXIII, 1962). No entanto, o despreparo para a mudança foi a grande marca, uma das causas do “grande desajustamento

e da consequente crise do clero” (Carvalheira, 1966, p. 531), o que felizmente não tomou a sua totalidade. Os mais jovens que viveram o Concílio, capacitados pelos bispos das catacumbas, perceberam seu intuito mais original e aderiram às mudanças, às vezes de forma tão entusiasmada que extrapolavam os limites impostos pela própria Igreja.

Em última instância, a contribuição do Concílio foi a séria intenção de restabelecer a aproximação da Igreja com os novos sinais do tempo presente, mas sem estabelecer ruptura com a rica tradição que a constituiu até aquele momento.

O documento conciliar *Presbyterorum Ordinis* (PO) (1965, n.p.) afirma: “os presbíteros [...] são promovidos ao serviço do Cristo Mestre, Sacerdote e Rei. Participam do seu ministério que, dia a dia, constrói aqui na terra a Igreja para que Ela seja Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo”. Dado que o documento mantém sua validade, poderíamos nos perguntar se, ao longo dos anos e ainda hoje, há essa disposição por parte dos presbíteros e se eles são formados para essa dinâmica. Nesse sentido, podemos elencar algumas características que seriam esperadas de um presbítero pós-conciliar que aderiu à exortação de mudanças na Igreja⁵, o que, a nosso ver, deveria ser considerado de forma perene, dada sua importância para o exercício do magistério em qualquer tempo.

Primeiramente, temos a práxis sobre a teoria. Ser visto em vestes específicas não era mais suficiente para aquele momento, para uma sociedade que efetivava o direito de pensar por si mesma. O ser humano moderno estava em mudança e o clero deveria demonstrar uma nova práxis que o acompanhasse. No tocante ao religioso, haveria que considerar a liberdade de escolha das pessoas que levou ao grande crescimento das novas denominações cristãs e não cristãs nas periferias. Perdeu-se a “supremacia” da Igreja Católica, que havia de se importar primeiro com a realidade concreta de homens e mulheres e depois com a religiosidade das pessoas. Estando próximo e compreendendo as realidades por vezes tão duras, o presbítero pós-conciliar assume a função de apóstolo missionário e profeta de seu tempo. Não há mais como olhar para a realidade e calar-se sobre ela. Deverá “não expor apenas, de modo geral e abstrato, a Palavra de Deus, mas [...] aplicar a verdade perene do Evangelho às circunstâncias da vida” (PO 4, 1965, n.p.). Em decorrência, é

5 Aqui, sem nos restringirmos a elas, seguiremos as intuições básicas, notadamente de Marcelo Carvalheira em seu artigo anteriormente citado.

imperativo “abrir mão” dos privilégios advindos de uma “aura de sacralidade e misticismo” (Carvalheira, 1966, p. 538). Afirmará brilhantemente o autor:

O padre do Concílio Vaticano II há de ser, portanto, o profeta no meio do povo. Verá aquilo que os outros não veem e dirá não somente as palavras que consolam, mas também as que incomodam por se dirigirem contra as desordens estabelecidas de toda sorte (Carvalheira, 1966, p. 538).

Colocando-se nessa posição, o presbítero conciliar torna-se pastor e homem de diálogo universal, postura tão marcante na pessoa de João XXIII. Talvez essa seja uma das maiores dificuldades naquela e em nossa época. No silêncio do autoritarismo e da manutenção do *status quo*, seguramente é mais fácil exercer e realizar a missão. Estabelecer diálogo com o mundo, com os diferentes atores sociais, exige desestabilizar-se e engajar-se em outra dinâmica pastoral, o que pressupõe não mais estar sobreposto, mas realizar uma Igreja que é *in acto*, que dialoga entre iguais. Ressalta Carvalheira (1966, p. 541): “o clima novo que se respira na Igreja de nossos dias deve condicionar a postura pastoral dos seus ministros”. Não por acaso, o decreto sobre a formação presbiteral não deixa dúvida quando admoesta que os alunos do Seminário conheçam de maneira exata a índole da época presente e “se preparem devidamente para o diálogo com os homens do seu tempo” (Decreto *Optatam Totius*⁶ (OT) 15, 1965, n.p.).

Nos dias atuais, essa demanda de transformação permanece incentivada pelo papa Francisco. Ao falar aos estudantes da *Universidad Católica Argentina*, lembra a necessidade de pensar o pastoreio desde sua formação:

Por conseguinte, a teologia que elaborais seja radicada fundada na Revelação, na Tradição, mas acompanhe também os processos culturais e sociais, em particular as transições difíceis. Neste tempo, a teologia deve enfrentar também os conflitos: não só os que experimentamos na Igreja, mas também os relativos ao mundo inteiro e que são vividos pelas ruas da América Latina. Não vos contenteis com uma teologia de escritório. O vosso lugar de reflexão sejam as fronteiras. E não cedais à tentação de as ornamentar, perfumar, consertar nem

6 Citando: PAULO VI. Decreto *Optatam Totius*, de 28 de outubro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html. Acesso em: 15 abr. 2023.

domesticar. Até os bons teólogos, assim como os bons pastores, têm o odor do povo e da rua e, com a sua reflexão, derramam azeite e vinho sobre as feridas dos homens (Francisco, 2015, n.p.).

Dom Elias: um bispo franciscano e de Francisco

Elias James Manning⁷ nasceu em 14 de abril de 1938, na cidade de Troy, Nova Iorque, nos Estados Unidos. É filho de James (Jaime) e Agnes (Inês). Recebeu os sacramentos de iniciação cristã na Paróquia São Miguel, em Troy. Fez seu curso fundamental na Escola Paroquial de São José (das irmãs de São José) e o ensino médio no Instituto La Salle (das irmãs lassalistas), também em Troy. Foi sacristão da Paróquia São Miguel.

De 1956 a 1958, estudou no Seminário Menor de São Francisco, da Ordem dos Franciscanos Menores Conventuais, em Staten Island, Nova Iorque. Em 1958, recebeu o hábito franciscano e o nome de *Elias*. Em 1959, fez a profissão simples (temporária). De 1959 a 1961, cursou Filosofia no Seminário Santo Antônio – Hudson, Rensselaer, Nova Iorque. No período de 1961 a 1962, cursou o primeiro ano de Teologia no mesmo Seminário. Em 6 de novembro de 1962, chegou ao Brasil no navio argentino *Río Tunuyán*, desembarcando no porto do Rio de Janeiro. Estudou língua portuguesa e cultura em Petrópolis, no Centro de Formação Intercultural (CENFI).

De 1963 a 1965, cursou Teologia no Seminário Arquidiocesano de São José, no Rio de Janeiro. Em 1963, recebeu a tonsura e as ordens menores. Em 1964, recebeu o subdiaconato e, em 1965, o diaconato (pela imposição das mãos de D. Jaime de Barro Câmara). Em 30 de outubro de 1965, recebeu a ordenação presbiteral na capela de São Francisco, em Staten Island, Nova Iorque, por D. Francisco E. Hyland. No dia seguinte, celebrou sua missa primacial na Paróquia São Miguel, em Troy. Foi vigário na Paróquia Santa Rita de Cássia, em Pontalina, estado de Goiás (Diocese de Itumbiara).

Exercício presbiteral no Brasil – Foi vigário e pároco na Paróquia São Francisco de Assis, no bairro carioca do Rio Comprido. De 1976 a 1979, foi custódio provincial da Ordem dos Frades Menores Conventuais – Custódia da

7 Informações obtidas em: Ordem dos Franciscanos Menores Conventuais. D. Elias James Manning, OFM Conv. Disponível em: [www.http://despertarfranciscano.com/dom-frei-elias-james-manning-ofm-conv.html](http://despertarfranciscano.com/dom-frei-elias-james-manning-ofm-conv.html). Acesso em: 15 abr. 2023.

Imaculada Conceição do Rio de Janeiro. Em 1975, fez o curso espiritualidade franciscana no Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina (CEFEPAL), em Petrópolis. No ano de 1979, foi nomeado pároco na Paróquia Santa Rita de Cássia, em Pontalina-GO. Em 1986, foi transferido para Araruama-RJ, onde exerceu a função de pároco.

Em 14 de março de 1990, foi nomeado bispo de Valença. Sua ordenação episcopal e posse como sexto bispo diocesano da cidade ocorreram no dia 13 de maio de 1990. Ao longo de seu exercício episcopal, preocupou-se desde logo com a participação dos leigos nas atividades religiosas, valorizando as pequenas comunidades. Implantou a Pastoral de Conjunto, integrando as seis linhas básicas preconizadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através da Coordenação Diocesana de Pastoral. Em sua simplicidade, realizou um excelente trabalho administrativo e pastoral na diocese e, mesmo após tornar-se bispo emérito, continuou enriquecendo o cenário eclesial. No ano de 2015, D. Elias celebrou o 50.º aniversário de sua ordenação sacerdotal e o 25.º de ordenação episcopal.

Fez sua Páscoa, retornando à casa do Pai em 13 de outubro de 2019, aos 81 anos, dez dias após ser acometido de um AVC. Eram 3 de outubro, trânsito do Seráfico Pai São Francisco de Assis, ao qual seguiu fielmente na vida franciscana conventual, sobretudo na pobreza e na simplicidade.

Perspectiva identitária e eclesiológica

Para percebermos a importância da chegada de D. Elias Manning, é necessário situá-lo na Diocese de Valença à luz de sua história e de seus predecessores. Criada em 27 de março de 1925 pela bula *Apostolico Officio* do papa Pio XI, sendo desmembrada das então Dioceses de Niterói e Barra do Piraí (hoje Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda), teve sua construção marcada por um caminho curioso. Tudo começou com os planos para a criação da vizinha Diocese de Barra do Piraí que, por falta de patrimônio organizado, não pôde ser logo ereta, o que levou as autoridades eclesiásticas a cogitarem a possibilidade de transferir tal criação para outra cidade próxima que dispusesse de patrimônio indispensável para tanto. Ora, tendo-se conseguido a permanência do bispado em Barra do Piraí, conseguiu-se ao mesmo tempo em Valença, no prazo-relâmpago de 24 horas, levantar o patrimônio necessário para a criação da diocese, por meio de doações e subscrições populares. Confirmou-se, assim, o espírito religioso desse povo

evangelizado desde os primórdios da fundação da Aldeia de Valença, o qual sempre se faz presente, junto com seus líderes, na promoção daquilo que possui de mais caro: a fé alicerçada no Evangelho trazido pelo padre Manoel Gomes Leal, sob a sombra da cruz.

Enfim, a história da diocese passa pelos períodos pré e pós-conciliares, cujas orientações eclesiais soube cumprir. O período inicial foi constituído com os três primeiros bispos, nesta ordem: *D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti* (1925-1936), *D. Renato de Pontes* (1938-1940) e *D. Rodolfo das Mercês Oliveira Pena* (1942-1960).

No que se refere aos períodos de transição e pós-conciliar, podemos dizer que se apresenta uma diversidade de personalidades episcopais que fizeram jus a seu tempo eclesial. O quarto bispo, *D. José Costa Campos* (1960-1979), foi o responsável pela implementação das novas direções conciliares na Diocese de Valença. Mineiro de Três Pontas, com um temperamento que o colocava muito próximo do Povo de Deus, foi o renovador da diocese com a criação das comunidades de base, a implantação dos movimentos de renovação (Cursilho de Cristandade, Ação Católica, Treinamento de Liderança Cristã, Movimento Familiar Cristão, Círculos Bíblicos e a comunicação entre diocese e seus paroquianos, entre outros), a atualização do clero, a renovação da catequese, o incremento da liturgia e a aplicação das diretrizes do Concílio Vaticano II, do qual participou. Sua atuação na área educacional fez com que se tornasse membro do Conselho Estadual do Rio de Janeiro, por dois mandatos. Como membro da presidência da CNBB durante anos, criou o Instituto de Pastoral e Catequese (ISPAC), órgão responsável pela renovação catequética do Brasil. Foi ele um dos instaladores da Faculdade de Valença. Repetidas vezes, solidarizou-se com a classe operária e com os trabalhadores rurais.

A proximidade com o Povo de Deus era marcada por suas visitas constantes às paróquias, com uma abertura que desvelava a transição da figura de um bispo pós-conciliar, associando-a às questões eclesiais. D. José assumiu o compromisso de colaborar com o avanço da Igreja, em especial da Igreja de Valença, rumo à proximidade com as questões concretas da diocese numa época marcada pela presença de uma população operária nos centros urbanos e agrária em seus interiores. Eclesialmente e compreendendo o crescimento urbano, reorganizou as paróquias, desmembrando-as administrativamente. Com a eficiente colaboração das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, implantou cursos de atualização catequética e formação do laicato. Foi ele, ainda, quem convocou as duas primeiras Assembleias Pastorais. Depois de

dezoito anos à frente da Diocese de Valença, D. José Costa Campos foi transferido, em 26 de março de 1979, para a Diocese de Divinópolis.

Com sua transferência, é nomeado para Valença o quinto bispo, *D. Amaury Castanho* (1979-1989), cuja personalidade encarnava o perfil dos bispos de João Paulo II. Nascido em Arraial dos Souzas, município de Campinas-SP, estrutura sua vida eclesial aproximando-se dos meios europeu pré-conciliar e acadêmico e mantendo uma colaboração mais institucional que pastoral. Foi aluno do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma, onde se licenciou em Filosofia e Teologia, no ano de 1947, e formou-se em Teologia no ano de 1951, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Ordenado presbítero na igreja do *Gesù*, na capital italiana, em 7 de outubro de 1951, retornou imediatamente ao Brasil. Exerceu seu magistério na então Universidade Católica de Campinas até o ano de 1968, onde foi sucessivamente professor, secretário, diretor de faculdade e vice-reitor. Também durante esse tempo, foi capelão de Casas Religiosas e assistente eclesiástico da Juventude Estudantil Católica, Masculina e Feminina (JEC).

Ainda entre 1963 e 1969, foi responsável pela redação e administração do semanário da Arquidiocese de Campinas *A Tribuna*. Transferindo-se para São Paulo a chamado de D. Agnelo Rossi, trabalhou na Pastoral dos Meios de Comunicação Social como diretor e chefe de redação do jornal *O São Paulo*, colocado sob censura pelo governo militar. Organizou o Centro de Informações *Ecclesia* (CIEC), agência católica de notícias. Depois de breve experiência paroquial na Catedral de Campinas, foi eleito bispo auxiliar de Sorocaba no dia 19 de julho de 1976. Foi sagrado bispo em 7 de outubro de 1976 e, em 8 de dezembro de 1980, o papa João Paulo II, no início de seu pontificado, nomeou-o bispo diocesano de Valença (RJ), permanecendo até abril de 1989.

Feito bispo por João Paulo II, assume sua postura em prol da nova opção eclesiológica marcada pela retomada da centralidade romana e pelo início da transformação da Igreja latino-americana, estrategicamente realizada sob o choque com a administração do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), entregue ao colombiano Afonso López Trujillo (1979-1982), através de quem implementou sua luta contra a teologia latino-americana e as opções eclesiais estabelecidas por Medellín e Puebla (Souza, 2018, p. 39).

De fato, sua personalidade acadêmica e sua forma de condução da diocese conflitam com um laicato formado por D. José Costa Campos, acostumado a ser sujeito e coparticipante das decisões eclesiais e sobretudo administrativas. Em uma sociedade onde os representantes leigos se faziam ouvir, D. Amaury teve grande desgaste e divergência com eles ao conduzir

a administração dos bens da diocese, fato que chegou aos jornais da época, repercutindo o que passou para a história como “a causa do Ginásio Valenciano São José” (Pinto, 1990). Deixou Valença em abril de 1989, quando foi nomeado bispo coadjutor de Jundiáí-SP.

Ora, é em meio a essas mudanças e desgastes administrativos que a diocese recebe seu sexto bispo: *D. Elias James Manning*, OFM (1990-2014). De formação franciscana, traduziu um impacto oposto ao de seu predecessor. Silva (2015, p. 6) descreve com clareza esse período diocesano:

O conjunto desses escritos ao longo de 24 anos de caminhada do pastor com o seu povo, é como um espelho que reflete a vitalidade de uma comunidade de Comunidades Eclesiais de Base, alimentada pela Palavra e pela Eucaristia em crescente dinâmica comunitária e ministerial e engajada no cuidado da vida, especialmente dos mais pobres. Está encharcada pelo testemunho de um bispo simples, pobre e, mais que um pastor, também irmão de suas comunidades, em sua grande maioria de pobres. Quando precisou, usou do cajado em defesa da justiça e da profecia. Nós, seus contemporâneos, lemos nas entrelinhas também a centralidade da Palavra de Deus em sua vida, testemunhada abundantemente no apoio à Catequese Catecumenal e à formação permanente, especialmente, através dos Círculos Bíblicos e das Escolas Bíblicas Populares, bem como dos cursos de iniciação teológica. Depreende-se destes escritos um amor preferencial pelos pobres, Círculos Bíblicos e CEBs que, todavia, não lhe roubou o respeito pelo pluralismo na missão evangelizadora, mediante o acompanhamento e a integração dos novos movimentos eclesiais na vida da diocese. Isso, sobretudo, através da promoção e valorização das Assembleias e Conselhos Pastorais, nos níveis comunitário, paroquial e diocesano. Assim, vemos aqui registrado o momento áureo de nossa caminhada, na realização do Sínodo Diocesano. As diretrizes definidas – ao longo dos anos sinodais – são mais orientações do que normas que redundam na formação de um laicato que, com o bispo e os padres, também participam da vida, da missão e das decisões da Igreja [...]. O triplice caráter existencial, missionário e comunitário-decisional de pastores e fiéis de nossa diocese, a que nos referimos no parágrafo anterior, retrata, por sua vez, uma Igreja de um bispo filho de Francisco de Assis que se antecipou ao papa Francisco que agora. Pensamentos de um Bispo Franciscano define: A proposta dos Grupos Bíblicos, das Comunidades Eclesiais de Base e dos Conselhos Pastorais se coloca na linha de superação do clericalismo e de um crescimento da responsabilidade laical (Discurso aos bispos do CELAM – JMJ-Rio).

De fato, D. Elias era um homem diferenciado para os padrões do episcopado de sua região e de seu momento. Em diversos sentidos, sua práxis desvelava um bispo pós-conciliar; e hoje poderíamos falar do desejo de Francisco de Assis⁸, que buscava ter “cheiro de ovelhas”.

Através de sua forma de ser, foi se desenhando um vínculo com a diocese que o acolhera. Às histórias do Povo de Deus se unem suas posturas de vida e eclesial. Conta-se com espanto que, tão logo chegou a Valença, o viram passar carregando nas costas uma escada para fazer algum conserto no então “Palácio Episcopal”. Na Catedral de Valença, que era “sua”, nunca interferiu diretamente no andamento da paróquia, respeitando o trabalho do pároco. E era constante sua presença na então chamada “missa das crianças”, iniciada por monsenhor Natanael na esteira do Concílio. Recém-chegado a Valença, pediu ajuda para lidar com crianças, coisa que, segundo ele, ainda não havia aprendido. Mantinha seu sotaque carregado, assim como gestos simples e delicados que se estendiam na sacristia para cumprimentar o Povo de Deus. Era interessante observar que os pobres não tinham restrição em aproximarem-se.

Contudo, foi sua práxis eclesial que despertou positivamente e recuperou o vínculo entre a diocese e seu pastor. As vestimentas eclesiásticas, em algumas ocasiões, eram substituídas pelo hábito cinza franciscano e, por vezes, pelo solidéu e peitoral, que o identificavam como o bispo. Guardava a dignidade litúrgica certamente, mas à frente das procissões de Nossa Senhora da Glória apresentava-se com seu clero, sendo um entre os demais.

Dedicava tempo aos estudos e à leitura, bem como participava todos os anos do curso de verão do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) em São Paulo. Era seu tempo de reciclagem e encontro com seus colegas bispos e leigos/as das mais diversas regiões do País, que revertia, no âmbito de seu trabalho, em cursos, formações e retiros junto às paróquias. Tinha um cuidado especial com as religiosas que trabalhavam na diocese e com a formação do laicato advindo das mais diversas pastorais. Se não conseguia contribuir para além de suas possibilidades, também não buscava atravancar os processos e trabalhos dos párocos e agentes de pastoral, principalmente em sua paróquia, a Catedral de Valença, onde, durante seus anos de governo, foi desenvolvido, à luz do trabalho do padre Medoro Oliveira, um caminho de diálogo com a cidade e sua diversidade

8 Francisco, Sede pastores com cheiro de ovelhas. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/noticias/papa-sede-pastores-com-o-cheiro-das-ovelhas.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 20 jun. 2023.

cultural e política. Nunca deixou de se sentir um franciscano nem perdeu o contato com sua província e confrades no Brasil, da mesma forma que nunca perdeu o contato com sua família, apesar de ter passado mais anos de sua vida no Brasil.

A obra *Pensamentos de um bispo franciscano* (Silva, 2015) revela, através de seus escritos, a amplitude de preocupações e temas aos quais fazia referência, esforçando-se para segui-los à luz das orientações da Igreja do Brasil. Destacamos *A Igreja no olhar do Pastor* (cap. III), que deveria ser *A Igreja a serviço da vida e do Evangelho* (cap. IV), estando n'*A Igreja em estado permanente de missão* (cap. V), que pudesse fazer vínculo entre *A Igreja e a sociedade* (cap. VI) para finalmente desvelar o *Reino de Deus na História* (caps. VII e VIII), contando com as mais diversas vocações, em especial a vocação dos leigos/as. Ao final, afirmava D. Elias: “Que as duas ‘mãos’ de Deus Pai nos ajudem a todos, ministros ordenados e não ordenados, a unir as nossas mãos para construirmos juntos o Reino da justiça e da paz!” (Silva, 2015, p. 131).

Nunca aceitou residir no Palácio Episcopal e, depois de se tornar emérito, continuou morando em seu pequeno apartamento na Rua do Bispo, estrategicamente situado às costas da grande casa episcopal. Almejava ir viver em seu sítio na Serra da Glória, mas a idade já não o animava a viver só em área distante. Pastoralmente, voltou-se para trabalhar com os mais simples da Paróquia de Santa Teresa d'Ávila, em Rio das Flores, e na região de Manoel Duarte, para onde ia aos fins de semana.

Faleceu em 2019, após ter tido repentinamente um AVC que não lhe permitiu seguir adiante. D. Elias foi velado por seus familiares, diocesanos e pelo clero na simplicidade em que sempre viveu.

Considerações Finais

Seguramente, a construção da Igreja passa por esforçar-se a responder às demandas históricas que fazem referência a cada tempo, exigindo as mudanças necessárias do perfil dos agentes eclesiais. Quisemos neste texto apresentar o vínculo entre os perfis presbiteral e episcopal que foi se modificando ao longo do tempo. Estabelecido pelo Concílio Vaticano II e ressignificado atualmente pelo papa Francisco, desde a *Evangelii Gaudium* (2013), esse vínculo é convergente com a práxis eclesial de D. Elias Manning, seja por sua veia franciscana, seja por personalidade ou por dedicação e desejo que seguem em linha com o magistério.

Para alguns do episcopado, sua simplicidade pesava sobre ele, de modo que se passava por alguém sem preparo para estar onde estava; contudo, se não havia um preparo acadêmico, havia seguramente um preparo pastoral dado pela Congregação Franciscana. Para o Povo de Deus, sua simplicidade era potencializada pelo cheiro de suas ovelhas que se sentiam acolhidas, pela delicadeza e cuidado com o seu Povo de Deus.

Marcou a Diocese de Valença justamente por não se permitir entrar na dinâmica de um clericalismo que, segundo o papa Francisco, é hoje “a perversão da Igreja”⁹, dissimulada em roupas, pompas e circunstâncias vazias que desrespeitam as orientações conciliares, notadamente a *Sacrosanctum Concilium*, que pede que a liturgia seja “nobre e simples”, ou seja, digna e simples. Alinhou-se com a teologia latino-americana naquilo que é o essencial do Evangelho: o cuidado com os pobres. À sua maneira, permitiu que a Diocese de Valença e, especialmente, a Catedral Diocesana voltassem a ter protagonismo nas questões inerentes à cidade que lhe ofereceu a porção do Povo de Deus para cuidar, estabelecendo contínuo contato com as demandas e as realidades. Enfim, cada um marca a histórica a partir de suas opções pessoais e, no caso episcopal, de suas opções eclesiais. A opção de D. Elias Manning, apesar das limitações humanas que todos possuímos, foi a escolha de ser Pastor do Povo de Deus.

Referências

Comblin, José. Teología: ¿qué clase de servicio? In: Gibellini, Rosino (org.). **La nueva frontera de teología en América Latina**. Salamanca: Sígueme, 1977. p. 70.

ERPEN, Jackson. **O clericalismo é uma perversão da Igreja**. Vatican News. Vaticano, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>. Acesso em: 29 maio 2023.

FRANCISCO. **Carta do papa Francisco por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina**. Vaticano, 3 mar. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 29 maio 2023.

9 ERPEN, Jackson. O clericalismo é uma perversão da Igreja. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francisco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>. Acesso em: 29 maio 2023.

Geffré, Claude. Des théologiens de la Parole à la théologie de l'histoire. In: **Un nouvel âge de théologie**. Paris: Cerf, 1972. p. 83-102. (Collection Cogitatio Fidei 68).

Geffré, Claude. **Le christianisme au risque de l'interprétation**. Paris: Cerf, 1988. (Collection Cogitatio Fidei 120).

Lafont, Ghislain. **Dieu, le temps de l'être**. Paris: Cerf, 1986. (Collection Cogitatio Fidei 139).

Marion, Jean-Luc. **Dieu sans l'être**. 2. ed. Paris: PUF, 2002.

Manzatto, Antonio. Cristologia latino-americana. In: Souza, Ney de (org.). **Temas de teologia latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 2007.

O'Malley, J. **L'événement Vatican II**. Bruxelas: Lessius, 2008. p. 58.

Ordem dos Franciscanos menores conventuais. 2019. **Dom Frei Elias James Manning, OFM Conv.** Rio de Janeiro, 14 out. 2019. Disponível em: <http://www.despertarfranciscano.com/dom-frei-elias-james-manning-ofm-conv.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PAULO VI. **Decreto Optatam totius**. Vaticano, 28 out. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html. Acesso em: 15 abr. 2023.

PAULO VI. **Decreto Presbyterorum ordinis**. Vaticano, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html. Acesso em: 15 abr. 2023.

Pinto, Alays. **A causa do Ginásio Valenciano São José**. 1990. (Encarte Pessoal).

Schillebeeckx, Edward. Intelligence de la foi et interprétation de soi. In: Burke, Patrick; Daniélou, Jean; De Lubac, Henri. **Théologie d'aujourd'hui et de demain**. Paris: Cerf, 1967. p. 121-137. (Collection Cogitatio Fidei 23).

Silva, José Antônio. **Pensamentos de um bispo franciscano: D. Elias James Manning, OFM**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

Souza, Alzirinha. Do Recife a Medellín: aspectos históricos e pastorais. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, v. 18, p. 35-45, 2018.

Vilanova, Evangelista. **Historia de la teología cristiana: volumen III, siglos XVIII, XIX y XX**. Barcelona: Editorial Herder, 1992. (Colección Biblioteca Herder).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arquivo Diocesano de Valença 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 212, 213, 214, 218, 219, 220, 221, 244, 245, 250, 252, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 280, 281, 287, 288, 290, 291, 296

Asilo Furquim 41, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 56, 58, 60, 62

B

Bispo de Valença 18, 19, 26, 84, 87, 95, 103, 107, 108, 110, 162, 163, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 178, 181, 211, 217, 257, 340, 344, 349, 351, 369

C

Cidade de vassouras 35, 41, 48, 54, 56, 59, 60, 163, 244, 317

Congregação dos Santos Anjos 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 53, 59, 60

D

Diocesano de Valença 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 212, 213, 214, 218, 220, 221, 244, 245, 250, 252, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 280, 281, 287, 288, 290, 291, 297, 351, 371

Diocese de Valença 1, 3, 4, 7, 8, 11, 13, 17, 18, 22, 23, 30, 72, 75, 76, 78, 87, 88, 94, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 128, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 147, 148, 153, 154, 160, 161, 177, 182, 183, 202, 204, 206, 207, 210, 212, 214, 215, 221, 226, 237, 239, 244, 251, 252, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 265, 267, 268, 275, 277, 281, 286, 291, 293, 294, 299, 301, 323, 326, 327, 339, 340, 341, 342, 344, 346, 351, 361, 369, 370, 371, 375

I

Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras 379, 380, 382, 384

N

Nossa Senhora Aparecida 105, 130, 131, 186, 237, 243, 248, 267, 318, 326

P

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição 20, 25, 31, 32, 149, 150, 151, 152, 157

Paróquia de Santa Terezinha do Menino Jesus 251, 252, 253, 265

Paróquia de São Sebastião 146, 147, 148, 156, 340, 341, 343, 345

R

Rio de Janeiro 4, 13, 17, 20, 22, 23, 28, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 44, 47, 53, 56, 57, 58, 59, 61, 71, 72, 76, 77, 78, 82, 85, 86, 88, 89, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 113, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 133, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 192, 195, 202, 207, 211, 213, 231, 240, 243, 244, 249, 252, 253, 257, 258, 265, 268, 269, 272, 277, 278, 279, 283, 292, 293, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 313, 317, 321, 323, 324, 340, 347, 350, 359, 360, 361, 368, 369, 370, 376, 379, 380, 381, 382, 383

S

Sagrado Coração de Jesus 85, 86, 100, 165, 169, 179, 186, 202

Sindicato dos Trabalhadores Rurais 307, 312, 313, 317, 318, 323, 327

SOBRE OS AUTORES

ADELCI SILVA DOS SANTOS

Pós-Doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2023. Doutor em História Política pela UERJ em 2020. Mestre em História Cultural pela Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ) em 1999. Especialista em História do Brasil pela Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ). Graduado em História pela Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ) em 1991. Pesquisador CNPQ pelo Núcleo de Estudos das Américas – UERJ (NUCLEAS). Professor de História da Universidade Federal do Tocantins. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFT. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras. Membro do Instituto D’Orbigni de Pesquisa. Membro Consultor da Comissão Estadual da Verdade Sobre a Escravidão Negra no Brasil – OAB-RJ. Membro da Comissão da Verdade Sobre a Escravidão Negra no Brasil – OAB Volta Redonda.

ADRIANO NOVAES

Especialista em África Brasil: Laços e Diferenças pela Universidade Castelo Branco em 2009. Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Valença (UNIFAA) em 2002. Graduado em Museologia pelo Centro Universitário Claretiano em 2021. Chefe do Escritório Técnico Regional do Médio Paraíba, do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras. Membro da Academia Valenciana de Letras.

ALFREDO BRONZATO DA COSTA CRUZ

Doutor em História Política pela UERJ em 2019. Mestre em História pela UNIRIO em 2013. Bacharel e Licenciado em História pela PUC-Rio em 2009. Coordenador do Grupo de Estudos de História do Oriente Cristão do Centro Dom Vital. Membro da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Membro do Núcleo de Pesquisa Histórica do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (NPH/IPN). Tutor do PROEAD/UNIFAA. Professor

da Graduação em História da UNIFAA. Coordenador do GEHOC. Coordenou o Grupo de Estudos em Espiritualidades Haitianas (GEDEH/IPN).

ALZIRINHA ROCHA DE SOUZA

Pós-doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutora em Teologia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica) em 2014. Mestre em Teologia Sistemática pela *Universidad San Dámaso* (Madri) em 2009. Bacharel em Teologia pela PUC-SP em 2006. Professora e pesquisadora do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP-SP). Professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Membro da *Société Internationale de Théologie Pratique*. Fundadora do Centro de Pesquisa e Documentação José Comblin (UNICAP – Recife).

ANGELO FERREIRA MONTEIRO

Doutor em História pelo PPGH/UNISINOS-RS. Mestre em História pela Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ) em 2005. Licenciado em História pela Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ) em 2001. Professor e Pesquisador da Universidade de Vassouras-RJ. Membro Titular da Academia de Letras de Vassouras-RJ (ALV). Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras-RJ (IHGV). Idealizador e cofundador do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras-RJ “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”.

ANTONIO MARCOS LASNOR NOGUEIRA

Graduando em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo, pelo Centro Universitário Carioca – UNICARIOCA.

FÁTIMA NIEMEYER DA ROCHA

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2005. Mestre em História pela Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ) em 1999. Especialista em Psicologia Social pelo CPGPA-ISOP da Fundação Getúlio Vargas em 1979. Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora em 1977. Implantou e coordenou o Curso de Psicologia da Universidade Severino Sombra (atual Universidade

de Vassouras-RJ). Atuou na graduação e na pós-graduação de diversos cursos da Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ). Tem experiência na área de Pesquisa, com ênfase em Psicologia, principalmente nos seguintes temas: psicologia, qualidade de vida, velhice, felicidade e bem-estar subjetivo. Autora de vários artigos científicos. Atua como avaliadora *ad hoc* junto a periódicos das áreas de Psicologia, Saúde e Educação.

GUSTAVO ABRUZZINI DE BARROS

Graduado em Jornalismo pela UERJ em 1989. Atuou no diário Tribuna da Imprensa em 1988, no Centro Cultural Candido Mendes em 1990, na Fundação Educacional Dom André Arcoverde em 1992 e em 2023, onde coordena projetos nas áreas cultural e de memória. Fundou o Jornal Local em novembro de 2006. Membro da Academia Valenciana de Letras. Presidente do Conselho Diretor da Fundação Cultural e Filantrópica Lea Pentagna em 2024. Membro do Conselho Diretor da Associação Balbina Fonseca. É o autor dos livros: “O Poder do Sonho” (1998); “Milionários do Subúrbio” (2005); “Imprensa Valenciana” (2012), “Rumo ao Futuro” (2019); “Sonhos Renovados” (2021); “60 anos de Excelência” (2025).

IRENILDA REINALDA BARRETO DE R. M. CAVALCANTI

Doutora em História Social Moderna pelo PPGH/Universidade Federal Fluminense – UFF em 2010. Mestre em História Comparada pelo PPGHC/Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2004. Especialista em História do Brasil pela FAFIC em 2002. Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cataguases em 1995. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco em 1975. Desenvolve pesquisa sobre o Conselho Ultramarino, com ênfase em História Ambiental, História do Brasil Colonial e História de Minas Gerais. Atua no Programa de Mestrado em Ciências Ambientais e Licenciaturas da Universidade de Vassouras-RJ. Desenvolve trabalhos de pesquisa e orientação sobre Educação, Patrimônio Cultural e História. Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI, da Universidade de Vassouras-RJ e Profa. Colaboradora da Liga de Medicina de Saúde da População Negra e Indígena.

ISAAC LEAL DA SILVA FREITAS

Acadêmico do Curso de Direito do Centro Universitário UNIFAA de Valença – RJ.

JONAS THOBIAS MARTINI

Doutorando em Literatura pelas Universidades da Alta Alsácia e de Estrasburgo, França. Historiador pela PUC-Rio.

MAURI CÉSAR GUIMARÃES DE SOUZA

Bacharel em Direito. Líder do Movimento de Emaús.

NADIR DE PAULA ROCHA

Professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

Pe. JOSÉ ANTONIO DA SILVA

Doutor em Ciências da Educação, pela Florida University – USA. Título Reconhecido pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. Doutorando em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Católica de Buenos Aires. Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora-MG – UniAcademia. Licenciado em Sociologia pela Faculdade Paulista São José. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis. Licenciado em História e Pedagogia pela Unifaveni. Mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Integra o Conselho Diretor da FUSVE – Fundação Educacional Severino Sombra, mantenedora da Universidade de Vassouras. Mediador Judicial no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro – TJRJ. Integra o Banco Nacional de Avaliadores do Sinaes BASIS e é avaliador do INEP. Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Provedor da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras. Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras – IHGV. Membro Titular da Academia de Letras de Vassouras – ALV. Membro do Grupo de estudos de discurso, comunicação e ensino – GEDICE, na linha de pesquisa Marco – Marketing e Comunicação (IFRJ-CEPF).

Pe. JWAKIM EKKA

Vigário. Mestre em Filosofia pela Universidade de Barkhatula, Bhopal, M.P., Índia. Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia do Instituto Teológico de São Paulo (ITESP), Brasil. Graduado em Economia, pela Universidade de Mysore, Karnataka, Índia. Graduado em Filosofia pela instituição de SVD Philosophate, Bhopal, M.P., Índia.

Pe. KAREL KELALU

Pároco. Licenciado em Filosofia e Teologia na faculdade STFK, em Ledalero, Maumere – Indonésia.

Pe. PAMPAHIL SAMBAYA

Vigário. Graduado em Filosofia pela Consolata Institute of Philosophy de Nairobi, Quênia, em 2014. Graduado em Teologia pela Tangaza University de Nairobi, Quênia, em 2021.

RABIB FLORIANO ANTONIO

Mestre em História Econômica e Social pela UFJF em 2012. Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior de Valença em 1998. Estuda no programa de MBA em Gestão da Comunicação. Coordenador de Tutoria do PROEAD/UNIFAA. Professor das Graduações em História, Direito, Pedagogia, Medicina, Enfermagem, Educação Física e Psicologia, das Pós-Graduações em Recursos Humanos e Administração da mesma instituição da UNIFAA. Professor de Ensino Fundamental e Médio no Colégio de Aplicação Arco-verde. Coordenador/Gestor de Tutoria e Mediação no Ensino Digital e Presencial, de programas de pós-graduação, do projeto NERDFAA e do projeto CURTA-QUARTA. Pesquisador nas áreas de Economia, com foco em História Econômica, em temas como cafeicultura, vale do Paraíba fluminense, Brasil Império, economia regional e Valença-RJ.

RAIMUNDO CÉSAR DE OLIVEIRA MATTOS

Doutor em História Política pela UERJ em 2012. Mestre em História pela Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras-RJ) em 2003. Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior de Valença em 1986. Professor titular do Centro Universitário de Valença (UNIFAA). Coordenou o Centro de Documentação Histórica da mesma instituição até junho de 2009. Professor docente I da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Moderna, História Política, História das Religiões, Introdução à História e Metodologia da História, atuando principalmente nos seguintes áreas: Brasil Império, História da Igreja e das Religiões, religiosidade e regime militar. Vinculado ao Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais da UERJ. Membro da Academia Valenciana de Letras. Membro do Conselho Curador da Fundação

Cultural e Filantrópica Léa Pentagna. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras.

RODRIGO MAGALHÃES

Bacharel em Direito. Licenciado em História e Letras. Membro da Academia Valenciana de Letras de Valença-RJ. Oficial de Justiça do Tribunal de Justiça de Minas Gerais-TJMG.

VANIELE BARREIROS DA SILVA

Doutora em Psicologia Social pela UERJ em 2019. Mestre em Comunicação pela UERJ em 2012. Especialista em Comunicação Empresarial pela UFJF em 2007. Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela UNESA em 2005. Professora de Jornalismo na Faculdade Paulus de Comunicação de São Paulo. Professora Adjunta na FAPCOM. Coordenou cursos de Jornalismo e de Administração da Faculdade Canção Nova (FCN). Coordenou o curso de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda – do Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB).

DIOCESE de VALENÇA

100 anos de história (1925-2025) – Vários Olhares – Volume II

A Diocese e a paróquia ideal não existem, pois estão sempre marcadas pelos limites humanos. E o Papa nos exorta a repensar o estilo de nossas comunidades paroquiais para que sejam rede de comunidades, de tal modo que seus membros vivam em comunhão como autênticos discípulos missionários de Cristo. O Papa Francisco nos lançou um grande desafio: não apenas rezar pelas Dioceses e paróquias, mas sobretudo refletir sobre nossa presença e participação na construção da “comunidade de comunidades”, que para o cristão se torna nova casa, cheia de obstáculos, mas também de belezas e alegrias. Assim, recuperar a imagem da casa significa garantir o referencial para o cristão peregrino encontrar-se no lar, ambiente de vida e de acolhimento.

